

Revista do Norte

MARANHÃO

Illm. Snr.

Levamos ao conhecimento de V. S. que com o presente numero, 1.^o do seu 5. anno, passa A REVISTA DO NORTE a ser publicada mensalmente, compondo-se cada numero, de 16 paginas de texto e gravura, correspondendo assim cada um d'elles exactamente a dois dos antigos numeros quinsenaes. O preço da respectiva assignatura passará d'ora em diante a ser de 12\$000 annuaes em vez de 20\$000 como o era até esta data.

Como vê V. S., fizemos neste preço uma redução sensivel, tudo no interesse de bem servirmos aos que, como V. S. nos honram com a sua assignatura.

Esperando que continue a dispensar a A REVISTA DO NORTE o seu valioso auxilio subscrevemo-nos.

De V. S.

Att.^{os} Crd.^{os} Obrd.^{os}

Gaspar Teixeira & Irmãos Succs.



A Revista do Norte, 5º ANNO N. 1

Vendedeira de flores (J. ANDREOTTI)

A REVISTA DO NORTE



ANNO V

NUM. 1

Setembro de 1965



O mez

O celebre problema da *geração espontanea* anda de novo a preocupar a attenção dos sabios do velho mundo.

Não desconhecem os que se interessam por essas altas questões do saber que as experiencias de Pasteur, em 1877, parecia haverem resolvido o caso pela negativa, demonstrando que todo o ser vivo, por mais simples que seja, provém sempre de um outro ser vivo que lhe pre-existiu.

Houve, é certo, muita gente boa que se não conformou em absoluto com o exclusivismo dessa conclusão do notavel chimico francez; mas, ou porque sofressem os effeitos da fascinação do nome de

Pasteur, ou porque não dispuzessem de bases positivas para sobre ellas firmar as suas refutações, nenhum desses inconvenidos se animou a vir a publico contar-nos o motivo por que achava que o principio não se revestia de todos os requisitos logicos da veracidade. A gente sabia, por ouvir dizer, que elles não concordavam com a opinião de Pasteur e que trabalhavam á socapa, accumulando elementos, para mais tarde lhe pôrem por terra o postulado; mas em que pé andava esse trabalho, eis ali o que se ignorava, ou, pelo menos, o que nós outros, tristes e vulgarissimos mortaes, que por estas longinquas e barbaras paragens vivemos, ignoravamos em absoluto.

E assim foram correndo os tempos, elles sempre no trabalho e nós sempre na ignorancia, até que, afinal, começaram a chegar-nos aos ouvidos uns boatos alarmantes, ecos de coisas inconcebiveis que nos laboratorios dos especialistas se passavam.

Diziam-nos, por exemplo, que fóra descoberta a *platina colloidal*. Ora nós, que tivemos a desventura de fazer a nossa educação nos tempos famosos dessa famosissima monarchia, cuja queda ainda hoje todos os genuinos imbecis brasileiros sinceramente choram, quando não se ensinavam, quer nas escolas primarias, quer nos liceus, nem mesmo os mais rudimentares principios de chimica ficámos literalmente intrigados, ao ler pela primeira vez na nossa vida aquelle arrevesadissimo nome. Que diabo viria a ser essa *platina colloidal*, que tanto barulho se destinava a produzir no mundo scientifico, a julgar pelos sibilinos commentarios com que as revistas estrangeiras noticiavam a sua descoberta?

E, como a curiosidade em nós tem exigencias despoticas, iniciámos desde logo uma verdadeira romaria pelas casas dos entendidos da ter-



PERNAMBUCO —Praça Santos Dumont (Phot. Chic)

ra, com uma das taes revistas na mão, a pedir-lhes, pelo amor das respectivas familias, que nos explicassem toda aquella trapalhada, que nos passassem para *linguagem cristã e pratica*, como dizia o Eça, toda aquella inintelligivel algaravia scientifica. Suámos camisas sem conta, nós e os entendidos da terra; tivemos um trabalho da nossa morte para, afinal de contas, chegarmos á seguinte conclusão pratica:—que a coisa era embrulhada de mais para ser devidamente percebida pelas nossas pobres intelligencias de maranhenses educados nos cursos officiaes da monarchia.

Cabisbaixos e tristes voltámos a casa, a mudar a camisa suada e a reflectir sobre a immensidade desesperadora da nossa ignorancia em materia scientifica.

Decorreram mais alguns mezes e nova noticia veio aumentar o nosso espanto. Um sabio inglez, o sr. Burke, conseguira descobrir a geração espontanea, fazendo agir o *radium* sobre um caldo de cultura esterilizado! Surgiu-nos de novo a tentação de empreender, a proposito desta nova

descoberta, a peregrinação que fizemos com relação á primeira. . . Acudiu-nos em tempo, porém, a rellexão sensata de que era bem possivel que della retirassemos o mesmo resultado: meia duzia de camisas suadas e uma grande confusão de idéas.

Deixamo-nos, portanto, ficar quietos no nosso tugurio, aguardando que novas experiencias venham em definitivo confirmar a idéa que de muito tempo alimentavamos, por entre as trevas cahoticas da nossa insciencia, de que seria possivel um dia fabricar a materia viva nos laboratorios dos chimicos.

E é nessa esperancada espectativa que vivemos, anteendo os resultados famosos que de semelhante descoberta advirão para a humanidade em geral.

Uma vez firmado experimentalmente o principio de que a vida nada mais é do que uma propriedade chimica, oriunda de uma combinação de substancias conhecidas, não só na sua essencia como tambem na quantidade precisa, em que

cada uma dellas contribue para formar essa combinação, estão os que nos lêem a ver que nada mais facil será então do que gerar um homem por processos inteiramente diversos desses que até hoje a humanidade inteira vem com tanto amor e com tanta arte pondo em pratica.

Montar-se-ão, para semelhante fim, laboratorios especiaes, com catalogos minuciosos, acompanhados dos respectivos preços, contendo todas as informações necessarias a guiar os freguezes nas suas encomendas. Dirão naturalmente esses catalogos:

Um homem, com tantos metros e centímetros de altura, tantos kilos de peso, cabellos, olhos e tez de tal cor, capaz de executar taes e taes trabalhos em tal tempo... Lbs.,... tantas.

E é só pedir por boca ou por carta o numero de homens de que se carecer...

Vejam só que pechincha que será a montagem de um laboratorio nessas condições, cuja primeira séde, como tudo leva a crer, será na Inglaterra.

Quando nos virmos, por exemplo, nós, os brasileiros, em entaladelas como esta em que andam actualmente os chefes politicos para a escolha do candidato á Presidencia da Republica, a gente, num pronto, resolverá logo todas as difficuldades, com um simples telegramma para Londres, concebido mais ou menos nos seguintes termos:

*Man Manufacturing Company Ltd.
London*

Fabriquem e remetam maior urgencia possivel um homem de estatura e peso regulares, tez morena, cabellos, olhos pretos, com barbas ou sem ellas, tendo assaz desenvolvida bossa cambial, capaz exercer quatro annos funções presidente uma republica americana.

E pelo primeiro vapor a sair depois da recepção do telegramma aqui teriamos, novinho em folha, um optimo Presidente de Republica, sem ligações de familia e de partido de especie alguma, capaz de fazer entre nós o melhor dos governos.

E, como este, que immensos serviços não nos virá prestar, a nós e aos demais paizes do mundo, a descoberta da *geração espontanea*!...

Pena será que não seja para os nossos dias a realisação pratica de tão maravilhoso invento...

JAYME DE AVELLAR.



Rodolpho Bernardelli

[Carta a Francisco Serra]

Meu presado collega:—O pedido, que me fez, para escrever algumas palavras a respeito de Rodolpho Bernardelli, não podia ser mais agradável, porque me considero o amigo mais devotado e o admirador mais sincero do grande escultor brasileiro; infelizmente, porém,

esse pedido chegou em má occasião, porque nem as minhas occupações, nem a minha saude, que precisa, mais do que nunca, de entrar em obras, me permitirão escrever o artigo longo e pensado que merece aquelle artista excepcional.

Os meus compatriotas estão naturalmente á espera de que elle morra para fazer-lhe justiça, mas eu ha muito tempo lh'a faço: desde que Bernardelli regressou de Roma, com o seu victorioso marmore do *Christo e a adúltera*, tenho sido o mais infatigavel pregoeiro do seu talento, e é este, confesso, um dos orgulhos da minha vida de escriptor publico.

Estou satisfeito, porque o nosso Maranhão vae ter, na praça publica, uma bella amostra daquelle talento. O busto de Odorico Mendes, modelado com o auxilio de quantos retratos do poeta existem, dará aos meus patricios uma idéa de quanto vale o escopro de Bernardelli.

Os seus trabalhos são o mais precioso legado que, em materia de arte, o Brazil de hoje ha de deixar ao Brazil de amanhã, e ainda bem que a minha terra natal conservará, com o busto de Odorico, alguma cousa desse opulento patrimonio.

Não perco a esperanza de ver sair das mãos de Rodolpho Bernardelli a estatua de João Lisboa, para ser collocada no antigo largo do Carmo, hoje condecorado com o nome do illustre maranhense. Espero que Deus não me leve deste mundo sem me dar essa alegria, sem me satisfazer esse desejo, para cuja realisação empenharei o que ainda me resta de actividade physica e intellectual. Quizera o nome de Bernardelli—um bonito nome!—associado á minha terra na eternidade do bronze.

Li o que v., meu caro Francisco Serra, escreveu a respeito do artista, e só lhe digo o seguinte: se, tendo conversado com elle apenas uma hora, v. trouxe uma impressão deliciosa daquelle alma de anjo em corpo de homem, calcule a impressão de quem o conhece ha muitos annos, e nunca lhe surpreendeu uma falha no caracter, nem jamais o encontrou com um feitiço diverso do da vespera. A lealdade, a modestia e a energia de animo personificaram-se nelle.

E que trabalhador! Balzac, para descansar, escrevia contos entre dous capitulos dos seus romances, contos que muitas vezes se desenvolviam a ponto de encher trezentas paginas: aquelle monumento que se intitula *Eugénie Grandet* nasceu assim. Bernardelli faz o mesmo: para descansar de uma estatua faz um busto. O de Odorico Mendes foi modelado durante os lazeres que lhe deixou a estatua de Carlos Gomes.

O nosso escultor está immortalizado pelos seus trabalhos; entretanto, a sua obra prima ainda ninguem a conhece, porque não saiu ainda do *atelier*. Refiro-me á estatua de Teixeira de Freitas, o illustre jurisconsulto brasileiro,—estatua que recebeu, não ha duvida, um raio da inspiração antiga, um sopro da arte da divina Grecia.



RIO—Estação Central da Estrada de Ferro

Mas paro aqui. Sobre Rodolpho Bernardelli não era uma carta, nem um artigo que eu desejára escrever, mas um livro, um grande livro em que elle coubesse.

Creia, meu caro Francisco Serra, na estima e na amizade do

ARTHUR AZEVEDO.



Truditur Dies Die

(INEDITO)

Ebrio, louco, o que eu fôr, alma sedenta e anciosa,
Tu evocas em vão as lucidas imagens
Do teu tempo feliz,—deserto de miragens—
Da mocidade ardente,—estrada luminosa—
Quando a alma robusta, alvissima, envolvida
Numa tunica azul de crenças estrellada,
E' sacrario que guarda a hostia immaculada
Da Poesia, do Amor, do Futuro, da Vida!
Miserrimo! só tens as espiraes errantes
Dessa quadra fugaz, dessa idade de outorora,
Enhamada de esp'rança e sonhos fascinantes.
E' bando de espiraes o teu passado, agora:
Cresce, eleva-se, ascende a pinaros distantes,
Faz-se nuvem, depois...corre por alma afora!...

Aluizio Porto.



Ruy Barbosa e a amnistia

O sr. Ruy Barbosa está no seu anno de opposição. Isto lhe acontece no fim de todas as presidenciaes. A' espera de que haja, enfim, alguém que lhe adopte a candidatura, elle vae até ao segundo, até ao terceiro anno dos periodos presidenciaes. Quando, porém, chega ao quarto e vê que ninguém o quer, desperta-se-lhe todo o opposicionismo.

Ninguém o quer—não é porque lhe falte, nem talento, nem sciencia. Quando, porém, elle fosse eleito presidente da Republica, ninguém saberia quem ia, de facto, exercer a presidencia. Todos sabem que essa intelligencia tão forte, essa palavra erudita e arrebatadora—é uma vontade frouxa e inconstante. Allia a isso tudo uma vaidade feminina. Qualquer adulator que se aproxime d'elle e o embriague com elogios, mesmo os mais merecidos, empolga-o e dirige-o. Foi o que se viu, quando elle foi ministro. Pode-se dizer que nessa occasião até elle foi ministro: entre as muitas alheias vontades de que se fazia

orgão, também, às vezes, exprimia as próprias.

Assim, à frente da Republica, ninguém saberia que cornacas o iriam guiar. O seu nome seria um rotulo, por traz do qual ficariam diversas figuras, mais ou menos anónimas, *presidindo o presidente...*

Os que levantam a sua candidatura levantam apenas um espantinho. Se houvesse a minima probabilidade da sua eleição, seriam os primeiros a não pensar nella. Apresentando, porém, um nome inaceitavel fazem um jogo habil: ou podem votar nelle, deixando as-ím de tomar parte real no pleito entre os que são capazes de vencer e que, por isso, não lhes terão rancor; ou guardam esse nome, como um recurso de transacção. O sr. Ruy Barbosa é, portanto, um dos pouquissimos que, com sinceridade, tomam a sério a sua candidatura... Porque, entretanto, ainda não se achou nenhum presidente da Republica que tivesse igual illusão, o quarto anno de todos os periodos presidenciaes é sempre para elle um periodo de opposicionismo.

Isto, porém, não basta para julgar a sua manifestação da amnistia. E a verdade é que, sendo elle um dos menos autorisados para fazê-la, ella é de algum modo razoavel e póde converter-se em uma medida necessaria.

O sr. Ruy Barbosa era o menos autorisado para o que fez, pelos precedentes e pela responsabilidade que tem no caso actual.

Até ao fim do anno passado, julgava-se um candidato acceitavel pelo Cattete. Quando se propoz o estado de sitio, votou-o e não teve a minima palavra de protesto pela prisão do sr. Lauro Sodré. Foi d'aqui, desta columna em que habitualmente se applaudem os actos do governo, que se levantou a primeira censura a esse facto. O silencio do sr. Ruy Barbosa parecia, entretanto, uma adhesão tão formal á acção do governo, que *O Paiz*, com a maior natu alidade, chamou a attenção para esse facto, declarando ser inacreditavel que o sr. Ruy tivesse assistido impassivel a esse facto, se com elle não concordasse. Forçado por esse apello, o voluvel e eloquente senador veio então serodidamente afirmar que mantinha as suas antigas doutrinas.

Depois, o sr. Seabra consultou-o sobre o fóro a que deviam ser submettidos os accusados. Elle respondeu como sabia que o governo desejava, dizendo que o fóro competente era o militar. O governo conformou-se com o seu parecer. Com o seu parecer se conformou a comissão do Senado, encarregada de dar licença para a prisão do sr. Lauro Sodré. Só á ultima hora, apertado por uma verdadeira intimação do eminente advogado dr. Inglez de Souza, elle fez, com o mais justificado assombro dos que ainda se assombram com as suas contradicções, uma timida declaração verbal, opposta aos termos formaes do seu longo parecer, fornecido ao governo.

Quando, portanto, hoje se vê que elle enumera as incertezas da classificação do crime de novembro, o que primeiro acode para se lhe perguntar é como, apesar disso, elle poude tão

categoricamente responder ao ministro da justiça quanto á questão do fóro?

Vê-se bem que elle estava no mez decisivo, para o sonho da sua candidatura. O governo teve delle os pareceres que desejou. Porque? Porque o sr. Ruy Barbosa não perdera a esperança de ser o preferido do sr. Rodrigues Alves.

Dir-se-á que isto é apenas uma supposição gratuita. Supponhamos que é. Em todo o caso, o que ninguém póde negar é o seu silencio, no momento opportuno e é, depois, o seu parecer sobre o fóro militar, parecer que deu em resultado a marcha que ao processo imprimiu o governo.

Assim, a despeito de toda a theatral enscenação preparada para a sessão da amnistia, a despeito do seu talento, do seu saber, da sua eloquencia, faltava-lhe, no caso actual, pela sua directa responsabilidade, o indispensavel prestigio para muitas das censuras que fez.

Mas ha no seu discurso um ponto sobre o qual o accôrdo é, de facto, geral em todas as consciencias. Esse processo, que começou errado, graças—é bom lembrar outra vez—ao parecer do sr. Ruy Barbosa, está sendo de uma lentidão inconcebivel.

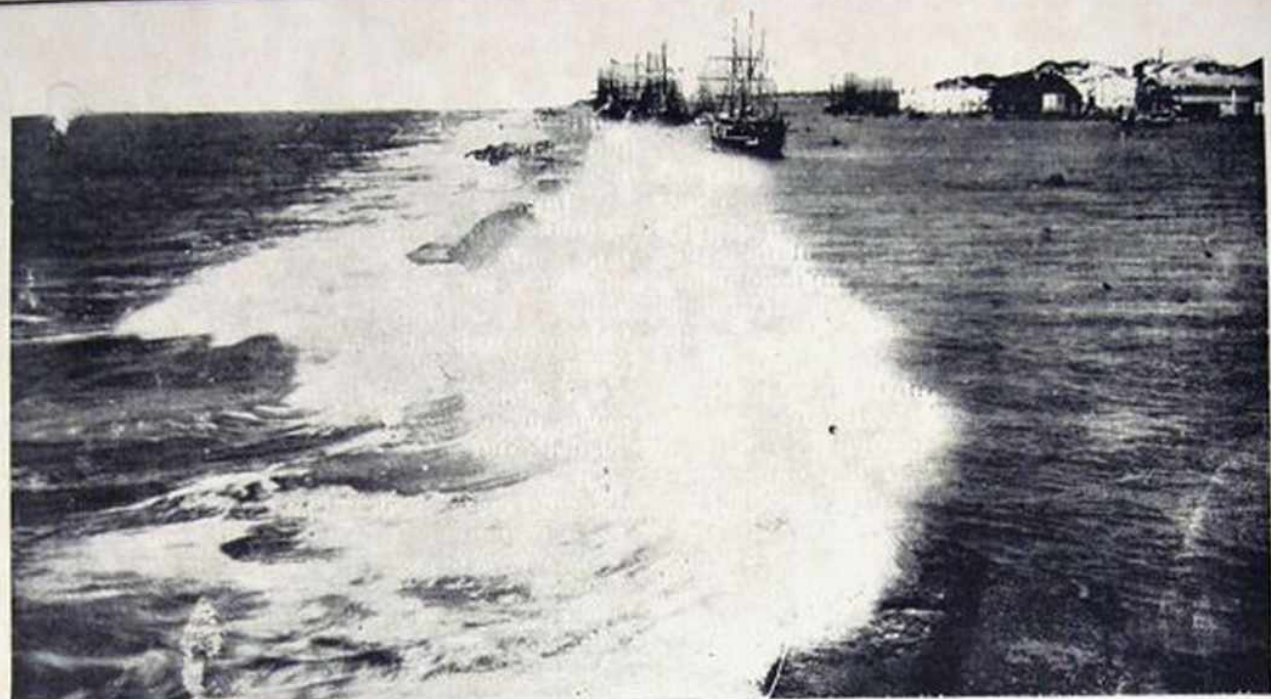
Ora pode-se—pode-se e deve-se—desejar que os criminosos de novembro sejam sentenciados. Mas o que não se póde é applaudir o systema de dar uma pena prévia aos accusados de qualquer delicto, alongando indefinidamente o respectivo processo. Nenhum perigo é maior para todas as liberdades.

Se amanhã o Codigo Penal inventar um castigo inedito e pavoroso para os parricidas, o caso póde não interessar a ninguém— a ninguém pelo menos que seja digno de interesse, porque só quem se julgue capaz de commetter um parricidio verá ahí um perigo possivel. Mas se, para apurar ou esse ou outro crime qualquer, se estabelecer um processo, que só por si importe em um castigo longo e penoso—como ninguém está livre de ser falsamente accusado dos mais nefandos crimes—o perigo estará mais no processo que na pena. Por isso, no nosso tempo se aboliu a tortura como meio de arrancar confissões aos accusados. A's vezes esses accusados eram innocentes; mas a tortura a que eram submettidos, para provar a sua innocencia, era uma pena quasi tão grande como aquella a que podiam ser submettidos, se fossem condemnados.

E' isto que revolta no processo de novembro. Que houve crime—é incontestavel. Convinha que os tribunaes o classificassem e condemnassem os seus autores.

Quando, logo após, se lhes perdoasse a pena, estaria, entretanto, profligado o acto que haviam commettido. O caso é dos que exigem mais uma censura moral do que um castigo physico.

Assim, é perfeitamente justo reclamar contra a marcha do processo. O sr. Ruy era, entretanto, o menos autorisado para fazê-lo. O menos autorisado, porque foi elle que levou os accusados, graças ao seu parecer, para o fóro militar. O menos autorisado, porque, como senador



PERNAMBUCO—Porto do Recife (Phot. Chic)

e como jurisconsulto, devia, com a sua indiscutível competência, ter ao menos tentado reformar os vícios do processo militar, vícios que elle profliga em teoria, sem procurar, na pratica, fazer coisa alguma para os corrigir.

Já que o sr. Ruy Barbosa ainda não se achou bastante forte para enfrentar com o sr. Clovis Bevilacqua e a nação inteira está, ha quatro annos, á espera que o eloquente senador se ponha ao nível da sciencia juridica do autor do Código Civil, não seria de mais pedir-lhe que empreendesse a reforma de um regimen processual que merece realmente todas as condemnações.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.



O problema dos problemas

O problema amazonico é, quanto a nós, o problema dos problemas da politica brasileira, presente e vindoura. Realizado um *Ato Adicional*, pelo qual se torne a magistratura unitaria, se discriminem claramente as rendas da União, dos Estados e dos Municipios, se corrijam os despropositos territoriaes de Estados como o Amazonas, Goiaz e Mato Grosso, se modifique o art. 4º em favor da soberania federal, etc., competirá aos estadistas brazilienses enveredarem a Republica pela senda triumphal do seu porvir, cortando as agudas arestas daquelle ba-

sico problema. A' pasta do Exterior, em que cumpre ter sempre diplomatas do coturno de Rio Branco ou Assis Brazil, cabe maiormente a solução dos obstaculos inherentes á politica sul-americana.

O estupendo Amazonas envolve um dedalo inextricavel de assuntos concernentes ao seu progresso. Nascido em Lauricocha, nas cercanias do Cerro de Pasco, desce duma altura de 5.500 metros e chama-se Tunguraguá até Pongo de Manseriche, Maranhão até Tabatirga, Solimões até á confluencia com o Rio Negro e Amazonas d'ahi em diante. A sua bacia, que é, como se sabe, a mais vasta do globo, conta 4 milhões de kilometros quadrados, quando a do Mississipi não passa de 982.000 milhas, a do Prata de 886.000 milhas, a do rio Azul (China) de 547.000 milhas, a do Nilo de 520.000 milhas, a do Ganges de 423.000 milhas, a do Danubio de 234.000 milhas, etc. A exploração das suas inarraveis riquezas, no entanto, não se iniciou sequer ha 40 annos. Em 7 de dezembro de 1866 lavrou-se o decreto que abriu á navegação o Amazonas; em 7 de setembro de 1867, porém, é que de facto se efetuou a cerimonia da abertura e só em fins de 1869 se constituiu a Companhia Fluvial do Amazonas. Veja-se quanto desenvolvimento se operou em pouco mais de 30 annos, lutando com transportes rudimentares, contra o impaludismo, com a escassez de braços e de capitães, aproveitando sómente a goma elastica e sendo tudo levado a cabo sem a interferencia governamental, que apenas tem colhido esfoladores impostos desta multiforme exuberancia.

Póde-se assegurar, portanto, que só agora, com a organização do territorio do Acre, é que

a administração superior do paiz e a dos Estados do Pará e Amazonas prometem intervir francamente nas regiões amazonicas, desvelando-lhes a incomparável vereda do seu gigantesco futuro, sem igual em qualquer outra parte, nem em qualquer outra época da historia.

Segregada por terra do resto do Brazil, como notou Elizeu Réclus, a Amazonia sómente se comunica por mar com os demais Estados. Este inconveniente é palpável, economica e politicamente. O desmazelo do imperio no Extremo Sul, que bem caro lhe custou, está sendo resgatado pela Republica com a construção da estrada ferrea do Rio, por Goiaz, a Cuiabá. Esta distancia, em linha reta, orça por 1420 kilometros; por Buenos-Aires a extensão é de 6200 kilometros, durando a viagem 31 dias. Do Rio Grande do Sul a Manaus, navegando sem empecilhos, gasta-se o mesmo tempo, mais ou menos, ao passo que, se fór ávante o plano de vias-ferreas de Lauro Müller no Extremo-Sul, e se se prolongar o caminho de ferro Tocantins-Araguaia até ao planalto goiano ou se edificarem a estrada Santarem-Cuiabá, poderá vir-se por terra, do Extremo-Sul ao Extremo Norte, em 8 a 10 dias.

Este lado—o das comunicações internas—é, sem duvida, um dos mais poderosos do problema amazonico, e depende exclusivamente do governo da União. O outro aspeto—o que respeita aos limites—é mais grave, por ser de caracter internacional. Mas, antes de encararmos esta face da questão, enfrentemos o problema do povoamento, pois sem ele nunca o trabalho atingirá nas paragens amazonicas a sua verdadeira expansão.

E' conhecido que a temerosa cachoeira de Pongo de Manseriche, no Perú, é o unico obice á navegação completa, a vapor, do interminavel Amazonas. Os navios não ultrapassam a Ponta Pedro II, que demora 250 kilometros acima da foz do Huallaga. Da Ponta Pedro II, que é a paragem das carreiras de vapores, até Pongo de Manseriche são 600 metros. Fazendo-se uma estrada ferrea da Ponta Pedro II a Jaen de Bracamoros, á semelhança da que se vae empreender entre o Madeira e o Mamoré, ladear-se-á o Pongo e assim percorrer-se-á todo o Amazonas. Em Pongo de Manseriche a largura do rio é de 20 a 50 metros, numa extensão de 9 a 10 kilometros. Mas em Jaen de Bracamoros já essa largura é de 400 kilometros.

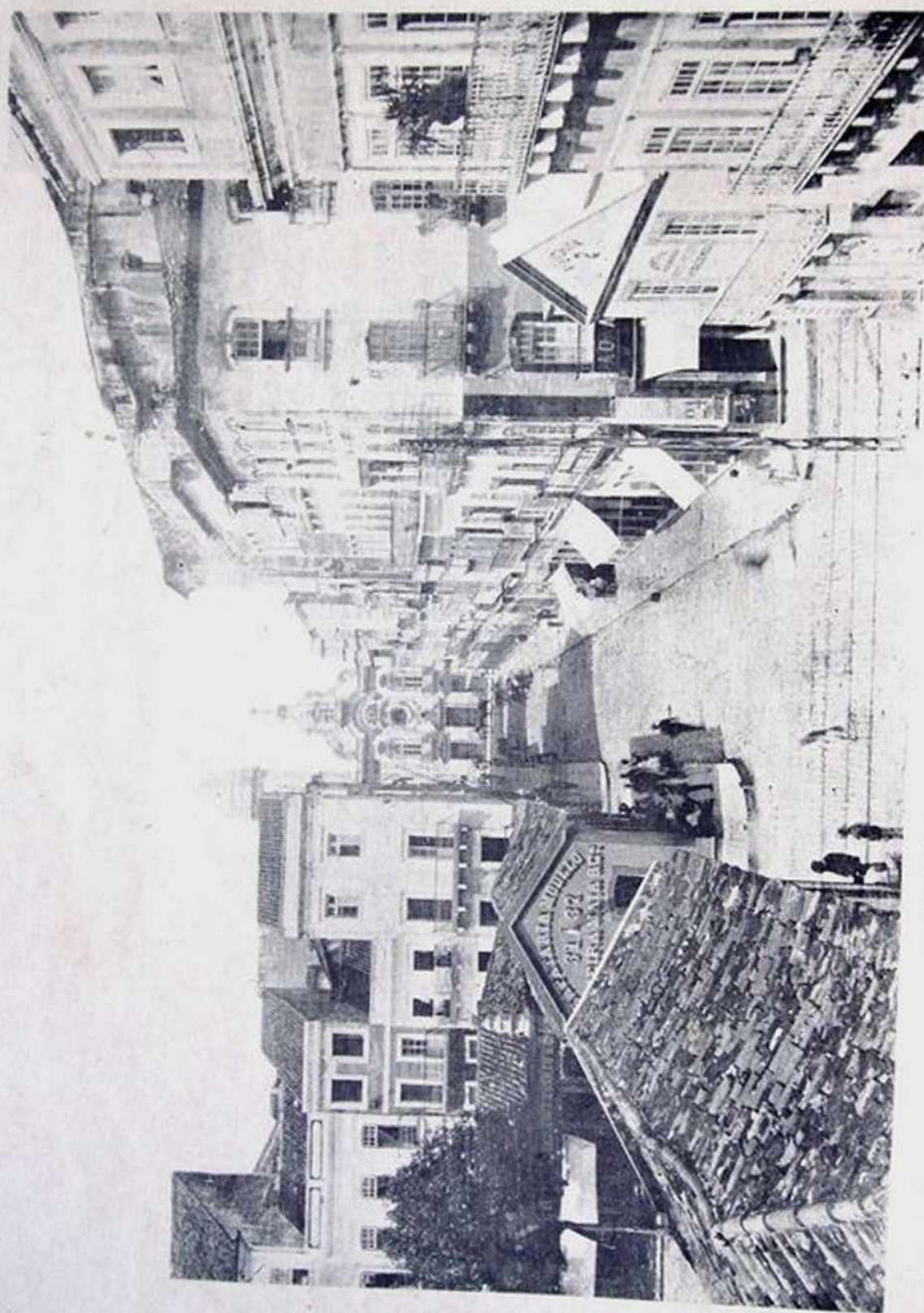
Esta estrada ferrea entrancar-se-á depois com a de Piura a Paita, cidade esta em que ha um magnifico porto de mar. No *Derrotero de la costa del Peru*, de Rosendo Melo, publicado em 1903, encontramos estes elucidativos trechos respeitantes a Paita:—«Durante a guerra civil dos Estados Unidos (1863), o cultivo do algodão generalisou-se nas provincias de Paita e Piura, estabeleceram-se fortes casas de importação e exportação e brotaram industrias antes ignoradas. A escassez de numerário e a dificuldade de transportes estorvavam, todavia, um desenvolvimento agrícola e industrial completo». (Pags. 24). O clima é tão bom que não ha hospital, e as

mortes tem todas o mesmo diagnostico—a senuidade, no dizer do autor citado. Acrescenta Melo:—«Quando, por meio de poços artesianos ou de canaes de irrigação, deixar de preponderar o eventual na produção agrícola, o Departamento de Piura será um dos mais ricos do litoral peruano e a importancia de Paita, seu porto principal, apenas será inferior á do de Callao. O seu progresso acentuar-se-á com a abertura do istmo de Panamá». (Pags. 25).

Será Paita a cidade intermediaria para o povoamento da Amazonia pelos prestantes amarelos, unica raça apta para a colonisação de taes brenhas—e unica tambem que, pelo seu excedente de população, pôde vaziar nas regiões amazonicas os milhões de criaturas de que elas carecem. A viagem do oriente asiatico para a Amazonia, realisando-se por esta via quase direta, importará em metade do tempo e do dinheiro que custaria pelos caminhos atuaes. Em um dia ir-se-ia de Paita a Jaen de Bracamoros e d'ahi á Ponta Pedro II, construindo-se a estrada ferrea a que nos referimos. Dêsse logar a Tabatinga, na fronteira do Brazil, em bons navios, pouco mais de um dia se consumiria. De Tabatinga, onde se levantaria uma grande hospedaria, derramar-se-iam esses colonos por todos os rios amazonicos, segundo as requisições dos governos do Amazonas, do Territorio do Acre e mesmo do Pará. Dêstes pontos disseminar-se-iam mais tarde, espontaneamente, pelos rios ainda amazonicos de Goiaz e Mato-Grosso, cujo engrandecimento economico será igual ao do Extremo Norte, quando tiverem trabalhadores, capitaes e comunicações faceis. Paita converter-se-á, para o setentrião da America do Sul, em um emporio analogo ao que S. Francisco da California é para a America do Norte. E foram os sino-japonezes que impulsionaram a construção da estrada ferrea de New-York a S. Francisco e ativaram a exploração das minas californianas.

A estupenda via-ferrea de New-York a S. Francisco, apressando a troca de idéas do ocidente europeu com o oriente asiatico, influíu grandemente na subitanea transformação do Japão. Esta estrada permitiu igualmente o assombroso incremento comercial da Australia, do Japão e da China, que agora desperta de vez, sacudida pelos nipões. Quando se rasgar o canal de Panamá, o que não tardará, com mais facilidade ainda se efetuarão as comunicações da Europa occidental com a Asia oriental.

Estas profundas alterações nos seculares usos mundiaes beneficiarão enormemente os paizes banhados pelo Pacifico, em especial os sul-americanos, cuja autonomia economica anda bem arastada, incluindo o Chile. E a unica zona, dentro da America do Sul, onimodamente feraz, duma feracidade inesgotavel, é a Amazonia—e desta o melhor quinhão pertence ao Brazil. Resta povoala. Os climas quentes e humidos, como os da China e da India, por exemplo, exigindo menos esforços para a aquisição das cousas necessarias á vida, são os mais favoraveis ao desdobramento duma população densa. Realmente, seja pela



PERNAMBUCO—Rua Larga do Rosario (Phot. Chic)



THERESOPOLIS—Cascata do Imbuy

pesca, pela caça, ou pela industria extrativa, o habitante da Amazonia tem que ganhar e de que se alimente, sem fatigar-se, antes preguiçando á larga.

A contenda russo-japoneza trouxe duas consequencias imediatas—uma economica e outra politica. A economica cifra-se no escorrimento do comercio europeu do Extremo Oriente e a politica, sem aludirmos á revolução interior da Russia, que aliás é sensacional, obriga ao deslocamento do foco de luta das potencias para o Oceano Pacifico. A isto nos conduzem esses acontecimentos, assim comentados por Teofilo Braga:—«Nós, os contemporaneos, assistimos ao momento caotico da explosão de novas forças, que buscam um novo equilibrio. Em outra idade, e não remota, se verá que um novo centro da ação humana se abre para o hemisferio oriental, completando o Ciclo das Civilizações Oceanicas,—e tendo por ponto de apoio o Pacifico».

L. Poirel propoz que a classica divisão do mundo em cinco partes se substituisse pela divisão em seis continentes, correndo paralela aos Oceanos. O illustre geografo reparte-os desta maneira:—America do Norte e America do Sul, Oceano Atlantico; Europa e Africa, Oceano Indico; Asia e Australasia, Oceano Pacifico. Desaparece, por conseguinte, a denominação da antiga quinta parte—Oceania, a que se applica o nome de Australasia, por alguns geografos já dispensada ás colonias inglezas que rodeiam a Australia,—e a America do Sul passa a formar um continente áparte. Esta separação, que por fundamentos de

diversa ordem é sobremodo racional, mais se justificará no dia em que a hoje Republica do Panamá desligar o seu territorio, por um canal, do da Colombia.

Não vem longe o instante em que a absorvente Republica Yankina torne uma realidade absoluta o seu jatancioso titulo de Republica dos Estados Unidos da America do Norte. O Canadá, a Terra Nova e o Labrador encorporar-se-lhe-ão de motu-proprio, levados pelos interesses commerciaes. A ilha de Porto Rico já foi anexada e em breve segui-la-ão o Haiti, S. Domingos e Cuba, uma vez vencidas as resistencias internas dos platonicos adversarios do imperialismo. O Panamá respira sob o seu protetorado—e Costa Rica, Nicaragua, S. Salvador, Honduras e Guatemala, por vontade ou pela força, acabarão as suas inaturaveis rixas, entregando-se ao harpão yankino, que indubitavelmente lhes será proveitoso. A colonia de Beliza, a Jamaica, as Lucias, a Martinica, Curaçao, etc., serão compradas á Inglaterra, á França e á Hollanda, como outras ilhas das Antilhas já o foram á Dinamarca, que tambem não hesitará em vender a Groenlandia. Opôr-se-á porventura o Mexico a este expansionismo, solapado como está pelas empresas da tentaculosa Yankéa? Decerto que não. Porfirio Diaz lega-lo-á, em testamento, aos poderosos cubiçadores da velha feitoria de Cortez.

E o Brazil olhará para esta revolução monroiana de braços cruzados? Naturalmente, porque nada tem com o que vae pela casa alheia. Mas, consoante resa a sabedoria dos proverbios,

quem vê as barbas do vizinho a arder põe as suas de molho. O nome de grandes nações só o merecem aquelas que, pelos seus prohomens, sabem girar um sólido programa de governo e executá-lo através dos séculos. Assim, na antiguidade, a China, cindando o povo chinês e os seus tributários com a sua celebre muralha, material e moral; assim Roma, superior à elegante Grécia, cujo poderio se desfez à maneira do do Egipto, da Persia, da Arabia; assim, modernamente, a Inglaterra, com as suas extensíssimas possessões ultramarinas; assim a Alemanha e a Itália, por Bismarck e Cavour, cimentando a sua unidade; assim a Rússia, estendendo-se desde o mar Báltico ao mar de Bering; assim, amanhã, a República Yankina, alongando-se desde Alaska ao Panamá—e o Japão, espalhando-se pela Coreia e pela Manchuria, e tutelando a China.

E parará a Yankeia às portas da Colombia? Esta, Venezuela e o Equador, inermes, são fraquíssimos para lhe deter o passo—e o Perú requesta-lhe a amizade e o patrocínio. Ameaçou o presidente Grant que os yankees só descançariam no momento em que tivessem café e borracha nos seus Estados. Café já o possuem em Porto Rico, Cuba, etc. Falta-lhes a borracha—e o Perú oferece-lhes os seus seringas hoje, como ontem lhos ofertou a Bolívia. O Brasil cassou esta veleidade. Terá força ou geito para impedir também o desmanchar de feira do Perú? Terá, certamente, se estiver alerta e souber arvorar-se em fiel da balança sul-americana.

Orientando a conduta económica da Venezuela, da Colombia e do Equador, que devem procurar obreiros na Ásia e capitães na Europa, o Brasil barricará a entrada, por ali, do elemento norte-americano. Adquirindo a França e a Hollanda as suas Guianas, mediante uma razoável quantia e duráveis favores pautaes, e constituindo nelas o Oiapoque, novo Estado da Federação Brasileira, salvaguardará todo o norte da America do Sul, que terá ainda uma vigilante sentinela na Guiana Britânica, presentemente com os limites bem demarcados. O Perú, com a sua acabrunhadora divida e com os seus infundáveis motins, destina-se ao papel historico de Polónia sul-americana. O Chile já lhe arrebatou um pedaço e a Bolívia outro. Não será para ceptantos que, num futuro proximo, a bandeira chilena se hasteie em Lima e que o Brasil, do Cerro de Pasco para cima, organise dois Estados—o de Peruvia, no litoral, com capital em Paita, e o do Ucaiale, abrangendo as duas margens deste rio e as do Huallaga, com capital em Iquitos. A mesma sorte, agregando-o á Argentina, terá o eterno amotinado Paraguai.

Mas, como introito a esta faina politica porvindoura, afora a efetuacão de uma *quintupla aliança*, cabe ao Brasil solver uma questão fundamental—a das relações commerciaes com as Republicas amazonicas. Serzedello Corrêa, no seu interessante livro *O Rio Acre*, pags. 155, esclareceu:—«O tratado de 1867 (com a Bolívia) foi denunciado em 1883 e deixou de vigorar no ano se-

guinte; mas, graças á força da inercia, ficou tacitamente estabelecido o *modus vivendi* dele originado, de modo que, AINDA AGORA, o processo seguido no transitio é exatamente o mesmo de 1867!» Mais umas observações de Serzedello:—«Pode-se afirmar categoricamente que o regimen do commercio de transitio internacional no Amazonas é o jubileu dos contrabandistas. Quer com a Bolívia, quer com o Perú ou com Venezuela (e também com o Equador e Colombia, pelo Içá ou Putomaio, acrescentamos nós) o commercio chama-se contrabando». (Pags. 163). «A cerca de 30 milhas da foz do Javari está a povoação brasileira de Remate de Males, que, fundada ha pouco mais de sete anos, apresenta já um avultado movimento commercial. Fronteiros a esta cidade, na margem peruana, ha importantes estabelecimentos commerciaes. Grande é a importação de mercadorias para essa região peruana. Taes mercadorias, que ali chegam sem pagar direitos ao Brasil, nem ao Perú, são transferidas para Remate de Males e vendidas em territorio brasileiro para as expedições que vão ao Jutahi e Juruá ou, reembarcadas em cabotagem, voltam a ser vendidas nos mercados de Manaus e de Belém». (Pags. 164-65). «Para acudir a esse mal, o tratado de commercio com o Perú, posto em execução em 1896, estatuiu (art. XVII) que o commercio de importação e exportação do rio Javari, nas margens brasileira e peruana, ficava sujeito a direitos inteiramente eguaes—e determinou que, enquanto o Congresso Brasileiro não autorisasse uma tarifa especial para essa região, esses direitos seriam cobrados segundo a legislação do Brasil. O governo do Perú, porém, até agora não julgou oportuno pôr em execução essa clausula, aliás essencial, tanto que, por isso, o tratado pode e deve ser denunciado, pois que, graças a ele, é avultadissimo o prejuizo dos cofres brasileiros». (Pags. 166).

A primeira medida a tomar, para a extinção destas inconveniencias, seria a cobrança, nas alfandegas do Pará e Manaus, pela tarifa brasileira, dos direitos das mercadorias que se endereçarem á Bolívia, Perú, Equador, Colombia e Venezuela. Falamos nas alfandegas de Belém e Manaus, por não se terem ainda alongado os Departamentos do Acre (com o Purus) e do Juruá até á beira do Solimões. A administração do Juruá, montando-se uma alfandega na sua capital, que seria talvez em Fonte Boa, fiscalisaria admiravelmente o contrabando peruano—e a do Departamento do Japurá, a ser constituido, vigiaria as fraudes aduaneiras do Equador, da Columbia e de Venezuela, perpetrados pelo Içá e pelos afluentes do alto Japurá. A organização do Departamento do Madeira traria as mesmas vantagens, instalando-se uma alfandega na foz do Abuná ou defronte, junto á estrada Madeira-Mamoré, para legalisar a importação e a exportação que a Bolívia faz por aquele entreposto. Esta descentralisação administrativa, com ser de incontestavel alcance politico e economico, suavisaria extraordinariamente o transitio dos generos e respetivo despacho. Rio Branco, na memoria que acompanhou o Tra-



RIO—Cume do Corcovado

tado de Petropolis, o funcionario Satamini e Serzedello Corrêa lembram a arrecadação pelas aduanas belenense e manauense. Mas estas estão sobrecarregadas de trabalho e não rechaçariam completamente os contrabandistas.

Contando, por ora, com o limite norte do Territorio do Acre desde a boca do Abunã, cortando na confluencia do Ituxi com o Iquiri para defronte da embocadura do Pauhiní e tirando d'aqui uma linha para a foz do Tarauacá, bastam uma Mesa de Rendas em S. Filipe e um Posto Fiscal no Amonea,—no Departamento do Juruá, e uma Mesa de Rendas na boca do Pauhiní e um Posto Fiscal na confluencia do Ituxi com o Iquiri,—no Departamento do Acre (Purus e Acre). Para o movimento com a Bolivia será necessario fazer dois pequenos ramos lateraes da estrada Madeira-Mamoré, um para defronte da foz do Abunã, collocando ali um Posto, e outro da vila Murtinho para defronte de vila Bela, na boca do Beni. Em vila Murtinho collocar-se-ia uma Mesa de Rendas, para fiscalisar a importação e exportação da Bolivia. O Estado de Mato Grosso estabelecerá uma coletoria em Guajará-miri, terminus da linha-ferrea, para despachar a exportação do Mamoré e Guaporé, montando também coletorias no Mutum, Jaci e outros rios mato-grossenses, nos pontos atravessados pela referida estrada de ferro.

Estas questões, de elevado peso, só podem ser perfeitamente conhecidas por quem as estudou no proprio local. Os mandantes do Rio teem uma visão curta e desprezam tudo que não seja a satisfação das aspirações cariocas. Circunscre-

veram o poder da União ao mingoado Districto Federal. Sómente agora é que principiam a alargar as vistas, forçados pela transcendencia do problema amazonico. E, na verdade, este é o problema dos problemas da politica nacional. Os dirigentes desconhecem o que se desenrola na Amazonia e nas suas fronteiras. Medidos no casco, tal, qual o jaboti, somente agora começam a deitar de fóra a cabeça, muito a furto.

Se a ignorancia do que decorre em terras brasileiras é inadmissivel, a insciencia do que ocorre no continente sul-americano não é menos estranhavel. O Brazil vive de olhos vendados no relativo ás nações limitrofes, que são todas as da America do Sul, exceto o Chile e o Equador. Ignora-lhes a geografia e a historia, os costumes, o governo (constituição, divisões administrativas, homens publicos), a instrução, desde a primaria á superior, a existencia economica, compreendendo as produções e os sistemas viatorios, as finanças, abrangendo o total das dividas e o regimen tributario, a vida mental, enfim, desde as belas-artes ao jornalismo, á beletristica, á sciencia, á filosofia, á publicistica. Ignora tudo e pretende a hegemonia da America do Sul! Não será difficil, no entanto, collocar-se a par do que se rumina ao seu redor. Um dos seus mais habéis diplomatas, que é também um dos seus escriptores de maior talento—Oliveira Lima, actualmente ministro em Venezuela, poderia encher este lastimavel vacuo, dando-nos um livro sintetico sobre—*Os povos sul-americanos*, com um prefacio ácerca do imperialismo norte-americano. Seria

uma obra altamente patriótica—esta do autor dos excelentes livros *Nos Estados Unidos* e *No Japão*. O volume *A América Latina*, de Manoel Bomfim, é para o caso insuficientíssimo, pela tancanhaz da orientação—em filosofia da história.

Feita ela, e entrando nesse quadro, também sinteticamente, é claro, o próprio Brasil—os estadistas brasileiros e os seus governados compreenderiam satisfatoriamente a primazia que devem assumir nesta parte do mundo. Uma quintupla aliança, por ora simplesmente defensiva e de concessões alfandegárias, que enlace o Brasil, a Argentina, o Chile, a Colômbia e a Venezuela, impõe-se também com urgência. Estes aliados avocariam a si o policiamento da América do Sul, que os yankees se querem arrogar. Por tal pacto remeter-se-iam a ordem o Uruguai, a Bolívia, o Equador—e o Paraguai e o Peru, sob pena de serem partilhados pelos convisinhas. Então, com os horizontes clareados, reinando a paz de um extremo a outro, o Brasil clamaria ao universo inteiro, pela voz do seu Presidente, para que esse brado repercutisse em Washington, que a América do Sul é dos sul-americanos.

Será tudo isto o risível produto das inofensivas cogitações de um lunático!... Será, concedamos. Mas a História diz-nos que as utopias de hoje são sempre as realidades de amanhã. Prêguemos, portanto.

FRAN PAXECO.



O moderno sebastianismo

Ha tempos, nestas mesmas paginas, eu tive ensejo de, referindo-me ao livro do sr. Lopes Vieira—*Marques*, consignar, com tristeza, que a falha principal do seu trabalho estava em que, apresentando-nos um aspecto da dor humana, o não acompanhava com um grito daquelle espe-

rança redemptora, sem o qual o sofrimento resulta esteril,—o que é uma dupla tortura. Hoje, lendo *O Encoberto*, poema em que, a par de extravagancias, de que o sr. Lopes Vieira se ha de ainda um dia expungir, porque tem talento e sinceridade para isso, fulguram verdadeiras joias poeticas,—eu vejo, com um prazer bem justificado, que o distincto artista está evolucionando já para uma orientação mais larga e mais bella.

Que é *O Encoberto*? Isto: a aspiração duma patria, salientando-se no vasto ideal duma humanidade. Um povo de oprimidos e soffredores espera, com os olhos no céu, a aurora que ha de vir clarear a sua densa escuridão. Antigamente, essa esperança revelava-se no sonho, candidamente pueril, generosamente louco,

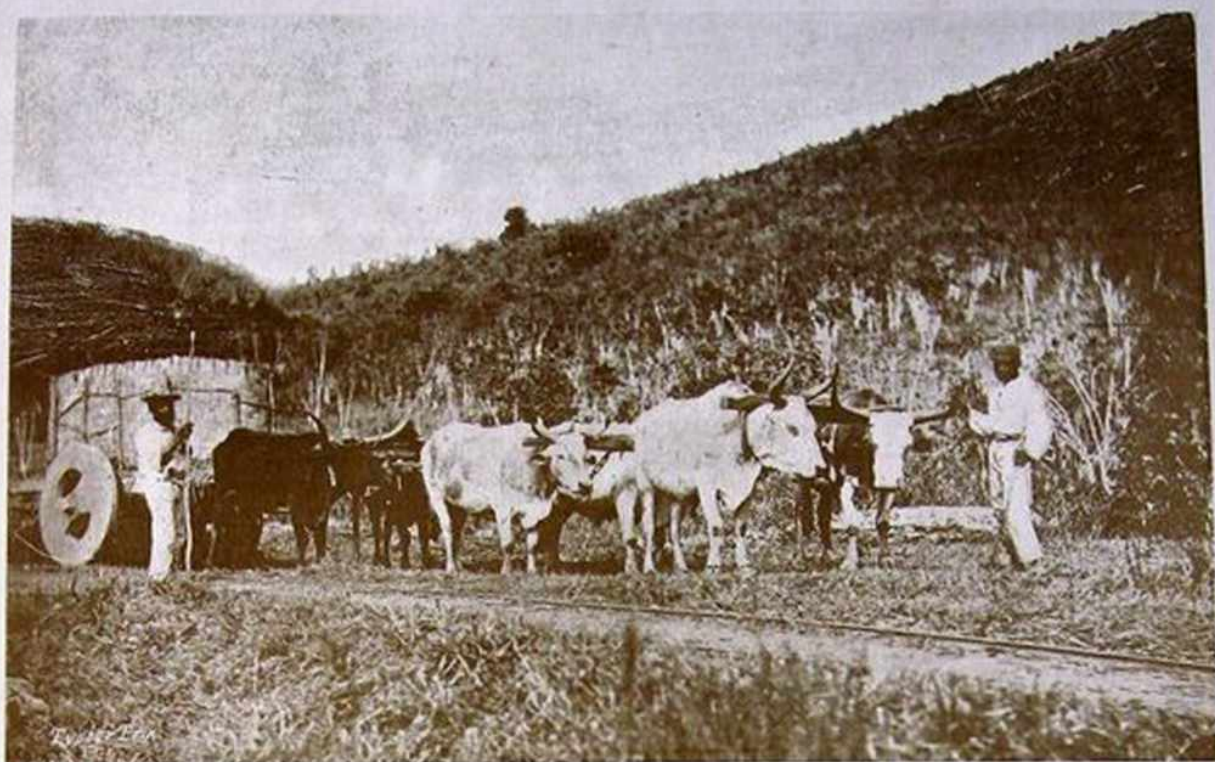
do sebastianismo. D'ahi a lenda do regresso do rei amado,—na sua expansão de messianismo religioso. Um dia elle viria,—para fazer justiça, para inspirar o amor... E então, ó perenne felicidade de Portugal!

Não ha talvez symbolo de maior esperança em toda a historia dos povos,—pelo menos tão ingenua, doce e lyrica! Esperavam os judeus a hora do seu resgate, criam formidavelmente no deus que se humanisaria,—mas todo o seu anhelos se enchia das nuvens sombrias, que o genio semita, sempre temeroso dos trovões de Jeovah, povoava de terríveis castigos e de sangrentas expiações. Mas Portugal impregnara-se já da piedade christã. O seu rei, bello *redresseur de torts*, teria todas as generosidades dum santo, embora armado com a espada dum cavaleiro. D. Sebastião seria S. Miguel Archanjo,—assim tornado mais perfeito, no seu eclipse mysterioso, pelas lições de Jesus.

Nada, porém, ha que escape á dura lamina da realidade, que vae cortando, cercas, as altas espigas da Fantasia. Os tempos passaram,—e D. Sebastião nunca appareceu, nem n'uma manhã de inverno, nem num dia de claro sol. A povos primitivos e infantis é facil a fé cega no milagre. A gentes que a educação scientifica vae afeiçoando ás certezas naturalistas da vida não é dado já o refugio na Illusão. Nem ao mais bronco dos homens dos nossos campos se faria hoje acreditar que o infeliz vencido de Alcacer Kibir pudesse regressar ao seu reino, com tres seculos e meio de idade. Não! D. Sebastião está morto, e bem morto! E todavia a esperança da felicidade humana, concentrada na sua personalidade lendaria, não desapareceu. O povo sonha ainda o seu resgate; mas o seu sonho transformou-se. Não o espera já dos favores do céu; aguarda-o do esforço terreno do seu braço humano.

E é aqui que eu tenho ainda uma vez de levantar um fundamental reparo ao sr. Lopes Vieira. E' que o seu poema está ainda envolto, não no sonho a que a nossa consciente mentalidade actual nos convida, mas no sonho inconsciente, embora santo, a que circumstancias de rudimentar educação outr'ora nos predispunham. O seu poema é mais feito de vaga chimera do que de real fé. Ha a esperança mystica e ha a esperança positiva. A primeira chama-se illusão; a segunda é que se chama fé. A este termo prestigioso e forte tem-se dado erradamente a exclusiva acceção metaphysica. E' um erro. A fé é a certeza na esperança. Nós temos fé na redempção social e moral da humanidade, porque dispomos de largos elementos de analyse para a considerarmos, mais do que uma possibilidade, uma fatalidade humana. Desta concepção é que se faz o nosso sonho moderno de Justiça e de Amor,—que um dia orientará as sociedades, quando o Progresso chegar áquelle cyclo de perfeição relativa que permitta a realisação de semelhante ideal.

Sim, os nossos sonhos são realidades,—embora distantes, e nós erramos, quando só nos re-



MINAS GERAES—Carro de bois

fugiamos no azul, pedindo soffregamente que de lá saia a palavra redemptora dos nossos destinos. E' deante desse paiz de soes, onde tudo brilha, que arremessamos as nossas reivindicações humanas, que bradamos o nosso protesto social, que cantamos a nossa esperança de regeneração, e que brandimos a nossa bandeira de justiça, num grito de angustia, como se de lá pudessem chegar em nosso soccorro, á maneira de milhares de esquadrões arrebatados numa *Marselheza*, todas as estrellas do firmamento. E' um erro, repito. A Justiça, o Amor, a Bondade, reinando, isto é, os sonhos do sr. Lopes Vieira, são outras tantas reivindicações perfeitamente conscientes e positivas, que o espírito humano já formula, como estando nellas o segredo do seu futuro.

Augmenta esta impressão de abstracção que fica após a leitura do poema do sr. Lopes Vieira, a forma dos seus versos, ou seja aquelle tom que parece vir de muito longe, apagada linguagem que caracteriza a nebulosidade da sua obra. Ouvimo-lo falar do conflicto da vida, como se, á semelhança de Simão de Nantua, estivesse sobre uma torre contemplando o poço duma mina. O seu sentimento é verdadeiro: elle vê o sangue, elle vê a dor, elle vê a iniquidade duma tal existencia. Mas não parece ingerido nella, e—ai de mim!—está, como nós todos, e não poderia falar da atrocidade dos seus golpes, se os não tivesse já recebido na sua carne soffredora ou na sua consciencia revoltada.

Em que está, porém, a evolução que as-

signalei? Em que o joven poeta se encontra já possuido por grandes e redemptoras verdades. Entre chimeras que voam como pombas e gritos que soam como pesadellos, um nobre ideal transpira. E' sempre um coração desfazendo-se em amor ou anciando por liberdade. E' sempre uma alma que atira este brado: Justiça! aos quatro ventos da terra, como uma semente que ha de germinar por toda a parte onde cair.

Tendo analysado, como a minha consciencia m'o impõe, sob um elevado ponto de vista, o livro do sr. Lopes Vieira, custa-me ter de lhe anotar alguns pequenos defeitos de arte. Mas é minha obrigação faze-lo,—restando ao sr. Lopes Vieira o direito de attender esses reparos ou de os lançar á margem. Não concordo com a forma de alguns dos seus versos,—que em tantos pontos prejudica o sentimento e o brilho da sua poesia. Principalmente, creio dever po-lo em guarda contra o verso solto. O nosso ouvido hoje já não supporta a falta de rima,—e que o poeta tambem lhe reconhece a deficiencia de harmonia está em que os seus peores trechos, tanto de idéa como de imagem, são os que a essa forma amoldou. Ah! a sua linguagem pintoresca e viva torna-se pastosa e inexpressiva. Livre-se da *Ara*, sr. Lopes Vieira! Procure acordar-nos para a sensibilidade esthetica com as vibrações do seu espirito. Para nos adormecer basta o sr. Corrêa de Oliveira, tão generoso que já nos mimoseou ha pouco com outro soporifero da sua invenção.

Resumindo: que o sr. Lopes Vieira não veja

nestas palavras outro intuito que não seja o de muita estima pelo seu espirito, qualidades de artista e desejo de acertar. Outros,—os amigos que só sabem elogiar incondicionalmente nos jornaes, retratando em maledicencia vil os seus elogios, quando em conversas de café se confessam,—dir-lhe-ão que tudo o que tem feito é irreprehensivel e perfeito. Eu, por minha parte, digo-lhe o que supponho ser verdade,—e que o sr. Lopes Vieira poderá guardar como uma nota excentrica ao seu livro, em que tanto ha para enaltecer e em que tanto ha para discutir.

MAYER GARCÃO.

O busto de Odorico Mendes

Caras patricias:



Não foi de balde que acolhestes com tanta benevolencia aquelle grito sincero de homenagem ao patriarcha da nossa independencia e da geração do romantismo. Não foi de balde que todas vós carinhosamente acudistes ao appello de um punhado de rapazes zelosos por fazer que revives-

sem os que nos eram exemplos dignificantes e limpos nessa incançavel batalha literaria, desennervando da apathia os scepticos e os ignorantes. De balde não foi, patricias minhas, pois que a essa obra modesta e significativa, resultado apenas duma mocidade corajosa, que não recua e despreza os apódos, ficasse ligado o vosso nome immorredouramente, brilhando como attestado vivissimo do amor que tendes ao que é glorioso e bello!

E (doce e suave paga!) ainda sou eu que vos falo, d'aqui, desta cidade dos sonhos e da desgraça, para dizer-vos agora, não que do vosso auxilio e bondade dependeu a realisação dessa idéa em que tivestes a parte mais escabrosa e sublime, mas para narrar-vos quanto os meus olhos choraram e quanto vos foi agradecido o meu coração, ao ver, na sua bronzea immortalidade, representando a vossa eterna conquista, o busto de Odorico Mendes! E mal podereis, porventura, imaginar que delicia me foi esse instante de gozo e de recordações, em que toda a minha alma se postou reverente, lembrando-vos, lembrando-me de vós e dos meus companheiros da Oficina dos Novos, sem um unico resquicio de odio pelos que tentaram achincalhar pela chacota imbecil ou pela ousadia da ignorancia o que havia de verdadeiro e de pureza no nosso culto e o que nos ia de torturas nesse trabalho honroso. Mas calemos estes incidentes mortos já com o

nosso triumpho, que não vale reviver aqui, nesta ligeira congratulação, a fatuidade dos impotentes e o desdem dos zollos...

Eu chorei, patricias! Chorei, e pelos meus olhos tristes passou nesse momento de alegria e saudade uma vida de asperezas, de esperanças e de consolações...

Eram nove horas da manhã, manhã de sol moço e céu azul como as nossas manhãs do norte. O atelier de Bernardelli fica num doce recanto, quase no centro da cidade, á rua da Relação, canto com a dos Invalidos. Um alto muro de velhas taboas carunchosas, indifferente na sua pobreza, orgulhoso do seu valor, circumda-o. Por fóra si encio, arvores e uma cantiga de criança desalentada, e do lado da rua da Relação, imperceptivel, um quadrado grosseiro de madeira destoante das velhas taboas, sarapintado de vermelhão da China com uma placa indistincta, aberta a cinzel, num metal escuro:—*Rodolpho Bernardelli*. Por cima uma argolla de ferro ferrugenta, que communica por um arame fino a uma campainha sonora, que lhe annuncia os amigos, os visitantes e os importunos. Os importunos, porque é natural que Bernardelli, durante as horas do seu trabalho, como todos os mortaes, tenha mais importunos do que amigos e visitantes.

Entrei. O meu espirito não estava assombrado, nem temeroso. Entanto, eu sentia uma sensação exquisita, desde que avistára aquelle fragil muro, tão singelo e tão nobre! Arthur Azevedo, o nosso querido consocio e mestre, derame uma apresentação e eu cheguei a gaguejar, quando, com ella na mão, meio ancioso, meio receoso, me appareceu Bernardelli. Mas logo um sorriso bom de quem se alegra lhe tomou os labios, desfazendo-me o receio e enchendo-me da mais irresistivel ancia. Um typo simples, honestamente simples, affavel e sympathico, mãos impregnadas de barro e um avental branco. Conduziu-me immediatamente como a um velho camarada e o que primeiro aos meus olhos appareceu, com todo o seu volumoso peso de homem e de artista, foi Carlos Gomes, na sua *maquette*, majestoso e festivo... Depois, como se eu fosse um antigo conhecido, Bernardelli pegou do barro novamente e toca a falar-me de arte, do Maranhão, de coisas espirituaes e boas, enquanto emendava, fazia, desfazia, refazia a estatua de Francisco de Castro, em que trabalha. Repentinamente, porém, recordou-se, talvez, de que eu lhe ia falar sobre o busto de Odorico. Lavou as mãos, recollocou o *pince-nez* de vidro branco e foi-me levando de trabalho em trabalho, explicando, contando as amarguras que elles lhes haviam causado, tudo sem pretensão, com amisade, com alma. E eis-nos, enfim, em frente do busto de Odorico Mendes!

Aqui, ante este rosto severo de politico, encobrendo toda uma forte alma de poeta, todo o meu corpo tremeu de commoção e de agradecimento e, se eu dissesse que estava vendo Odorico em vida, não erraria, porque nesta occasião elle se me apresentou como uma criatura que

pensa e resolve problemas com a calma e a preocupação dos grandes homens. E como que, enquanto os meus olhos choravam, dos meus lábios saíam estas palavras mentaes, irreprimíveis: —Odorico Mendes, trago-te hoje a bênção de um montão de brasileiros agradecidos e as homenagens da Oficina dos Novos, um núcleo de rapazes cheios de ardor e trabalhadores, e da Mulher maranhense, socia incomparavel e divina em toda a manifestação desta idéa veneravel!

E chorei!...

..

Voltei-me e já Bernardelli outra vez na esttua de Francisco de Castro! Continuámos a nossa prosa por largo tempo, e eu a saber que este Brazil é o mesmo no Rio, no Maranhão, em Campinas... Bernardelli falou-me depois da inscrição que tínhamos combinado para a columnata do busto, achando-a desnecessaria e prolixa e acertámos em que ella deveria ser simples e leve como a sua perpetuidade:

A Manoel Odorico Mendes

a

OFICINA DOS NOVOS

e a

Mulher Maranhense

1905

O busto tem a rubrica, nas costas: R. Bernardelli, 1903.

..

E eis ahi, caras patricias, porque ainda sou eu, o mais incompetente d'entre os da caravana do sonho, que vos vem falar hoje dessa conquista soberana do vosso espirito intelligente.

Breve, muito breve, a 17 de agosto, sentireis todas essas mesmas lagrimas que me acudiram ao admirar essa artistica obra de Bernardelli, balsão resplendente de amor, de toda uma tenacidade e de todo um esforço á memoria do maranhense illustre!

Rio, 10 de Julho de 1905.

FRANCISCO SERRA.

Ave erradia

Oh! sim! foi-se a vagar nos mares do misterio!...
E eu vago, desde então, nostalgica, sombria!
Vassala da Saudade—esse fatal imperio...
—minh'alma é triste e só, deshabitada e fria.

Debalde procurei pelo collar sidereo
a luz opalescente e meiga, a luz que eu via
no seu bondoso olhar!... Calou-se o mundo ethereo!
Minh'alma é triste e só, deshabitada e fria.

E a vagar e a vagar eu vou, barco sem leme,
da vida pelo mar que espumejante freme
sem norte e sem farol e de illusões vasia!

E quem sabe? talvez nem mais um seio amigo
encontre nesta vida a lhe servir de abrigo
—minh'alma triste e só, deshabitada e fria!

ROSALIA SANDOVAL.

Os limites da Biologia (*)

A medida que a sciencia progride a passos largos na senda das verificações experimentaes, os espiritos aferrados á tradição buscam por todos os processos manter de pé o edificio das velhas crenças, em face do qual victoriosa se ergue a construção das descobertas humanas.

Ao envéz de confessarem um apêgo affectivo, aliás perfeitamente compreensivel, pelos mitos de que viveram os nossos paes e que tantas obras primas teem inspirado aos artistas de genio, procuram esses espiritos manter, em nome da razão, uma cosmogonia que nada mais justifica. Sob o pretexto de que a sciencia não responde a todas as questões que lhe teem formulado os homens, querem forçar-nos a conservar explicações caducas que, encaradas de perto, se reduzem a uma mera logomaquia.

Cançam-se de nos repetir, para tal apoiando-se na autoridade dos maiores sabios, que o dominio da sciencia é distincto do da fé, que as descobertas realisadas nos laboratorios de modo algum contradizem os ensinamentos do dogma.

Não será inútil fazer desde logo notar que essas famosas questões a que a sciencia não deu ainda, nem dará jamais resposta, formulam-se no cerebro do homem em consequencia de uma extravagancia de espirito comum á maior parte d'entre nós e hereditariamente resultante das crenças dos nossos antepassados. Podem ser comparadas a essas outras que fazem aos paes certas crianças dotadas de uma curiosidade excessiva; semelhantes questões não teem resposta, e o mesmo se dá com as que formulamos, por exemplo, com relação ás *nossas origens*.

Quando nos falarem do *incognoscivel*, do *infinito*, e de outras expressões por demais caras aos dogmatistas, não curvemos a cabeça vencidos, nem consintamos que elles proclamem a *bancarrota da sciencia*. Ha, é certo, um *incognoscivel* para o homem, em consequencia mesmo da sua propria natureza e este *incognoscivel* compõe-se de tudo aquillo que no universo não tem ação sobre nós ou sobre os phenomenos que nos são accessíveis. Não podemos, evidentemente, conhecer aquillo que não age sobre nada do que conhecemos; mas, precisamente, aquillo que não age sobre nada do que conhecemos é-nos *completamente indifferente*, e é na verdade illogico attribuir a este *incognoscivel* a direcção do mundo.

Responder-me-ão talvez a isso como já o fez o meu amigo Le Goffic, na epistola dedicatória do seu volume de versos *A alma bretã*: «Mas não é já conhecer o *incognoscivel* o saber que elle existe?» E o poeta parte desta *boutade* para reclamar o direito de vida para o sonho e para o misticismo. Não ha duvida alguma que, se toda a gente se contentasse em procurar apenas nos velhos mitos assuntos de obras de arte, não seria grande o mal a lamentar; os poetas sempre

(*) O presente artigo constitue o prefácio do magnifico livro, recentemente publicado, do sabio professor de Embriologia da Sorbona, intitulado: «Les Limites du Connaisable».

tiveram uma predileção especial pelas palavras graciosas. Os filósofos, porém, é que não as podem aceitar—apesar de nem sempre lhes ser possível evita-las e o bispo de Belley ainda ha pouco dizia, numa pastoral, que as criancinhas das escolas religiosas são neste ponto mais instruidas do que os mais illustres filósofos, porque, pelo menos, tem resposta para tudo.

Todavia, mesmo sob este ponto de vista meramente artistico, não posso com segurança afirmar que o culto do mito não seja algum tanto perigoso. Não será talvez de uma grande utilidade consentir na propagação da idéa de que o bello reside principalmente na ficção, fóra dos limites da verdade. Isto, no entanto, é ainda na nossa epoca um axioma para um grande numero dos nossos contemporaneos e não será difficil encontrar para semelhante criterio, que nada mais traduz do que um apêgo sentimental ás tradições religiosas, uma causa biologica.

Com effeito, a parte do nosso mecanismo na qual reside aquillo a que chamamos a nossa consciencia moral, o nosso sentido do bem e do mal, do bello e do feio, adquirimo-la hereditariamente de milhares de gerações mysticas e ignorantes, e não será em alguns annos que essa herança se transformará.

Os caratêres das especies são lentamente adquiridos e é lentamente que variam tambem, e não devemos esquecer que, durante um grande numero de seculos, as crenças contra as quaes se insurge hoje a nossa logica soberanamente reinaram sobre os nossos antepassados. E' por esta razão que entre muitos dos nossos contemporaneos se manifesta um conflito evidente entre a hereditariedade mystica e o resultado da educação positiva, conflito por vezes demasiadamente doloroso. Receiam muitos o momento em que tal conflito não mais exista, porque acham que a vida sem misterio não valerá a pena de ser vivida. E' esse um receio que a reflexão não justifica. Porque hoje encontramos um grande deleite no sonho, pomo-nos a raciocinar sobre os nossos descendentes como *se elles fossem nós*; de antemão os lamentamos por não fruirem mais as nossas alegrias, esquecendo-nos de que encontrarão outras da mesma ordem na contemplação da verdade, livres do sofrimento da duvida que tanto tortura aquelles de entre nós que se vêem solicitados por tendencias antagonicas.

A despeito do que pensa o professor Grasset, que quiz impôr limites á Biologia, nada pode interessar o homem a menos de agir sobre elle; tudo o que conhecemos é do dominio da Biologia, pelo menos pela maneira por que o conhecemos: *conhecemos*, com effeito, por meio dos nossos órgãos, e o funcionamento dos nossos órgãos é dos limites da Biologia. A unica coisa que, num phenomeno exterior, será suscetivel de nos preoccupar seriamente é a repercussão desse phenomeno sobre nós, e semelhante repercussão é essencialmente biologica.

FÉLIX LE DANTEC.



Em segredo

Ella suppõe ao ver-me assim maguado
Que eu viva por quere-la arrependido
Quando, em verdade, o seu feliz noivado
Novo amor, novo sol, me tem trazido.

Triste eu vivo, mas não por te-la amado,
Nem por ella o meu peito ter ferido,
Sim por sentir agora o meu peccado
Em ter o seu destino ao meu unido.

Dirão que a minha sorte é fado triste,
Que é sem razão que assim venho conta-lo
A'quelles que direito algum assiste

Mas ninguém sabe o modo porque calo,
Nem sabe a dôr que em mim por tal existe,
Que em segredo somente eu nisto falo.

FRANCISCO SERRA.

Aos seus mestres e ás suas escolas, mais do
que aos seus soldados e aos seus estadistas,
deve a Suissa a sua liberdade e prosperidade.

John Hitz.

Um povo instruido procura a liberdade, e
um povo ignorante o despotismo.

Howkins.

Dois mortos

Ei-la ! pallida, muda, inanimada,
como a florinha candida e mimosa,
que—da aurora ainda na orvalhada—
pendeu da haste, bella e languorosa.

Da vida ei-la morta na alvcrada,
quando a existencia é divinal, radiosa,
quando o amor—a perola dourada
do pélago da vida—é um céu de rosa...

Ei-la... morreu... —O séquito caminha
silencioso e triste... Tal a minha
alma a contempla no feral caixão.

Meu Deus ! quanto é profunda esta amargura !
... Desce o corpo de Laura á sepultura,
e com elle *alguem* mais:—meu coração !

ALFREDO ASSIZ.



A Revista do Norte, 2º ANNO N. 2

O Beijo

A REVISTA DO NORTE



ANNO V

NUM. 2

Outubro de 1905



O mez

Está em festas o sr. Braulino Silva.

Parece-nos que vemos desde já os nossos leitores, ao ler essa estarecente nova, arregalarem os olhos de espanto. Ora, já o dizia o maduro do Aristoteles, o espanto é o começo da sciencia: quem se espanta é porque quer compreender e explicar.

Nada mais natural, portanto, do que as perguntas que mentalmente se farão os que nos lêem: Quem é o sr. Braulino Silva? Porque é que elle está em festas? Em que consistem essas festas?

Como o nosso dever de cronista é exactamente esse: informar os nossos leitores sobre aquillo que elles ignoram — vamos tentar, na medida dos nossos apoucados conhecimentos do caso, pôr em pratos limpos toda essa embrulhada.

Ao primeiro quesito respondemos: o sr. Braulino Silva é um mamífero, da ordem dos bimanos, descendente, como toda a gente, do *Pilecantropus alalus*, de Haeckel. Até aqui temos toda a certeza do que afirmamos: se, porém, da classificação zoologica do sr. Braulino, quizermos

descer ás particularidades tipicas da sua individualidade, aos signaes distinctivos que o diferenciam dos outros heteropodos da sua ordem, somos forçados desde o começo a confessar a nossa incapacidade absoluta nesse ponto, porque nunca vimos o sr. Braulino mais gordo. Podemos, no entanto, avançar que o sr. Braulino é negociante e que reside na villa do Rosario. A que ramo de negocio, porém, se dedica, eis ahi o que ignoramos; a unica coisa que nos é licito declarar é que o seu estabelecimento commercial tem uma fachada e um salão, como adiante se verá.

Ficam assim os nossos amáveis e curiosos leitores sabendo, tanto quanto é possível, dada a penuria das nossas fontes de informação, quem é o sr. Braulino Silva.

Passamos agora ao segundo quesito: Porque é que está em festas o sr. Braulino? Para responder satisfatoriamente a esse quesito, precisamos retroceder um pouco no tempo.

Como sabem todos, foi, ha perto de um anno, fundada nesta capital uma agremiação que tomou o designativo de *Club Patriótico Lauro Sodré*. Os promotores desse Club, sob a presidencia do poeta das *Missas Negras*, o sr. Ignacio de Carvalho, espalharam circulares pelo interior do Estado, pedindo a adesão dos patriotas revisionistas, visto como o Club, que no dizer desses mesmos promotores não tinha intuits políticos, desfraldava a bandeira da revisão constitucional, bandeira que, ao fazer desta, já ha de andar bem amarrota-da, tantas e tão diversas são as mãos por que tem passado. Muita gente filiou-se á novel associação e entre esses filiados, como tudo nos leva a crer, contava-se o sr. Braulino.

Correram os tempos e quando o Congresso Federal votou a amnistia dos implicados no movimento de 14 de Novembro ultimo, o Club, como era natural, realisou grandes festas nesta capital em commemoração desse acontecimento. Os ade-



MINAS GERAES—Vista geral da cidade de Juiz de Fora

ptos do interior do Estado, telegraficamente, se incorporaram às manifestações de que era alvo o illustre senador fluminense. O sr. Brulino, porém, deixou-se ficar nas encolhas; não tugio nem mugio. Se algum entusiasmo sentio, extravasou-o no sagrado recesso de seu lar, pacata e intimamente, sem que o eco dessas expansões cá por fóra se espalhasse.

Agora, porém, quasi um mez depois do facto, surge com dois telegrammas, um endereçado ao simpático cantor dos *Fructos Selvagens*, e o outro ao Presidente do Club da Guarda Nacional, comunicando que se achava em festas, por causa da amnistia do sr. Lauro Sodré—por onde se verifica que o sr. Brulino tem as expansões dos seus jubilos patrióticos algum tanto tardias. Se queria festejar a amnistia, que a festejasse em tempo, quando todos os outros o fizeram; não era deixar passar o momento oportuno e agora, depois que os animos arrefeceram, que o entusiasmo serenou, surgir-nos com aquelles dois telegrammas, de que nos deu sciencia o «Diário do Maranhão», de 2 do corrente mez.

Respondido, pois, o segundo quesito: o sr. Brulino Silva está em festas em principios de Outubro porque o sr. Lauro Sodré foi amnistiado em principios de Setembro.

Quanto ao terceiro: Em que consistiam essas festas? melhor do que nós respondem os dois telegrammas abaixo, que com a devida venia passamos para as nossas columnas:

Rosario, 1º

Dr. Ignacio Carvalho, Presidente do Club Lauro Sodré
Homenagem patriota denodado republicano senador Lauro Sodré, fiz reforma completa no meu estabelecimento commercial denominando fachada e salão «Lauro Sodré»

ocupando centro do mesmo estabelecimento retrato respectivo.

Reina grande animação, festas, foguetes, embandeiramento e flores.

Assistiram familias e cavalheiros.

Viva Lauro Sodré!

Brulino Silva.

Rosario, 2

João Cantidio Ribeiro, Presidente Club Guarda Nacional Saudações. Estou em festas honra patrono defensor classe moldurado retrato dentro estabelecimento denominado fachada salão Lauro Sodré. Completa festa; assistiram grande numero familias, cavalheiros.

Viva Lauro Sodré!

Brulino Silva.

Eis ahi, pois, em que consistiram as festas do sr. Brulino: na reforma do seu estabelecimento e no baptismo da fachada e do salão com o nome do Senador Lauro Sodré. Não se sabe ao certo que salão vem a ser esse, nem tão pouco se o retrato inaugurado no estabelecimento foi o do sr. Lauro Sodré ou o do proprio estabelecimento. Mas isto é o menos, são defeitos de redacção em que muita gente boa anda todos os dias caindo.

Nós temos por habito acatar delicadamente as crenças alheias, sejam ellas de que ordem forem.

O sr. Brulino Silva entende do seu dever ficar em festas—está muito bem; julgou que o melhor meio de traduzir a sua veneração pelo senador fluminense era dar o seu nome á fachada de seu salão—ainda muito bem. Agora o que não podemos deixar passar sem protesto é aquella errada suposição em que labora de ser o sr. Lauro Sodré defensor da classe dos negociantes. Ao que nos conste, o honrado parlamentar brasileiro ainda não revelou até hoje predileção acen-

tuada para a defesa desta ou daquela classe social; parece-nos mesmo que se elle algum dia se resolver a trabalhar exclusivamente por uma em detrimento das outras, não será a dos negociantes a preferida e sim essa outra a que elle pertence e á qual tanto brilho tem dado: a dos militares. Se o sr. Brulino pensa que poderá reputar melhor as suas mercadorias e vendê-las mais caro aos rosarienses, porque se acha sob a égide protetora do sr. Lauro Sodré, engana-se redondamente. E nós, desde já, em alto e bom som desmascaramos semelhante engano, a bem das nossas bolsas, antes que a moda pegue por cá. O sr. Lauro Sodré não é defensor dos negociantes, assim como não o é, nem dos agricultores, nem dos criadores, nem dos bachareis, nem dos medicos, nem dos engenheiros, nem de ninguém. Trabalha pela realisação pratica das suas idéas politicas geraes e nesse ponto exerce um direito que ninguém lhe pode contestar. Fique de uma vez por todas sabendo disto o sr. Brulino e todos os outros que pela sua cartilha queiram ler. Quem se servir do nome do representante fluminense para por melhor preço ceder as suas mercadorias ou o seu trabalho, está cometendo um abuso contra o qual com toda a indignação protestamos.

JAYME DE AVELAR.

A Demotica



E' interessante vêr como os mythos hellenicos, como o de Psyche e de Persephone, de Charonte e outros, se transformaram em contos populares, ou se generalisaram nos Exemplos dos pregadores. E' este espirito de continuidade o que melhor pôde educar a imaginação das crianças, fazendo-as sentir a sua solidariedade com o passado e a seriedade da poesia.

Ao traçar a introdução do sexto anno da revista *A Tradição*, referimo-nos á parte constructiva a que se presta este material folk-lórico: «Pelas investigações provinciaes poder-se-ia chegar a reconstruir a tradição lusitana, pelo Minho, completando pelas tradições populares da Galliza e das Asturias essa unidade ethnica, quebrada sob a conquista e administração romana; pelo Douro e Beira, em relação com a Extremadura hespanhola; e pelo Alemtejo e Algarve, separados da Andaluzia, recompondo esse mundo ethnico da Lusitania, a dos antigos, como chamava Strabão ao grande trato geographico que constituiu a Hespanha occidental, contraposta á iberica ou oriental.

Em Hespanha, sob o valente impulso do desditoso Machado y Alvarez, formaram-se numerosas Sociedades Folk-lóricas nas diferentes regiões ou provincias, chegando algumas dellas a publicar magnificas revistas e uma serie de vo-

lumes especiaes. Todo esse movimento entusiastico ficou interrompido pelo fallecimento de quem o vivificava; mas o que veio á luz já se não perde diante da necessidade dos processos comparativos, em que começa a elaboração scientifica.

Todas estas apparentes curiosidades constituem os dados de uma sciencia nova, em que, como revelação das collectividades humanas, e penetrando esse espirito da multidão anonyma ou do Povo (*Volkgeist*) os seus conhecimentos transmittidos pelo empirismo inconsciente (*Folk-Lore*), são estudados os Costumes, os Cantos, as Danças, as Narrativas tradicionaes, as Lendas, Superstições, Industrias locais, Usos domesticos, Crenças religiosas, Linguagem, Mythologia, Arte, Paremiologia, Escripta, Ceremonias sociaes e cultuaes, Profissões, Jogos e Psychologia infantil. Todo este vasto campo de phenomenos, alguns dos quaes se acham systematisados em sciencias sociaes, carece de ser subordinado a um ponto de vista nitido, de que a designação de Folk-Lore nos não dá a noção.

O homem em collectividade tem um outro relevo psychologico; e essa collectividade, na sua forma social, nacional e historica, apresenta caracteres extraordinarios, de uma singular potencia criadora. Mesmo as sociedades existem por meio de criações anonymas, como se vê na formação das Linguas, e no consenso da Moral e da Nacionalidade. Tomando a palavra *Demos*, que exprime essa collectividade, já empregada para designar a independencia popular no regimen da *Democracia*, e mesmo designar os caracteres *demoticos*, da escripta popular contraposta aos hieroglyphicos, presta-se este radical a denominar de uma forma expressiva essa nova Sciencia, que tanto carece de Systematisação. DEMOTICA chamariamos á sciencia que integra as seguintes sciencias especiaes:

A *Ethnologia*: comprehendendo os *Costumes* ou as persistencias; as *Tradições* ou as sobrevivencias, e a *Moda* ou as imitações e as recorrenças. Além destes grupos de phenomenos existem outros, de natureza involuntaria e inconsciente, como a *Natalidade*, a *Mortalidade*, a *Criminalidade*, que se agrupam sob o nome de *Demographia*.

A *Demopsychologia*: comprehendendo todas as manifestações emocionaes e mentaes, que representam o mundo exterior e estados de consciencia: taes são os *Mythos*, a *Hierologia* fetichista, polytheica e monotheica a *Paremiologia*, a *Linguagem* figurada, os *Symbolos*, os *Actos allegoricos*, a *Novellistica*, *Adivinhas* e *Jogos*.

A *Ethologia* ou determinação dos caracteres nacionaes: os Cantos populares, nas tres formas lyrica, narrativa e bailada, como rudimentos das formas do Lyrismo, da Epopeia e do Drama nas Literaturas nacionaes. E' este o processo generativo para comprehender a origem das formas da Arte e o seu espirito nacional.

Para a constituição da DEMOTICA trabalharam grandes espiritos, como Grimm, Koeller, Benfey, Tylor, Edwards, Spencer, Quetelet, La-



PARA'—Fábrica de cerveja Paraense (Phot. do
amador R. Guimarães)

zarus, Steinthal, Welcher, Max Muller, Swartz, Raiston, Liebrecht, Lubbock, e tantos outros, que vão rasgando novo horizonte, que nos aproximam da posse do mundo moral pelo conhecimento do problema da consciencia humana, no accordo da subjectividade com a objectividade. Raros são os espiritos que podem alar-se á altura d'esses homens de sciencia; mas todas as intelligencias sinceras, que sabem observar em volta do seu meio, podem contribuir para a construção desta historia latente da Humanidade, implicita nas formas complexissimas da sua Tradição.

THEOPHILO BRAGA.

Num cartão postal

Por centenas de alfarrabios
E de sistemas—andeí...
Li philosophos e sabios,
Em tudo, attento, escrutei...

Mergulhador destemido,
Corri os fundos do mar,
Com o pensamento incendiado,
Com a alma toda no olhar...

Cheio de febre, sedento
De alçar-me aos cimos da luz,
Fui até ao firmamento,
A ler nos astros azues...

E desde o póllen das flores
Aos fósseis atlantosaurios;
Da vida dos sonhadores
A vida escura dos saurios;

Arrastei a ancia alchimista,
A aspiração incontida
De alcandorar-me á conquista
Do *Porque* da minha vida!

Mas, pobre Philosophia!
Fracá e misera Rasão!
Fiquei por fim de alma fria,
No vacuo, sem um clarão!

Tombei do páramo augusto
Das minhas crenças em flor,
Para um leito de Procusto,
Para os assombros da dor!

Um dia, entanto, surgiste...
Trazias toda a verdade
No olhar esplendido e triste,
Na divina mocidade!

E tanto amor em teus olhos
Desde esse instante bebi,
Que, se a vida tinha abrolhos,
Eu nunca mais os senti.

ALFREDO ASSIZ.

A falta de observação



A falta de observação é sensível nos povos sul-americanos, principalmente nos individuos das classes dirigentes. Essa falta de observação constitue, mesmo, o segundo traço dominante do seu caracter. Esses homens, que se deviam reportar ás necessidades reais da Nação, nellas inspirar-se, vivem fóra dos factos, não sabem vê-los; o mundo actual, ambiente, não tem significação para elles; fazem toda a sua obra com o cabedal

livresco. Em vão se procurará nos seus discursos, programmas, pareceres, proclamações, a expressão dos problemas effectivos do momento, e as suas soluções possíveis. Discutem sobre os casos que se apresentam na vida corrente da nacionalidade, com as teorias geraes dos livros estrangeiros, ou com os chavões e aphorismos consagrados por esse senso commum, vão e antiquado, vindo de eras defuntas, inspirado em



MARANHÃO — NO CUTIM (arredores da capital) *Phot. -amador Cappello Cappelli*

causas estranhas. Raciocinam a grandes alturas, vêem systemas e perdem de vista as condições em que os factos se passam. Nos momentos de crise agitam-se, porque toda a gente se sente mal e reconhece que ha necessidades a attender, vícios a corrigir, costumes a modificar; mas essas necessidades, a menos que não sejam evidentes por natureza, não saem de um vago e indefinido mal-estar—a sensação do organismo enfermo, incapaz de atinar com o seu mal. Os problemas não se precisam—generalidades, modelos de soluções, ora abstractos, ora eruditos. Muitas vezes tomam como causa o que é um mero symptoma, a par de muitos outros; tal succede, por exemplo, quando imputam as dificuldades economico-financeiras à instabilidade do cambio, depreciação do papel moeda, circulação fiduciária, etc. Desta forma, é natural que a agitação e o mal-estar se perpetuem; a confusão é permanente, e dentro della esses homens continuam a guiar-se por formulas vãs, e a propôr soluções livrescas, que não resolvem nada, ergotando sobre subtilidades, incertos nesse psytacismo intellectual e politico, ou no vago de um pensamento alheio, no cerebro dos outros. Mesmo para uma solução que seja praticamente definida e clara, impondo-se por si mesma, elles, ainda quando a adoptam, não ficam tranquilos se não a vêem consagrada nos livros. E' por esta razão que se contentam todos com as soluções escriptas. Uma necessidade social, qualquer que ella seja, está resolvida no momento em que um decreto escripto vem promulgado. Desde esse momento, ella desapareceu, não se trata mais disto. Havia a escravidão, mas reconheciam todos que, sobre ser uma injustiça ignobil, a permanencia dessa instituição era tambem um obstaculo ao progresso economico do paiz, e que nesta hora não pôde haver prosperidade com o trabalho escravo. «E' preciso que o trabalho seja livre»; e era isto unicamente que todos pediam, absolutamente certos de que fôra bastante dizer em lei que o trabalho é livre, para que se estabelecesse o regimen de um trabalho effectivamente livre. Ninguém se deteve a examinar o caso e procurar os meios efficazes de se fazer a transformação na producção. Não viam, sequer, que o trabalho livre deve ser intelligente e aperfeiçoado, e que era mister, antes de mais nada, educar o trabalhador, instrui-lo, levar o productor a melhorar os seus processos, meio unico de compensar a barateza do trabalho escravo que se perdia. Disto não se cogitou. Decretou-se a libertação, e foram-se todos, considerando a reforma como acabada; e, se alguém ainda se occupou do caso,—foi para pedir ou propôr que se importassem braços baratos, que pudessem substituir os antigos escravos, nada se alterando nos costumes e nos processos: chinezes ou italianos, que viessem occupar as antigas senzalas—um salario baixo, equivalente à alimentação e ao juro do preço do negro... tudo mais como d'antes. Quanto a essa população das classes inferiores, antigos escravos, nacionaes proletarios—quanto a estes: que sejam obrigados por lei a trabalhar; pedem-se leis sobre a vagabunda-

gem, lei de locação de serviços, na convicção de que, no momento em que alguns decretos, substanciosos de artigos e paragraphos, vierem publicados, todos esses homens se tornarão logo activos, adorando o trabalho, e dispostos a dar o seu labor ao fazendeiro ocioso e bruto, por um salario miseravel. O essencial era garantir o fazendeiro, tal, qual elle é, criando embora difficuldades no futuro. E o fazendeiro, que viveu sempre parasita, já não quer sómente braços baratos; reclama tambem quotas directas, em especie—auxílios á lavoura, compensação aos lucros cessantes... Hontem parasita do escravo, hoje parasita do Estado—é-lhe indifferente, certamente, quem o tenha de manter, comtanto que não haja de alterar o viver. E os auxílios veem; mas nem elle se sacia, nem melhoram as condições da lavoura, convertida hoje em verdadeiro pauperismo, cuja miseria augmenta na proporção das esmolas e auxílios que recebe.

Isto é assim para as outras classes, em todos os outros misteres—nas sciencias, letras, industria... Quando saem da rotina irracional, caem nas applicações eruditas. Certo, existem na America do Sul muitos homens illustrados—pela livraria, muitos espiritos curtidados de leitura; mas sciencia de verdade, que é a sciencia baseada na observação, essa não existe. Assim se explica porque se conhece tudo—do céu e da terra—menos o meio e a natureza dentro da qual vivem todos. O pouco que se sabe é de torna-viajem, aprendido nos livros; as observações e experiencias são geralmente a copia servil de outras, hauridas nos livros; são «pastiches». Podem ser contados, tão raros elles são, os livros americanos sobre cousas americanas.

Os americanos do sul não se conhecem uns aos outros, como não conhecem os proprios compatriotas. E' noção que ainda não entrou no animo das gentes letradas deste continente—que é possível aprender fóra dos livros. Para esta classe, como para todo o mundo, aqui, a sciencia reduz-se á leitura; as competencias medem-se pelas bibliothecas, traduzem-se por discursos, e affirmam-se pela erudição. E como nenhuma cultura se faz pela observação das cousas, e como nenhuma producção intellectual se liberta da influencia indirecta dos livros, não existe nenhuma originalidade, porque esta só existe para quem sabe inspirar-se na natureza, onde a novidade é constante. Não ha espirito scientifico, nem pôde haver; a leitura só dá instrucção, isto é, serve, apenas, para pôr o individuo ao nivel da corrente intellectual da sua época; mas, em realidade, ella não educa a intelligencia, porque não desenvolve o espirito de observação, não methodisa a elaboração mental, nem estimula a originalidade. Em resumo: a leitura é indispensavel, mas não é o bastante.

São verdades corriqueiras estas, mas de que ninguém está convencido; e aquelles mesmos que as admittem procedem como se as desconhecessem. Por toda a parte, a vertigem ôca, inutil e vã, a retorica, ora technica, ora pomposa,



MARANHÃO—Companhia de Bombeiros—Exercício no pátio interno

a erudição miope, o aparato de sabedoria, uma algaravia affectada e ridícula, resumem toda a elaboração intellectual. O verbocinante é o sabio. As generalisações sem base—transcrição literal dos systemas e abstracções filosoficas, substituiram a observação. Vem d'ahi esta mania de citação, tão generalizada nas locubrações dos letrados sul-americanos; quem mais cita mais sabe, um discursador é um homem apto para tudo. Aceitam-se e proclamam-se os mais altos representantes da intellectualidade: os retóricos inveterados, cuja palavra abundante e preciosa se impõe como signal de genio, embora não se encontrem nos seus longos discursos e muitos volumes nem uma idéa original, nem uma só observação propria. E disto ninguém se escandalisa; o escandalo viria se houvesse originalidade. (*)

As produções intellectuaes—poemas, codigos, discursos, tratados ou leis são todas egual-

mente incaracterisados. Os Codigos e Constituições não são simplesmente estatutos geraes: são compilações quasi abstractas, indifferentes, estranhas ao meio onde se applicam. O Codigo A ou o Codigo B—são tão pouco inspirados nas necessidades reaes do paiz, que funcionam no Brazil, ou no Perú, como funcionariam na Suecia, ou em Massachussets—questão de nomes proprios. As constituições applicam-se ás sociedades como taboetas nos armazens; trocar-se-iam e ninguém daria pela cousa; fazem-se sobre os livros, fechados os politicos ao mundo ambiente.

Olhemos para as nossas. A primeira, a do imperio, era a constituição de toda a parte: constituição de monarchia constitucional, comprada em bazar de roupas feitas—mangas, bolsos, gola, Benthian, equilibrio dos poderes, regimen representativo; vestida ao Brazil, como teria sido vestida á Espanha, á Italia, ou mesmo ao Japão. Na pratica, foi a continuação do regimen colonial, sem metropole, isto é, com a metropole de d. João VI.—filhos e netos, no Rio de Janeiro, ornada com um parlamento. Mal satisfeitos os povos, fez-se a propaganda republicana e como todos sentissem esta impressão: de que um dos males essenciaes do paiz era a falta de autonomia de cada região (num tão vasto territorio) para prover as suas necessidades proprias; como sentissem que esse exagero de centralisação administrativa era apenas, e precisamente, uma sobrevivencia do Estado colonial, perpetuado na

(*) No Brazil um dos homens geniaes, jurisconsulto de profissão, é chamado, «por ser o mais apto», a dizer sobre o projecto de «Codigo Civil», e, em toda a obra, o que elle vê é imperfeição de forma, falhas de syntaxe. Só o desarranjo das palavras e orações o impressiona: «...as cacofonias, os hiatos, os ecos, as collisões...»; escreveu 200 paginas *in-quarto*, para ciscar, uma por uma, todas essas asperezas e malsonancias, alongando-se sobre todas as subtilidades da grammatica: eliminem-se os «são sujeitos... declarações sobre... caução só... só sobre... averiguar qual... completos termina... locador dar... por culpa a parte...»; não haja *cc* depois de *ss*, nem *qq* depois de *gg*, nem *ll* depois de *dd* encadeiados, e o codigo será uma perfeita maravilha.



PHAELANTE DA CAMARA

(Da Academia de Letras, de Pernambuco. Poeta e jornalista.—Autor do *Duelo e Infanticidio*).

monarchia—como sentissem essas cousas, se bem que vagamente, fez-se a propaganda federalista, ou, melhor, a propaganda anti-colonizadora... Veiu a Republica, e, quando a proclamaram, já foi—a *Republica federativa dos Estados Unidos do Brazil*. Aboliu-se a centralisação, adoptou-se o federalismo, pediu-se uma constituição... Uma constituição, para o Brazil não centralizado?... Está achada: abre-se a constituição dos Estados Unidos da America do Norte, e a constituição da Suissa, e algumas paginas da constituição argentina; corta d'aqui, tira d'ahi, copia d'acolá, cosem-se disposições de uma e de outra, alteram-se alguns epithetos, pregam-se os nomes proprios, tempera-se o todo com um molho positivisticde, e temos uma constituição para a Republica do Brazil—federativa e presidencial, constituição na qual só não entrou a historia, as necessidades do Brazil. Ella está cheia de disposições tendentes a respeitar preconceitos e susceptibilidades que não existiam, legislando para uma heterogeneidade, de povos e de tradições, desconhecida na historia do paiz.

Em compensação, nada existe no sentido de encaminhar a Nação a normalisar a divisão das conscripções territoriaes, distribuindo-as em zonas e regiões naturaes, de interesses unificados, e protegendo os povos, de modo a poder attender ás suas necessidades proprias. Nada existe que garanta a conservação d'esses laços de solidariedade e de sentimento, essa homogeneidade de idéas já existente, e que será sempre uma grande vantagem social para o Brazil, e para a humanidade em geral: a comunidade de sentimento e de linguagem, a amizade desinteressada de populações occupando 1/16 de todas as terras do planeta, são circumstancias que não devem ser esquecidas. Dois individuos que se não comprehendem estão mais perto de fraternisar e progredir, principalmente se a raça, a educação e os gostos Moraes se approximam tambem.

Entrou em pratica a nova constituição, e do

federalismo saíram estas series de governiculos caricatos, desmoralizados uns, retrogradados outros, tyrannicos e iniquos quasi todos, estonteados, sem saber bem que fazer dessa autonomia já excessiva, já incompleta... E, desorientados, sem pensamento definido, mal dão idéa de uma Nação solidaria. Para o presidencialismo, a acclimação foi mais facil: é o *regimen do Presidente*—este acolhe aquelle; aquelle escolhe aquelle outro; a constituição é respeitada, uma vez que, no fim dos quatro annos, o antigo se vae embora, e dá o lugar ao successor, por elle nomeado.

E, por ser o regimen do Presidente, este determina quaes os deputados e senadores que devem ter assento no Congresso: os que foram designados pelos respectivos governadores dos Estados—adaptação feliz do presidencialismo á federação...

MANUEL BOMFIM.

Um grupo

A Alfredo Muniz

Um alegre casal de passarinhos
Num dos ultimos dias, creio, quando
O inverno lhe roubou a paz e os ninhos,
Veio bater-me á porta, azas rullando.

Dei ao casal faminto de carinhos,
Como um tenor de trovas, emigrando,
A companhia dos meus tres filhinhos
E o calor da lareira espiralando.

No batente da vida, em plena arfagem,
As aves e as creanças—um thesouro—
Vivem na mais leal camaradagem.

Possa crescer, da aurora ás cantilenas,
Dentro de um ninho só, de jaspe e ouro,
Esse grupo gentil de aureas phalenas.

PHAELANTE DA CAMARA.

A morte de Gonçalves Dias

Illustre confrade sr. Antonio Lobo



Permitta-me procura-lo sem apresentação: não só a camaradagem litteraria me autorisaria a isso, como a natureza do assumpto desta é de feição a dispensar essa formalidade.

Venho falar-lhe de um quadro que está sendo pintado nesta capital pelo talentoso artista e meu bom amigo Eduardo Sá. O assumpto é a morte de Gonçalves Dias. A tela não representa o episodio verídico do sinistro, o que seria banal, mas idea-

lisa-o com poesia e grandeza de concepção.

Sobre um madeiro solto do *Ville de Boulogne* estende-se o corpo do poeta; uma grande e formosa vaga se arqueia sobre elle, na imminência da rebentação, lembrando uma fauce de fera aberta para tragar a presa; á cabeceira do poeta, de pé sobre o madeiro, um tymbira de rosto grave, fita-o e, de braço estendido, apresenta as suas obras á posteridade; da mão inerte do poeta caem folhas de papel na voragem do oceano—allusão aos seus escriptos que se perderam; gaiolas esvoaçam em torno, e ao longe, num fundo de lindo céu violaceo, vêem-se vagamente as costas do Maranhão.

Tal é, através da minha chôcha prosa, a grande e soberba tela de Eduardo Sá. O artista pintou-a por dar corpo á sua inspiração, sem nenhum proposito definido; eu, porém, convidei para vê-la o senador Benedicto Leite e o deputado D. de Abranches, que tiveram a mais feliz impressão. E assim é bem possível que a tela vá adornar o palacio do governador do Maranhão, predio que está sendo reparado actualmente.

Sabendo que isto não pode deixar de interessar á sua terra em geral e aos intellectuaes maranhenses em particular, mando-lhe esta boa noticia, que poderá communicar á imprensa, se assim o entender.

A' rua do Cattete, 120, aguarda as suas ordens o

confrade e admirador

ANTONIO SALLES.



Quando se propalou que Plinio Varella fôra encontrado em pleno dia estendido no meio da rua, sem pinta de sangue no rosto, macilento, sujo de lama, immundo como o mais vil dos bebedos, houve uma exclamação geral e dolorosa:—Coitado!

A principio ninguém quiz tomar a serio tão contristadora nova, e toda a gente procurou justificar a sua incredulidade, affirmando, convicta, que Plinio procedera sempre correctamente, irreprehensivelmente, com a maxima prudencia: que era um bello rapaz, serio e ajuizado, incapaz de semelhante deshonra: que nunca o tinham visto beber sequer um gole de bordeaux ao jantar, quanto mais a ponto de andar caindo escandalosamente nas ruas de uma cidade—elle, um filho-familia nobre, elle, um fidalgo!

Calumnias... Inventaram-se logo mil historias, cada qual mais extravagante, para justificar o facto, caso fosse verdadeiro...

Se Plinio fosse um simples burguez, um maltrapilho, um miseravel—nada mais natural; mas Plinio era filho do sr. visconde, e, portanto, o caso mudara inteiramente de figura, offerecendo-se aos olhos da bisbilhotice humana sob um aspecto novo e phenomenal.

Segredava-se que o joven perdera no jogo quasi toda a fortuna, empenhando até joias da familia, commendas e brazões...

A maior parte das conjecturas versavam sobre assumptos amorosos.

Na rua, nos cafés, nas tavernas, em toda a parte se commentavam os actos desregrados de Plinio Varella.—Ninguém o via agora que não fosse delirante de embriaguez, de copo em punho, e valente, desfeiteando a uns, insultando e desrespeitando a outros, como um louco, no auge de uma superexcitação ridicula e teimosa.

Desgostos! Tédio da riqueza! Vicio hereditario...

A verdade é esta: Plinio amava de longa data uma Carolina Mendes, mulher tão opulenta de carnes como pobre de dinheiro, que elle arrebatará da miseria para collocar ao lado das mais luxuosas cortezas do Rio. Graças a elle (felicidade inaudita!) Carolina ostentava diademas de brilhantes, braceletes carissimos, ricos vestidos sumptuosos e carruagem de assentos estufados e bellissimos, um esplendido palacete em Botafogo.

Foi assim que uma simples e anonyma costureira se tornou rica e desejada.

—Ahi tens tudo quanto precisas, filha, dizia-lhe Plinio: eu só desejo, eu só ambiciono o teu amor, o teu amor absoluto, incondicional!

Ella jurara não o deixar nunca, viver exclusivamente para elle.

Um dia, porem, ao entrar em casa de Carolina, Plinio notou que ella não fôra recebe-lo á entrada, como era costume.—Oh!... nunca lhe acontecera aquillo!

Bateu palmas. Nenhuma voz. Nenhum criado!... Todavia a casa estava aberta...

Plinio empallideceu, e, cobrando animo, galgou sem folego, duma assentada, o ultimo degrau superior da escadaria e logo investiu para os aposentos da sua amante.

—Carolina! chamou o fidalgo.

Mas ninguém respondeu. Ria-se para elle a careta de um clown p'cusado sobre a meza, em bronze.

—Carolina! repetiu com a voz tremula.

O mesmo silencio de cathedral dezerta, o mesmo abandono glacial de sepultura aberta, a mesma desolação...

Imovel no meio do quarto, Plinio viu passar a sombra de um gato, cujos olhos luziam como duas tochas de fogo, debaixo da cama.

—Que diabo! murmurou. Dar-se-á o caso?..

Veiu-lhe á idéa um crime, alguma desgraça.

O aposento principal de Carolina conservava o mesmo aspecto de sempre, a mesma ordem, o mesmissimo arranjo dos moveis. Lá estava exactamente á cabeceira do leito, esbelta e graciosa,

a figura mythologica de Venus surgindo das espumas, nua, cabellos soltos, tumidas as pommas cor de leite... Venus sorria deliciosamente na rica tela de Bonhomme.

Sobre uma pequenina e artistica mesa de ebano, trabalhada a labores, um magnifico relógio de marmore indicava—XII.

Plinio aproximou o ouvido: estava parado.

Apprehensões sinistras tomaram de assalto o joven fidalgo.

—E esta! exclamou, cruzando os braços, estatelado. Vêem-se coisas!...

Depois, com o passo incerto, a respiração curta, e o olhar humido, percorreu toda a casa escrupulosamente, desde a grande sala da frente, onde os passos morriam na rica tapeçaria de felpa, até aos fundos, e, como fulminado por um raio, foi cair, pallido de colera, roído de ciúmes, soluçando de amor, naquella mesma leito coberto de renda e escomilha, perfumado a sandalo, com espelhos de cristal, que fôra tantas vezes seu ninho de felicidade, agora transformado, ó escarneo! em leito de amargura!

Soluçou como um desesperado, no triste silencio da alcova, e para não chorar como uma criança todo o resto da noite, ergueu-se com um salto, precipitando-se portas fôra, possesso...

Ria o clown de bronze e ria a Venus de Bonhomme...

No dia seguinte foi encontrado o pobre fidalgo no meio da rua, sem pinta de sangue no rosto, sujo de lama, immundo, como o mais vil dos bebedos.

Gente parava e repetia:

—Coitado!...

(Dos *Pequenos Contos*,
livro inédito).

ADOLPHO CAMINHA.



As doenças artificiaes

Muitos dos nossos males são devidos á propria força da civilização. Assim é que a tuberculose parece ser um produto do *surmenage* num ar confinado; a paralisia geral do cerebro é um outro efeito da fadiga sobre um terreno frequentemente inficionado pela sífilis. Debaixo d'este ponto de vista, poderiam, pois, essas duas molestias ser consideradas artificiaes, isto é, molestias que não representam um acidente duma atividade natural.

Ainda mais definidamente artificiaes são as molestias do trabalho, como as nevroses dos ossos que atacam os fabricantes de fosforos e a agô saturnina que tanto flagela os pintores.

Mas não é destas afeções que eu me quero hoje occupar. O assunto deste ligeiro artigo veem a ser exactamente as molestias produzidas directamente pelo homem que as fabrica com os seus proprios recursos, tira-as do seu cerebro e dos seus nervos, sem nenhum auxilio material exterior. São essas que evidentemente constituem um produto artificial, porque a vontade que, á primeira vista, parece não haver tomado parte na sua criação, pode expulsa-las por um simples esforço metódico da razão.

Dizia-me, ha pouco tempo, um alto funcionario da Instrução publica:—«Ha um problema que nos inquieta sobremodo, porque não se encabeça em nenhuma explicação racional—a neurastenia, que cada vez mais ataca os nossos professores. Por mais que simplifiquemos os programas e diminuamos as horas das aulas, o pessoal docente é cada vez mais dizimado por esta infernal doença, que os competentes attribuem ao *surmenage*».

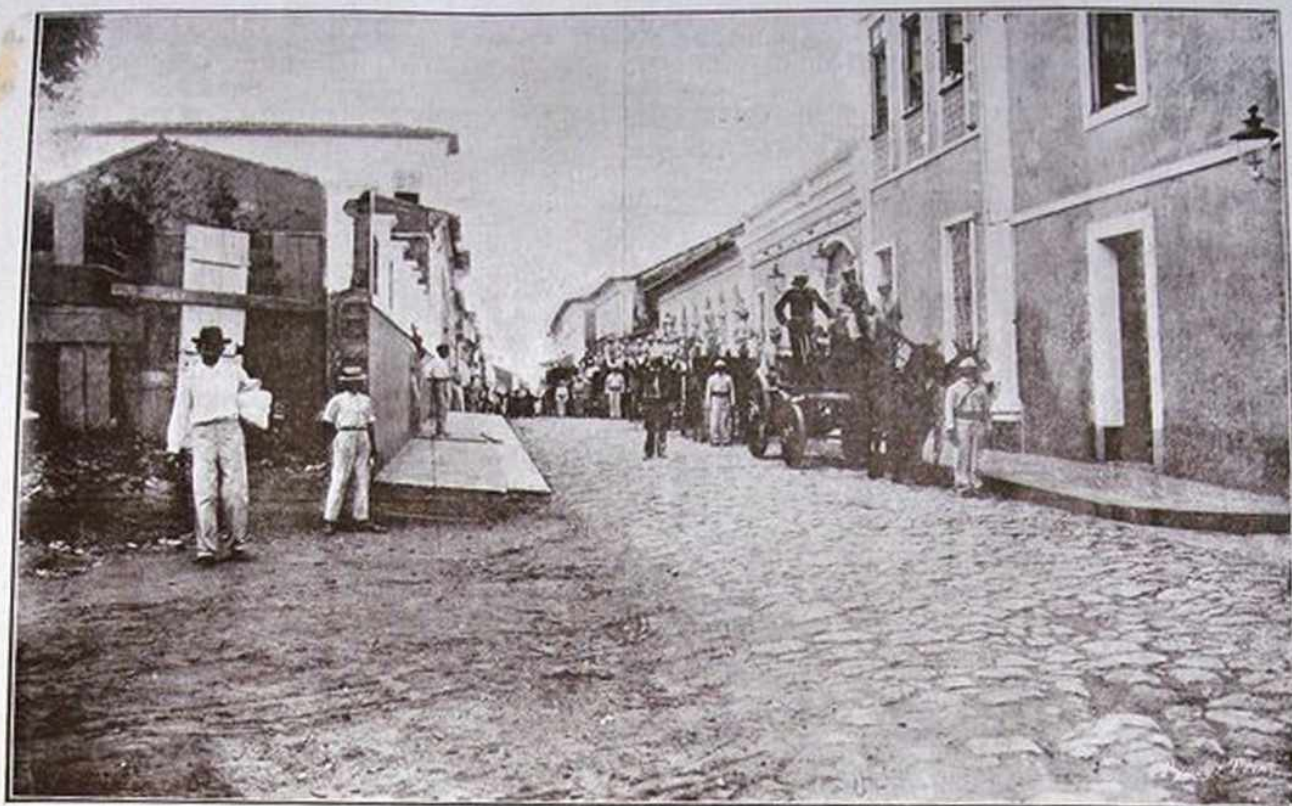
Teria toda a razão o meu interlocutor, se essas abundantes neurastenias fossem, com efeito, devidas a um excesso de trabalho; mas, o certo é que nada disto se dá e a causa de semelhante mal deve antes ser baseada no simples jogo das imaginações.

O homem sempre experimentou no curso da sua atividade laboriosa e mesmo na vida a mais ociosa—em consequencia do jogo fisiologico dos seus órgãos—sensações mais ou menos dolorosas em varias partes do corpo, cansaços, anciedades, hesitações, etc.

A todo o mundo tem já decerto acontecido sentir-se bruscamente empolgado por picadas vivas na cabeça, na região do fígado, numa articulação. Por vezes a dor impede os movimentos da respiração e a dilatação plena do torax; noutras ocasiões é no coração que se sente uma impressão de punção, de ardor. O individuo em estado de equilibrio jamais se preocupou com semelhantes indisposições, porque sabe, por experiencia, que ellas se dissiparão com a mesma facilidade com que se manifestaram.

Mas, se acontece voltarem essas sensações com uma frequencia mais acentuada e se o individuo que as sente começa a prestar-lhes atenção e se conhece ao mesmo tempo, mais ou menos vagamente, certas molestias, cujos sintomas tem alguma analogia com o que elle sente, então começa para elle o perigo de criar uma afeção real. E o medico, por vezes, inconscientemente o ajudará nesse trabalho.

Ora, acontece que, nestes ultimos tempos, alguns *surmenés* verdadeiros tem experimentado um conjunto de perturbações nervosas tenazes e em relação com o depauperamento nervoso. Instalam-se no paciente uma sensação de fadiga excessiva e continua, uma inaptidão absoluta para o trabalho, a insônia, uma viva irritabilidade dos sentidos. Os medicos que observaram



MARANHÃO—Companhia de Bombeiros.—A entrada dos carros

essas perturbações para logo as reuniram em elementos de uma enfermidade definida, dando a cada uma dellas uma denominação precisa. E eis ali como nasceu a neurastenia.

Neste momento, a construção recebeu o remate; a imagem e as palavras da nova molestia fluuam em todos os espiritos. Os mais impressionáveis vivem sempre a espiar as suas sensações. O incomodo cefalico transformou-se no *capacete* neurastenico, as pontadas tomam uma consistencia mais definida, quando são designadas pela expressão de *topoalgia*, as partes, que se irritam extraordinariamente a um simples toque, transformam-se em *zonas hysterogeneas*. Todas estas sensações, que se acham em relação direta com os mil incidentes vulgares da vida dos nossos órgãos,—movimentos mais acelerados da circulação, dinamia mais intensa da enervação, permutas quimicas mais ativas na intimidade dos tecidos—tudo isto se avoluma sob a influencia do nosso pensamento, que quer á força levar a ordem e a sistematização aos proprios fenomenos onde ellas menos cabimento teem. Reduz-se, porí-so, a neurastenia a uma molestia artificial, fabricada pelo raciocinio mais ou menos consciente do individuo que se diz por ella atacado. E como nesta materia docil a sensação é tudo, não são necessarios muitos dias para que, em alguns individuos, o quadro dos sintomas atinja a maior perfeição, e a imagem da doença se assemelhe aos exemplos dos

livros, mais ou menos desfigurados pela elaboração popular.

O que eu desejo deixar bem patente é que todas estas molestias, cujos sintomas mais claros são constituídos pelas sensações e por algumas reacções desordenadas, não passam, na maioria dos casos, de meras criações do nosso espirito.

Creio, em consequencia, que a propagação da neurastenia na Universidade é uma cultura toda artificial como a de certas variedades de orquídeas ou a de certos puro-sangue educados para as corridas. O terreno cerebral acha-se nella preparado pelo habito de aplicar a propria atenção ao trabalho do pensamento.

Em todas as epochas houve sempre epidemias de doenças nervosas egualmente artificiaes. Na meia-idade e até ao seculo XVIII, os processos de feitiçaria provocavam em certos individuos estados mentaes imitando os estigmas dos possessos levados aos tribunaes. Quando uma reígiosa, num convento, sentia o diabo penetrar-lhe no corpo, revelando a brutalidade dos seus contatos obscenos e as impulsões que communicava á laringe para proferir blasfemias, a molestia rapidamente se communicava a todas as suas companheiras, assim que as autoridades ecclesiasticas precisavam dos seus caracteres morbidos. Semelhantes perturbações desapareceram logo que a idéa da sua natureza começou a penetrar nos cerebros.

Nos nossos dias, teem-se observado epide-

mias de um outro carater, mas com uma extensão igual. Quando Charcot fez, na Salpêtrière, os seus retumbantes estudos sobre a histeria e o hipnotismo, por toda a parte se declarou um transbordamento de convulsões, de catalepsias, e de crises de automatismo. Os discipulos do celebre neurologista, pelos seus trabalhos scientificos, de que a imprensa avidamente se apoderava, auxiliados por taumaturgos de nova especie, que percorriam as cidades, dando com os seus *sujets* espetaculos de nevrose, difundiram o mal por toda a parte. Eo que em tudo isso houve de mais significativo foi a identidade das crises convulsivas desenvolvidas em Paris. Charcot fizera do ataque histerico uma descrição detalhada, baseada sobre as suas observações e onde as diferentes fases se encadeavam rigorosamente, revestindo cada uma carateres perfeitamente definidos. Na Salpêtrière as crises histericas começaram a manifestar a mais pura ortodoxia, que em mais parte alguma se encontrava, nem em Nancy, nem em Marselha.

Hoje a histeria de grande espetaculo serenou mais; e, á excepção de alguns serviços hospitalares, onde se continúa o seu estudo sistematico, as crises convulsivas quasi que desapareceram, e as formas que ainda se manifestam revelam nas executantes uma tal ou qual ignorancia das doutrinas classicas.

Uma outra molestia ha que tende cada vez mais a perder o seu aspeto dramático: é a morfina-mania. Até bem pouco tempo, o apetite da morfina achava-se muito espalhado, mergulhando o paciente num abismo de sofrimentos e de perturbações nervosas. O *état de besoin* que sobrevinha privava o doente do seu veneno habitual, despertava uma grande inquietação no medico, que temia uma crise fisiologica terrivel, onde a síncope era o elemento obrigatorio. Ora, está mais que verificado que, para impedir essa famosa crise, basta um ligeiro estratagemma, consistindo em deixar o doente ignorar o momento em que a morfina é realmente suprimida nas injeções que recebe.

As mais bellas flores artificiaes da patologia tomam a forma e a cor das obsessões e impulsões de carater imperativo. Muitos imitadores inconscientes traíram, num meio propicio e em seguida a meditações mal dirigidas, uma alma de invertido, aberta a todas as corruções do amor pelo seu proprio sexo. Outros experimentaram da mesma forma inclinações incoerciveis para o roubo. A vulgarisação de teorias medicas por demais confiantes, orientaram o vicio de muitos delinquentes. Um processo celebre de um perverso que, na rua, cortava os cabelos ás rapariguinhas, suscitou as façanhas de uma teoria de *cortadores de trança*.

Vê-se assim sob que formas variadas se manifestam as doenças artificiaes. Começam imitando perturbações nervosas que, em casos rarissimos, foram sinceras e espontaneas, condicionadas por certas razões profundas. Desenvolvem-se em seguida e começam então a existir realmente e, embora artificiaes, perturbam profun-

damente a vida dos pacientes que dellas são victimas.

Nesta materia a arte é tão forte como a natureza e, dentro em pouco, transforma-se na propria natureza. Os falsos neurasthenicos e as pseudo-histericas devem ser tratados com applicação e cuidado. E' o que busco pôr em pratica, não receando dizer aos meus doentes:—«Sofreis de perturbações que não tem nenhuma razão de ser organica, mas isto não impede que o vosso sofrimento seja real». Penso que o papel do medico, esclarecido pela psicologia, é destrinçar, nos casos onde exista uma repercussão nevropatica—isto é, na maioria das doenças—a parte de construção do proprio paciente e ataca-la resolutamente. A diferença entre estas doenças artificiaes e as outras consiste em que as primeiras podem ser varridas por um forte sopro de logica e, sobretudo, em que podem ser impedidas por uma educação conveniente.

Em resumo, nestes casos, como em muitos outros mais, a educação individual constitue o unico meio eficaz. O homem ordinario é uma materia por demais maleavel; não lhe será precisa muita disposição para tornar-se um neurasthenico ou um histerico. E, quando os medicos enveredarem por este criterio e semelhante verdade se implantar no espirito publico, essas doenças artificiaes nada mais representarão do que puras curiosidades literarias. Que de uma vez por todas fique bem patente que, para o medico competente e esclarecido, ellas são tão evitaveis como na ordem fisica o são a variola e a sífilis.

DR. TOULOUSE.

«A carteira de um neurasthenico»

Carta aberta ao meu amigo Ernesto Victor

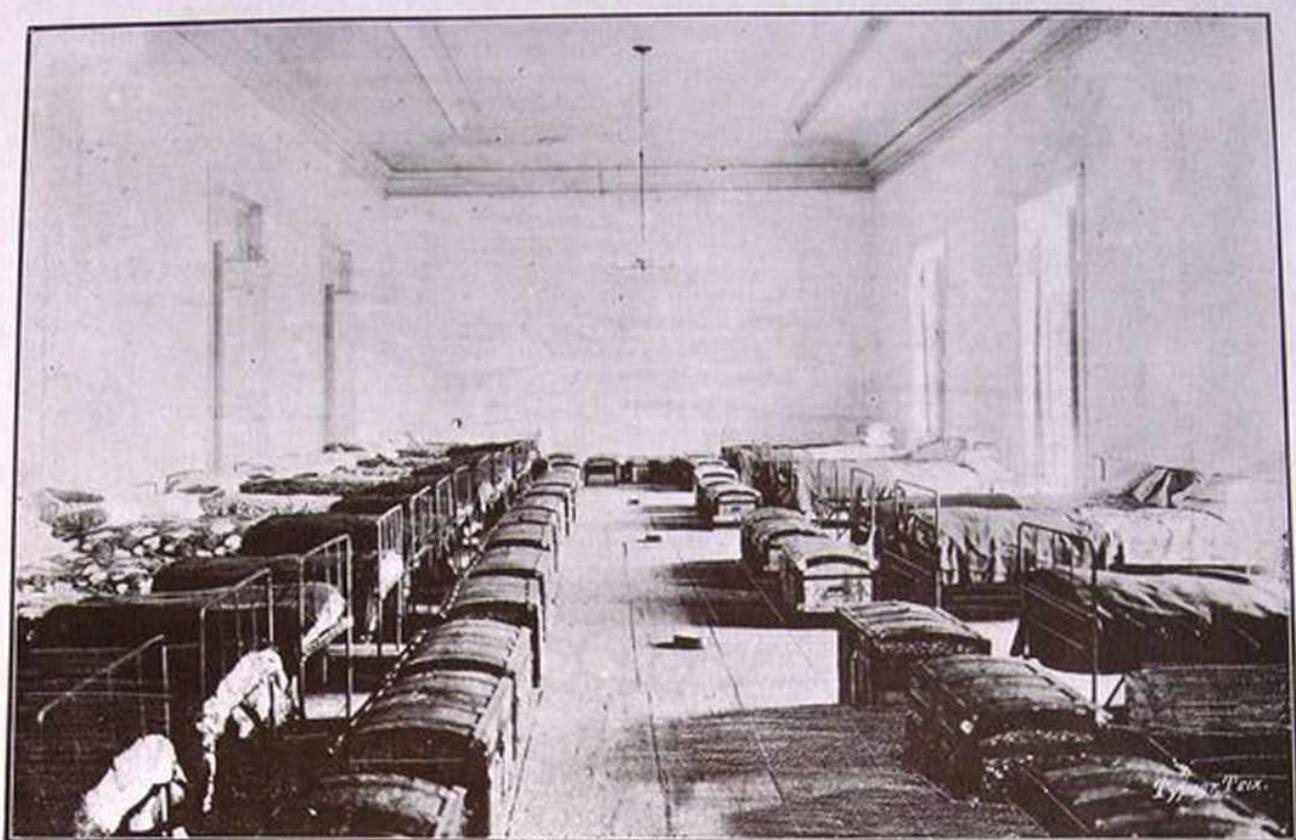


Swift, o criador da ironia e do humor, conforme bem classificou profundo analysta e observador perspicaz, prophetizou, ainda moço, a sua decrepitude moral.

Contam que, passeando um dia por bem cuidado jardim, percebendo um olmeiro cuja grimpá estava despojada de folhas, lançou esta fatal sentença aos

ouvidos do seu amigo Young: «Como esta arvore, eu começarei a morrer pela cabeça».

Pois Swift, caro Ernesto, cuja vida e caracter dariam para bem exemplificar toda a critica superficial por mim aqui esboçada, será simplesmente utilizado para exprimir o merecimento do meu esforço, o valor do meu emprehendimento. Sendo elle em 1742 objecto de varias «illuminuras», genero de arte então em voga, comquanto unicamente visassem exaltar-lhe a honra, homenagear-lhe o prestigio, todo o desdém soberano



MARANHÃO—Companhia de Bombeiros.—O dormitório das praças

que em alta dose lhe envenenava o organismo, soltou-o nesta phrase verdadeira: «São loucos; muito melhor fariam nada fazendo».

Dirás como Swift, meu poeta, depois de leres esta tremenda moxinifada que me suscitou a leitura do livro do teu amigo e que «representa no equilibrio intellectivo do norte o mais nobre e o mais erudito dos livros destes ultimos annos». Faço minhas as tuas palavras, ainda que perceba faltar-me a sufficiente leitura que possues, mas considerando bastante para dispensar tal paternidade a impressão indelevel e mascula deixada em mim pelo magnifico livro. Antonio Lobo é um escriptor—apresentando-se á pugna perfeitamente equipado para alcançar sem hesitações de especie alguma «os loiros da victoria». Parece-me, comtudo, que, ao envez de uma, conseguiu o teu amigo, com *A carteira*, duas obras de merito, mas perfeitamente separadas e, ousa mesmo adiantar, irreductiveis e irreconciliaveis na actual factura.

Uma—a carteira propriamente dita, constitue um verdadeiro ensaio scientifico e profundo, modelado segundo um typo esthetico e fino, cheio de verdade, mas revelando, ao mesmo tempo, um escriptor consummado.

Outra—o romance—a que Antonio Lobo, separando-o, deve dar outro titulo e onde se revela observador arguto, dextra penna e senhor dos segredos considerados pelos cortejos literarios, bagagem privilegiada dos mandarins da moderna escola.

Não ha muito ainda falava-te eu nas «Impressões de um myope» do ultimo livro de Machado de Assis—o porta-bandeira da luzida pleiade de immortaes, que a critica indigena e a empresa do mutuo elogio, com sede na capital da Republica, fizeram gravitar num plano a que, aliás, não fez jus.

Como t'o disse então, naturalidade não é o simples envenenamento dos impulsos do coração, a atrophia das expansões mais sagradas, dos sentimentos mais puros. Ser natural é ser humano e não consegui (o que talvez seja defeito meu) ver na tarça do enterro e do estado de sitio mais do que um gracejo desenxabido e sem criterio, falto dos laivos mais flagrantés dessa apreçoada especialidade do autor do «Esaú e Jacob».

Mas, inspirado poeta, decerto voltarei a observar o romance do teu amigo atravez dessa faceta do prisma; por agora deter-me-ei um tanto na observação da primeira parte.

Na «Carteira de um neurasthenico» (1ª parte) Antonio Lobo apresenta-nos, numa observação vigorosa e pujante, toda a serie symptomatica, rigorosamente caracterisada e scientifica, de um individuo presa de accentuada névrose. Distinguímos desde logo esse afan avassalador de sondar os recessos intimos d'alma, perscrutar-lhe os arcanos e descrever-lhe as nuanças todas, numa febre de louco ou de genio, num desregramento de esfomeado. E a desculpa mesmo do capitulo II,

onde procura explicar essa manifestação nevropathia pelo exercício calculado da observação e do raciocínio pairando sobre o mundo interno, é simplesmente a contra-prova de que não é um simples prazer esse de analysta, passa-tempo de psychologo, mas resultado de um desequilíbrio funcional—monomania mesmo. Nós vamos encontrar essa tendencia morbida na vida dos grandes poetas, dos grandes scientistas, o que servirá, em parte, para trazer, pelo menos, algum cunho scientifico á teoria do já hoje abatido criador da Escola Anthropologica em criminologia acerca do homem de genio.

Mas, Ernesto amigo, volvamos ao livro. Succede aos dois caracteristicos citados a mania das grandezas, inconsciente quasi, que os psychologos costumam encontrar nos typos que estudam, alternando com o delirio melancolico e que Lombroso classifica de formas feitas de nevroses.

E' assim que vamos encontrar o inditoso Jayme vangloriando-se de haver conseguido o que Socrates, juntando a sua autoridade, proclamara a suprema dita:—conhecer-se a si mesmo! E não se diga que essa passagem virá trazer auxilio, afim de demonstrar a veracidade do que expendi.

«Em cousas que me digam respeito (diz elle) sou assim uma especie de Deus biblico: sou omnisciente! E em factos do dominio puramente psychico sou tambem omnipresente, porque os assisto sempre e com pleno conhecimento de causa. Como este mundo marcharia direitinho dentro dos seus eixos, se se dêsse com todos os mortaes o que se dá comigo...»

Eis notavel exemplo dessa perturbadora manifestação, constatada igualmente em trechos que se tornaram classicos, das obras de Victor Hugo, Renan, Hegel e Dante. Está claro que são simples lampejos, mas se fossem demorados e completos evidenciariam um louco, um degenerado e não um simples temperamento hysterico.

Depois, é ainda a *intermittencia*, o *contraste*, outros caracteristicos não menos consagrados pelos scientistas, e é então que cita o Feitosa bacharel e o mercieiro da esquina, os «callos» que lhe pregam, «a desidia do governo republicano, que não faz chover dinheiro do céu como era, aliás, sua obrigação e como tinham todos o direito de esperar da sua proverbial munificencia».

E as chistosas credenciaes que apresenta, em seguida, afim de captar sympathias, tornar «*persona grata*» como Enviado Extraordinario junto a alguma Potencia rapace que quizesse avançar em parte do nosso territorio, a elle, o mercieiro da esquina, que, de certo, pensaria nos seus titulos de propriedade, nas suas apolices da divida publica de envolta com os interesses da nossa terra e os martyrios inflingidos pelos callos de ambas as especies.

Então, toda a sua habilidade se expande, excellente amigo Ernesto, a sua verve fervilha avasalladora, e ao lado do trabalho do physio-pathologista vamos encontrar um espirito sagaz e atilado, possuido nervosamente do meio, escalpellando-o, torturando-o!

Já tu bem o evidenciaste neste mister, pre-

sado poeta, quando extravasaste em poucas paginas toda a exuberancia da tua admiração nesse amago para ambos bem querido—refiro-me ao Boletim da Oficina dos Novos.

Tu bem lá disseste:—«Antonio Lobo é um poeta e um analysta. Namora-se repentinamente, sem mesmo poder explicar, dum raio de sol, duma paisagem fugitiva, de um rosto passageiro. Perscruta os segredos da mais affectuosa das hypocrisias e retalha, rentemente, nos seus penetraes, com o bisturi frio da audacia conscienciosa, o mais intrincado dos problemas da sociedade e o mais emaranhado dos sentimentalismos. São essas as suas primicias qualidades, felizmente, para seu mais solido renome, invejadas pelos despotas e burguezes encenadores deste relaxadissimo theatro».

Era o que devera e quizera eu dizer, numa linguagem menos rigorista, mais frouxa e sem calor. Comtudo, ainda a *originalidade* e a *bizarria*, caracteristicos não olvidados pelos autores, tambem o não foram pelo estudioso escriptor maranhense. Vamos encontra-los admiravelmente curados na critica que estabelece contra os «voadores», os Severo, os Dumont, formulando assim exemplo mais frisante do que os assignalados nas obras de Perez, de Betinelli e de Jurgeu.

Mas, como perceberás facilmente, gentil Ernesto, não corri toda a gamma de symptomas da original diagnose feita por Antonio Lobo. Cheguei a citar entre as formas frustes de nevroses, alternando com a mania das grandezas, o cognominado delirio melancolico. Melhor do que qualquer, este symptoma é commum, e, já porque mais facilmente se evidencia á massa, já porque nem sempre é o resultado de uma verdadeira nevrose, mais demorado estudo parece merecer. Certo, é veso antigo considerar o tédio, o spleen, a hypocondria, já não digo virtudes, mas pelo menos sobranceiras qualidades ou merecimentos de louvor.

Eu costume, entretanto, desviando-me desse rotineiro modo de interpretar, ver nessas alterações do estado normal organico enfermidades, num maior ou menor grau de intensidade e, pois, mais ou menos graves.

Sem me afastar levemente sequer da interessante e scientifica teoria cerebral do Mestre eminente e incomparavel philosopho Augusto Comte, observarei rapidamente as alterações oriundas do mau funcionamento dos órgãos cerebraes.

Cada um delles exige, evidentemente, um campo bastante para o seu exercicio, uma vez que teem a sua relativa actividade. E' logico que a falta desse campo, onde actua cada um delles, trará com certeza um certo desequilíbrio; dahi o organismo não experimentar satisfação e, o que mais vale ainda, a atrophia do respectivo órgão.

Mas o exercicio, ou melhor a actividade pode ser susceptivel de augmento como de diminuição, isto é, pode haver falta e excesso de exercicio ou de funcionamento. Abandonando aqui os casos de excesso e observando os de falta, percebemos, em synthese, que varia o effeito de ac-

cordo com a classe de órgãos considerada. Assim, tratando-se de *órgãos práticos*, conforme as circunstancias, ella occasiona turvações do estado normal, que vão do simples enfado, aborrecimento, tédio, etc., até a hypochondria perfeitamente caracterizada.

No caso dos *órgãos especulativos*, comquanto as alterações não tenham denominações proprias, nem por isso são menos de notar.

Em se tratando, finalmente, dos *órgãos affectivos*, então surgem os estados de profunda tristeza, de melancolia e ás vezes mesmo de dor.

Portanto, pelo exposto, claro é que a primeira das manifestações, d'entre o extravagante e variegado cortejo de soffrimentos trazido pelo delirio melancolico, isto é, a tristeza, o spleen, como pedantemente taxam os saxonisados, nem sempre é o resultado de uma nevrose, mas simples producção de um ligeiro desequilibrio funcional.

Nem por isso, entanto, inspirado Ernesto, a tristeza que faz da vida do Jayme um verdadeiro purgatorio tem semelhante origem, restrictamente falando; ao contrario, resulta da profunda affecção estudada.

Tendencia commun á maior parte dos pensadores, dependendo, talvez, da sua grande hyperesthesia, a melancolia torna-se um estado normal do homem de temperamento nervoso.

Milhões de exemplos poderia trazer aqui para mostrar o quanto verdadeira me parece a affirmacão de que é a mais patente das manifestações, cujo rosario venho desfiando superficialissimamente, neste ligeiro ensaio. Via dolorosa, que vae, em gigantesca proporção, levar ao suicidio, o delirio melancolico vergastou com seu latego dormente, puniu com suas aduncas farpas, espiritos poderosos como Chateaubriand, Cooper, Rossini, Mozart, Molière, Chopin, Voltaire, etc., etc., levando-os dolorosa, ainda que momentaneamente, a esse apavorante fim.

Cobridge, talvez inconscientemente, definia o estado psycho-nevrotico em que se achava, elle syndromatico perfeito, nos seguintes versos:

«Une douleur sans angoisses, vide sourde lugubre—une douleur grave, étouffée, calme, qui ne trouve aucune issue naturelle—aucune soulagement dans les paroles, dans les sanglots ni dans les larmes».

E' essa a sorte dos melancolicos, dos paranoicos, dos syndromaticos de Cotard e o Jayme é o proprio a confessar-se: Começou, então, a invadir-me, avassaladora e irresistivel, uma grande, uma desconsoladora tristeza e a minha vida que até então decorrera relativamente calma e

feliz, se foi aos poucos transformando num verdadeiro inferno... etc etc.»

Varias das demais manifestações do prestito exquisito e bizarro, enquadrados no delirio melancolico se encontram nos subseqüentes trechos e entre ellas o pavor, principalmente revelado no medo de morrer á rua, a rebusca torturante do passado, a insomnia traçoieira etc. e então, devo dizel-o, das mais evidentes e communs, apenas falta a tendencia suicida, que se observa em todo o melancolico. A despeito, porem, de tanto assumpto, me detenho, sem reboço no estudo d'este, passando ligeiramente a notar o capitulo das hallucinações.

N'este ponto, presado amigo, convem observar o seguinte: Geralmente não se encontram nos neurasthenicos phenomenos d'essa ordem e de uma tal gravidade e os auctores, mesmo, em geral, não n-os citam, o que equivale dizer que sua existencia não foi constatada pela observação. Cabem melhor, não a simples nevrose mas a pronunciadas affecções cerebraes, comquanto o termo neurasthenia vá modernamente servindo para nomear affecções variadissimas do systema nervoso, cujos caracteristicos differenciaes contituem o cavallo de batalha dos medicos.

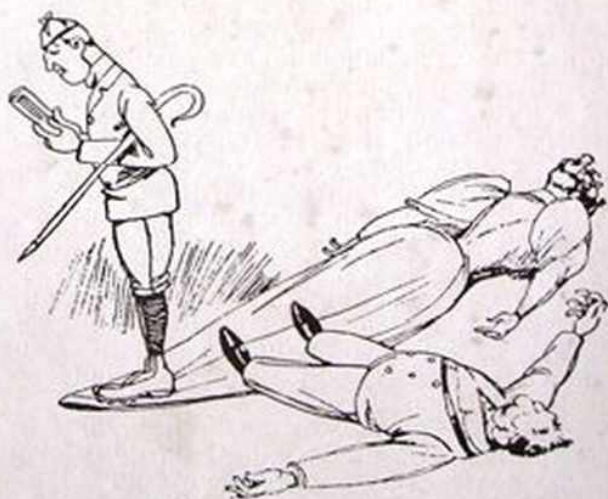
—A seguir.

LUIZ DE GORDES.



PERNAMBUCO—Egreja da Penha (Phot. Chic)

Historia muda



Aoh ! mim não compreende francez...

A REVISTA DO NORTE



ANNO V

NUM. 3

Novembro de 1965



O MEZ

NOVEMBRO teve tres dias excepcionalmente luminosos. Ao puro azul do ceu, onde o sol brilhou vivo, e as estrellas palpitarão limpidas, e a lua passeou serena a sua clara belleza de opala, irmanou-se o amor do coração maranhense á memoria do maior dos nossos poetas liricos.

Gonçalves Dias foi uma culminação da intelligencia brasileira e do sentimentalismo da nossa raça. Vibrou, na lira d'altos accordes e da penetrante doçura de um canto de sabiá da matta, a gamma infinita das mais nobres e verdadeiras emoções humanas. Viveu intensamente, sem ter vivido longamente, porque muito amou e muito soffreu. E viverá sempre, tempos em fóra, atravez de gerações e gerações, na serena e inalteravel grandesa de um deus olimpico . . .

A supremacia da sua obra literaria garante-lhe a perpetuidade do nome, esse nome que nos orgulhece, e que andou bailando, naquelles tres dias memoraveis, até nos labios papageiantes das criancinhas . . .

Foi esta a parte mais risonha da festa e a sua mais bella significação. Ellas, as felizes creaturinhas, só sabem, de presente, que tudo estava muito bonito na praça dos Remedios: que

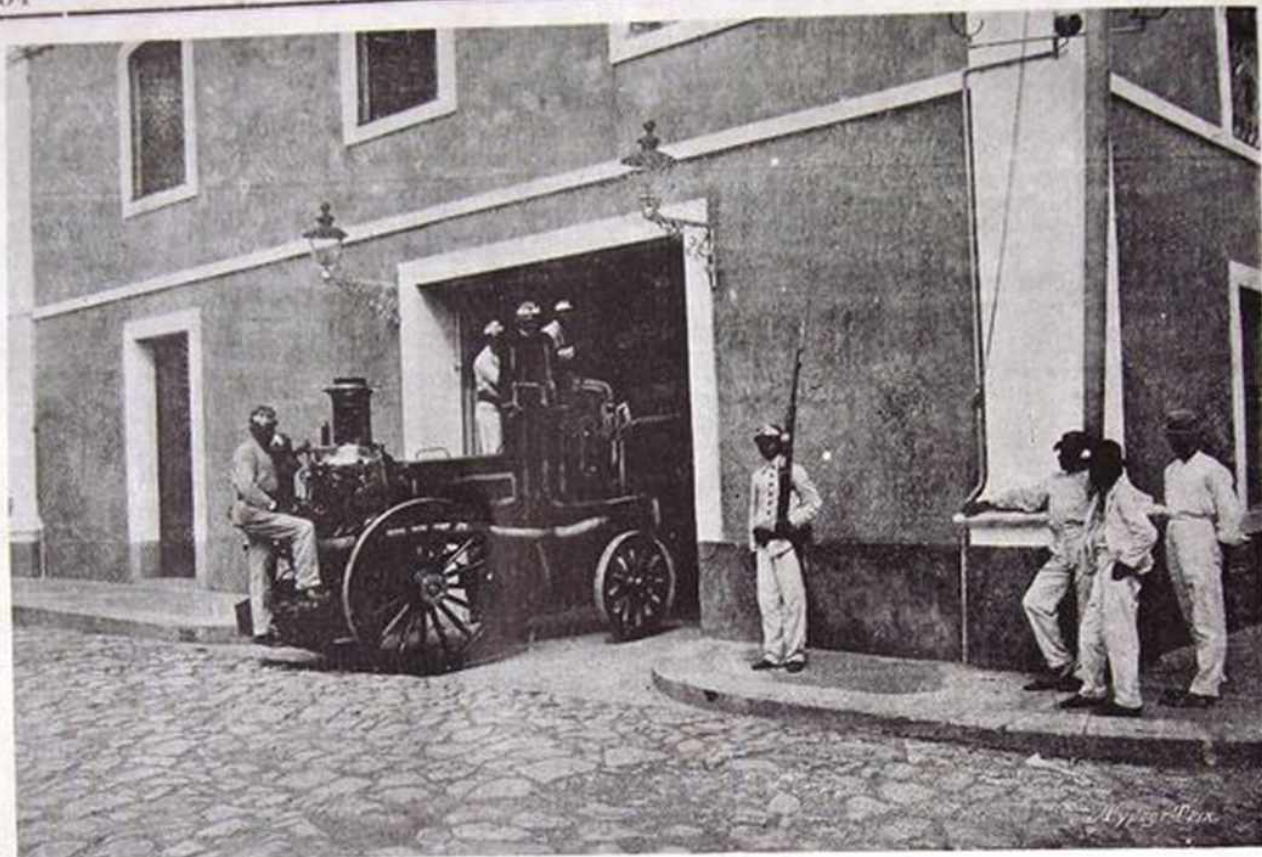
Antonio Lobo, por largos momentos, ao lado da estatua do Bardo e ouvido no inviolado silencio da turba innumera, falou o que ellas não comprehendem, mas, sem duvida, o quer que foi de elevado e imponente, a julgar pelo entusiasmo vibrante das palmas que se seguiram ás suas ultimas palavras; que havia muitas flores, muita luz muita alegria, e que, na ultima noite, ao som da musica e á suave claridade do luar, dançaram num palanque enfeitado, onde atiravam, umas contra as outras, mancheias de confetti. Mas a sua intelligencia ir-se-á desenvolvendo, o seu entendimento evoluindo, até chegarem á comprehensão exacta e confortadora das doces e lindas coisas que viram e gosaram. E o seu espirito terá ascendido a um plano mais elevado, na admiração da vida de um dostipos supremos na escala ascendente dos seres convergentes, vida tão brilhante para não ser esquecida, tão grande e tão dignificadora para ser imitada.

Bem haja, pois, a pleiade de moços da Officina dos Novos que iniciaram na velha Athenas a sistemática, a alentadora commemoração civil dos nossos grandes homens !

A segunda dessas festas foi a de Odorico Mendes, com a erecção, numa das nossas ridentes praças, do busto em bronze do notavel litterato e politico maranhense. A terceira será consagrada a João Lisboa, o burilador incomparavel da VIDA DO PAIS DE ANTONIO VIEIRA e do JORNAL DE TIMON. Depois, virão outras e outras . . . Alto programma este, que oxalá seja a sementeira de muita gloria futura !

Uma novidade, que é uma velharia : o actor Cardoso da Motta ainda cá está a trabalhar no S. Luiz. Desde o mez passado poder-se-ia dizer a mesma cousa. E nós só temos que registar imparcialmente, a sympathia por elle consagrada ao publico da nossa terra, admirando-nos apenas de que elle d'esta vez se tenha esquecido do infinito . . .

Mas tudo sobra, até as melhores cousas—quando descem ao plano inclinado da trivialidade, ao terra-a-terra da monotonia. Tal a causa



MARANHÃO—QUARTEL DE BOMBEIROS—A ENTRADA DOS CARROS

porque tem sido minima a concorrência aos últimos espectáculos, e de não comprehendermos que ainda se prolongue esta já tão prolixa temporada dramatica, a que nem o drama em um acto do sr. Benjamim Mello conseguiu emprestar novo alento. O publico, francamente, publico impossivel! já estava de todo farto, e eis ali a razão de haver o desempenho da peça do respeitavel e tardio adorador de Thalia decorrido no meio de geral desconsolo. Pois nem as gracinhas do sr. Benjamim, aliás tão perito no xilofone, conseguiram fazer rir aquelle povo... já é pouca sorte!

Esta mesma sorte, com pequenas variantes, teve a revista MARANHÃO MODERNO, onde aquella Camena formosa gastou todo o tempo a fazer momices de namorada para o arguto Mercurio, o bom protector dos felizes habitantes das terras da Praia-Grande. Mas a boa Musa excedeu-se nas suas gentilezas.

Portasse-se com mais sobriedade, não fosse esse o lado predominante da peça e com certeza teria sido menos escassa a cornucopia dos applausos. Para ver tanto reclame, é preferivel, pelo menos mais summario, ir ali á 4ª pagina da «Pacotilha»...

Dizem que vem por ali uma outra companhia. Seja bem vinda! Quanto mais não seja, ao menos para dar assumpto ao triste chronista, que anda tão pobre de novidades com que escreva umas duas columnas d'A REVISTA DO NORTE.

LUCIUS.

Estados d'alma



Amanhecera um formosissimo domingo outomnal, muito limpido e festivo, cheio da rumorosa alegria dos campanarios carrilhonando aos crentes.

Largo o céu, varrido de nuvens, côr de perola, d'um azul de porcellana, desmaiado e nitente, lembrava o fundo igual duma téla humida enxugando ao sol.

No verde espesso e sombrio dos morros de Santa Thereza, que uns tons de neve enfeitaram trahindo aqui o pittoresco perfil de um chalet Renascença, ali um pedaço de muro caiado de novo—havia essa quietação apparente das pay-sagens longinquas...

Immoveis os coqueiros de longas palmas pendentes, immoveis os cachos rubros, sangui-nolentos, de um grande pé de flamboezas melancolicamente encostado ao fundo d'uma igreja vetusta, immovel como uma pintura, todo esse admiravel trecho da natureza fluminense, dourado amplamente pelo fulvo sol do meio dia, toda essa paisagem consoladora, fresca e luminosa, larga e suggestiva.

Para lá dos Invalidos, n'outro plano mais

elevado, por traz do cemiterio de Catumbi, a vista attingia a ponta culminante de uma montanha angulosa e obtusa, varando a transparencia do ar lavado: era o nariz do gigante que se vê do mar, o Corcovado, uma especie de focinho de animal monstruoso farejando as nuvens...

O Almeida, estudante de Engenharia, chegando ha pouco do norte, acabava de almoçar naquella momenta, e, sentado á janella do sotam que havia no alto da casa de pensão, palitando os dentes, num preguiçoso e morbido abandono, em mangas de camisa, sem collarinho, soprava o fumo do cigarro, o olhar vago na paisagem.

Chegaram-lhe aos ouvidos indistinctamente, esmorecidos pela distancia, os sons de um realejo de praça repetindo, fanhoso e plangente, as mesmas peças, trechos de operetas em voga, pedaços de opera serodia.

— E vive a gente assim (philosophava o Almeida), n'um quarto réles de hospedaria barata, sem dinheiro, sem amigos, sem uma amante, sem um carinho de mulher bonita, devendo os cabellos da cabeça, vendo todos os dias as mesmas caras, os mesmos typos e ouvindo as mesmas banalidades!...

Fez um gesto de tedio, abriu os braços n'um largo espreguiçamento, escancarou a bocca n'um bocejo medonho, e atirando fóra a ponta do cigarro:

— Pilulas! Isto não é vida nem aqui nem na casa do diabo!

Desde que sahira da provincia, havia seis mezes, só recebera mezada uma vez, uma unica! Decididamente era muitissimo melhor ser caften ou puxar carroça, a estudar sem dinheiro. Até estava emagrecendo... Não tinha roupa, não tinha botinas... uma miseria!

Tanto rapaz alegre, tanta gente enchendo os botequins, esbanjando com mulheres, passando fartamente, comendo e bebendo do melhor. — E elle? Uma vida de cão! Era preciso andar pedindo emprestado a uns e a outros, cinco mil reis aqui, dez mil reis acolá, para poder viver, para ir passando mais ou menos...

Seu pai, negociante no Pará, nem sequer lhe escrevia...

Era lá vida?

Tinha vontade ás vezes de fazer uma loucura: embarcar nalgum vapor estrangeiro, como creado de convéz, e ir-se do Brazil, ir-se para só voltar muito rico e independente.

Não ter nem para uma garrafa de cerveja e ser obrigado, no fim do anno, a prestar exames!

Mas, reflectia, em todo caso era sempre melhor isso, mil vezes melhor que tornar á provincia. Preferia suicidar-se, acabar com a existencia, metter uma bala nos miolos, a viver outra vez na prisão de uma capital provinciana, sem futuro, sem ambições, estupidamente, invejado, espesinhado pelos patricios...

Nisso bateram na porta do quarto.

— Quem é?

— Uma carta p'ro senhora...

E appareceu um gallego de soíças, bigode

rapado, mostrando os dentes n'um sorriso cheio de submissão e estupidez.

— Uma carta!

Almeida teve um presentimento ao pegar no envelope tarjado de preto com o carimbo do registro. Esteve muito tempo em pé, sem coragem para abrir aquelle papel funebre que lhe punhatremuras na mão, com uma extraordinaria admiração no olhar.

— A letra é de mulher...

E depois de outra pausa, chegando-se á janella que abria para os morros de Santa Thereza:

— Ora, vejamos! Um homem é um homem...

Rasgou o envolucro, e, á luz do dia, que penetrava largamente em seus aposentos, leu:

«Meu querido filho

«Escrevo-te com a vista cheia d'agua, «num desespero horrendo! Estas linhas «são portadoras da maior desgraça que «já me tem succedido... Ellas vão dizer-te, lá onde estás, que teu pai, o «meu querido Zéca falleceu hontem d'um «ataque, ao voltar do *Commercio*...

«Estou inconsolavel.

«Peço-te que venhas logo, meu filho.

«Vão quinhentos mil reis para as despesas da viagem.

«Nem sei como te diga tão grande «catastrophe.—Tua mãe

Euzebia.»

— Pobre velho! murmurou Almeida contando o dinheirinho que em tão boa hora lhe chegava milagrosamente do norte.

E, debruçando-se na janella, sem uma lagrima no olhar e sem um gesto de dor, muito calmo, repetiu:

— Pobre velho! Nem ao menos teve o gosto de ver o seu filho formado...

Não havia geito: tinha que ir á provincia tratar do inventario...

E voltou a contemplar a paisagem, o Corcovado, o Pão d'Assucar, a igreja da Gloria agachada por traz dos morros, admirando agora com olhos de artista (sim, com olhos de quem tem no bolso cinco pelegas de cem mil reis) o assombroso espectáculo da natureza em pleno meio dia e que ainda ha pouco lhe fazia o effeito de uma detestavel aquarela de pintor atizado.

— Que bello aquillo! Como se esperdiçam tintas e luz!... Preciso ir ao Corcovado...

Lá estava ainda immovel como uma verdadeira pintura o panorama de Santa Thereza, verde e sombrio em baixo, na fralda da montanha, luminoso e amplo em cima no vasto céu sem nuvens!

(Dos *Pequenos Contos*, livro póstumo)

ADOLPHO CAMINHA.



BIANOR DE MEDEIROS

Maculas do Sol

No brilho é sem rival e forte é sem segundo,
Seu másculo valôr no espaço não tem par!
Só deixa de assim ser se o mundo terminar,
Porque foi sempre assim, desde que o mundo é mundo!

Ninguém pode imitar o seu vigor fecundo:
Tem filhos mil na terra e muitos mil no mar,
N'aurora alerta a vida e anima a trabalhar,
E á noite a vida infiltra em pélago profundo!...

Luzente imperador que acorda muito cedo,
Primando pela luz doirada do arrebol,
Bem negras manchas tem!... Commentam sem segredo!

O nescio é maldizente e os sábios vão no rol...
O homem fala mal de tudo e não tem medo!
Contesta e inveja o brilho até do próprio Sol!

BIANOR DE MEDEIROS.

« A carteira de um neurasthenico »

CARTA ABERTA AO MEU AMIGO

ERNESTO VICTOR



Occorre-me nessa successão de idéas o seguinte que li algures: « Neurasthénie par-ci, neurasthénie par-là! C'est la maladie à la mode! Neurasthénique ces personnes irritables, emportées, mécontentes de leur sort, aspirant toujours à quelque chose de nouveau, même si celle ne vaut pas mieux que ce qui elles ont ».

Mas, ainda assim, não se capitulou comummmente as hallucinações na serie symptoma-

tica subjectiva e muito menos na objectiva da neurasthenia, seja produzida pela gastropse, seja pela enteropse, causas unicas dessa affecção nervosa, considerada sob o aspecto geral, na abalada opinião do professor Clinard.

Em seu abono, contudo, são ligeiras as hallucinações de que era victima o infeliz Jayme e que me deleitaram, adoravelmente bem descritas, em varios capitulos do livro de Antonio Lobo e em uma promiscuidade de aspectos muito de louvar, quanto á imaginação fertilissima do auctor. Entre ellas exalta-se em notavel destaque essa suggestão passageira de um retalho de vida campesina, da mocidade, evocada agora na Igreja do Collegio, em verdadeira hallucinação.

Todos os objectos sagrados vão se desfazendo em meias-tintas e implanta-se em sua substituição a elgie dominadora do padre Fernando, indomavel e lubrico, bestial e forte, emoldurado pelos contornos de uma cabeça de touro, de chavelhos retorcidos, engastada num potente corpanzil quadrupede, em meio de immenso terreiro descampado de Fazenda, perfeitamente consciante da sua propria força.

Muito de interessar seria mais curado estudo deste assumpto especial, cuja parte recreativa se encontra em volumosas obras sobre loucura moral. Muitas dessas hallucinações se tornavam celebres e dentre ellas as de Cellini, de Napoleão, de Byron, de Hobbes, de Malebranche e de Colombo, de que nos dão longa noticia as obras de Verga, Forbes Winslow e Irving.

Vae, porém, demasiado estafante este ensaio, e por poupar-te, Ernesto amigo, passarei a fallar ligeiramente da segunda parte do livro do teu intelligente co-estadano.

..

Procurando ser, o mais possivel, breve, caro poeta, passarei ligeira vista d'olhos na parte romance da *Carteira de um neurasthenico*.

Ao contrario do que te escrevi, ha tempo, acerca de um outro livro, cujas impressões te esbocei, e a que já me referi, neste ha typcs verdadeiros, humanos, reaes. Quer sondando os recessos intimos da sociedade maranhense, onde, em cada traço, sentes evocado um vulto com quem cruzaste já, um meio onde já gravitou o teu talento, onde pairou a tua verve; quer, emfim, escallando caracteres despundonorados, ou prototypos de hombridade e altivez, elle, o teu amigo, mostra que soube comprehender a solemnisima verdade que reveste a phrase de que fez epigraphe.

«E' a evocação sincera da vida ambiente e dos caracteres», diz Ricard, e diz muito bem, e sabes que foi respeitado este lemma quer na descripção do antro Ramada, quer na do seminário, quer na do collegio e não menos nos admiraveis e altamente humanos perfis do Fialho—um puro, do Loureiro—am pernicioso, do Xandico—uma fallencia.

Penoso seria, Ernesto, para mim, e principalmente para ti, por quem alimento a esperança de ser lido, estudar cada uma dessas individua-



MARANHÃO—COMPANHIA DE BOMBEIROS—A ENTRADA DOS CARROS

lidades á luz do meu acanhado modo de ver, mas a certeza de que convirás commigo e mais, de que me agradecerás o que te poupo, furtando-me a esse tentamen, surge-me como a sancção desta desculpa.

Entretanto, si os principios emittidos pelo escriptor francez são observados dignamente na primeira parte da obra, imprescindível se torna na segunda a sinceridade, em serviço, como bem acontece no romance de Antonio Lobo, dessa ancia psychologica, essa curiosidade que nada sacia e que faz da pintura dos caracteres, dos sentimentos e das paixões o principal interesse do nosso theatro, assim como do nosso romance.

Como os primaciaes do romance psychologico, Antonio Lobo fez consistir a suprema arte na fidelidade da observação do homem, tal qual o fez a sociedade, escarnando-os, bons e maus, não os descrevendo, mas simplesmente mostrando-os.

Antonio Lobo é um escriptor, repito; e seu livro teria merecido um aprofundado estudo, que o poria em destaque no meio intellectivo do norte, si a critica, na nossa terra, não fosse cabedal exclusivo de meia duzia de paleontologistas litterarios que dispendem, apenas, para escrever quatro linhas ácerca de um livro excellente, do tempo que lhes sobra ás palestras no «Carnier» e á leitura das Revistas, onde vão colher conhecimentos da politica exterior.

Deixando, porém, de parte essa minima dose

de bilis mal contida, aprofundemos um pouco a questão de separar as duas partes do livro do teu amigo.

Ha um ponto capital neste terreno.

Refiro-me ao capitulo III da *Carteira* em que se acha magnificamente decalcada a natureza, pintando-nos o Jayme eivado de paixões que não sabe explicar, movimentos de odio e rancor cuja causa repentina não sabe discernir. Certo, é um dos fragmentos da primeira parte que mais parecem envolver a verdade nua e crua e onde bem se accentuam as manifestações morbidas da nevrose adiantada.

Todas essas pequenas implicancias, conforme chamaria qualquer grammatico, maranhense ou não, que se accumulam e se amontoam, evocam á nossa imaginação homens que conhecemos, homens com quem privamos diariamente, que comem na mesma mesa, que moram na mesma casa e perambulam nas ruas em que gosamos do ar fresco ou praguejamos contra a poeira das avenidas desta nossa cidade.

Sem duvida, necessaria seria a fusão de muitos delles para conseguirmos o Jayme na sua complicada complexão, mas da nevropathia poder-se-há dizer como o poeta:

Assim como a virtude, o crime tem seus grãos.

Ella tambem os tem e bem clarividentes.

Entretanto, si em nosso espirito não pairam

duvidas em relação á perfectibilidade do capitulo, igualmente não se dá quanto á concatenação delle com a outra parte do livro.

Bastar-me-ia, meu poeta, citar trechos do famoso capitulo e constataria, em comparando-os com os sentimentos exarados depois, quando cita a carta evocativa do passado, e faz nascer o romance, para concluir da palpavel incoherencia que, assim, faz o auctor nascer.

E, considera, agora, caro Ernesto, como se accentuaria a irreductibilidade, si observassemos o ultimo capitulo do livro, onde já não trata da «evocação do passado», mas do presente.

Alem disso há ainda circumstancia capital a notar em abono da manifestação primeira do meu modo de ver. Diz-nos, o Jayme, que foi a carta do «mais querido dos seus amigos vivos» que fez derivar para o ponto culminante da sua vida a sua doentia evocação do passado.

Mas si os caracteristicos enfermicos não se podiam até essa suggestão manter alheios á cerebração do Jayme, si, a seu intellecto havia avassalado a nevrose e progredido dominadoramente, como conseguiu soffrer, sem se confessar curado, todo esse desenrolar de factos alheios á sua personalidade?

Não occorreu uma ligeira hallucinação, que fosse a tolher o deslizar sereno, o desenrolar placido dessa serie longuissima de factos; não o feriu um contraste, uma intermittencia, uma originalidade brusca de conceito apreciando vultos e factos, um rasgo de bizzaria ou exquiritice até então numerosas, occupando-se a miúdo e demoradamente dos outros e esquecendo, por completo, sua personalidade—elle a victima imbelles da intuspecção.

Demais, si elle tem e nos aponta o *mais querido dos amigos vivos*, por certo elle os terá outros *menos*—mas ainda assim *queridos*!—

Vê—tu, portanto, inspirado Ernesto, que o teu amigo tem necessidade imprescindivel de separar as duas partes do seu livro, afóra disso, capaz de encher as medidas aos exigentes.

E agora, sem querer, nem por sonhos, deixar aqui o quer que seja com ares de mofada dictativa, em todo o caso sem ferir a logica e a verdade, divindades a que em todo o livro consagrou aras e altares, lembrarei, do obumbramento da minha nullidade, a Antonio Lobo, duas idéas de razoavel, sinão salutar inserção.

A «Carteira» dará fim como dictar sua fertil imaginação no «exagero da imitação» e em nota final, sem peias nem escrúpulos *suicidará* o Jayme, que, morto assim, fal-o-á ter vivido, pois creá um typo completo e real, pairando no campo vasto das psychoses.

Quanto ao romance, fará então desenvolvida a these que deixa simplesmente delineada, estudando-a á luz do seu esclarecido intellecto, e illuminando, com as suas novas idéas, o «problema social do casamento».

E olha, que muito terá a dizer, conseguindo soberbo romance de these, genero a que George Sand e Eugenio Sue emprestaram tanto esp'endor.

E assim apetrechado, capaz de desenvolver uma these interessante, dextra na observação, senhor dos salutares segredos (como já analysei) da escola de que, innegavelmente, foi Balzac precursor, Antonio Lobo, proseguindo, poderá alcançar a bitola dos Goncourt, dos Zola e dos Mau-pasant.

E' esse o meu ardente desejo e crente estou de que será também o teu.

Vale.

LUIZ DE GORDES

Abril-905

As Valkyrias

AO ARTHUR MUNIZ

Sobre a floresta dos heroes finados
Altos, pompeiam rutilos trophéos :
Sabres, dardos e as lanças nos crispados
Punhos, enviando um desafio aos ceus.

Dorme a floresta morta e escura massa
De sombras vivas, rapido, resvala . . .
E eil-as que surgem como um trem que esvoaça
—Amazonas sagradas do Valhala !

Montam corseis phantasticos de sóes
E, a côma em fogo, pela bruma correm,
Cingindo ao collo as almas dos heroes.

São as noivas de Arminio e de Tanhauser
Cantando a gloria eterna dos que morrem
Sorrindo aos «Krupp» e ás carabinas «Mauser».

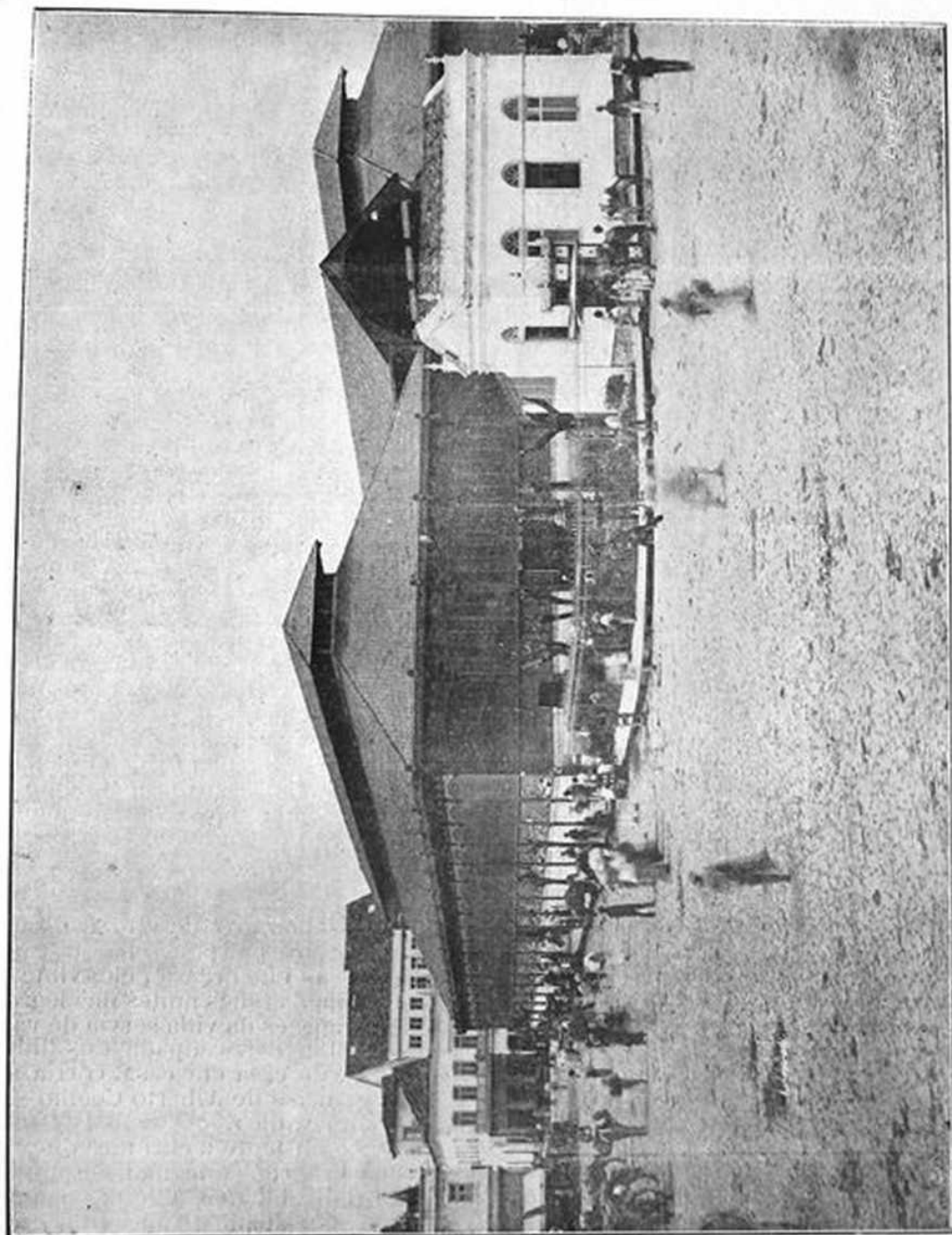
FRANÇA PEREIRA.

Recordações



Que bello recanto
o de S. Luiz, a que-
rida capital do Mara-
nhão, que eu tanto amei em
creança, e onde passei gran-
de parte de minha meninice, essa
aurora mais risonha e feliz da vi-
da, cujo perfume derramado pela
existencia inteira, não encontra-
mos jamais nas reminiscencias
longinquoas da nossa memoria
sem a emoção suavissima de uma
saudade daquillo que se perdeu para sempre,
que se funde tristemente nas brumas de recor-
dações que se evaporam, não obstante a força
suprema de um desejo absoluto de as conservar.

Ha quantos annos não avisto mais as plagas
formosissimas da terra querida de Gonçalves
Dias ! Mas as lembranças que fugiam, deslisan-
do-se muito devagarinho, sem que eu assistisse
ao phenomeno evolutivo dessa passagem, vol-
tam repentinamente muito pressurosas ao seu



PERNAMBUCO — MERCADO DE S. JOSÉ (Photographia Chic)

logar, como o filho prodigo. Recebo-as radiante de prazer, gosando a alegria íntima desse borboleteamento de sensações dulcíssimas, que me sobem até ao coração. E poderá haver emoção mais doce do que essa de se prender o espírito a um passado todo feliz e venturoso? Deixo-me levar, brandamente balançada pela onda carinhosa dessa miragem que se agita soberana em minh'alma como uma verdadeira rainha, trazendo as lembranças desses tempos passados em Caxias, Alcantara, Rosario e S. Luiz; recordo-me perfeitamente dessas deliciosíssimas e boas horas, sinto que a alma é arrastada para o sonho que se acabou, mas revive docemente na imaginação, como se fosse ainda recomçar!

Lembro-me tanto de quando pizei pela primeira vez no Maranhão! Vejo-me pequenina viajando pelo rio Itapecuru, olhando, profundamente admirada, esse grandioso oceano Atlântico que se estendia defronte de mim. Quanta ancia e emoção ao mesmo tempo!

Que estasis, que arrebatamento de alegrias se desprendiam de toda a minha pessoa, que ainda não sabia compreender, nem definir bem essas mysteriosas bellezas da natureza. Foi o primeiro deslumbramento que senti. Nunca tinha visto nada mais bonito do que o mar. Pareceu-me que entrava num outro mundo differente, esse mundo ideal, esse paraíso terrestre de que me falavam, quando me faziam narrações da vida que Deus preparara para os tristes peccadores que nos legaram tanta miséria e tristeza! Guardei para sempre essa impressão, e, lembrando-a agora, sinto-a nitida e pura como no primeiro dia.

Também revejo ainda a minha habitação, a czinha junto à igreja dos Remedios, onde tanto brinquei e tão boas relações colhi. Tudo isso differe muito hoje; essas amiguinhas, companheiras de folguedos, onde viverão agora? Todas differentes também. Quantas nem conheço mais, tão creanças nos separámos. Outras viverão ainda? Viúvas, pobres, ricas, feias, bonitas, cazadas ou solteiras, todo o aspecto podem ter tomado na sociedade, nunca mais eu as vi, essas queridinhas. Desse grupo affectuoso das minhas ternuras, apenas de longe em longe tenho ainda visto uma ou outra amiga no voltear de viagens por onde vamos passando.

O que são, finalmente, essas recordações que revivem no coração, senão a base fundamental de tudo o que houve de melhor no passado e que, não obstante o tempo, dezejamos sempre guardar affectuosamente na alma, que sente muitas saudades, e chora enternecida a realidade que se foi, entregando-se à illusão que apparece muito pallida e unicamente sob a forma dessas visões cosmicas dos grandes mundos aereos e eternamente desconhecidos.

Recife—905.

AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA.

Dona Augusta



Alberto Coelho chegava mais cedo nesse dia à fazenda do sogro, o tenente Soares, em visita à esposa, que ali convalescia há mais de mez.

Era domingo. Céu azul, campo verde, trespallando seiva, estadeando galas de primavera. A tarde descia tepida e doce, numa carícia macia de luz. Nos curraes do pateo, vacas mugiam, olhando tristemente pelas aberturas da cerca de pua-a-pique. Perto, na direcção do roçado, os buritiseiros do brejo, em semi-circulo, baloiçavam de leve a copa viridente, doirada de sol. E, vindas da fonte, approximavam-se de casa duas moçoilas, de pote à cabeça, cantando uma trova sertaneja.

Apeou-se alegre, penetrado do encanto suggestivo da natureza amiga. E, a recebê-lo, logo se lhe estenderam, num amplexo, os braços de Dona Augusta, que viera encontrá-lo à porta, risonha.

—Creio que já estás boasinha. Ainda levemente pallida, mas já forte, não?

—Sim, já estou boa, e desejosa de voltar à nossa casa. Também não achas que é bem tempo?

Perfeitamente, elle achava que sim, e era isso mesmo que lhe vinha propôr. Era preparar-se, portanto, afim de regressarem no dia seguinte.

De mãos dadas, penetraram a sala, onde algumas familias da vizinhança conversavam, de visita aos donos da casa. Os cumprimentos trocaram-se amistosos e logo se assentou numa dança à noite, «para as meninas», que, pouco antes, falavam exactamente do recém-chegado, que seria o marcante. Alberto Coelho não desdenhava de um chorado á viola, e não seria elle que faltasse com o seu apoio ardoroso a idéa de tal natureza.

..

O seu casamento com a filha do fazendeiro da Boa-Esperança por pouco não fracassou. Naquelles tempos—elle orçava pelos vinte e tres annos—cada uma das suas noites de alegre esturdiada com outros rapazes da villa servia de vasto pabulo á bisbilhotice desoccupada dos linguareiros indigenas. E, de casa em casa, corria a historia das extravagancias de Alberto Coelho—«um perulário», «um vadio».

Mas, não obstante a chronica que lhe faziam alguns dos proprios que mais se aproveitavam das suas prodigalidades, elle era sempre figura preeminente nos bailes e nas rodas femininas. Insinuante e algo instruido (estivera na capital durante tres annos estudando no liceu), impunha-se também pela superioridade da fortuna e da gentileza, que ninguém lhe contestava, de bom dançador e rapaz de espirito.

Apaixonou-se pela formosa Augusta, o rosto



D. AMELIA DE FREITAS BEVILACQUA

mais lindo da terra, e bordou-lhe uns madrigaes trescalando a Casimiro de Abreu. A paixão foi reciproca—a moça correspondeu-lhe com uns doces olhares e uns sorrisos de ternura infinita. Chegaram á pressão ardente dos dedos e passaram ás mutuas confidencias acatelas e rapidas—para que os não surprisessem os olhos severos do fazendeiro. Que, pela bondosa Dona Anna, mãe de Augusta, de nada se arreceavam—ella até os protegia, na sua absoluta ingenuidade congenita.

Alberto, um dia, devidamente autorizado, pediu-a em casamento. O tenente Soares mostrou-lhe a carta, duvidoso de que a sua filha querida e tão ajuizada pensasse em dar a mão de esposa a homem de tal ordem.

Ella ficou toda confusa, lagrimas commovidas quasi lhe affluíam aos olhos, e, porfim, num murmúrio, suspirou «que se o papá e a mamã quizessem...»

Se elles quizessem? Nunca!—affirmou o tenente. Nunca! E destiou-lhe toda uma longa historia, inçada de hyperboles, da vida de Alberto Coelho. Mas ella estava surda, nada ouvia. E, tendo o longo sermão paterno, o coração repetia-lhe que nenhum outro homem era comparavel ao sr. Albertinho...

O que não podem lagrimas de filha! A opposição do velho teve, porfim, de ceder diante das angustias da moça. Mesmo, o rapaz como que se regenerava. Tornara-se outro, positivamente. Ha três mezes levava uma vida pacata, e, quem sabe? viria talvez a ser um marido exemplar. Ha tantos casos semelhantes! Por outro lado, que havia elle de fazer, se a rapariga queria... por-que queria?

O casamento effectuou-se. Viviam felizes, e um filhinho veio augmentar o encanto á sua ventura. Elle fizera-se negociante. A loja era num dos departamentos da casa de residencia. De modo que o intimo contacto em que viviam só ultimamente se modificara, porque ella, tendo adoecido, fôra, a instancias dos paes, tratar-se á fazenda, meia legua distante da villa, onde elle todos os dias ia vel-a, sempre ás tardinhas, depois do trabalho diurno.

Não tinham faltado, no entanto, linguas viperinas que tentassem pôr um laivo negro na serenidade limpida do coração da joven esposa. Foi quando viera fazer-lhe companhia por alguns mezes a sua irmã mais moça—a Margaridinha.

—A comadre desculpasse—disse-lhe, certa occasião, uma das suas vizinhas. A ponderação que lhe ia faser, era ditada pela grande confiança e muita amisade que ella sempre lhe inspirara. Não vinha dizer-lhe nada por mal, mas a comadre reparasse com olhos menos benevolentes naquelles brinquedos e naquellas graças do sr. Alberto com a cunhada. Ella nada via demais, para falar verdade; mas aquillo estava dando que trabalhar á lingua do povo. E a Margaridinha que era, para bem dizer, uma criança de todo inexperiencede...

Dona Augusta repelliou aquellas insinuações. A comadre não dêsse ouvidos á lingua do povo, quasi sempre injusta. O Alberto tinha mesmo aquelle genio expansivo. E que fazia elle que não fosse permittido entre cunhado e cunhada? Tratar a Margaridinha com a familiaridade de irmão? Louvado Deus, o marido ainda lhe não dera nenhum desgosto, ao contrario do que o povo ficou a esperar quando se effectuou o seu casamento. E já lá se iam dois annos! Ora, a lingua do povo! Agradecia á comadre o interesse que tomava pela pessoa da sua irmã e pela sua tranquillidade; mas rogava-lhe que não mais lhe tratasse de tal assunto.

A outra foi-se, resmungando contra aquelle pouco caso, intimamente revoltada. E ella ficou, por momentos, absorta, de olhos tristes, fitando, atravez da janella, um trapo de nuvem, que se esgarçava no céu...

Era ao tempo em que da fazenda, para onde a familia, mezes antes, se retirara, já reclamavam a volta de Margarida, que poucos dias depois deixava a villa, com a promessa de voltar «assim que os papás consentissem».

E nunca mais a vizinha veio lembrar a D. Augusta a infame historia, que ella de todo esqueceu.

...

Eram os musicos os dois filhos do velho Aguiar—o Vicente e o Joca. Este tocava a rabeca e aquelle a viola, e dava prazer ouvil-os, nos commovidos surtos da sua paixão artistica, enlevados, traduzindo, em harmonias languens, rusticas embora, a meiga e leve idealidade da alma sertaneja.

Os sons fugiam pelas janellas fóra, limpidos, vibrando jubilo, diluindo-se na doçura do luar, que escorria a prata liquida dos seus raios na copa das arvores murmurosas.

As dansas iam por diante, animadamente. Dansavam seis moças, inclusive as duas filhas solteiras do tenente Soares—Julia e Margaridinha. Os cavalheiros eram o Sinhô Ribeiro, filho dos abastados fazendeiros do Angico e noivo de Julia, e Alberto Coelho, que fazia de mestre-sala. Radiava contentamento geral. Todos os espiritos

sentiam-se impregnados da communicativa jovialidade de Alberto, sempre incansável em ditos e gracejos. Os donos da casa, obsequiosos como o são em geral as famílias do sertão maranhense, distribuíam-se em amabilidades, de par com D. Augusta, que, num grupo, falava do seu próximo regresso à villa. E tinha um sorriso feliz, enumerando os seus projectos de trabalho. Em que abandono não estariam a casa, a horta, as criações, todas as suas coisas, enfim! Levava saudades, muitas saudades da fazenda e dos vizinhos. Mas urgia que aquella demora se não prolongasse por mais tempo. E, graças a Deus, ella já estava, senão inteiramente restabelecida, ao menos muito melhorada.

Praticavam do próximo enlace de Julia, do mutuo e grande affecto desta e do noivo, dos preparativos que se faziam para a festa de tres dias e tres noites que o tenente Soares projectava realisar, — quando lembrou-lhe uma pergunta que devia fazer ao marido, relativa à viagem. Pediu licença ás outras e affastou-se a procural-o.

Mas debalde percorreu a sala das dansas e toda a casa. Deixara-o, no entanto, ha pouco, dançando com a Margaridinha — que tambem já não via. Onde estavam? Revistou a sala, os quartos, a cosinha — e sahiu ao pateo. Nada! Onde estariam? Uma subita amargura gelou-lhe a alma. As pernas fraquejaram-lhe, apoiou-se a um tronco de laranjeira. Sinistro clarão brilhou-lhe no espirito. Tentou, num esforço de naufrago, banir do coração a desconfiança negra e tremenda. Mas esta impunha-se, sempre e sempre mais vigorosa, penetrando-a, dominando-a, conquistando-a. As palavras da vizinha delatora, ha tanto esquecidas, voltaram-lhe aos ouvidos, e casos minimos, para que nunca olhara do alto sereno da sua boa fé, agora tomavam aos seus olhos conspectos novos, perspectivas imprevistas. Encadeavam-se, logicos e sombrios, raios convergentes do abismo que via abrir-se aos seus pés. E, sem que ninguém se apercesse da infinita e silenciosa dor que lhe avassalava e combalia todo o ser, transpoz o terreiro banhado de luar, e tomou o caminho da fonte, imagem viva da agonia, aqui parando, tremula, ao ramalhar de uma fronde, ali tremendo, com o coração aos saltos, ao menor ruido.

Houve um momento em que lhe pareceu distinguir dois vultos adiante, numa orla da estrada. Agachou-se por detraz de uma arvore, que a envolvia na sua sombra, e esperou, quasi de joelhos, offegando, algida. Os vultos approximaram-se. Eram *elles*! Nesse ponto, a estrada dividia-se em duas. Trocaram beijos e separaram-se.

Ella, com a vida toda concentrada nos olhos, dois astros na agonia de um crepusculo de tempestade, viu-os desaparecer, estatua hirta de marmore, sem a contracção de um musculo. E assim esteve por minutos. Por fim, por sua vez, tomou o rumo de casa.

Seriam onze horas da noite. Pouco depois retiravam-se todas as visitas e ella recolhia-se ao seu aposento. O marido, a convite do Sinhô Ri-

beiro, «que tinha umas coisas para dizer-lhe», fôra até ao riacho, ao *bota-fôra*.

Ella acercou-se da pequenina mesa que havia no quarto e por momentos esteve a escrever. Em seguida, approximou-se do leito do filhinho, que dormia. Ergueu-o nos braços, apertou-o demoradamente contra o peito, beijou, beijou-o... O pequeno ia despertar. Deitou-o, aconchegou-lhe as vestes com carinho, e quedou-se a contemplar-o, sem uma lagrima, fixamente, livida e tragica. Fôra, a fala de Alberto, que voltava, fel-a estremecer. Recuou, de braços em cruz, comprimindo o coração, os olhos presos na alva e pequena rede onde o filhinho dormia com um sorriso indefinível nos roseos labios virgens. E desapareceu pela janella do oitão...

Ninguém sabia onde ella estava. Debalde chamavam-a já ha uma hora. A angustia constringia todos os corações. Como se explicava aquillo, santo Deus? Que teria acontecido? Alguem aventou a hypothese de que ella, tendo sahido, cahira ali por perto, com algum ataque. E todos concordaram que devia ser isso. Não podia ter sido outra coisa. Se ella ainda não estava completamente boa!

E, entre as lagrimas e os soluços de uns e as exclamações afflictivas de outros, lançaram-se a procural-a pelos matos proximos, pela alvura das estradas silenciosas.

Triste coisa, triste coisa! Os gritos, chamando-a, estridulavam e gemiam no silencio da noite, repetiam-se mais e mais endoloridos, e só o magoado rumor do vento noctambulo nas franças do arvoredor respondia ao seu appello desesperado.

E, assim, veio a madrugada, veio a manha. E quando o sol doirou o cimo orvalhado das arvores, um dos trabalhadores do tenente Soares viu, pendendo de um galho de faveira, matto a dentro e a poucos passos do caminho da fonte, o corpo de Augusta, de faces congestas, com a ampla cabelleira negra oscillando ao vento, o pescoço arroxado preso a uma corda de sedenho, dobrada a tres...

Sobre a mesa do quarto da suicida foram encontradas duas cartas — uma aos paes e aos irmãos, outra ao marido. Despedia-se, pedia perdão para o seu crime e bemçã para a sua alma infeliz. Na de Alberto Coelho additava esta supplica: «que elle tivesse sempre muito amor ao filhinho e se casasse com a Margaridinha»...

ALFREDO ASSIZ.

Todo aquelle que, pela sua influencia immediata, conseguir modificar no sentido progressivo as formas da *actividade*, da *affectividade* ou da *intellectualidade* humana, embora circumscripto a um determinado meio social, esse merece a classificação devida aos grandes homens.

THEOPHILO BRAGA.



MARANHÃO—A INAUGURAÇÃO DO BUSTO DE ODORICO MENDES, NA PRAÇA DO MESMO NOME

A passagem do Dr. Oswaldo Cruz pelo Maranhão



A classe medica d'esta terra offereceu ao distincto medico Dr. Oswaldo Cruz um jantar que se realisou no dia 4 de Novembro, em um dos salões do Hotel Central.

Assim procedeu, no intuito de mostrar a consideração que tributa aos que trabalham pelo engrandecimento da classe, e manifestar o interesse que toma pelo bom exito da applicação, na cidade do Rio de Janeiro, dos principios da doutrina havanesa, com relação á prophylaxia da febre amarella.

Os vantajosos resultados obtidos em Cuba, os trabalhos realisados em S. Paulo, no Rio e em Petropolis, provando cabalmente que a propagação dessa molestia se faz somente por intermedio do mosquito—*slegomyia fasciata*, deram profundo golpe na theoria que a suppunha transmissivel pelo contacto com o doente.

Oxalá que, em breve, semelhante molestia desapareça do Rio de Janeiro, cessando de ser o pavoroso espantelho que até hoje tem afastado dessa cidade o concurso da immigração estran-

geira, e deixando de ser, ao mesmo tempo, o ramo de oliveira que tem attrahido ás plagas argentinas, as *arcas* carregadas de immigrants que ahi vão levar a prosperidade, dando desenvolvimento tão extraordinario á sua capital que pode ser citada como um dos mais raros phenomenos de estatistica do fim do ultimo seculo e do principio do actual.

Em 1869 a população de Buenos-Aires era apenas de 180.000 habitantes, em 1889, vinte annos depois, era de 450 000, e, actualmente, não estando ainda decorrido outro periodo de vinte annos, a sua população já está avaliada em quasi um milhão de habitantes !

E' mais admiravel esse engrandecimento do que a celeridade com que se levantavam as cidades dos Estados Unidos da America do Norte.

Conseguiram finalmente os argentinos, ao menos até hoje, que a capital do seu paiz fosse considerada a primeira cidade da America do Sul.

Quaes seriam os factores de tão rapido desenvolvimento ?

A grandeza do seu porto ?

Não, que a excellencia do do Rio de Janeiro nada lhe tem a invejar.

A origem dos seus habitantes ?

Tambem não, porque, o passado dos dois ramos da raça latina, que partiram da península iberica para fundar as duas alludidas cidades,

está rico em factos que realçam, por igual, o valor de ambos.

A situação geographica? Também não, porque, se Buenos-Aires está comprehendida na zona temperada onde se encontram as cidades mais prosperas do globo, ha cidades, em latitude identica a do Rio de Janeiro, que possuem população elevada como, por exemplo, Calcuttá e Bombaim.

Effectivamente a causa do desenvolvimento de Buenos Aires foi a existencia constante da febre amarella no Rio de Janeiro, que nos privou do concurso de 80.000 imigrantes que affluam annualmente para aquella capital.

Felizmente essa terrivel e tão explorada causa parece que vai cessar.

Desde 1872, como se lê no relatório apresentado pelo Sr. Dr. Oswaldo Cruz, não se encontra, no Rio de Janeiro, um estado sanitario tão favoravel, no que se refere á essa molestia.

Em 1904 a mortalidade de outras molestias infectuosas, como a diptheria e a coqueluche, foi ali mais elevada do que a da febre amarella.

Estes factos são bem positivos e demonstram perfeitamente a proficuidade dos trabalhos iniciados pela Directoria Geral de Saúde Publica do Rio de Janeiro.

Como medico e brasileiro, aqui venho render homenagem aos que emprehenderam essa campanha contra semelhante molestia, de cuja extincção resultará o engrandecimento da cidade do Rio de Janeiro, que, dotada de todas as condições e commodidades exigidas pelos hygienistas e architectos, será, mais tarde, a primeira da America do Sul, de accordo com a posição do Brasil que nella sempre occupou o primeiro logar.

E então o colossal gigante de pedras, que guarnece o horisonte da bahia de Guanabara, fitando os olhos no oceano e estendendo os braços para as arcos carregadas de imigrantes, que somente se encaminhavam para as terras argentinas, lhes dirá: —vinde, sem receio, ancorar no porto do Rio de Janeiro, porque, se eu ha muito vos assegurava a riqueza, agora vos garanto a vida também.

S. Luiz do Maranhão, 15 de Novembro de 1905.

Dr. Justo Jansen.

Carmen Silva

(RAINHA DA ROUMANIA)

Li, ha pouco, n'um diario de minha terra, esta noticia:

—«A rainha da Roumania, a hysterica e desequilibrada soberana, que com o pseudonymo de Carmen Silva, tem publicado meia duzia de livros francamente mediocres, acaba de fazer uma boa accção: melhor que a sua prosa, resolveu dar de presente para a installação de um asylo de escriptores pobres um castello que possuia no Rheno.»

Ao terminar a leitura d'essa noticia repeti, n'um mixto de revolta e piedade as palavras que,

referindo-se a essa infeliz rainha, disse alguém:—*a corôa da gloria é forrada de espinhos por dentro!*

Desgraçada rainha! que nem por ser rainha, intelligente, meiga, como se adivinha pelas suas producções, deixa de ser infeliz!

Desequilibrada! aquella que soffre resignadamente os seus tormentos, calando-se, e apenas consolando-se com a sua penna, como diz ella propria nos seus versos:

... la chanson berce ma souffrance.

Ao ler essa fatal noticia que por um lado a eleva, pelo soffrimento, e pelo outro a degrada, lembrei-me do seu sublime pensamento:

«A mulher é mais capaz do que o homem de comprehender o artista; pela maternidade sabe quanto é cruel gerar.»

Desequilibrada quem falla assim!

Quando a minha adoravel *desequilibrada* escreveu que—*ha caras nas quaes se vê por momentos serpentinhas sahindo dos olhos; ha outras em que as serpentes se arrastam até aos olhos, sahindo dos cantos da bocca; e que os jornalistas são como as moscas: nada para elles é sagrado*—estava longe de pensar, talvez, que seria victimada por aquellas *serpentinhas* e importunadas por essas *moscas*.

Não conheço os seus livros. Infelizmente os não conheço. Mas, pelo que tenho lido d'esta mulher superior—pensamentos esparsos e chronicas—avalio que esses *livros mediocres* de que desapiedadamente falla o jornal, n'uma infeliz transcripção, sejam fontes limpidas onde o espirito possa banhar-se com delicia, como a avesinha sequiosa e cansada nos arroios que deslisam cantantes á sombra acariciadora de agrestes florinhas.

Desequilibrada! quem pratica uma accção digna de todo o louvor! quem exerce a mais sublime das virtudes—a caridade! quem se lembra de dar abrigo a essa multidão de desamparados, cujo unico cabedal está no cerebro—aquella porção de pensamentos luminosos, mais brilhantes que montes de estrelinhas novas, tão brilhantes que, como osol, podem aclarar todo um mundo!...

Mas não têm a cotação do ouro, porque para esses esfarrapados milionarios da Idéa ainda se não construiu, ainda os não fundiu a moeda destinada ás suas transacções!

Alli, na poderosa e antiga Germania, nucleo de talentos opulentissimos, essa pleiade de infelizes, unidos pela mesma chamma creadora do mesmo laço de misérias, se congraçará debaixo d'aquelle tecto protector e reunidos cantarão, de certo, esse hymno á sua Bemfeitora, cujo titulo d'avia ser—*A feliz Miséria*.

E, enquanto o Rheno cascata lá fora a sua murmurosa canção, esses Desgraçados de alma illuminada e florida, cantando á lyra e manejando a penna deixarão escorrer por ellas o ouro fluído das idéas que irão illuminar uma população inteira, recreiar os potentados e multas

vezes abrir a valvula que lhes dará a moeda corrente!

E elles, os escriptores pobres do castello do Rheno, continuarão pobres, sempre pobres, a encher tiras de papel para terem, quando muito, depois da sua morte, uma estatua como Camões!

E a Gloria é isto!... Uma vida de tormentos para ter um NOME depois da morte!

Mas a Gloria deve ser mesmo como uma Ressurreição! Como esse premio da Vida Eterna que só se gosa depois da morte, depois de esgotada a ultima gota de sangue, a ultima porção de ar, o ultimo sacrificio!

E a minha querida Rainha da Roumania, como artista que é, comprehendendo o sacrificio do corpo pela alma... foi por isto que, no seu *desequilíbrio mental*, n'esse *hystherico* momento de *allucinação*, se lembrou de proteger os escriptores pobres!

Ah! minha adorada *Carmen Silva*! eu quizeira que o meu Estado fosse governado por uma desequilibrada como tu!

Então, eu deixaria as maguas que tenho da Patria sepultadas no esquecimento e iria, reverente, beijar a tua mão protectora e depôr a teus pés uma brçada de lyrios.

ROSALIA SANDOVAL.

Marcellino e o seu theatro



Tenho-o dito mais duma vez: considero o chamado drama pathologico verdadeira literatura de hospital. Não o considero necessario, não o considero proficuo. No meu entender, em toda a obra de arte, e muito especialmente a literatura, reside sempre um intuito de educação. Quer dos brandos sentimentos, quer das violentas paixões, tem que advir ao nosso espirito uma impressão moralisadora, seja ella communicada num sorriso, ou transmittida num grito. Aménisar, é dulcificar; indignar, é commover. De tudo resulta uma lição,—e essa lição é sem duvida a de que devemos ser bons, porque tal ou tal affecto a isso induz; a de que devemos ser justos, porque tal ou tal iniquidade só com a justiça se remedeia. E quer bondade nos inspire ou justiça nos esclareça, é sempre uma boa e solida moral que triumpho,—aquella que representa o *quid* supremo da existencia humana.

Por este criterio, claro se reconhece que o espectáculo da dôr, que a nossa condição bem infeliz, é um permanente estímulo a generosas e redemptoras resoluções. Não se perde o espectáculo do soffrimento. Vendo-o, odiando-o, mais fundamente do que todas as abstracções no-lo poderiam suggerir. E esse odio converte-se logo em amor pelos desgraçados que dum flagicio immerecido padecem, transforma-se em paixão santa e consoladora de nunca collaborarmos na obra nefasta que taes infamias, taes tormentos produzem. Numa palavra: surge-nos, avassaladora e lucida, a necessidade de usarmos de todo o remedio que sejamos susceptiveis de empregar para que, na vida, não tropeçemos no horror que, só na ficção, nos fez estremecer,—e no caso de tal remedio não ser conhecido empregarmos todo o dedicado esforço da nossa intelligencia em descobri-lo.

Claro é, pois, que os soffrimentos apresentados em theatro, para que em tal educação cooperem e para que a taes designios se prestem, necessitam de pertencer á cathégoria daquelles que na ordem social se originem. Aos que sejam propriamente physicos já o coração do homem attendeu, prestando os recursos da sua sciencia para a sua cura ou attenuação. Se virmos num palco um cego, manifestando-se com os meios de que a arte dispõe o seu martyrio, não poderemos faser mais do que compungir-nos, arremessados a um soffrimento moral inteiramente esteril, visto que na impotencia da nossa piedade nada encontraremos para eliminar ou minorar a tortura entrevista. Pode-se remodelar costumes, transformar de *fond en comble* uma sociedade; tudo isto, que é enorme, entra nos limites do possivel: o que não podemos, ainda que para isso offereçamos todo o nosso sangue e toda a nossa alma, é fazer com que, em pupillas apagadas, brilhe de novo a sacrosanta luz que permita o goso integral da vida. E, se alguém o pudesse conseguir, não seriamos, mero publico tremendo da arte, mas sim os profissionaes da fria e incançavel sciencia.

Mas se, em these, eu não creio admissivel, embora altos espiritos o tenham aproveitado para as emoções scenicas, o chamado drama pathologico, não é menos verdade que, salvaguardada ella, nós não podemos exigir do dramaturgo, que dum assumpto de tal natureza se inspirou, senão que proba e talentosamente o trate. E' o caso dessas *Almas doentes* em que Marcellino Mesquita, não receio affirmar-o, firmou o trabalho mais coherente, homogéneo e brilhante da sua obra, e quesacrilegamente e ineptamente foi pateado na noite da sua *première* por *cóteries* de invejosos mesquinhos e de miserandos inconscientes.

Não se pode exigir dum escriptor a obra que elle não fez. Decerto seria rematada loucura exigir de Camões, em vez dos *Lusiadas*, o Dictionario Philosophico de Voltaire. Marcellino Mesquita pertence a uma camada artistica, correspondente a um meio muito diverso do que hoje entre

nós se nota. Creado nas doutrinas d'um materialismo absorvente, tanouse-lhe, rápido, a flor idealistado seu espirito de poeta. Para elle as cousas são o que são, — e não o que deviriam ser, nem o que poderiam ser. Olha a vida com olhos de medico. Tudo para elle são aleijões, quer deformem os costumes, quer os corpos. Em tanta miseria, em tanto ridiculo, em tanta oppressão, em tanta dôr, — ha drama? Sem duvida. Pois bem! Cada incidente da vida pode ser transportado para o theatro, contanto que emocione.

O incidente de agora repousa num caso de hereditariedade de loucura. Personagens do drama: pae, mãe e uma filha. O pae, chegado a uma certa idade, começa a notar em si proprio um desequilíbrio doentio. Mal se apercebe da sua significação, mas para o espectador ella é clara desde o momento em que é informado de que já opae desse desgraçado, chegado a uma certa idade, se matara, dominado por uma loucura semelhante. O facto é notorio, mas só quasi nas vespas do casamento é que o noivo da filha é advertido da sinistra tara. Então, recuando deante da ameaça de ver um dia sua mulher enlouquecer por seu turno, mal a data fixa se aproximou, retorna a sua palavra, desmancha o casamento. Este facto apressa a catastrophe. Apesar de todos os subterfugios, a pobre rapariga descobre a verdadeira causa do abandono, e tambem dentro em pouco ella não pode ser vedada ao desventurado pae. O seu desequilíbrio augmenta: só a morte lhe apparece como redemptora do seu soffrimento. Mas, quando vae para matar-se, apparece-lhe a filha. N'uma scena, das mais intensas que a dramaturgia moderna pode registrar, ella declara ao pae que quer tambem morrer. Elle pro-

testa, supplica: ella exige. E não se esquecerá facilmente o calafrio que nos corre pelo corpo, quando, n'um grito enraivecido, ella clama ao desgraçado, que é a involuntaria origem da sua desgraça: «Então tu queres antes, pae, que eu morra, doida furiosa, n'uma cellula de hospital?»

Morrem ambos. Unidos os labios no ultimo beijo, os seus corpos entrelaçam-se no mesmo bloco de soffrimento despedaçado. E o panno cae, entre o rumor soberano de perguntas que finalmente respiram.

Repito: não creio que isso deva ser apresentado em theatro, mas a verdade é que isso está admiravelmente feito. Não ha uma hesitação, não ha uma queda. O drama completo, que é uma tragedia pura, enquadra-se nos limites estritos de dois actos, sem uma palavra a mais, sem uma palavra a menos. E a precisão mais assombrosa de technica theatral que tenho visto até hoje. Trabalho perfeito, acabado, to-

do elle recuma talento desde a primeira á ultima scena. Observação escrupuloza, typos seguros, acção harmonica, cheia de interesse e de imprevisado. Se Marcellino não fosse já considerado, por todos os que desapaixonadamente julgam as cousas e os homens da nossa literatura, como o primeiro dramaturgo da actualidade, as

Almas Doentes, em que pese aos seus mesquinhos detractores, tello-hiam firmado no seu justo lugar, como n'um pedestal de direito obtido.

E foi este trabalho primoroso que meia duzia de philistens pateou! E com que argumento? Com o de que os incommodava! E a gente nova que reclama, pois, trabalhinhos ligeiros e farças



Moda d'A REVISTA

desopilantes, para não perturbar a digestão dos burguezes. Ao que parece, queriam uma tragédia moldada no genero das peças de Gervasio Lobato. E é esta mesma gente que applaudo os *Espectros* do Ibsen, em que Zaccari nos gelava de terror, e a *Enquete* de Henriot, em que um caso de loucura era identicamente aproveitado.

Incoherencia, dir-se-ha? Não: baixeza. O fim que se quiz visar não foi a obra, foi o homem, —porque elle occupa o logar eminente que os plunitivos de maus caracteres pretendem vago, como se isso bastasse para elles lá poderem ascender.

MAYER GARCÃO

Esperança

Já vistes entre as arvores, se brama
E sopra o vento, e o sol da Primavera
Chispa e fulge, algum passaro que a trama
Dos galhos salta, se o rumor impera,

Julgando ouvir na musica severa,
No selvagem rumor de cada rama,
O cantar de outro passaro que o espera,
O trinar de outro passaro que o chama?

Nós somos mesmo como essa ave: ouvimos
Sempre, em tudo, uma voz maviosa e pura
Que nos minora as magoas que sentimos.

Essa voz é a Esperança, que buscamos
Embalde,—como o passaro procura
A cantar o outro passaro entre os ramos!

Pará.

HUMBERTO DE CAMPOS

(Helios)

Admirar

A capacidade de elevação e progresso de cada um, está na razão directa da faculdade de saber admirar. No espirito que se embevece, extático, diante de uma maravilha da natureza, de uma obra reveladora de superioridade artistica, de uma conquista do humano esforço, palpita porventura o germen de uma criação immorttal. Isto não é um paradoxo.

O que é preciso é que essa admiração decorra da comprehensão absoluta daquillo que a tiver suscitado.

Newton acompanha, de olhos deslumbrados, a queda de um fructo,—e descobre a lei phisica da attracção e repulsão dos corpos.

Newton admirava? Pois que ha de admiravel num facto de tão barata trivialidade?

Admirava. A Newton, como a Gallileu contemplando o movimento oscillatorio de uma lampada no alto de uma torre da cathedral de Piza, empolgava o deslumbramento de quem tinha penetrado um estranho dedalo magnifico, absolutamente vedado à vulgaridade da vista normal, do olho emmetrope. Porque o genio vê como por meio de um mirifico aparelho de radiographia; não encontra impossiveis, sonda o insondavel, perscruta muito além do que nós outros chamamos o horizonte visual. Tem, no grau mais elevado, a potencia miraculosa de apprehender a fugidia visão do misterio, e trazê-la, transmutada em verdade, clarividente e lucida, para o ambito das coisas tangiveis, da tangivel realidade...

Conhecem o pintor do quadro de Morel que segue, sobraçando os instrumentos do seu mester, indifferente a tudo que o cerca, de todo abstrato, os bellos olhos sonhadores perdidos no vacuo?

De redor do artista mulheres, tentadoramente semi-nuas, de uma belleza arrebatadora de betairas gregas, tentam allicial-o numa rede de irresistiveis seducções. Todos os meios perpetram, de todos os recursos se apropriam de seductora magia...

Ranofrits maravilhosas, que José fugitivo deixar-lhes-ia preso o manto às alvas mãos velutinas?

Emtanto, da Turris-Eburnea donde olha para o infinito, o pintor nada vê, nada sente daquella esplendida floração de carnes bellas.

Como se pairasse muito acima da contingencia humana, prosegue incólume, surdo e sublimado, só vendo, longe, no indifinivel horizonte, a visão radiosa do seu sonho de illuminado...

Algo existe que o torna supremamente incorruptivel—é a magnitude do seu ideal de artista; é a absorção completa do seu ser, de toda a sua potencia affectiva na ancia de conquista do que elle mais intensamente admira—a belleza da sua arte, e mais ardentemente deseja—o beijo de luz da Gloria...

A admiração—eis o imán que prende a alma ao ideal, a *alma-mater* de tudo quanto de excelso tem produzido o espirito humano.

Felizes os que sabem admirar! São dessa tempera os grandes espiritos creadores, esses eternos monges Hieronimos da lenda, embriagados na harmonia do passaro divino!

LAURO VIDOEIRA.

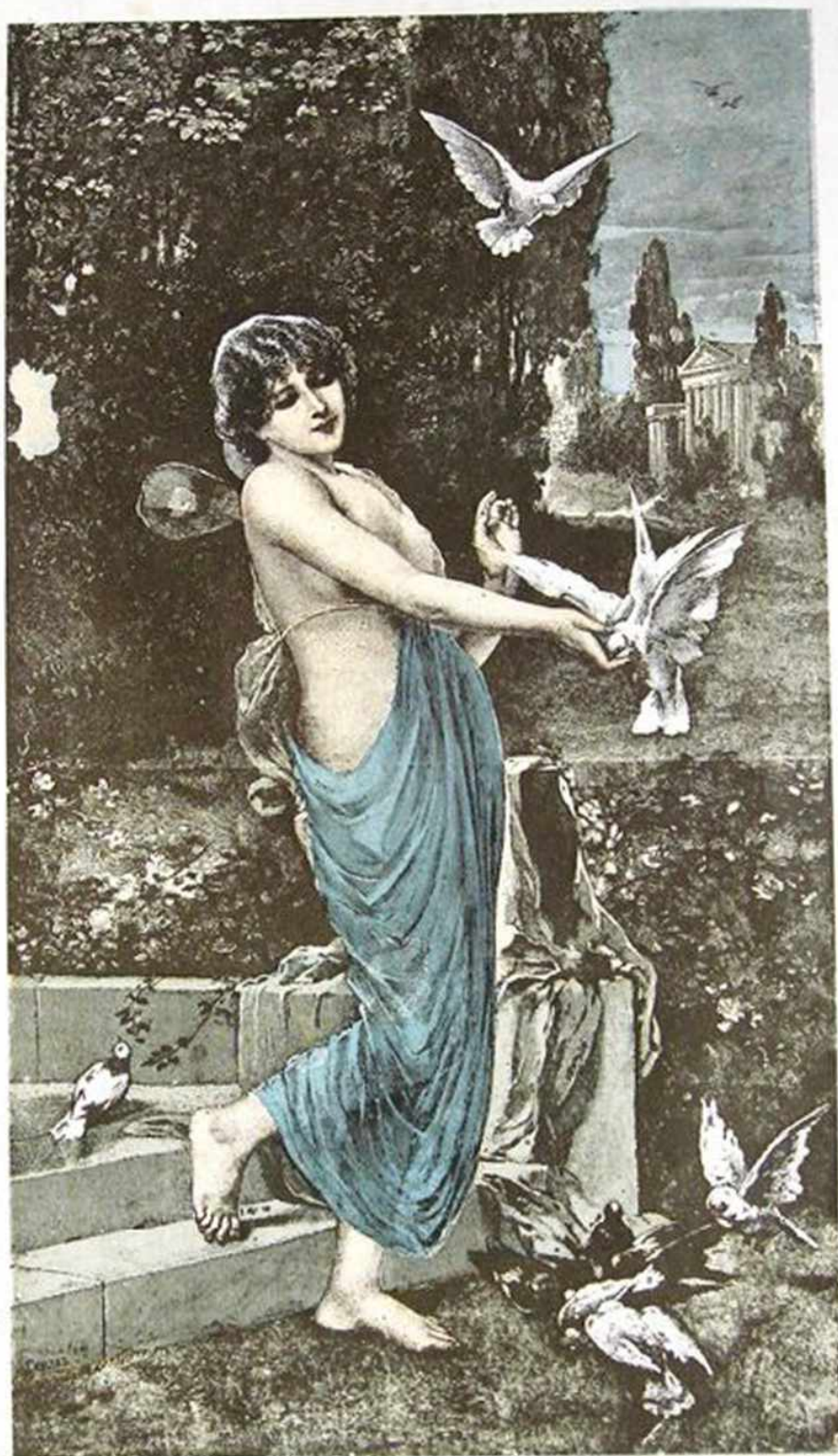
Os poetas, que não dizem senão verdades sob brilhantes imagens, comparam as almas despidas de paixão amorosa ao corpo vazio das cigarras mortas. Sômente é preciso não fazer do amor a pedra angular da vida conjugal, porque, «se o coração da mulher é semelhante à planta que floresce à superficie da agua, o coração do homem é cambiante como um céu de outono.»

ARTHUR ORLANDO.



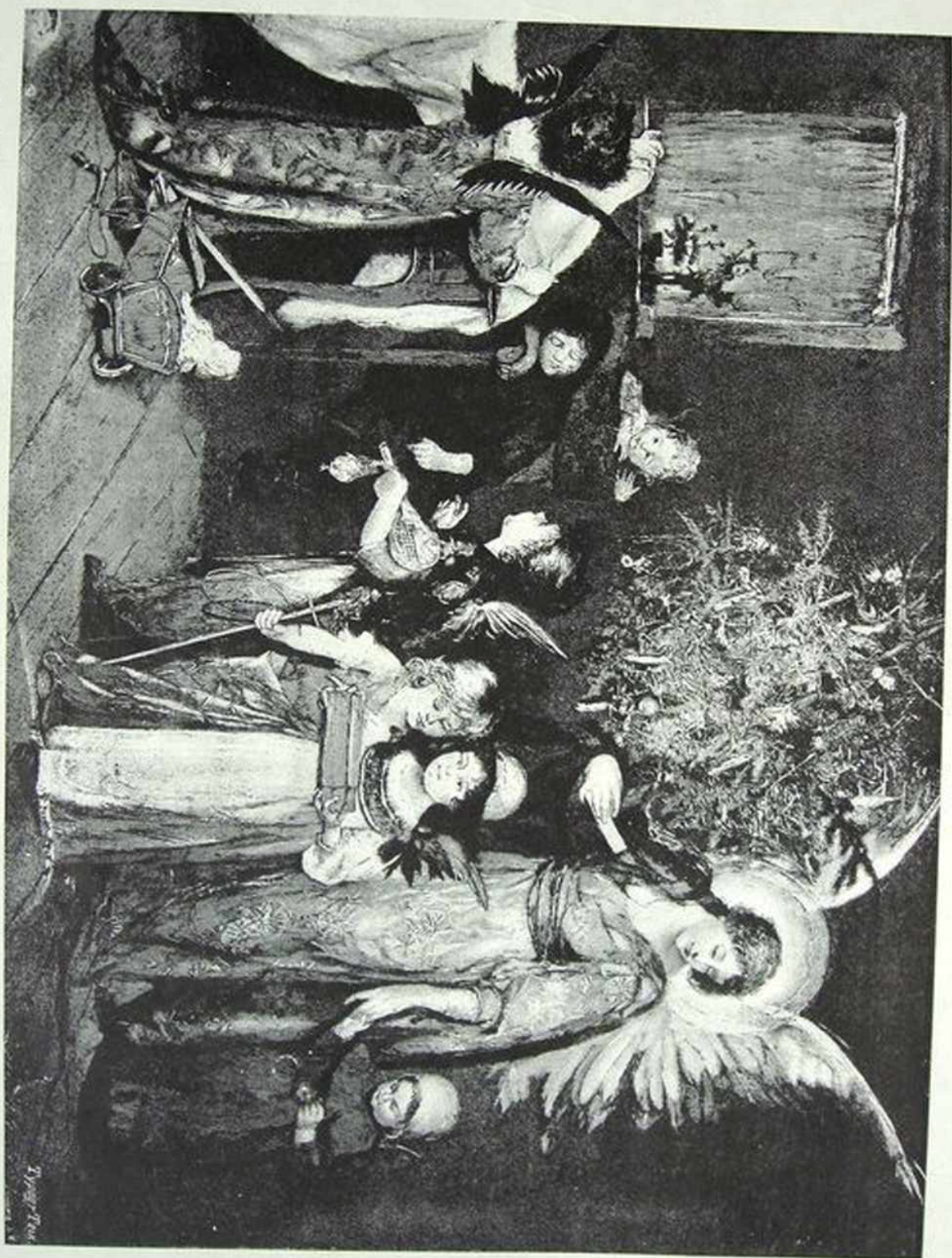
Historia muda





A Revista do Norte, 3.º ANNO N. 2

Psiché



A Berceira do Menino, de ANTON S. 4

Natal

A REVISTA DO NORTE



O MEZ



Andaram, este mez, numa verdadeira roda viva as crianças das nossas escolas. Raro era o dia em que se não viam, pelas ruas da cidade, bandos alegres de meninas, vestidinhas de branco, de fita nos cabelos, sobraçando uma pesada ruma de livros e de papeis. Os meninos pelo mesmo consequente: fatinhos brancos, bonets ou gorros, e a tal livralhada com o inseparavel papelorio. Que destino levavam esses pequeninos? Não é preciso que se

lhes diga, meus senhores: esses meninos iam fazer exame! Nem mais nem menos! Dirigiam-se para as suas escolas onde os aguardava uma comissão, jury, corpo examinador, ou que melhor nome tenha, cuja missão ia consistir em torturar por algumas horas aquelles pequeninos cerebros que, pelo contrario, só deveriam receber da vida impressões saudias e alegres.

E os pápás e as mããs da petisada assistiam muito satisfeitos da vida a toda aquella burlesca miniatura do tribunal do santo officio e de lá saíam nadando em jubilo porque os filhinhos haviam affirmado que um trecho de um

classico, que lhes deram os inquisidores para analysar, continha tantas *clausulas*, umas *syndeticas* e outras *asyndeticas*, que nessas clausulas haviam elles encontrado uma multidão de coisas, como fossem: predicações completas e incompletas, relações de todos os matises e qualidades, adverbias, prepositivas, predicativas, etc. etc. Outros nem cabiam em si de orgulhosos porque a interessante prole, num abrir e fechar d'olhos, enumerara os mais reconditos e desconhecidos cabos da Asia e as mais subteis e acanhadas correntes da Cochinchina. Outros ainda proclamavam, muito anchos, que a filha-da-puzera p'ra li, em pratos limpos, enquanto se diz ovos, toda esta embrulhada da origem e classificação das especies animaes, que os sabios de todo o mundo até aquella data não haviam ainda conseguido destrinçar. Um quarto grupo boiava num mar de rosas porque os filhinhos, tão pequenitos, tão franzinos que quem os visse nada daria por elles, tinham, comtudo, feito um figurão no exame de SCIENCIAS! Sim, senhores, não tem de que se admirar: exame de SCIENCIAS! Então supõem os que me lêem que este negocio de sciencia é privilegio das intelligencias adultas, dos cerebros amadurecidos pelo estudo e pela reflexão? Pois andam redondamente engados: qualquer d'aquelles fedellics sabe SCIENCIAS como nenhum de nós nunca soube nem sequer dirigir a propria vida...

E, no emtanto, não pensa toda essa gente que anda simplesmente a assistir a execução de uma tarefa barbara e cruel, que só encontra como atenuante da responsabilidade ços que a põem em pratica, a ignorancia em que elles proprios andam das consequencias da sua obra? Pois não está a entrar pelos olhos dos que se queiram dar o trabalho de reflectir por alguns minutos, que toda aquella espectacular exhibição de *sabença* não tem valor de especie alguma, nem para os innocentinhos que maquinalmente a executam, nem para os mestres que passaram um anno inteiro a adestra-los nessa execução? Pois não é claro como a luz do dia, que nenhuma d'aquellas intelligencias pode perceber as



complicadas noções que lhes impingem e que só á força de memoria é que embatucam o auditorio contando na sua presença coisas tão extraordinarias e tão alevantadas? Não é triste, na verdade, triste de fazer chorar, ver a gente os seus filhos transformados em pequeninos comediantes, atrofiando em pura perda as suas faculdades mentaes, viciando a sua intelligencia, sobre-carregando a sua memoria de noções indigestas e perfeitamente inúteis, nocivas até, porque, quando a gente forma na infancia uma idéa errada ácerca de qualquer coisa, difficilmente conseguirá, na idade da razão, corrigir essa idéa?

Felizmente, parece que o mal já vae sendo atacado pela raiz: já contamos alguns estabelecimentos de ensino em que as idéas novas vão fazendo caminho.

A instrucção que nelles se ministra é racional e methodica, abrangendo coisas uteis e de accordo com o grão das intelligencias infantis a que se destinam. E assim é que deve ser: deixemos de parte toda essa bagagem indigesta de grammatiquice e de sciencias e preparemos as creanças para a vida, ensinando-as a conhecerem as coisas que as cercam e a d'ellas servir-se

para o melhor bem estar seu e dos seus semelhantes.

E de uma vez por todas releguemos para o montão das coisas inúteis essa bolorenta e archaica instituição dos exames de fim de anno, que nada prova e de nada serve a não ser para gerar no espirito das crianças a idéa de que ellas aprendem, não para saber, mas simplesmente para, no mez de Natal, dar consumo a vestidos custosos e repetir como papagaios, todas as papagaices que lhes metteram nas cacholas.

Só assim é que os nossos professores farão inteiro jus á gratidão da sociedade em que vivem.

HENRIQUE NEIVA.

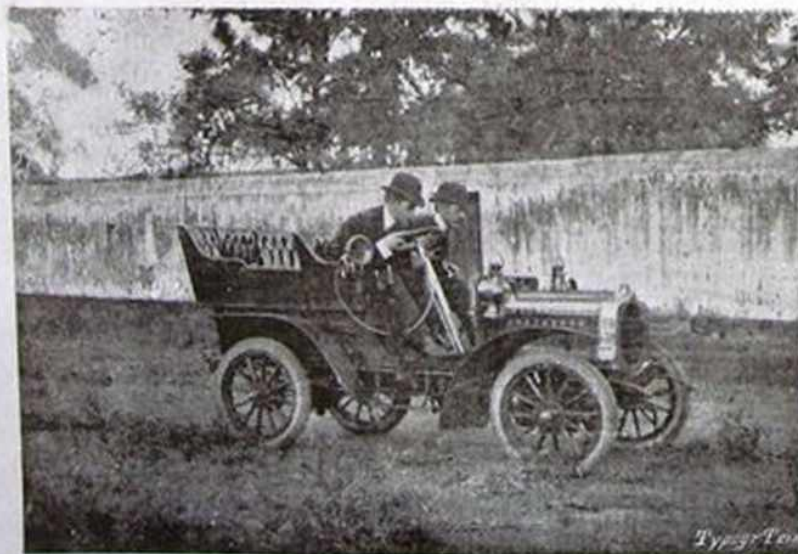
A liberdade de consciencia e a liberdade de ensino



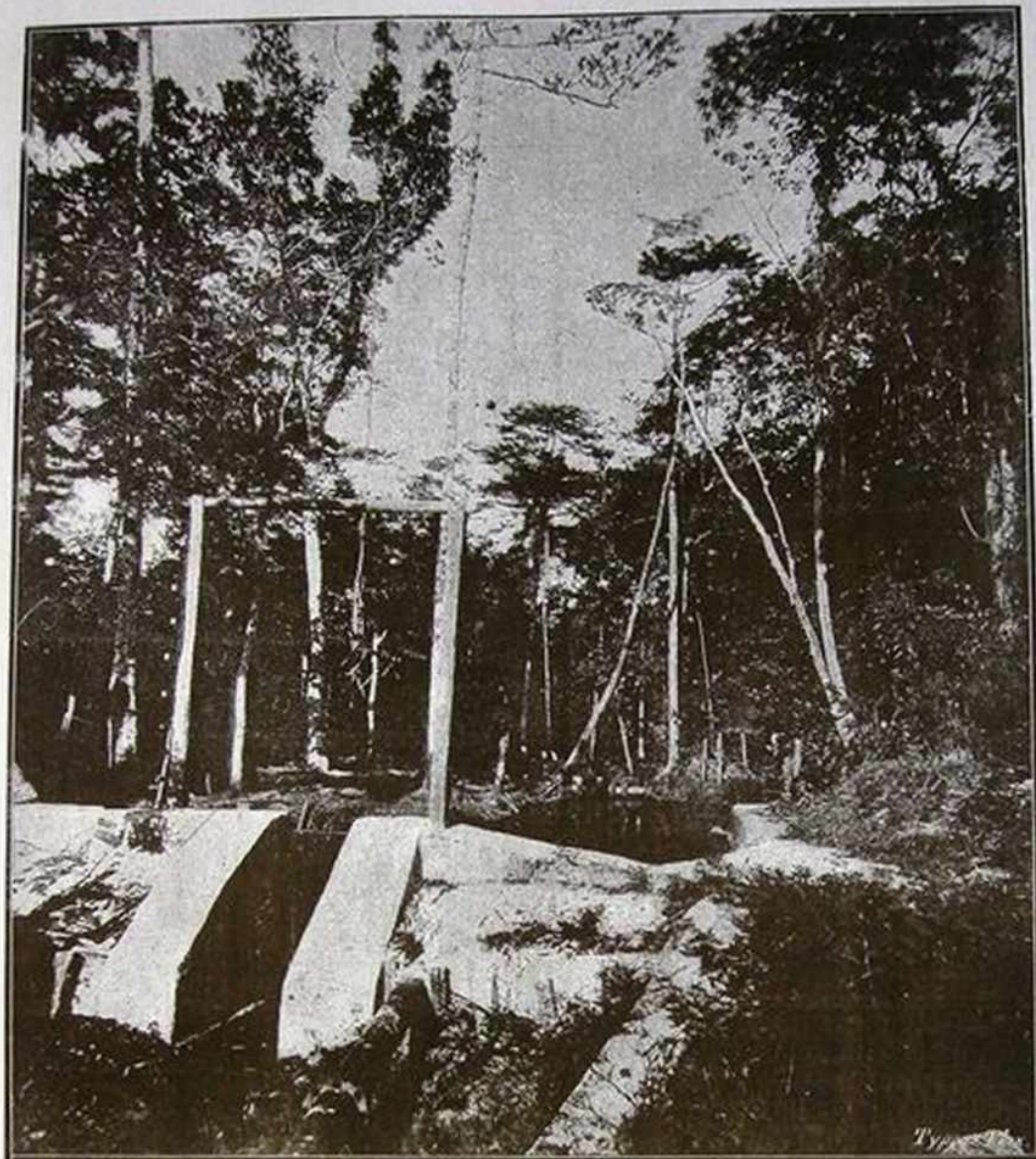
Uma das partes do funcionamento do nosso organismo na qual o homem mais difficilmente

tolera a ingerencia de uma vontade estranha á sua é aquella que se traduz pelas crenças religiosas; a liberdade de consciencia foi, em todos os tempos, reclamada como um bem supremo, como a mais preciosa das prerogativas humanas. Explica-se isto pelo fato do homem ser mais cioso das suas tendencias metafisicas de que das suas conquistas scientificas. A historia humana prova a cada passo a verdade do que acabamos de afirmar.

O homem nasce com uma tendencia hereditaria para o misticismo: as descobertas da ciencia são por demais recentes, e todos os terrores que no espirito dos nossos antepassados provinham dos phenomenos que elles não comprehendiam, fazem ainda parte do patrimonio que nos transmitiram, conjuntamente a outras taras e qualidades. O maior beneficio que a ciencia poderá prestar á humanidade será exactamente curar-la do medo. A religião, seja ella qual for, nada mais



MARANHÃO—O AUTOMOVELO DO SR. JOAQUIM SANTOS (Phot. amador G. Neves)



C. F. T. RIO ANIL—PREZA NO RIO ANIL

representa do que a cultura do misticismo hereditário do homem : é uma interpretação dos fenómenos exteriores, que, em vez de se apoiar sobre as conquistas recentes da ciência, apela para concepções antiquadas e ilógicas, respeitadas apenas por terem sido o fruto da imaginação dos nossos antepassados, *infinitamente muito mais ignorantes do que nós*. Desde o momento em que uma criança começa a falar, antes, portanto, de se tornar apta a aprender os mais elementares rudimentos das coisas científicas, para logo lhe ensinam o catecismo que, dentro de poucas horas, na frase do bispo de Belley, «as torna mais sábias do que os mais ilustres filósofos». Empanzinam-lhe o cérebro com um montão de palavras vazias de sentido e a ella, devido à sua pouca idade, chega sem dificuldade a acreditar que semelhantes palavras representam

rem outra coisa diferente daquillo que pensam, a menos de buscar convence-los por meio de argumentos que substituam por novos os antigos resíduos o que é difficilimo quando estes ultimos datam da infancia); a liberdade de consciencia comprehende mais o direito de exprimir publicamente o que se pensa.

Como a tagarelice é a mais importante das occupações humanas, usam todos largamente d'esta liberdade, e as discussões que de semelhante exercício decorrem ordinariamente degeneram em querelas terriveis porque o homem apega-se, mais de que a qualquer outra coisa, às divagações desarrasoadas do seu cerebro. Teem-se visto individuos, que, afóra isso, não seriam maus, entrematarem-se porque, quando eram pequenos, lhes ensinaram absurdos diferentes. Dado o fanatismo inherente a certas convicções, será

alguma coisa de positivo. Ensinar às crianças a «origem do mundo!» (?) antes que ellas possam comprehender o mais simples raciocinio científico, é introduzir-lhes voluntariamente no cerebro um certo numero de residuos indestructiveis, que mais tarde virão fazer parte integrante da sua personalidade, é impor-lhes á força uma crença cujo valor logico não podem discutir e da qual mais tarde difficilmente se poderão desembaraçar, porque as coisas da fé são independentes de todos os raciocinios.

A liberdade de consciencia não se reduz ao direito de pensar aquillo que se pode (digo o que se pode e não o que se quer, porque só se pensa aquillo que os instrutores da mocidade ensinaram, e não se pode mais pensar outra coisa; além disso é impossivel faser os homens pensa-



C. F. T. RIO ANIL—FACHADA DA FABRICA

talvez perigoso permittir por toda a parte as conversações sobre assunto religioso. Quanto ás conferencias, ellas não apresentam o mesmo perigo, porque os auditores que a ellas concorrem sabem de antemão que nellas lhes será dito exactamente o que elles na realidade desejam ouvir.

Infelizmente, as convicções ardentes acarretam geralmente um fanatismo perigoso e um desejo indomavel de faser proselitos, de sorte que, quando num paiz uma opinião religiosa é commun á maioria dos seus habitantes, querem os que constituem o maior numero impô-la á minoria que por seu lado resiste com todas as forças a semelhante imposição. Se, todavia, quizessem os partidarios exaltados de qualquer seita religiosa reflectir em que as opiniões religiosas se contraem na infancia e que é quasi impossivel desembaraçar-se d'ellas na idade madura pelo raciocinio, de certo não seriam tão presuncuosos e não as queririam á viva força impor a todo o mundo, renovando assim a fabula da raposa da cauda cortada.

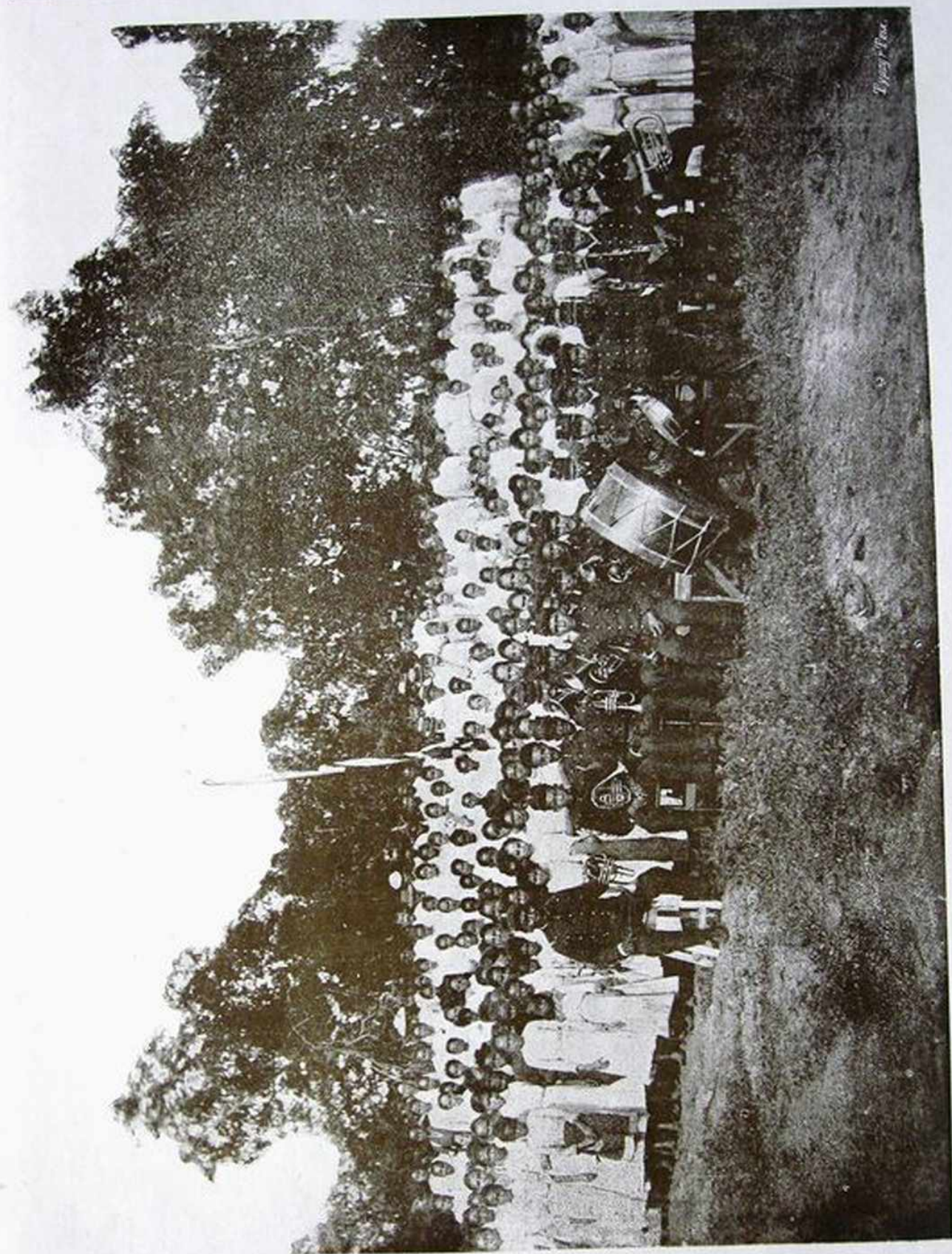
A esta questão da liberdade de consciencia liga-se estreitamente a da liberdade de ensino.

Assim como as gaivotas gostam de reunir-se numa mesma praia, porque se assemelham, assim tambem os seres imbuídos de certas convicções religiosas teem um especial praser em encontrar essas mesmas crenças nos seus vizinhos e, como taes convicções se inoculam na tenra idade, reclamam em altos brados o direito de inocula-las no maior numero de creanças possivel. Mas, não será disparatado perguntar em que idade o homem começa a ter direito a essa liberdade que elle tão insistentemente reclama, porque, se tal direito começa cedo, a so-

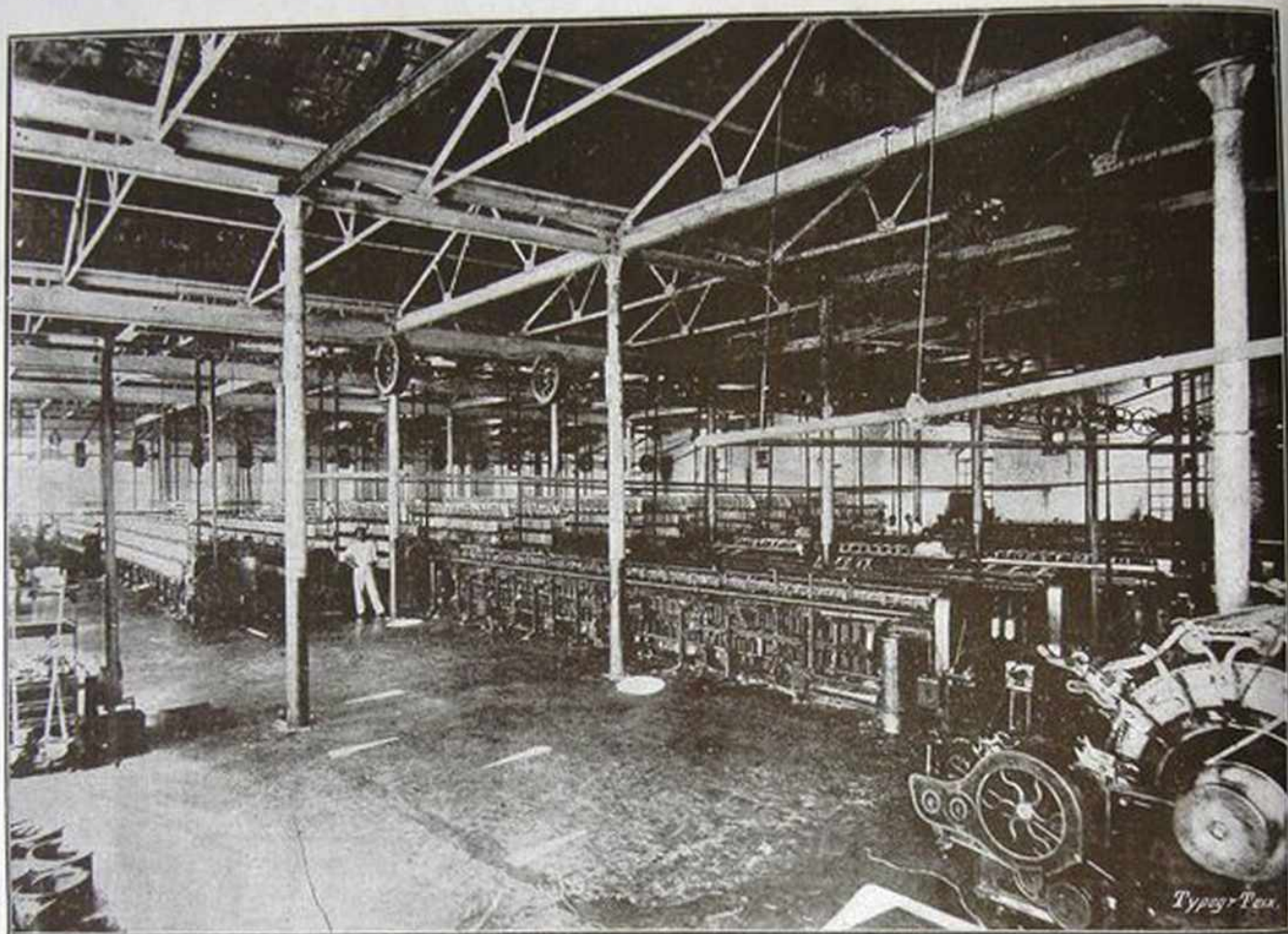
ciiedade deve intervir para proteger o das crianças que ordinariamente procura os adultos infeudar a tal ou tal religião, aproveitando-se do fato de ainda não estar suficientemente desenvolvida a sua razão e fazendo brilhar aos seus olhos maravilhados a incontestavel vantagem de immediatamente se tornarem mais sabias do que os maiores filosofos. E' curioso que os Ingleses, que levam o respeito pela liberdade individual até ao ponto de não quererem tornar a vaccina obrigatoria, ministrem, apesar disto, aos seus filhos uma instrução religiosa cujos efeitos serão certamente muito mais duradouros do que os da vaccina.

Nas epocas teocraticas, quando a lei social era apenas um eco de um sistema religioso, era natural que se ensinasse ás crianças as partes essenciaes d'esse sistema. Hoje, porem, já se não dá o mesmo, pois que constantemente se vê muita gente hesitando entre o seu dever e a sua fé.

Mas, dir-nos-ão, toda a convicção é respeitavel. Mas o erro tambem é respeitavel, retorquiremos, da mesma forma que a fraquesa e todas as enfermidades humanas. Experimentamos um respeito cheio de piedade diante da dor de um individuo; sentimo-nos, pelo contrario, alegres constatando a sua alegria. A verdade é como a alegria: resplandece, pertence a todo o mundo e, portanto, não necessita de respeito, ao passo que o erro é pessoal como os tumores escrofulosos. Alem disso, temos muito mais apego aos nossos erros do que ás verdades reconhecidas. Se alguem contestasse a Pascal a legitimidade das proposições de Euclides, o sabio sorriria; se, porem, lhe contestassem um ponto de



C. F. e T. RIO ANIL—PESSOAL OPERARIO



C. F. T. RIO ANIL—SALÃO DE FIAÇÃO

dogma, elle *in pello*, desejaria queimar vivo o seu contraditor.

O respeito mais real da liberdade dos individuos consistiria em educar as crianças fóra de todo o sistema religioso, em confessar francamente que a sua razão se acha muito pouco desenvolvida para que possa criticamente abordar os grandes problemas da cosmologia, e em ensinar-lhes unicamente, como um meio de desenvolver-lhes a razão, as verdades indiscutíveis, como as da mathematica, da geografia, da anatomia, etc.

Mais tarde, ficariam ellas talvez ao abrigo, graças a esta sã educação, de toda tendencia metafisica; em todo o caso, se chegassem a pensar em formular algumas questões extra-humanas, teriam muito mais probabilidades de compreender o erro manifesto das mesmas.

E' hoje um fato comprovadissimo que todas as religiões, quaesquer que ellas sejam, deram ao homem explicações erroneas e infantis que se propagaram justamente por estarem ao alcance dos mais ingenuos e porque com ellas alimentaram os seus ministros o espirito das crianças; reconhecida presentemente a sua insignificancia, ha ainda quem reclame que d'ellas

se faça a base da educação; é dar demasiada importancia ao respeito do erro. A sociedade que, em troca da obediencia ás leis, protege os individuos, tem igualmente o dever de proteger as crianças contra esta sofisticação prematura do seu cerebro.

Apesar d'isto, os partidarios da educação religiosa sempre sairão lucrando, pois as religiões atravancaram todas as linguas hoje usadas, e é indispensavel ensinar as crianças a falarem...

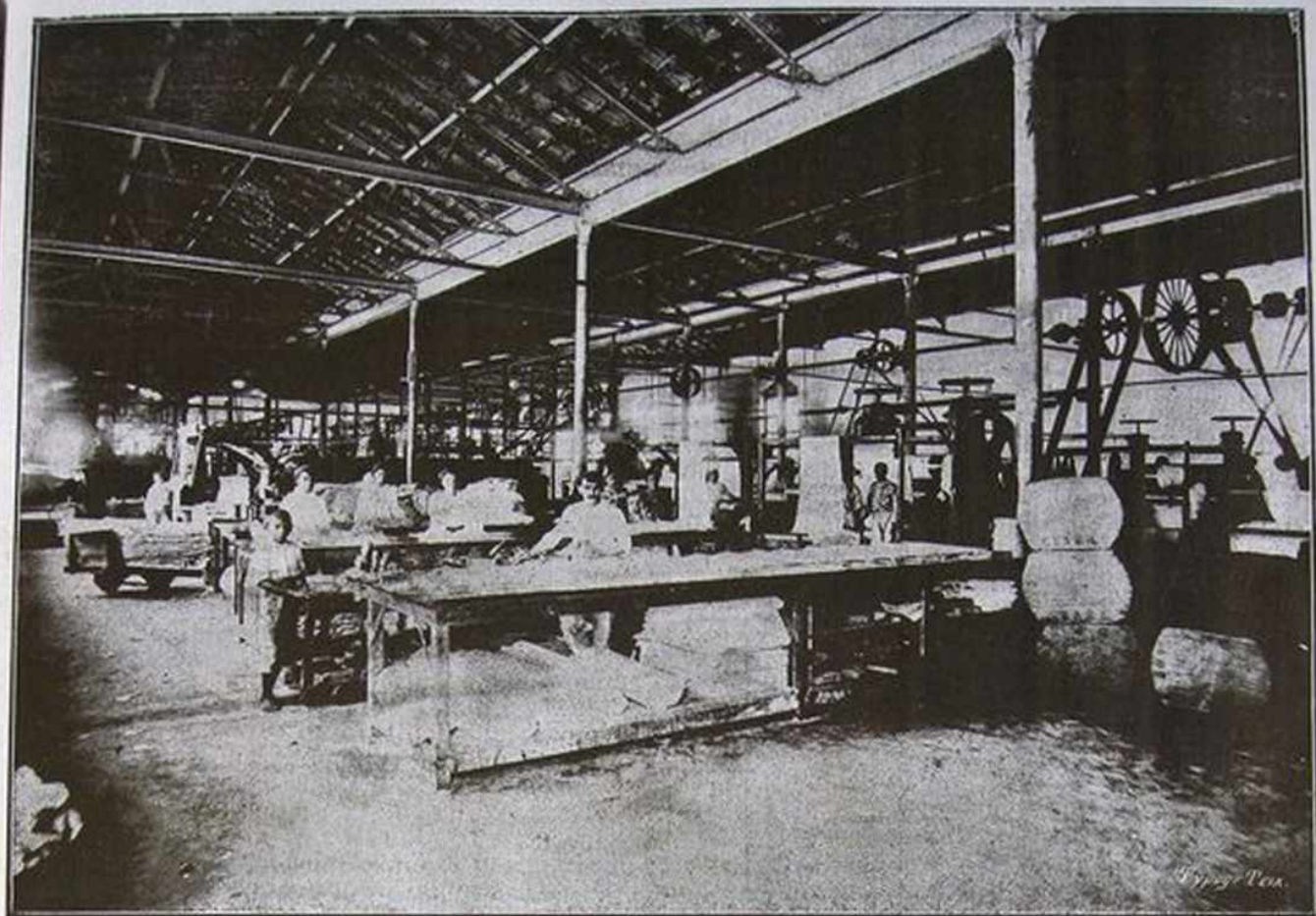
FELIX DE DANTEC.

Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil



Compõem a quasi totalidade das nossas gravuras do presente numero diversas vistas da Fabrica de propriedade d'esta importante Companhia.

Pela inspecção d'estas gravuras e leitura das notas que se seguem, devidas a obsequiosidade de um amigo que conhece de



C. F. T. RIO ANIL—SALÃO DE ALVEJAMENTO

perto a historia e a vida d'aquella Companhia, poderão os nossos assignantes formar um juizo seguro não só da perfeição e cuidado com que foi edificada a Fabrica e as suas dependencias, como tambem dos esforços da sua actual administração em prol da prosperidade e riqueza de tão util estabelecimento industrial, altamente reputado por todos os que o visitam.

E' intento nosso, em numeros subseqüentes, fazer, com relação ás outras empresas industriaes do Maranhão, publicações identicas que demonstrarão a saciedade os immensos recursos de que dispõe a nossa industria e o prospero futuro que a aguarda, quando, pela tenacidade e pelo trabalho, forem vencidas as difficuldades que momentaneamente lhe estorvam a marcha.

A Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil foi constituida officialmente, em assembléa geral dos accionistas, a 25 de Setembro de 1890, sendo eleitos directores, os encorporadores Henry Airlie, Manoel José Francisco Jorge, Antonio Cardoso Pereira, Francisco Xavier de Carvalho, Dr. José Francisco de Viveiros e Jeronymo José Tavares, Sobrinho, que estiveram na

direcção da mesma Companhia, com algumas alterações, até 30 de Junho de 1900.

A fabrica acha-se edificada no povoado do «Anil», em terras de propriedade da Companhia, as quaes medem de frente para a estrada que vai da cidade a Maioba, 1500 braças, e onde nascem e correm tres rios d'agua potavel—o «Anil», o «Ingahura» e o «Mucuruna».

A 23 d'Agosto de 1891, foi lançada a primeira pedra do edificio, começando então a sua construcção que ficou terminada em 30 de Junho de 1893, quando já se achava tambem montada a machina motôra, transmissões etc. etc.

O edificio, que é todo construido de pedra e cal e tijollo de alvenaria, com o pavimento asphaltado de cimento sobre pedra britada, tornando-se impermeavel á humidade, e com o tecto todo de ferro sobre columnas do mesmo metal, firmadas em blocos de pedra britada e cimento, coberto de telha de Marselha, é vasto, medindo de frente, ao Poente, 97 metros e de fundo, ao Nascente, 103 metros, e occupando uma area de 9991 metros quadrados.

O edificio dispõe de canos *sub-solo* para ex-gotto das aguas pluviaes e das servidas na fa-

brica e bem assim de encanamentos d'agua com 12 boccas de incendio.

A chaminé mede de altura 45 metros e é toda construida de tijolillo d'alvenaria.

A machina motora é do fabricante John Musgrave & Sons Limited, da Inglaterra, sendo a maior e mais aperfeçoada que existe no Estado, pois é *Compound* e tem força de 500 cavallos, dando movimento ao volante principal, que mede 22 pés de diametro, com gornes para 16 cabos distribuindo transmissão para todas as secções da fabrica. A machina motora recebe vapor de cinco caldeiras que são todas de aço e do fabricante Thomas Buley, tambem da Inglaterra, as quaes são alimentadas pelo aparelho «Economizador de Green» composto de 192 tubos fornecendo agua a 200 grãos de calor, para alimentação das caldeiras, produzindo com isso uma economia nunca inferior a 30 % de combustivel. Este aparelho tambem é o unico que existe no Estado. O salão das caldeiras mede 20 metros de frente e 16 metros de fundo, sendo o assentamento das mesmas todo de tijolillo refractario. É uma belleza ver-se, não só a machina motora, como as caldeiras, pois parecem machinismos que ainda não funcionaram, tal é o seu estado de conservação e asseio.

Em Julho de 1893 principiaram os ensaios dos serviços da fabrica.

O salão da fição mede 64 metros de comprimento, e 36 metros de largura. Os machinismos d'este salão são todos do fabricante Howard Bullongh Lmt., da Inglaterra, trabalhando no preparo do fio 11200 fuzos, com os batedores, cordas, alongadores e massaroqueiras necessarias.

O salão da tecelagem tem em trabalho 400 teares do fabricante Henry Livesey Lmt., da Inglaterra, e mede de comprimento 64 metros, e de largura 36 metros, tendo capacidade para 600 teares.

O salão do alvejamento e acabamento tem todos os machinismos precisos para o preparo de morins, sendo fabricante d'essas machinas, Lang Bridge Lmt., da Inglaterra, e mede de comprimento 206 metros, e de largura 21 metros.

Alem d'estes salões, tem a fabrica mais os salões dos batedores, carreteleiras e gommadores, a officina mechanica, a arrecadação, o armazem de deposito d'algodão e o de fio.

Todos os machinismos da fabrica são de primeira ordem, bastando para recommendal-os os nomes dos fabricantes que são assás conhecidos, causando magnifica impressão a limpeza e asseio com que são conservados.

Rezidem na «Villa-Operaria» e suas circumvizinhanças o pessoal empregado na fabrica, que attinge a mais de seiscentos operarios, sendo para admirar a ordem e disciplina que é guardada por elles no estabelecimento, mostrando todos um particular empenho em cooperar para o progresso e prosperidade da Companhia.

Ha uma banda de musica composta de 26 figuras, todos operarios da fabrica, e denominada—«Industrial».

No rio «Anil» a Companhia construiu um açude conhecido vulgarmente por «Poção», d'onde vem, por gravidade, agua para um grande tanque com capacidade para 8000 pipas, construido juncto a fabrica, d'onde retira a mesma agua de que carece.

A Companhia tem nas suas terras grande numero de predios, destacando-se d'entre elles, os em que rezidem o Director e o Engenheiro da Fabrica os quaes são de magnifica construcção e bella architectura. O conjuncto d'esses predios formam a «Villa-Operaria» que muito se tem desenvolvido e melhorado n'estes ultimos annos.

Presentemente, a administração da Companhia está a cargo dos credores hypothecarios, Jorge & Santos e Tavares & Comp., sendo estes representados pelo Sr. José Gonçalves Pereira, que dirige os trabalhos da fabrica, e aquelles pelo Sr. José Francisco Jorge, que tem a seu cargo a parte commercial e financeira da Companhia.

N'esta administração tem sido muito augmentados os machinismos da fabrica, estando a secção de tecelagem que era de 290 teares, elevada a 400 e a fição, que não produzia o sufficiente para aquelles teares, completa para fornecer o fio preciso para o trabalho dos 400 teares. Alem destes melhoramentos e muitos outros que se tem feito, tem a administração actual contribuido para augmentar a procura dos productos da fabrica, que antigamente eram vendidos exclusivamente n'este Estado e no do Ceará, e hoje são exportados para todos os Estados da União, desde o Rio Grande do Sul até o Amazonas, onde a fazenda é bastante conhecida e procurada, fazendo franca competencia aos productos das suas congeneres do Sul.

As visitas ao estabelecimento só são permitidas ás segundas-feiras das 6 ás 10 horas da manhã.

Sonho místico

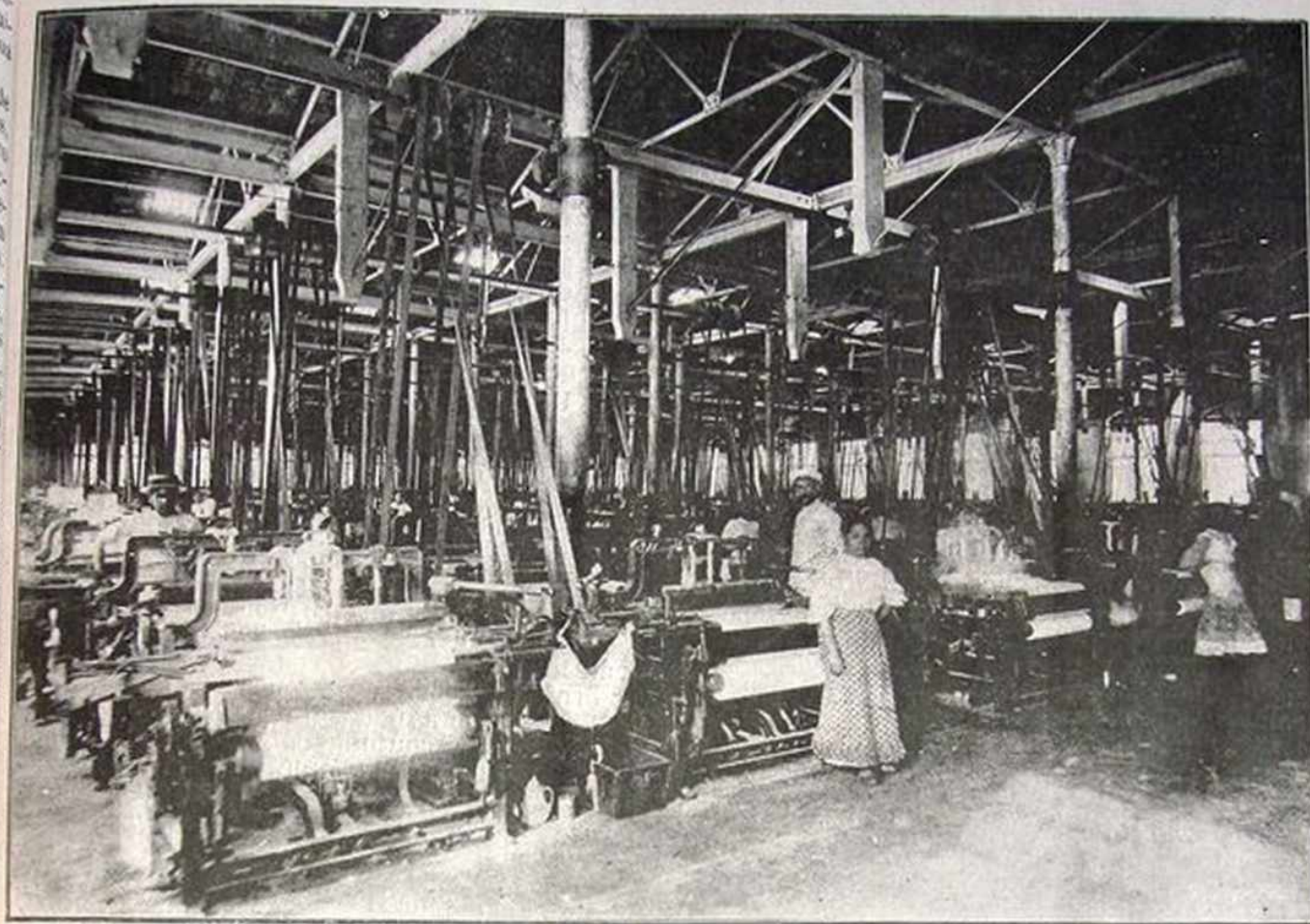
Passa a aerea phalange vaporosa
Dos exilados virginaes do Mundo,
A theoria dos anjos côr de rosa
Pela amplidão do páramo profundo.

Vibram sonóras citharas no fundo
Dos ceus . . . A lua, límpida e formosa,
Enche o infinito do clarão jucundo
Dos seus raios de neve luminosa.

E eu fico absorto, em extasis, banhado
De um deliquio suavissimo, fitando
O longinquo esplendor do grupo alado . . .

E acôrdo . . . Que tristeza indefinida!
Ah! se eu fosse tambem do ethereo bando
Dos exilados virginaes da Vida!

ALFREDO ASSIS.



C. F. T. RIO ANIL—SALÃO DE TECELAGEM

Minotauro



Cinco da tarde. Reinava, como de costume, uma silenciosa paz de cemitério no pequeno e alegre jardim de Cypriano Gouveia, no Engenho Novo.

Tinha-se acabado de jantar. As plantas dormitavam imóveis, pendidas as folhas numa como indolência

morbida. O ar estava parado, não bolia uma folha e o céu, o inconstante céu fluminense, tinha o turvo aspecto precursor das tempestades.

As bellas roseiras, podadas ainda na vespera, lá estavam esquecidas ao pé do muro, languidas, quasi mortas, sem a opulência triumphal das rozas no mez de Maio.

As timidas violetas, de um róxo tenro e melancólico, no seu ascético recolhimento de

monjas ideaes e microscópicas; os jasmims do Cabo, esplendidos e de uma brancura immaculada, engrinaldando trechos de gradil; os rezedas, os bogarys, as begonias, todas as flôres segredavam tristeza na sua mysteriosa linguagem muda.

Gouveia dera-se ao luxo confortavel de habitar um pittoresco chalesinho, em S. Francisco Xavier, muito claro e alegre, como um viveiro de passaros, abrindo para as montanhas friorentas da Tijuca, pintadinho de fresco, isolado, sem visinhança, com jardim e repuxo.

Havia coisa de um mez que elle morava ali. «naquelle ninho de beija-flor», mais a sua Nicotina.

Poucas pessoas se lembravam de os procurar n'aquelle remoto cemitério, calmo e socegado, aonde mal chégavam esmorecidas as acclamações dos sportistas em dias de *grand prix* no Jockey-Club.

Cypriano não gostava de ruidos, detestava os centros populosos, o tumulto das ruas; nascera para o silencio, para o amor discreto extramuros, *sub tegmine fagi*, para a quietação estagnada dos suburbios.

— Isto mesmo é o que eu ambicionava desde pequeno, dizia: o meu socego, o meu descanso, a minha paz. Posso dizer como o philosopho:—Eureka!

Emburrava solememente com a rua do Ouvidor, por onde nem sequer passava ao voltar da repartição, odiava os botequins, revoltava-se contra o dandismo que sacrificava bem estar e fortuna por uma noite de theatro ou por um fato novo: preferia viver obscuro e tranquillo mais a Nicota em qualquer logarejo fóra da cidade, lendo systematicamente o seu romance predilecto nas horas vadias (era assignante do *Rocambole*, em fasciculos), ouvindo tocar piano ou então cuidando carinhosamente das suas flores e dos seus canários belgas.

O seu ideal era precisamente este: ter uma esposa honesta e docil e uma santa vidinha sem cuidados domesticos, possuir o menor numero possivel de amizades, e, sobretudo, não facilitar a Nicota, «esse anjo de candura», o ruidoso convívio social, tão arriscado para a honestidade feminina nos tempos que correm.

— Não é assim, Nicotinha? dizia elle com meiguices de marido feliz. E doutrina: — Antes prevenir que ousar...

E atirava-se com attitudes nababescas na cadeira de vime, saboreando seu rico charutinho *Regalia de la reina*...

Ultimamente, depois de sua nomeação a official de secretaria, pode-se dizer que entoara o *hymno triumphal do amor*!

Vivia feliz, extremamente feliz, economizando cautelosamente, sem avareza, o pouco que lhe rendia o emprego...

Uma vida quieta, monotona, bem humcrada sempre, esquecido do passado, babando-se pela Nicota, que elle coitado, na sua myopia de homem inexperiente, adorava de toda a alma.

— Ainda havemos de ir á Europa, repetia.

Gouveia tinha um amigo intimo, quer dizer um amigo que lhe finta os almoços, que lhe indicava o melhor meio de cruzar canários, que lhe contava anedoctas e que lhe entrava pela casa a dentro de chapéu na cabeça e charuto no queixo; apenas um—o Luiz Bandeira, um rapagão bem apessoado, que enriquecera nas pagatinas da Bolsa, á força de transacções vergonhosas; sujeito mettido a amator de cavallos, com fumaças de fidalgo e fama de intelligente.

Nicota a principio aborrecia o Bandeira, achava-o insupportavel e desfructavel com os seus modos de bilontra, com as suas cantilenas de riqueza; mas, pouco a pouco, foi gostando de lhe ouvir as lérias, e, por fim, até começou a estimar-o como si fosse um parente chegado. E tantas voltas deu, tanto acreditou nas palavras do Lulú, tanto riu de suas cavilações, que este, o grande amigo do Gouveia, um bello dia ousou lhe pedir um beijo, a ella, um só... Nicota, porém, honra lhe seja, recusou formalmente, dando as costas com um soberano desdém ao bilontra.

Todavia (prudencia no caso...) nada com-

municou a Cypriano: não queria desgostar o marido, não valia a pena dar escandalo: ella saberia proceder d'agora em diante...

E as coisas continuaram como de costume.

— Gosto do Bandeira porque é um rapaz franco e sincero, dizia Cypriano á mulher.

Nicota confirmava:

— Pois não! Muito franco e muito sincero. E' o teu melhor amigo. Lembra-te, no dia de meus annos, as magnificas pulseiras que elle me deu?

— Não... Quaes?

— O, homem de Deus, aquelllas de ouro e brilhante, fingindo uma cobra...

— Ah! sei, sei...

E accrescentou convicto:

— Um excellente amigo!

N'essa tarde, os dois, Bandeira e Gouveia, conversavam, como de costume, ao redor de uma singela mezinha de feno, no jardim.

Tinha-se acabado de jantar.

As plantas dormitavam immoveis...

Nicota escutava-os na cadeira de vime, arriscando por vezes um aparte indiscreto.

— Então pensas que se deve matar cruelmente a mulher adúltera, heim?! exclamou com voz firme o Bandeira, cruzando a perna.

— Mas sem a menor duvida!

Nicota disfarçou uma commoçãozinha, cantolando o celebre *addio* do *Trovador*.

— E's muito rigoroso, Cypriano! Que diabo! A mulher é um ente quasi irresponsavel...

— Qual irresponsavel! Irresponsavel são os loucos e as creanças. Sou justo, sou digno...

— Não tens um tico de razão, meu velho. A raça humana é fatalmente, irresistivelmente polygama, por força mesmo de sua constituição physiologica. O instincto sexual chega a ser mais forte na especie humana que nos animaes...

Cypriano interrompeo com um risinho de ironia:

— Queres á fina força justificar a mulher adúltera, meu Jesus Christo...

— Perdão, eu não quero coisa alguma, o que eu quero é provar-te que Othello, esse personagem medonho, esse tigre ciumento, não existe — é uma mentira dramatica, uma ficção shakspeareana e, si quizeres, uma excepção na vida conjugal.

E riscando um phosphoro de cêra na sóla do sapato:

— Lê Balsaç, si te queres convencer, procura a *Physiologia do matrimonio*, que dizem ser o resultado de longa experiencia, e verás que a humanidade, desde o primeiro pae, tem sido e será sempre um eterno e colossal *minotauro*, por isso mesmo que é instinctivamente polygama.

— Ora... mas ha excepções, atalhou sêcamente o Gouveia quasi convencido, com um rubor quente no rosto.

— Não direi o contrario, mas o que é certo é que todos querem ser excepções, e o rebanho

crece, a legião augmenta prodigiosamente. Si houvesse estatística...

Começou a chover. O tempo escureceu de repente. Grandes lategos d'agua cahiam levantando um cheiro forte de terra humida.

Bandeira deu o braço a Nicota, agasalhando o pescoço com a gola do fraque e o Gouveia, o ingenuo Gouveia seguiu na frente, resignado como um martyr, segurando o lenço em pontas na cabeça para se não constipar.

(Dos Pequenos Contos, livro póstumo)

ADOLPHO CAMINHA.

A CIDADE NOVA

A chamada arte social, que, nos ultimos annos, succedendo, com o impulso d'uma reacção, á esteril arte dos nephelibatas e neo-parnasianos, se afigurava a palavra salvadora da litteratura universal, tem ido pouco a pouco revelando, nos seus processos, que estava mais inquinada, do que se poderia prever, dos principios e maneiras da arte que precisamente vinha condemnar e substituir. Cahindo no extremo opposto a que todas as reacções levam, sahio da obscuridade das formas para se lançar na confusão das idéas. A uma mysteriosa penumbra substituiu um tumultuoso cahos. Querendo livrar-se da trama traço-eira dos artificios da linguagem cahiu na banalidade da expressão. N'uma palavra, que é a menos severa que se lhe pode applicar: tem até agora errado o seu alvo, e o seu espirito, que deveria ser o d'uma benefica propaganda d'uma sã moral, tem-se transformado assim no malificio sempre resultante d'uma pessima doutrina-



ção para um elevado principio.

Difficiencias de orientação? Sem duvida; mas tambem, não se pode negal-o, incapacidade litteraria. Se o preciosismo, o arrebique, a originalidade forçada, ou, para resumir, o artificio, é a pecha do estylo, não se segue que o estylo deixe de ser aquelle predicado imprescindivel e nobre, necessario para a exposição d'uma nobre idea e d'um nobre sentimento. Não se podem exteriorisar as elevadas aspirações d'um cerebro nem as delicadas emoções d'um coração na mesma prosa charra e vil em que se compõe um rol para as lavadeiras. E' forçoso dar clareza á palavra, com o encanto da imagem, como o rhythm da phrase. De contrario, tudo empallidece e morre. Que importaria mesmo que o intuito moral fôsse justo e puro? A difficiencia da realiza-

ção esthetica, arrebatando-lhe a eloquencia communicativa que agita as almas, tirar-lhe-ia todo o seu poder educativo, toda a sua essencia moral.

Mas, como já acima o notei, para o fracasso, que o bom gosto e o bom senso infligem ás obras de arte social, — entre nós, é claro, visto que só de Portugal n'este momento me occupo, — concorre, alem da falta de condições verdadeiramente artisticas, a incoherencia desordenada da sua pseudo orientação. O pensamento gerador da generalidade de taes obras é d'uma brutalidade que melindra o sentimento publico. A certos folliculares libertarios chamou ha tempo Theophilo Braga, n'uma designação flagrante, anarchistas de bota-a-baixo. E' a demolição colerica, melhor ainda: epileptica, de todas as noções em que

A Moda da REVISTA

até hoje se tem norteado as consciências. Nada escapa: nem o sentimento religioso, nem o sentimento patriótico, nem o sentimento familiar, nem o sentimento social. Há muito que dizer acerca dos princípios de que tais sentimentos se originam? Muito que desbastar, muito que eliminar, mesmo? Sem dúvida. Mas, tocando em tão arreigadas convicções, necessário se torna proceder com cuidado, recorrendo ao bom senso, que é a alavanca de todas as revoluções, e ao bom gosto, que é o bisturi de todos os ridiculos. E preciso ter serenidade e método, honestidade e justiça, que o mesmo quer dizer imparcialidade de critério, sem a qual não há philosophia que subsista. Ataque-se o que é mau; salve-se o que é bom. Cortar indistinctamente pela carne podre e pelo órgão são, não é processo que dignifique a consciencia, nem que a intelligencia exalte.

Comtudo, n'esta cegueira, no fundo altamente prejudicial aos proprios interesses dos princípios apostolisados, é que se tem estirilizado em Portugal o esforço dos que se lançaram, de peito aberto, na luta de renovação artistica por meio d'uma moral revolucionaria. E, como ha sempre um grupo para empunhar a primeira bandeira que se lhe afigure a mais demagogica, não falta uma turba de desorientados e insatisfeitos para applaudir inconscientemente as affirmações mais absurdas que lhes pareçam as mais audaciosas.

Mas a acção do verdadeiro homem de letras, do escriptor que prese a sua dignidade de publicista, consiste precisamente em não se deixar arrastar nem pelas influencias de cima, nem pelas influencias de baixo, em não ser um serventuario do Poder, nem um escravo da Multidão. Se se orientou, libertou-se; se se libertou, liberta. Inimigo de todas as servidões, deve começar por não ser servo.

Comtudo, não poderá erguer-se, enfim, livre e nobre, a palavra do artista que pretende moralisar costumes e esmiuçar tradições? Não poderá dizel-o sensatamente e artisticamente? Pode, desde o momento em que pelo estudo se torne um artista. E a exemplificação consoladora d'esta verdade está no trabalho de Fernando Reis, o seu romance *A Cidade Nova*, que precisamente por agradar a poucos demonstra estar bem proximo da verdade, mantendo-se equidistante das ferrenhas opiniões dos conservadores e das descabelladas theorias dos avançados.

Parece-me ser este o maior elogio a discernir a esse romance com que Fernando Reis marca o início da sua carreira no genero. Demonstrar, authentica, uma parcella de bom senso, que não exclue um nobre sentimento no meio do desnorteamento geral, é faser alguma coisa de solido, que pode resistir aos embates das opiniões e das criticas. E' esse, um dos muitos predicaes da *Cidade Nova*, que se me affigura o essencial.

Disse-o já: este romance, em que tão ampla noção do futuro se inclue, é, na realidade, no seu mais saliente aspecto, o processo da *Ci-*

dade Nova. Ella ahi apparece com os seus absurdos, as suas violencias, as suas iniquidades e os seus ridiculos, descriptos com um poder de observação tão flagrante que bastaria para assignalar a tempera do romancista. Mas do quadro odioso resalta o contraste brilhante, dado que a luz d'uma consciencia se manifeste.

E então a *Cidade Nova* vae-se construindo, na gloriosa visão das almas boas e justiceiras.

Terá indecisões a *Cidade Nova*? Sem duvida. Ellas revelam-se sempre nos primeiros trabalhos dos escriptores que affloram um genero de arte. Mas que se abriu, clara e ampla, a carreira d'um romancista, prova-o a evidencia irrecusavel de qualidades que tanto se affirmam no poder da synthese como na exactidão do detalhe.

Trabalho de ponderação e de ideal, *A Cidade Nova* constituiu um acontecimento literario, em que pese aos escrevinhadores, que em problematicas emoções se exgotam e em sedicões rhetoricas se desentranham.

MAYER GARÇAO

Impressões de viagem



17 DE JULHO. Embarquei-me ás 8 horas da noite, em S. Luiz do Maranhão, no vapor «Carlos Coelho» em demanda de Caxias, para d'ali seguir até ao Piahy, em visita a minha familia.

Foi festivo o meu embarque. Acompanharam-me até a rampa de Palacio muitos amigos, tendo todos nós partido do Hotel Central, onde jantei. Diversos de entre elles tomaram comigo alguns escaleres, acompanhando-me até a bordo do vapor.

Aqui fizeram discursos que muito me captivaram e voltaram saudando ainda ao amigo que partia.

A meia noite, mais ou menos, o vapor levantou ferro, levando duas barcas a reboque. Não sei, precisamente, a hora, mas acordei logo depois.

Prateava a superficie das aguas uma brilhante lua cheia, á semelhança do luar de agosto no meu sertão natal; e, no liquido elemento singrava o barco, garboso, deixando após bella esteira phosphorescente.

DIA 18. Acordei cedo, apesar de tarde ter começado a dormir. Com os companheiros tomei café com leite ás 7 horas, pois, até leite temos a bordo e com abundancia. O coronel Luiz Rego, capitalista de Oeiras, conduz seis vacas turinas para o Piahy.

A's 9 horas da manhã chegamos á villa do Rosario. Desembarquei-me, indo primeiramente á casa do Felton, Juiz de direito da Comarca, e, em seguida, á casa do coronel Caetano Brandão de Souza.

Rosario é uma excellente villa, que já devia ter fóros de cidade. Tem bastante desenvolvida a vida mercantil e é o centro de um município que produz e exporta muitos cereaes, artefactos diversos e onde se come muito bom peixe.

Por um triz os seus preciosos mandubés ainda não figuram nas chronicas dos nossos historiadores, que, com isto, não lhes fariam favor.

Decorrida uma hora, apitou o vapor, indo os amigos a quem visitei e também o venerando Capitão Oliveira Britto, que encontrei flauando, em minha companhia até á rampa, onde os abracei e me despedi.

N'esta occasião embarcou-se também um padre destinado á vigararia do Itapecurú. Disse-ram os companheiros ser um mau prencunio; mas o clérigo me pareceu um homem bom.

O vapor levantou ancora depois das 11 horas. Fez-se de vela, e de então em diante comecei a apreciar em todo o seu esplendor a natureza agreste dos terrenos marginaes do rio Itapecurú.

As margens não são muito habitadas. De longe em longe võem-se grosseiras choças, tão rusticas que até desaparecem entre o expesso matagal que as cerca.

Dir-se-ia que os seus habitantes preferem morar com os animaes selvagens que evitar-lhes a Companhia. São a negação absoluta do trabalho. Como explicar isto? É simples.

O homem d'este El-Dorado não precisa pensar no dia de amanhã. Tem peixe sob as plantas

—no rio—e fructas em cima da cabeça, bastando mover o braço para apanhal-as.

Fosse elle menos favorecido pelos dons naturaes, soffresse o aguilhão da necessidade, e não se mostraria tão indolente. Sua indolencia, de resto, é mais apparente que real, e isto porque julga inoportuno exercer actividade, tendo, como tem, o indispensavel para seu sustento e o de sua modesta familia.

O contrario se observa nos logares onde a natureza é menos prodiga. O cearense, por exemplo, é sempre um homem trabalhador, porque sabe que, não trabalhando hoje, não terá amanhã o pão alimenticio.

É justamente por isso que o norte do Brasil, cuja fertilidade é espantosa e que offerece mais chances para o combate da vida, é muito menos prospero que o sul.

A grande riqueza natural não é condição para a prosperidade de um paiz.

Tendo eu dormido mal a noite passada, dei-me de dia e dormi bastante, não em minha rede, porque esta ficou armada na popa do navio, onde passo bem as noites, porém, mal os dias. O 1.º machinista, Guilherme Berniz, que é muito gentil, agasalhou-me bem em um local da proa, onde, dormindo desafiava qualquer reboliço. Pode-se dizer, sem offensa a mim ou a quem quer que seja, que neste dia levei uma vida de frade em gordo retiro espirital. Comi, bebi, dormi como um franciscano e tive mais um passatempo: atirei aos passaros.

A meia noite fui despertado por estranho movimento. O vapor encalhava nas proximidades da cidade do Itapecurú, e os parochianos desta localidade soltavam foguetes em signal de alegria pela chegada de seu novo parochio. Le-

varam o padre em uma canoa e o vapor logo depois se poz em marcha, livre de qualquer tropeço.

DIA 19—Logo que chegamos ao Itapecurú, em tão avançada hora, fui á terra com um dos companheiros. Percorri diversos trechos do povoado e achei-o muito superior á minha expectativa. Tem ruas dispostas em symetria, formando quarteirões mais ou menos regulares.

O companheiro procurava cerveja preta, que, para disfarçar a boa vontade de beber-a, dizia ser-lhe um optimo remedio para o figado. Bateu debalde na casa do Gaspar, que, dizem todos no Itapecurú, com certo orgulho, ser o grande commerciante da localidade, talvez, por instincto de imitação, por causa do Gaspar da Praça João Lisboa. O bom do Gaspar nem cerveja tinha.



C. F. T. RIO ANIL—RESIDENCIA DO GERENTE

Historia muda



O BEIJO—N. 1

Fizemo-nos de vela duas horas depois, deixando o Itapecurú mergulhado nos braços de Morpheu, e pela manhã cedo demos em um *secco* do qual saíu-se o vapor a pulso e com o auxílio de grossos cabos, que por mais de uma vez conseguiu quebrar. Ficou vingado o padre, que então já não nos honrava com a sua companhia.

E logo depois outro *secco* e outros mais; porém, esses ligeiros embarços da viagem, a mim não me incomodavam: eram antes uma diversão para meu coração, que gemia saudades lancinantes.

O que me aborrecia solemnemente eram os raios de um sol abrasador, que, projectando-se sobre a embarcação, faziam um calor de rachar. As noites, porém, são aqui acompanhadas de intenso frio. Ninguém pode avaliar de longe esta variedade de temperatura na travessia do rio Itapecurú n'esta quadra de estio calamitoso.

O que vale ao pobre viandante é que, nas horas de calor, tem agua fria para o banho, e

nas de frio uma machina que fabrica muito calor.

E por falar nisso, que delicia o calor artificial para um organismo regelado. Bem entendido, usando-se a precaução devida. A ninguém quero aconselhar que se atire ao fogo.

Um dos companheiros tirou *vistas* com uma machina photographica, promettendo remette-las á «Revista do Norte».

Si o não fizer, não será isto por falta de lembrança, pois, mais de uma vez lhe pedi que as remetesse.

Uma vez por outra paravamos em dado local, a fim de receber lenha.

Um as considerações aqui merecem ser desenvolvidas.

Emquanto os logares, onde não tocam as embarcações a vapor, permanecem, em sua quasi totalidade, em selvática bruteza, os que lhes recebem as visitas apresentam sempre o cunho da civilização.

Desembárquei-me hoje em um d'estes—o logar denominado Cantanhede, que já vae sendo um arremedo da obra do progresso.

N'esses logares que tomam nova feição, não devido ao espirito mais ou menos cultivado ou



O BEIJO—N. 2



O BEIJO—N. 3

traquejado de seus habitantes, como os ha no interior, mas devido á sua situação, ja se conhecem os movimentos mais importantes da cidade, fala-se em politica e discutem-se as condições de bem estar da população.

em Cantanede vi duas casas de telha e diversas de palha, sendo uma d'aquellas um estabelecimento commercial. Vi tambem um estabelecimento destinado a descaroçar algodão e pilar arroz, ao redor do qual muitas plantações.

E ahi se diz com certo desvanecimento:—ja importamos directamente da capital—o que tem uma dupla significação—que se pede negocio á principal praça do Estado, sendo elle transportado nas proprias embarcações, que são, em regra pequenas barcos ou canoas.

Em todo caso, tudo isto é devido principalmente á navegação a vapor, que em seu bojo tem transportado aos habitantes do lugar o bafejo benéfico do progresso, cuja lei fatal é transformar tudo que está debaixo da sua esphera de acção.

DIA 20—Acordei ás 5 horas da manhã. O vapor amanheceu cheio de ramos verdes, devido ao contacto constante com os arbustos e ar-

voredos marginaes. Dir-se-ia o convez um campo aberto em que travaram luta herculea dois nedios touros.

A' meia noite o barco não podia ser bem governado, mettendo muitas vezes a proa pela ribanceira. Seu governo transformava-se em uma verdadeira dictadura, e não scientifica, sem offensa a sua pilotagem.

Meu illustre companheiro, Coronel Aristides de Lobão, houve por bem mudar sua rede do local em que a tinha collocado. E andou muito acertado, porque podia ser atirado ao rio, sendo elle aliás infenso a esses banhos nocturnos.

Tudo n'este dia correu ás mil maravilhas, descontado apenas o que se deu com as vaccas do Coronel Luiz Rego, que não nos forneceram bastante leite. Fiz-lhe, por isto, as minhas reclamações, dizendo que ou essas vaccas davam leite ou, na minha qualidade de advogado, moveria contra uma acção de despejo, no intuito de removel-as do vapor para uma das barcas.

No lugar Maracajá, onde o vapor recebeu lenha, fui á terra, passando juntamente com o Aristides, alguns instantes com um camponez jovial que nos deu ovos e café. Bom homem!



O BEIJO—N. 4



O BELLO—N. 5

Soube que elle é irmão do professor de Coroatã, e, como tal, é afeiçoado à situação dominante do Estado. Além da afeição particular, mais esta ligação politica.

DIA 21—O Carlos Coelho encalhou às tres horas da madrugada, já em Coroatã, se bem que fora do ancoradouro.

As 4 horas passei de meu dormitório para o camarote do 2º machinista, que m'o cedeu mui generosamente. Ahí dormi até as 6 horas, aquecido pelo calor da machina que lhe fica proxima.

Tomei muito leite, pois as vacas corrigiram o erro da vespera. E aí d'ellas si assim não fosse!

Desembarquei-me às 8, afim de percorrer a villa. A bem da verdade devo declarar que ella me causou má impressão, mesmo inferior a que esperava.

O primeiro ponto de partida que tomo, para ajuizar de um povoado, é a sua edificação. Si ha predios em construcção ou pelo menos de ha pouco construidos, entendo que o lugar é bafejado pelo sopro da fortuna e tende a se desen-

volver. Si o contrario disto se dá, é porque é decadente ou estacionario.

Ora, o Coroatã que é uma villa assásgrande, se me afigurou antes um vasto organismo desarticulado, começando a diluição de seus membros.

Tudo ali é mal disposto, sem ordem, sem symetria.

Não tem edificações novas, nem projectos de construcção, mas, ao contrario, predios em ruinas e na sua quasi totalidade mal acabados.

As casas são de palha em sua maior parte, no perimetro como no centro da villa, e, não raro, separadas umas das outras por meio de cercas de estacas, que trahem o má gosto de seus habitantes. E tão feias que parecem desafiar a falta de educação artistica dos mais rudes habitantes da selva.

Disseram-me, entretanto, que o lugar é de muita vida e bastante movimento commercial.

(Continúa)

Bordo do vapor Carlos Coelho, municipio de Caxias, em 25 de Julho de 1905.

ARAÚJO COSTA.

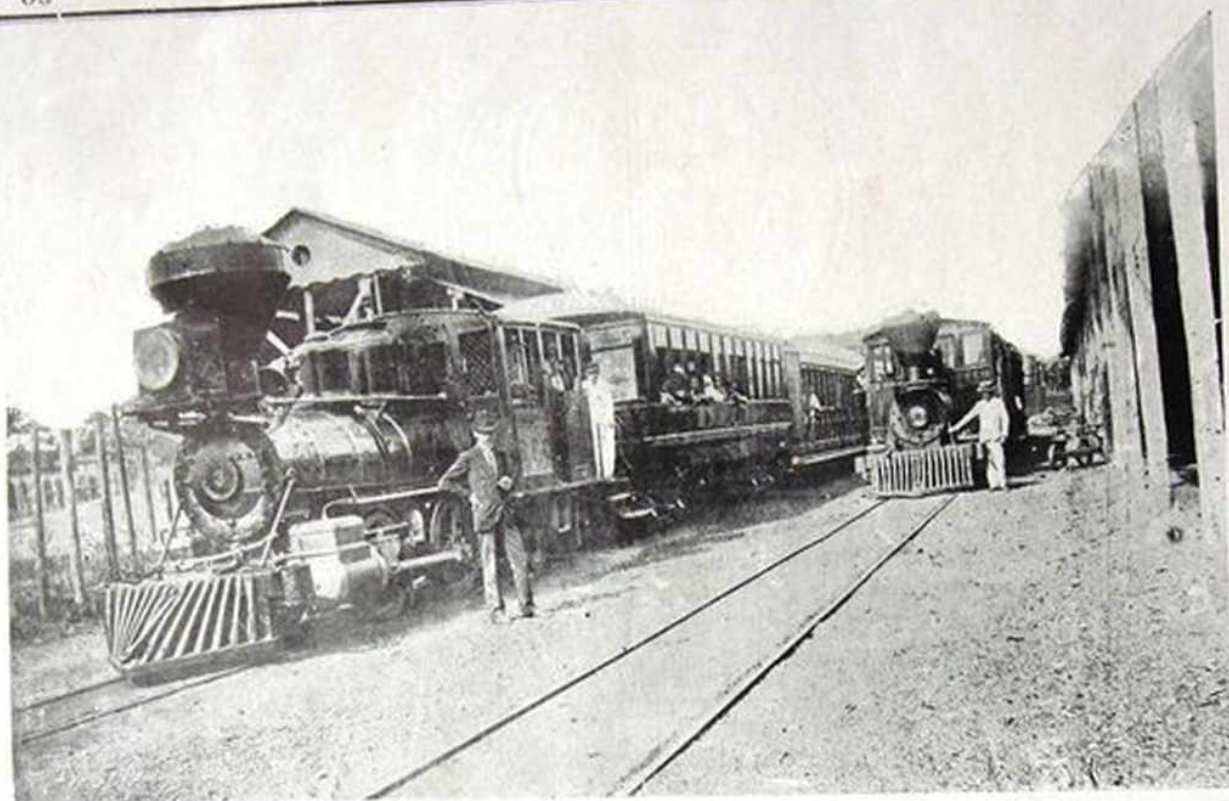


O BELLO—N. 6

A REDISTA DO NORTE



Janeiro



LINHA SUBURBANA DA EMPREZA FERRO CARRIL

O VIVER

Que pressa a d'esta humanidade em marchar para o tumulto! Que immensa sofreguidão que é a dos homens por atingirem o termino da vida! Parece que andam todos a contar os dias, as horas e os minutos que os separam da morte! Quanto mais diminua a distancia, maior é o contentamento que d'elles se apodera. Dir-se-ia que a existencia lhes pesa como um fardo esmagador do qual anseiam por libertar-se. Sejam quaes forem as commodidades de que se vejam cercados na existencia, sejam quaes forem as venturas e os gosos que lhe matisem o viver, as afeições que os prendem á terra, os interesses que os ligam ao mundo, nem porisso decresce o ardente desejo que os mina de baterem ás portas da sepultura.

Para os que acreditam na vida de alem-tumulto, na existencia d'esse paraíso ideal com que sonham todas as religiões, mansão divina, onde a dor é desconhecida e a desillusão nunca existio, ainda se explica a ambição interesseira de mergulharem quanto antes nas ondas bemditas d'esse mar de infindaveis delicias. Mas, os outros, os que já descreram das promissoras afirmações metafísicas, os que pensam e crêem que a vida consciente termina com a morte e que, portanto, o bem estar do homem só poderá existir sobre este minúsculo planeta que rola perdido entre os outros pelas immensidões insondaveis do espaço, que justificativa encontram

para esse frenesi entusiasta com que acolhem a aproximação do aniquilamento final?

Pois não é tão bom viver, pois não ha neste mundo tanta coisa deliciosa a gosar, tanto prazer para a vista, tanto perfume para o olfato, tanta sonoridade para o ouvido, tanto acepipe para o paladar, tanta pressão aveludada e macia para o tato? Mesmo para as funções puras da intelligencia, para a actividade intima do pensamento, que vasta colheita de prazer nos oferta a vida, que campo immenso de repasto nos proporciona a natureza amiga...

Não lhes bastam as generalisações metódicas da sciencia, as emoções sadias da arte?

Nem porisso ficarão inativos e insaciados: diante delles se abre, illimitada e farta, a região nebulosa do sonho, o dominio de entrada franca das divagações incoerentes, o territorio livre dos devaneios metafísicos. Fundem cosmogonias, inventem sistemas filosoficos, arquitetem construcções *a priori*. Discutam os attributos de Deus e as faculdades da alma; investiguem se a séde d'esta ultima é na glandula pineal, como queria Descartes, ou no bulbo raquidiano, como affirmaram outros. Busquem conhecer a posição exata do sol quando Josué lhe ordenou que interrompesse por algumas horas a sua viagem para a constellação de Hercules, afim de que elle, Josué, pudesse dar cabo, ainda com dia, de meia duzia de cananeus recalcitrantes ás ordens de Jeovah. Estudem os *elementos* e a *composição* do livre arbitrio e concillem o mes-



MARANHÃO—ARREDORES DA CIDADE—SÍTIO LIBERDADE

mo com a doutrina da *graca*, verificando se esta é eficaz *per se* ou *per aliud*. Façam a classificação botânica da *arvore da sciencia do bem e do mal* e descubram a composição química dos frutos da mesma. Verifiquem se Adão tinha umbigo e, no caso afirmativo, o paradeiro que levou a respetiva placenta. Ventilem a questão do temperamento de Moysés e dos achaques caseiros de Abraão.

Não se acanhem, nem se ponham com meias medidas: vão utilizando, para semelhantes fins, os metodos e a tequinologia das sciencias exatas. Olhem que o Visconde de Saboia tem feito do estudo de alguns desses utilissimos e inadiaveis problemas o passatempo predileto da sua velhice. Escrevam livros, encham bibliotecas, recheiem de artigos as revistas e os jornaes, com a exposição detalhada dos resultados a que chegarem. Não se arreceiem da incongruência dos postulados a que forem levados nem do absurdo das doutrinas a que atingirem; em estudos de semelhante natureza são qualidades essas altamente recommendaveis. Por muito menos do que isso muita gente boa tem entrado para o *Flos sanctorum* e para o *Calendario Positivista*.

Mas ha gente que não se sente com inclinação nem para os praseres dos sentidos, nem para os gosos da intelligencia, nem para os deleites da imaginação. Para esses mesmos existe ainda uma multidão de atractivos no esferoide que habitamos.

Ahi tem o commercio, a navegação, as industias, a agricultura, a politica, a aerostatica, e, em ultima analyse, o plantio das batatas, occupação interessantissima e altamente lucrativa e util.

Apezar de tudo isso, porem, a humanidade continúa descontente, tangida por essa aspiração febril por tocar ao remate da sua jornada terrestre.

E os que duvidarem desta verdade que nos expliquem o querem dizer esses classicos e infalíveis cumprimentos de *annos bons*, que são de rigor entre toda a gente, desde os mais humildes e ignorantes aos mais potentados e sabios. Que significa isso, a não ser a satisfação que os homens experimentam, por contar um anno menos de vida, por se sentirem mais aproximados da morte? Pois, então, acham os senhores que ha motivos para regosijo por semelhante fato?

Se acham, andam muito errados, resam por cartilha inteiramente diversa da minha. Não vejo motivo algum, digno de acatamento, que justifique tão disparatado costume; e, como tenho por habito pôr sempre os meus atos de acordo com as minhas ideas, aos leitores d'A REVISTA DO NORTE, em vez dos parabens do estilo, apresento os meus sinceros pezames pela entrada do anno de 1906, visto como esse acontecimento significa que já lhes resta menos tempo a viver do que aquelle de que dispunham nos começos de 1905.

HENRIQUE NEIVA.

A NOSSA CULTURA MORAL



Se pela importância da cultura moral na educação humana houvessemos de fixar-lhe a graduação e o espaço, quanto à ordem das matérias e a extensão das lições, no programma escolar, a ella teria cabido, n'este capitulo, o primeiro logar; a ella designaria a reforma, no plano de estudos elementares, casa mais ampla que a todos os outros assumptos do ensino reunido.

E, com effeito, profunda convicção nossa que a influencia melhorada, prosperadora, civilisadora da instrucção popular depende absolutamente da sua associação continua, intima, indissolúvel á substancia do cultivo moral. Do esquecerem a necessidade inviolavel desta união essencial, é que provém as duvidas inconsideravelmente postas quanto á acção correctiva do derramamento do ensino contra a indigencia e a criminalidade. *Instruir* não é simplesmente *accumular conhecimentos*, mas *cultivar as faculdades por onde os adquirimos e utilizamos* a bem do nosso destino. Si não as educamos simultaneamente na direcção da esphera intellectual e na direcção da esphera moral, tel-as-hemos condemnado a um desenvolvimento incompleto. *Conhecer* é possuir a noção completa e o sentimento perfeito da lei no mundo moral, como na criação material. A ausencia da percepção do dever é, pois, uma das faces da ignorancia, no sentido ao menos em que a entendemos, quando lhe oppomos como antidoto a escola. E, si, entre coisas tão naturalmente destinadas a andar juntas e cooperar alliadas, fosse licito propor escolha, não ha consciencia humana que hesitasse um instante entre um improbo e um analfabeto, entre um analfabeto e um mau.

A um dos representantes da mais alta sciencia neste seculo pertence a mais eloquente homenagem que jamais rendeu a intelligencia do homem ao papel supremo da moralidade na educação da nossa especie.

«Nos tempos que correm», diz Huxley, «o mesmo é não saber ler que ser myope, não saber escrever e estar aleijado. Declaro, todavia, que, si me impuzessem a alternativa, antes que os filhos das classes pobres se creassem na ignorancia dessas duas prestimosas artes, do que serem alheios e esse conhecimento da sabedoria e da virtude, para o qual são apenas meios a escripta e a leitura».

E' ocioso dizer que não vacillamos em subscrever sem reservas esta opinião. Ante semelhante declaração, porém, não faltará quem pense em insinuar contra nós a pecha de contradicção, nestas duas duvidas:

Si ligaes este supremo valor á cultura mo-

ral, como lhe reservaes, na seriação dos objectos da escola, o ultimo logar?

Si a moral sobreleva em alcance o ensino das matérias usuas na escola, como lhe não abrir no programma um curso definido e proporcional, na duração das lições, á preciosidade inestimavel deste elemento de cultura?

Pelos mais obvios motivos.

Occupamo-nos em derradeiro logar com a cultura moral, porque esta especie de cultura, aos nossos olhos, ha de ser um *resultado*, uma fructificação continua da direcção imprimida á escola em todas as funcções da sua vida.

Não lhe assignamos, na organização do programma, limites positivos, ensanchas certas e determinadas, porque é nosso pensamento que ella envolva no seu influxo o ensino todo, e nosso voto que se cultive, não absurdamente, como até hoje, pelos processos didacticos, mas praticamente, concretamente, experimentalmente, — unico systema capaz de fazer do sentimento moral, desde os nossos primeiros annos, uma parte viva da nossa alma, um principio constantemente actuante sobre o nosso procedimento.

Neste sentido se enuncia o programma das escolas penasyllvanianas, que, com attribuir á cultura moralisadora na escola a eminencia mais alta, não lhe fixa, todavia, lições distinctas, nem lhe abre curso especial.

Assim procede tambem a religiosa Hollanda, onde a lei de 17 de agosto de 1878, que rege o assumpto, não a especifica entre as matérias leccionadas nas escolas. Apenas, no art. 33, estatue: «O ensino escolar terá por objecto desenvolver as faculdades intellectuaes, e apparelhal-as para a pratica das virtudes christãs e sociaes.»

O congresso pedagogico, reunido pelo governo francez em Paris o anno passado, resolveu «que o ensino moral seja independente do ensino confessional; que se ligue a todas as lições de classe elementar, sem formar curso especial; que seja harmonisado com os principios da sociedade moderna.»

A Escola Modelo da Liga do Ensino, em Bruxellas, uma das maravilhas do progresso escolar nos nossos tempos, no *directorio geral dos professores*, joia pedagogica de inestimavel preço, exprime-se no mesmo sentido. «A cultura moral, diz ella, é a parte principal da cultura geral. Todavia, a moral não figura no programma da escola, entre os objectos que se hão de ensinar. A moral, para com creanças, não é materia scientifica, mas obra de sentimento e habitos. Lições de moral a hora fixa e por ordem methodica não são nem indispensaveis, nem sufficientes. O que importa, é que a escola submeta o menino a um regimen, cujas consequencias sejam produzir effectivamente a moralidade, formar o caracter, fazer com que realmente se possuam as virtudes que constituem o alvo da moral.»

A pedagogia contemporanea, pelos seus representantes mais abalisados, reconhece a esterilidade das theorias como influencia educadora

dos sentimentos na escola. A moral «não deve estreitar por definições dos princípios abstractos; não ha de consistir em cathecismos, que se decorrem, nem convem que se ostente á deanteira do programma, com o abecedario, a escripta e a orthographia, como si houvera de preceder a todos os demais conhecimentos, destes, pelo contrario, emana, compondo a unidade e a harmonia entre todos os conhecimentos e entre todas as applicações. Em toda a criação de um producto completo, na ordem industrial ou artistica, ha um passo para a moral, pela ordem, pela disciplina, pela abnegação devotada a uma idéa final, que, necessariamente, se contém no esforço de produção. De modo que o ensino moral e sociologico se desprenda espontaneamente do trabalho da officina, do exercicio militar ou gymnastico, do conto, e até da musica. Mas é principalmente no exemplo admiravel da harmonia das sciencias que consiste a sua demonstração. Ha, positivamente, uma recondita moralidade no systema metrico e na geographia.»

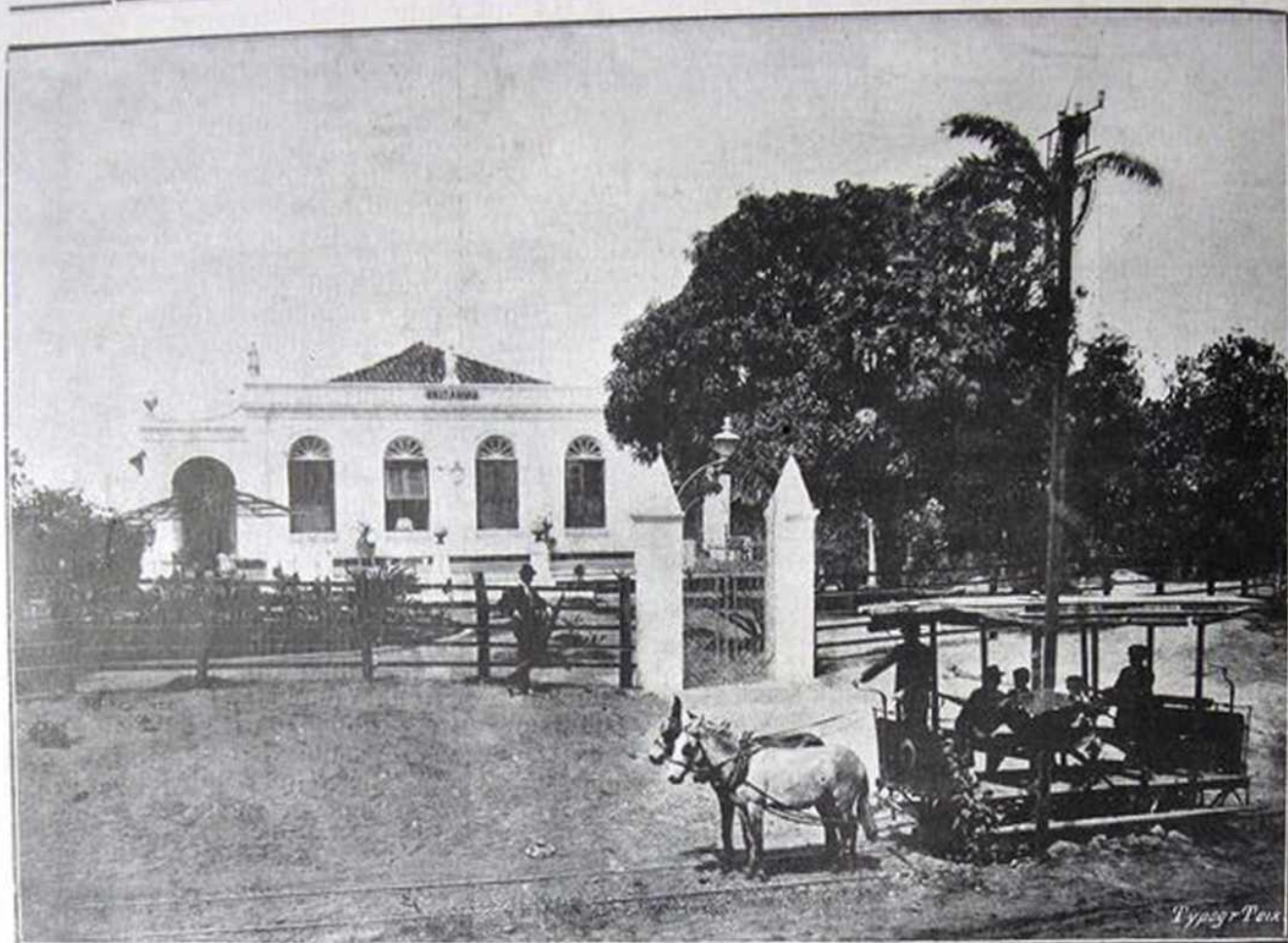
Portanto, *é de todas as materias de estudo que deve resultar a acção moralisadora*; eis a fórmula de toda a educação efficaz.

A Escola, estranha, pelo principio da secularidade, ao ensino formalista dos cathecismos religiosos, é peculiarmente apta, pela direcção scientifica dos seus methodos e do seu programma, a dar o mais largo desenvolvimento a esta cultura. Por si mesmo e de por si só, o espirito de tolerancia, que a escola leiga encarna em si, encerra uma origem de virtudes, a que se oppõe a indole particularista da moral ensinada como dependencia das religiões positivas. «Muito ha que repito», escrevia, nos ultimos annos da sua vida, o *santo leigo*, a que se referia ultimamente a palavra religiosa do sabio Pasteur; «ha muito repito eu que nós, os leigos, nós os sectarios das ideias e instituições modernas, sobrelevamos em moralidade os fautores das doutrinas theologicas, que, todavia, se presumem os só guardas e penhores da vida moral das sociedades; e o principal attestado desta superioridade está precisamente na tolerancia, que, a despeito delles, praticamos para com elles mesmos.» A intolerancia é o caracter fatal de todas as igrejas, a toierancia, o ambiente necessario e a condição suprema de toda a sciencia. Respirando na atmospheria da sciencia, pois, a escola leiga constitue a representação mais influente dessa moralidade superior, que só a tolerancia póde alimentar. Reunindo no seu gremio os futuros cidadãos de todas as crenças, e protegendo contra as prevenções reciprocas a fé de uns e de outros, incute para sempre na substancia dessas almas, na essencia dessa natureza em formação a primeira, a mais humana, a mais util de todas as qualidades de uma sociedade civilizada: o respeito á consciencia alheia, o sentimento da liberdade de pensar, a fraternidade, a caridade, a estima entre os conflictos de opiniões que nos agitam, mas não nos devem desirmanar, nem deprimir uns aos outros.

Qualquer que sejam, em moral, os casos litigiosos, as escolas oppostas, as divergencias de religião a religião, quem contestará a existencia de um assentimento geral quanto a certo numero de leis e verdades, que formam a base comum de toda a ordem, de toda a justiça, de todo o interesse legitimo, de toda a actividade regular e fecunda entre os homens? «Esses pontos», diz o maior orgam educativo dos Estados Unidos, o *Journal of Education*, de H. Barnard, «são precisamente os que a escola não deve descurar. Quem, por exemplo, contrariará o pensamento de inculcar aos meninos o amor do dever, a idéa do trabalho, da actividade, da frugalidade, do bom emprego do tempo, da probidade, da sinceridade absoluta, do *selfcontrol*, do acatamento aos direitos do proximo, da obediencia devida á lei, da decencia, da morigeração, da pureza e polidez de linguagem, da lealdade, da caridade, do amor da patria?»

Ora, si a este respeito estão de accôrdo todas as confissões religiosas e todos os systemas philosophicos, que dividem entre si o dominio dos espiritos no seio da civilização, não é obvio que á escola, sem se filiar a nenhuma seita, assiste a mais perfeita competencia para semear e cultivar entre a mocidade essas disposições moralisadoras? De culto diversificam os dogmas, e sob todos elles, em grau mais ou menos adeantado, florescem nações policiadas, prosperas, felizes. Supprimi, porém, a responsabilidade, a justiça, a honra, todos esses sentimentos universalmente humanos, que como cabedal commum pairam acima de todos os dogmas, numa região neutra, e a vida social inevitavelmente se desfará na corrupção e na barbaria. Não será, logo, «mais prudente não associar a sorte das crenças moraes a systema algum», do que fazer dellas o appendice inseparavel de um credo, quando a humanidade não dispõe, nem jamais disporá, de meios, para assegurar a um corpo de artigos religiosos essa universal acceitação, que só a demencia do fanatismo podia sonhar?

A escola, organizada segundo as idéas novas, procura estabelecer a communicação mais continua e profunda entre a intelligencia, que abrolha, do menino e a realidade da criação que o circunda; e não ha nada tão eminentemente moralisador como o sentimento, que só no seio da natureza podemos beber, que só pelo commercio habitual com os seus phenomenos nos é dado consolidar, da subordinação de todos os factos, grandes e pequenos, á autoridade inalteravel e incorruptivel das leis que governam o mundo. O dogma theologico, nas varias confissões em que se ramifica, ao mesmo passo que, por um lado, com as comminações de uma eternidade de supplicios, actua, pelas mais tremendas influencias do terror, sobre a candura das almas simples e a sensibilidade das imaginações vivas ou incultas,—de outro, com os thezouros infinitos de misericórdia que concentra nas mãos do supremo juiz, pelas possibilidades, sempre

CHACARA BRITANNIA. DE PROPRIEDADE DE J. A. SANTOS & C.^a

em perspectiva, de uma intervenção irresistível, sobrenatural, milagrosa, capaz de dispensar na lei, de tocar com inesperados prodígios da graça divina os mais negros abismos da perversidade humana, de fixar predestinações, e auctorisar ora provanças ingratas, ora estrondosas excepções de uma indulgencia omnipotente, é incapaz de habituar o commum das almas a essa alta philosophia do dever, que nos ensina a crer no bem e no mal, a esperar o infortunio ou a prosperidade como consequencias naturaes da nossa obediencia intelligente ás condições necessarias da nossa vida, quaes a observação e a experiencia nol-as revelam.

Temos, por exemplo, entre mãos um dos livros de ensino religioso adoptados entre nós, nas escolas do governo. Julgae de que água é a moral que alli se professa, por uma leve amostra, que vos vamos indicar. Nesse manual as creanças, entre muita outra cópia de instrucção igualmente prestadia, são condemnadas a estudar pacientemente, em outros tantos capitulos; a confraria do Santissimo Sacramento, Sagrado Coração de Jesus, Sagrado Coração de Maria, as confrarias, do Rosario, do escapulario do Monte Carmello, da Immaculada Conceição, da Paixão,

o exercicio da Via Sacra, as indulgencias inherentes ao Angelos, a Propagação da Fé, a Santa Infancia, o Aposlado da Oração, a Magdalena Milagrosa, o Dinheiro de S. Pedro, a Cruz de S. Bento, a Invenção da Santa Cruz, a Santa Casa do Loreto, as apparições de Paray-le-Massial, os fastos de Nossa Senhora de Salette, os fastos de Nossa Senhora de Lourdes, a basilica patriarchal de Santa Maria Maior.

Ora, entre outros meios de moralisação com que esse livro, episcopal e imperialmente preconizado, se destina a educar os nossos filhos, chamamos a attenção da camara para um especimen. Trata-se do escapulario do Monte Carmello.

Eis o que as nossas autoridades do ensino mandam narrar aos alumnos das nossas escolas:

«E' devida a devoção do Escapulario Carmelitano á piedade de S. Simão Stock, ou antes á liberdade de Maria, cioza de recompensar a piedade e o amor do seu dedicado servo. E' esta piedosa pratica penhor de predestinação para aquelles que abraçam, como Maria disse a S. Simão Stock, quando lhe remetteu o sagrado habito: «Carissimo filho, recebei o escapulario da nos-a ordem, signal da minha confraternida-



MARANHÃO — ARREDORES DA CIDADE

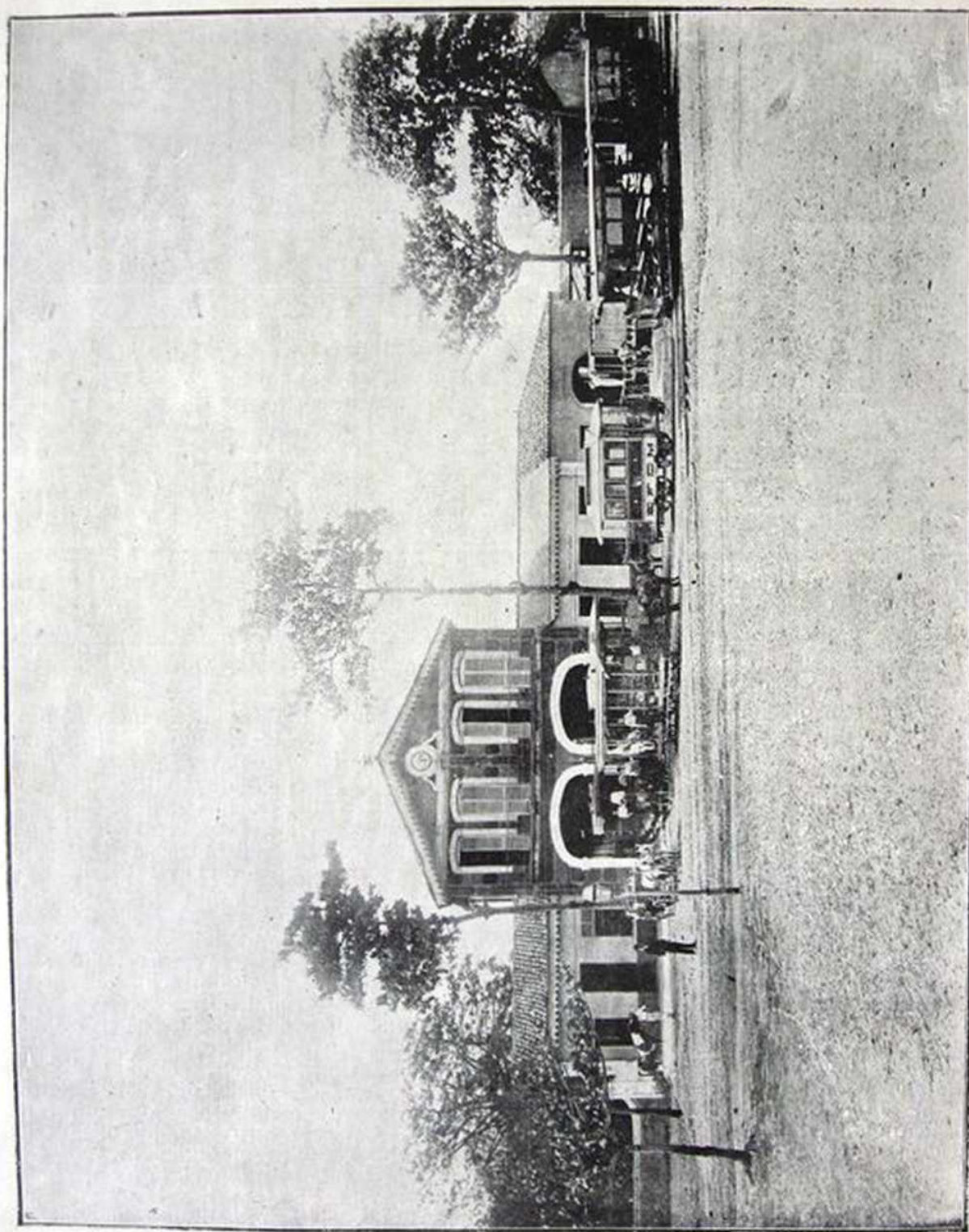
de, *privilegio para vós e igualmente para todos os irmãos do Carmelo. Todo aquelle que morrer revestido deste santo escapulario, não arderá nas penas do inferno . . .* « . . . E' ainda certo que a Santissima Virgem, numa appareição que fez ao papa João XXII, *prometteu-lhe livrar das chamas do purgatorio os associados do Escapulario, no sabbado immediato á sua morte . . . Este escapulario deve ser recebido da mão de um sacerdote, que tenha poder para dal-o. Achando-se já usado o primeiro, não é necessario que os outros, que se receberem depois, sejam bentos. Deve ser de lã parda, ou preta, e os cordões da mesma qualidade, ou pelo menos não sejam de seda. Não é preciso que os dois pedaços de lã sejam estampados com imagem alguma, como acontece como escapulario da Paixão, ou da Immaculada Conceição.* »

Tal é, pois, o ensino que nas nossas escolas circula sob o nome de moral religiosa: uma casta de moral, que, depois de afrontar a primeira condição de toda a moralidade real, a sinceridade, embahando a imaginação infantil com a impostura de fabulas ridiculas e abominaveis, em que a idéa do omnipotente se presta ao ludibrio das invenções mais indignas, acaba por fazer da felicidade vindoura, promettida aos bons pela eterna justiça do céu, um privilegio explorado por uma associação de devotos imbecis ou hypocritas e inherente ao uso de um trapo. Bem

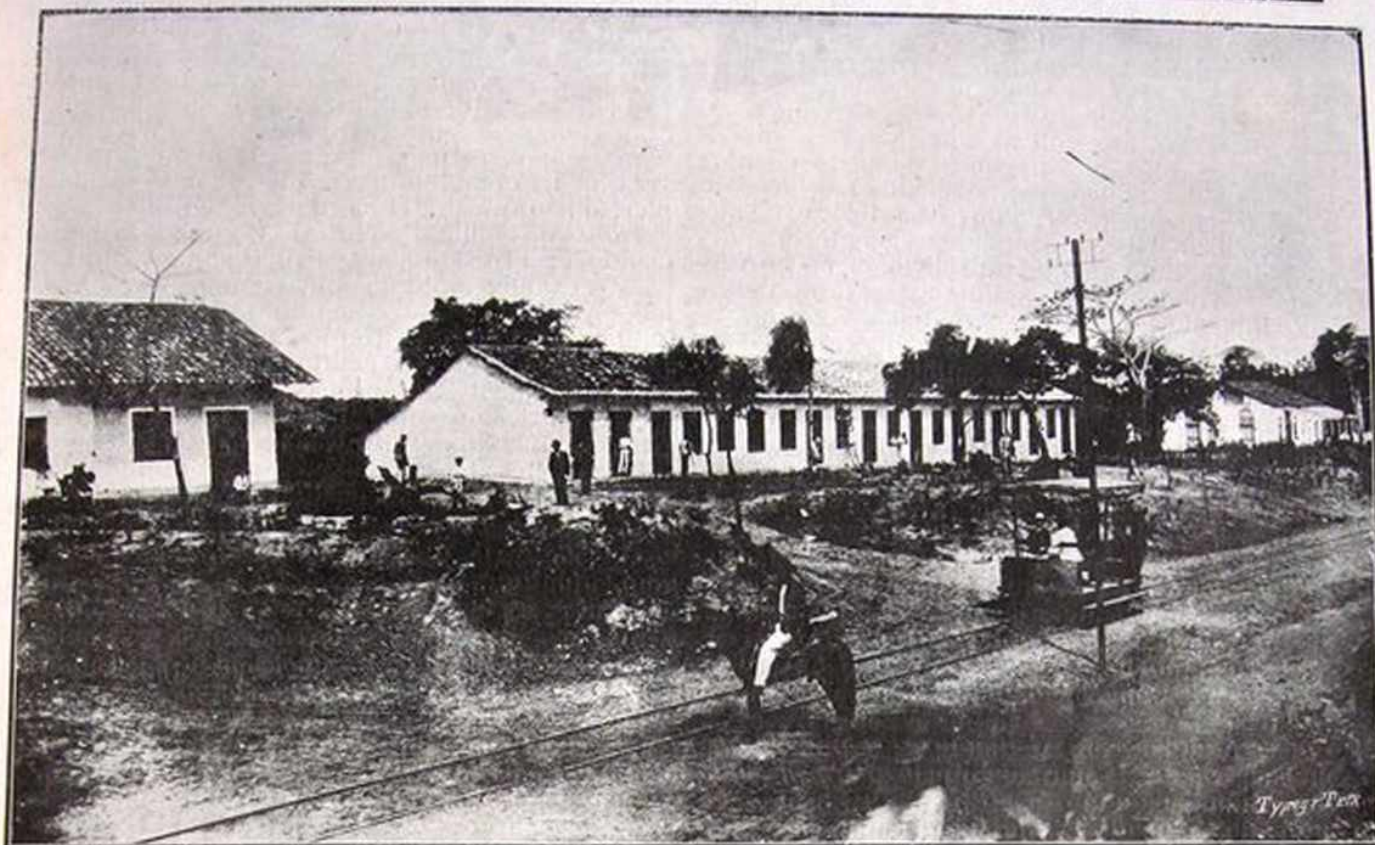
vedes : é a mais requintada immoralidade, que se acoita sob as vestes da moral. Religiosa, na acceção sublime da palavra, não será antes a sciencia, convencendo-nos de que o homem pelas suas obras é o principal artifice do seu destino ? de que o bem e o mal se distribuem por uma justiça irreductivel, incapaz de excepções ? de que as difficuldades do dever são mais salutaras e mais doces do que as satisfações do egoismo ?

Neste sentido é que H. Spencer observou : « Longe de que a sciencia seja irreligiosa, como tantos supõem,—pelo contrario, o desprezo da sciencia é que é irreligioso. »

Aquelle em cujo espirito calar profundamente, pelo conhecimento das leis physiologicas, a necessidade impreterivel da continencia, da temperança, da sobriedade, está, é claro, incomparavelmente mais preso ao cumprimento dos deveres moraes dessa categoria, do que o credulo, que fia da eventualidade, sempre affogado pelos commodos do vicio, de uma interferencia sobrehumana, possivel a cada instante, a reparação dos estragos habituaes de uma existencia desordenada. Dahi a idéa, que se encontra levada a effeito na União Americana, particularmente nos Estados do Oeste, com especialidade naquelles onde prepondera a influencia allemã, de deduzir scientificamente da psycho-



MARANHÃO—Estação da Empresa Ferro Carril (Phot. G. Cunha)

MARANHÃO—VILLA JOALVES, DE PROPRIEDADE DE J. A. SANTOS & C.^a (Phot. G. Cunha)

logia e da phisiologia o ensino escolar da moral.

Destruindo na alma humana a idolatria do arbitrio, ligando a realidade universal á soberania absoluta da lei, a cultura scientifica inclina para a subordinação ao dever, para a altivez no direito, para a resignação ao soffrimento, para a insubmissão ás tyrannias, para as virtudes pacientes e rigorosas que exige a luta pela vida, e que só a concepção das suas necessidades inevitaveis nos pode comunicar. «Felo estudo dos phenomenos naturaes, que vê rigorosamente submettidas a regras immutaveis, a creança», pondera Paulo Bert, «não aprenderá só a resguardar-se contra os terrores estultos e as nescias credulidades, que elles geram: terá outrosim, adquirido o profundo sentimento e o respeito da lei. Da lei natural á lei social este sentimento subsistirá. Depois de ter visto o capricho expulso da natureza por inutil ou perigoso, pouco propenso hão de encontrar o individuo a reconhecer-lhe noutro dominio alguma autoridade e sobretudo utilidade alguma. Já não sentirá tentações de buscar num subito milagre a cura do mal social, do mesmo modo como não lhe pedirá a reparação do mal physico; e os salvadores não o seduzirão mais. Preparando assim um espirito bem formado, prepararemos um cidadão livre.»

Com a introdução, pois, da sciencia na es-

cola popular a reforma terá feito o mais eminente serviço á cultura dos sentimentos moraes.

Para chegar, porém, a resultados serios, nesta parte da missão que incumbe á aula de primeiras lettras, não se confie nada aos compendios, ás formulas doutrinaes, á memoriamecnica. A lei da cultura moral, como a de toda a cultura abrangida no dominio escolar, é a actividade, a intuição, a vida. As enunciações theoricas representam um esforço em pura perda a acção, o exemplo animado são tudo. «O dever», já o disse um escriptor de peso nestes assumptos, «não emana de theorias; é tão pouco uma derivação de ethica, quanto a digestão o é da physiologia. Verdadeira, ou falsa, a theoria exerce apenas um papel subalterno. Superintende no grangear a acquiescencia do entendimento á vontade, já fixada antes dessa adhesão. O exercicio, porém, dos deveres, proveniente da acção feita habito, eis só o que importa aos intuitos da educação.»

E' unicamente pela concretisação elemental dos factos, portanto, que o cultivo moral pôde penetrar de um modo fructificativo na educação infantil. «Os alumnos» pondera um dos mais consumados pedagogistas americanos, «hão de aprender a discernir o bem do mal. Como? Numa idade que o comporte, estudarão a biblia, as obras de ethica e historia; mas na primeira

idade só exemplos específicos os poderão illustrar. Todo o dia, na escola e na vida social, se suscitam questões relativas á justiça ou injustiça de actos nossos. Chame o preceptor constantemente os discipulos a resolverem essas questões. Exercite-lhes as faculdades pelas quaes discriminamos a legitimidade ou illegalidade de uma acção dada. Solicite-os; solicite-os na direcção da escola; solicite-os ao ouvir as lições recitadas; solicite-os commentando os acontecimentos que transpiram no mundo; solicite-os na conversação particular com os alumnos. Forme nelles o habito de appellarem para a sua consciencia como guia das suas acções. E' sob a fórma concreta, por meios de exemplos, que as questões moraes, por via de regra, se devem submeter ao juizo das creanças. Como vehiculo dessa instrução preferiria eu uma obra de historia a um livro de ethica. A uma intelligencia amadurecida nada pôde ser mais grato do que um grande principio exprimido nos mais concisos termos, crystallizado nalgumas palavras. Inclino-me, todavia, a crer que as impressões derivadas de semelhante origem são de uma natureza antes mental que moral. O sentimento moral não se commove, senão respondendo a principios traduzidos, nos factos da vida, em realidades tangíveis.

E' o philantropo visitando as cellulas dos presos, o patriota morrendo pela patria, a boa samaritana acudindo na estrada á desvalida victima dos salteadores, o Salvador, na agonia do passamento, orando pelos inimigos cuja atrocidade o crucificava; são estas e outras scenas analogas, o que mais poderosamente move o nosso coração aos seus melhores impulsos. Como quer que seja, porém, justo, ou infundado, esta proposição, o certo será sempre, estou persuadido, que, para inspirar aos moços o sentimento dos direitos do bem, a fórma concreta e a unica efficaz. Uma só leitura da historia de Washington e a machadinha contribuirá mais, para inspirar a um menino a probidade e a sinceridade, do que a maxima. «A probidade é o melhor dos calculos», repetida cem vezes aos seus ouvidos.»

Em vez da moral de cartilha, portanto, a moral activa e intuitiva: eis o objectivo da reforma. «A moralidade»; na phrase de Sluys, é a consequencia do regimen da familia e da escola: adquire-se pela observancia de uma disciplina conforme á natureza.» Em vez de *cathecismo*, mestres: eis o que para esse fim requeremos. O caracter, a acção pessoal do mestre é o eixo, é o segredo irresistivel, é a força omnipotente de toda a educação moral. «Todo o homem que saiba manter a ordem e a disciplina indispensaveis a um bom ensino intellectual, com certeza deixará no espirito dos alumnos impressões de verdadeira moral, sem que de tal se preocupe. E si, de mais a mais, o preceptor possue tacto bastante, para fazer amar pelos alumnos o trabalho; si fiser com que elles acceitem livremente e com prazer o regimen que o estudo

impõe, de modo que, na essencia, não nutram senão bons sentimentos em relação aos condiscipulos e ao mestre, digno é de qualificar-se *excellent professor de moral*, embora o não inquiete a lembrança de merecer titulo semelhante.» Si, porém, pelo contrario (digamos com Wickersham), «o mestre não fôr veridico nas suas palavras; si não mantem um procedimento exemplar; si não é justo; si as notas, que distribue entre os discipulos, offerecem o cunho de parcialidade; si os prepara mal e de afogadilho para o exame; si de qualquer modo, em summa, eiva de falsidade a sua obra,—então a sua influencia é immoral. Nem orações quotidianas, nem leituras da biblia neutralisarão esse veneno de immoralidades. A sua escola será uma fabrica de vicios.» Scient.mente, ou não, fará germinar a immoralidade, desenvolver todos os principios ruins. Mestres taes serão indignos promotores do crime.» Sem o concurso do preceptor, pois, todos os cathecismos de moral são improficuos; com o auxilio de mestres que dignamente o sejam, superfluos serão todos os cathecismos.

Tudo, ao nosso ver, por consequencia, depende absolutamente da preparação do mestre. E' a sua influencia, a irradiação continua da sua pessoa e das suas acções, que ha de crear a atmosphera moral da escola, onde se encerra a educação inteira. Si toda a sua actividade fôr um exemplo vivo de inteireza e lisura; si souber fazer da sinceridade a medida da moralidade dos alumnos, para os levar a sentirem os caracteres de cada virtude; si operar nelles a intuição da omnipotencia do trabalho, do methodo e da ordem; si tiver a habilidade de tornar intelligivel a disciplina, de não formular prohibição, ou preceito, incomprehensivel á classe; si envolver os discipulos num regimen impenetravel á dissimulação, á hypocrisia, ao constrangimento; si os habituar á perseverança no proposito e á congruencia nas acções; si appellar constantemente para a vontade livre, para a espontaneidade, inspirando, desde os mais verdes annos, esse sentimento da personalidade, o *Selbstgefühl* dos allemães, o primeiro empenho na pedagogia ingleza e americana, a condição inicial e capital de toda a educação; si despertar na creança o homem, tratando-a como homem o mais cedo possivel, se se inspirar no profundo pensamento daquelle mestre-escola britanico, que dizia energicamente: «O meu esforço está em vasar ferro na alma dos alumnos; si lhes consigo formar o temperamento moral, consumanhou-se a minha obra» — é o educador da infancia é o verdadeiro instituidor primario; e toda a cultura moral brotará naturalmente delle. Todos os livros, todas as materias, todas as lições, serão sob a sua influencia, lições, assumptos, obras de moral. Evitando cuidadosamente as tradições didacticas, insinuativo sempre no exemplo e na palavra, assentará profundamente nos espiritos as bases de uma vida sã e justa.

Que pôde neste sentido o pecco ensino dos manuaes?

Absolutamente nada.

Não se confunda, porém, com essa espécie de livros, seccos, asperos, auctoritarios, estereis, os livros de leitura compostos de accordo com as regras que levamos indicadas. A moralidade ha de encarar-se como um resultado da accção, não da palavra; da impressão dramatica da narrativa, não da arida letra dos enunciados.

Numa palavra, a cultura moral, na escola, não pôde ser feitura, nem objecto de um curso; é uma resultante geral destes elementos (por sua ordem); primeiro o mestre; segundo a vida escolar; terceiro o ensino inteiro; mas especialmente: A a cultura scientifica; B a cultura historica; quarto os livros da leitura.

São obvios os laços que vinculam a educação civica á educação moral, de que, por assim dizer, não é senão uma das faces. Os americanos e os allemães, por outro lado, associam-na á instrucção historica, de que realmente a cultura civica, na escola, é um dos aspectos, um dos fins, um dos resultados preeminentes. Assim a educação patriótica, bebendo intimamente nas fontes moraes, vae enlaçar-se, pelas relações mais constantes, com a historia, com a geographia, e, na organização do programma, não pôde segregar destes dois estudos.

Obrigatoria hoje na escola americana, na franceza, na suissa, na belga, na allemã, na italiana, em toda a parte, digamos assim, esta especie de cultura não carece de que a justifiquemos aqui. Terei instituido realmente a educação popular, si a escola não derramar no seio do povo a substancia das tradições nacionaes? si não communicar ao individuo os principios da organização social que o envolve? si não imprimir no cidadão idéa exacta dos elementos que concorrem na vida organica do municipio da provincia, do Estado? si não lhe inculcar o sentimento do seu valor e da sua responsabilidade como parcella integrante da entidade natural?

Perante o bom senso não se podem conceber a este respeito duas opiniões.

RUY BARBOSA.



De torvas sombras e adytos profundos,
Entre os clarões da fé, teu ser assoma;
Da vaga Jônia ás tripodes de Roma
Te obedeceram sempre almas e mundos.

Filhos da terra ou do peccado oriundos,
Para salvar-nos, Christo o lenho toma,
E a cruz, braços abrindo, inspira e doma
E alenta e guia os povos errabundos.

Sejas creador dos homens e das feras,
Sonhem-te, acaso, as crenças primitivas,
Has de, eterno, reinar sobre as esphéras.

E's. Como a idea vives irradiando
No escuro fim das cousas mais altivas,
No turbilhão dos seculos rolando!

THEOTONIO FREIRE.

Impressões de viagem

(Continuação)



Contesto-o em abso-luto, pois, não pode haver csusa eficiente de progresso, sem que este se manifeste como phenomeno immediato.

E si o municipio é demasiado fertil, como dizem os municipales e eu creio, sua força natural creadora é qual thesoiro que, muito escondido, nenhuma utilidade tem para o bem geral da agremiação.

Tirassem-lhe esta grossa arteria do progresso —o rio Itapecurú— e a

villa desapareceria. Isto mesmo disse eu a alguns dos seus maioraes que, como era de esperar, combateram a minha opinião. Não sou tão teimoso que a *outrance* queira fazel-a prevalecer. Estimo mesmo estar em erro e que a verdade esteja com elles.

Percorrendo a villa, fui ter primeiramente ao telegrapho, de onde segui até a casa do meu particular amigo Tenente Coronel Antonio Napoleão da Silva Sodré, um bom e honrado mestiço, de quem fui advogado em um processo crime.

Devo acrescentar que esse Napoleão, não sei si por influencia do nome, é bastante bellicosso. Tanto assim que diversas vezes tem sido processado, sendo uma vez recolhido á prisão.

D'ahi vem talvez a sua popularidade, pois o publico em geral, maxime ent e os povos da raça latina, inclina as suas sympathias em favor dos que adquirem a corôa do martyrio, si este não indica perversão moral.

O Tenente Coronel recebeu-me com a fidalguia generosa de um grande coração agradecido, embora um tanto contrariado por não lhe terem communicado a minha partida, missão que confiara a um amigo.

Almoocei em sua companhia, tendo antes tomado um banho de agua fria, que me agradou immenso.

Só depois de meio dia voltei ao vapor, que então já estava desencalhado. Trouxe para bordo alguma provisão de fumo e charutos. O fumo dado e bom, os charutos comprados e ruins. Si não fosse desattenção para com o vendedor, que é pessoa qualificada, lh'os devolveria de presente ao chegar amanhã ao Codó.

Ao jantar, o Paulo Amaral, novel juiz de direito do Mirador e bom discipulo de Economia, deu-nos vinho de mesa. Por isto resolvemos fazer-lhe uma manifestação de apreço, que só não



JOÃO ALVES DOS SANTOS

se effectuou por força maior superveniente. Amanhã havemos de realisá-la. Como orador aclamado, já tenho *engatilhado* o meu improviso.

DIA 22—Accordei tarde. A bordo ainda não tinha dormido tão bem.

Em Setuba o vapor tomou lenha, demorando quasi uma hora. E' o serviço mais aborrecido n'estas viagens. Si fosse possível viajar aqui sem esse combustível, jurava de mim para mim mesmo que uma vez por outra estaria embarcado.

Visto nos aproximarmos de Caxias, pedi ao commandante Carlos Gonçalves que me cedesse o seu camarote, para ali copiar as minhas notas e remettel-as ao Antonio Lobo, na capital. O requerimento foi deferido, e, por isto, porei mais tarde mãos á obra, pouco importando que o orador popular dê ás minhas impressões boa ou má quotação. Si as reputar mal, usarei do direito de legitima defesa: darei a *Carteira de um neurasthenico* ao mais boçal vaqueiro do Piahy.

E' preciso que essa gente se convença de que um advogado merece todo o respeito e acatamento. Não se deve menoscabar da prosa, mesmo desalinhavada, de um discípulo de Pápião.

Passamos em Monte-Alegre, outr'ora Urubú—nome que lhe fica mais adequado.

Saltei. Em poucos minutos percorri a maior parte do logarejo, e voltei correndo para bordo, devido ao apito do vapor, quando mais precisava estar em terra. E' preciso acabar-se com o apito dos vapores.

Almoçamos logo depois e a fartar. Até en-

tão não tinha comido tão bem e com tão devorador appetite.

Por occasião do almoço devíamos effectuar a homenagem ao Paulo, devendo eu deitar *falação* quando a refeição terminasse. A orchestra viria em seguida.

Para isto pedi vinho, mas o juiz do Mirador declarou que não servia de *pato*, que não pagava o vinho, e retirou-se da mesa. Pregou-me talvez uma lição de mestre, obrigando a sahir da minha pobre bolsa o vinho que pedi. Sinto da minha parte. Em condições taes, não vale a pena tributar homenagens.

Ficamos encalhados no Gentio, perto do Codó.

O vapor martellava sobre as margens do estreito Itapecurú em pancadas cyclopicas. Era a luta do homem contra a natureza, esta coartando-lhe os movimentos, aquelle batendo-se pela liberdade de locomoção. Por fim o primeiro, como soe acontecer ao espirito de liberdade que sempre quer voar, voar, sahiu victorioso do porfiado combate, fazendo a nave deslizar sobre as aguas.

Mas, isto custou bastante. Os *seccos* aqui são perigosos e veem uns sobre os outros.

Como quer que seja, á meia noite o vapor tomava o porto, embora desesperançado o commandante de apressar a sahida, porquanto uma das barcas fora invadida pela agua, havendo, por isto, necessidade de protesto para resalva de direitos.

DIA 23—Dormia a bom dormir, quando se deu no vapor uma verdadeira invasão de barbaros, que é incontestavelmente uma barbaridade privarem-nos de um somno reparador. Ac-



JOÃO JORGE RODRIGUES DA SILVA



JOSÉ FRANCISCO JORGE

cordei com a vozeria dos alegres visitantes, e, como adormeci logo após, perdão-lhes de coração o mal que me fizeram.

Foram logo à terra e para terra levaram duas famílias: a do Aristides que continua a viagem e uma outra domiciliada no Codó.

As 9 horas fui também visitar a cidade, que me impressionou agradavelmente.

Ella não é pequena e se estende de um a outro lado do rio, sendo, porém, mais apreciável à esquerda. E' n'esta margem que se concentra quasi toda a vida local e onde reside a elite da população. Tem predios bem construidos, alguns á moderna; habitações muito espaçosas e confortaveis; o que denota o bom gosto dos habitantes.

A municipalidade parece cogitar do bem publico. Logo ao chegar observei uma singella rampa, e mais tarde um grande predio pertencente á Camara Municipal, e onde esta funciona, assim como um começo de arborisação na Praça do Cruzeiro. O caes, que é também modesto, foi feito, segundo me disseram, a expensas da União.

A iniciativa particular é bem sensível. Existe na cidade uma fabrica de tecidos, cuja manufatura, sendo exhibida, foi premiada na exposição de S. Luiz; sendo bastante conhecido os productos de sua lavoura, que produz muito bom fumo e exporta bastante algodão.

Tem também a sua imprensa reunida no pequeno jornal «Comarca», o que indica que o movimento intelectual encontra certa animação.

Infelizmente notei muitas cercas de varas no centro da cidade. Mas, consta-me ser assim que fabricam as quintas em todo o interior do Estado, não sendo possível ou pelo menos facil substituir a materia prima de sua confecção.

Não tive tempo, e muito a meu pesar, de de visitar o terceiro bairro, onde está a fabrica de tecidos.

Embora incompletas as minhas observações, creio, entretanto, poder afirmar que o Codó é uma das melhores localidades do Maranhão.

Mesmo pela tradição familiar, pouco ou nada tem a invejar aos demais centros populosos. Ah! tomaram vulto importantes familias do Maranhão, taes como as familias Vianna, Bayma, Moreira e Palhano, que são bastante ramificadas e tem produzido figuras salientes.

Almoei em terra, em casa do Dico Bayma, onde encontrei o meu velho amigo Commendador Bento Raposo; tendo antes visitado ao Maneco, chefe, no lugar, da politica situacionista. Boa gente, muito agrado e tratamento cordial.

Teve rasão o Paulo, quando, depois de ter comido muito saudou aos que nos deram almoço.

Voltei para bordo ao meio dia mais ou menos, sahindo o vapor poucas horas depois.

Tomei um banho e em seguida senti-me com defluxo. Mão agoiro! Quero crer, porém, que este importuno companheiro não me perseguirá por muito tempo.

A viagem de optima, que ia sendo, vae se tornando má. Não andamos tres legoas sequer depois da sahida do Codó, tal é o estado do rio.

Deito-me sem consultar o medico de bordo sobre o meu estado de saude, pois até em medicina o Codó nos fez uma revelação, que não devo esquecer.

A bordo do «Carlos Coelho» vem um passageiro de prôa, cuja especialidade até agora desconheciamos e que ao saltar na cidade reunia logo um grande numero de admiradores, dizendo curar qualquer molestia ao simples contacto da mão na parte affectada.

Chama-se Homem Bom Alves do Nascimento o nosso esculapio, que diz ser parahybano e é um typo bem parecido.

Porque ha tolos em toda parte, o doutor fez sua figura; e tanto se elevou no conceito da plebe que era cercado de maxima consideração e teve um embarque pomposo, como qualquer grande personagem.

DIA 24—Sete dias de viagem! E eu que não suppunha ser preciso tanto!

Acordando cedo, tomei logo um banho frio. Em seguida fiquei com aspecto macilento, ar macambuzio e, sentindo certa indisposição, acreditei estar com febre.

Felizmente melhorei; e supponho voltar aos primeiros bons dias da viagem, quando comia bem, dormia melhor e sentia o organismo adquirir mais força e vigor.

Devido ao abatimento physico resultante do resfriamento de que fui victima, tenho hoje poucas impressões a registrar. *Mens sana in corpore sano*. Quando o corpo se sente mal, o espirito não é o mesmo: acompanha o seu mal estar.

E digam lá os espiritalistas que o espirito é



JOÃO J. LENTINI

tudo e a materia é nada ! Tenham elles uma formidável indigestão, á semelhança de uma que teve muita gente boa, quando andou por este Estado o Nuncio Apostolico, D. Julio Tonti, e me digam depois se reproduzem com a mesma facilidade um pensamento de João Lisboa ou decoram um soneto de Olavo Bilac. Duvido !

O vapor tem andado a passos de caranguejo. Ora adiante, ora atraz. Já uma das vezes em que elle recuava tive vontade de perguntar ao Carlos Gonçalves si nos pretendia levar á Capital.

Os companheiros matavam o tempo a dar tiros. O pharmaceutico Odorico Kós matou quatro camaleões, o Aristides dois jacarés, e o Barjonas, filho do mesmo Aristides e um menino intelligente, matou tambem um camaleão. Quanto a mim, deixei de atirar, pois, só queria dar o panno de amostra, que foi bem dado.

Dizendo-me medico consegui conversar hoje com o nosso doutor. E' um megalomaniaco. Disse-me ser medico sem estudos academicos, bastando a intelligencia para o bom resultado de suas curas. Estas, elle as effectúa sem remedio de especie alguma, e sim com as mãos, tocando uma, duas e mais vezes no doente.

Declarou que todo seu interesse é chegar á Therezina, e tanto assim que, vindo de Pernambuco, não saltou no Ceará, para mais depressa chegar á capital do Piahy. No Rio Grande do Norte esteve com os doutores Segundo Wanderley e Calistrato, que são testemunhas do bom resultado de sua therapeutica, que, segundo afirma, é a ultima palavra na sciencia.

Mostra-se meu amigo e quer que eu lhe de-va grande prova de attenção:—disse ao 1º machinista Guilherme Berniz que pretendia demorar-se no Piahy, mas, por saber que tambem

me destino áquelle Estado, retirar-se-á logo, a fim de não prejudicar a minha clinica.

N'esta marcha vae bem o doutor Homem Bom. Acabará sem duvida, em algum Hospicio de Alienados, dizendo-se seu director por nomeação do governo federal. E' o caminho que muitos dos seus companheiros teem trilhado para alcançar as mais brilhantes posições, como um de que me falaram que galgou a elevadissima categoria de—Jesus-Christo, filho do Padre Eterno.

(Continúa)

Bordo do vapor Carlos Coelho, municipio de Caxias, em 25 de Julho de 1905.

ARAUJO COSTA.

A DESPEDIDA

Desmaia a tarde. A estrella vespertina
Abre no azul os ciliros luminosos,
Voa a tribu dos passaros maviosos
E o vento açoitá as flores da campina.

Beijam-se alem, na encosta da collina
Dois pombos brancos, languidos, chorosos . . .
Beijam-se muito os tristes amorosos
No derradeiro adeus que os alucina.

E quando expira aquelle beijo errante
Que une as almas do casal amante
O pombo voa em timidos arrancos . . .

Para que eu parta estranho á dor que chora.
Seja este beijo que te deixo agora
Como o alvo beijo dos pombinhos brancos.

ALUIZIO PORTO.

Empresa Ferro Carril

Encerra a nossa parte artistica d'este numero diversas gravuras referentes a Empresa Ferro Carril que mantem nesta capital duas linhas, uma urbana e outra suburbana.

Esta empresa, de propriedade da firma Santos, Jorge & C.^a, acha-se sob a direcção dos inestimaveis cavalheiros srs. João Santos, João e José Jorge e é gerida pelo sr. João J. Lentini, que procuram esforçar-se pelo bom desempenho das funcções a seu cargo.

Com a publicação de semelhantes gravuras continuamos a serie promettida no nosso numero anterior, buscando tornar conhecidas as nossas empresas industriaes.

A vida de hoje não é toda a vida : é uma das muitas vidas que formam as estações de parada da grande vida infinita.

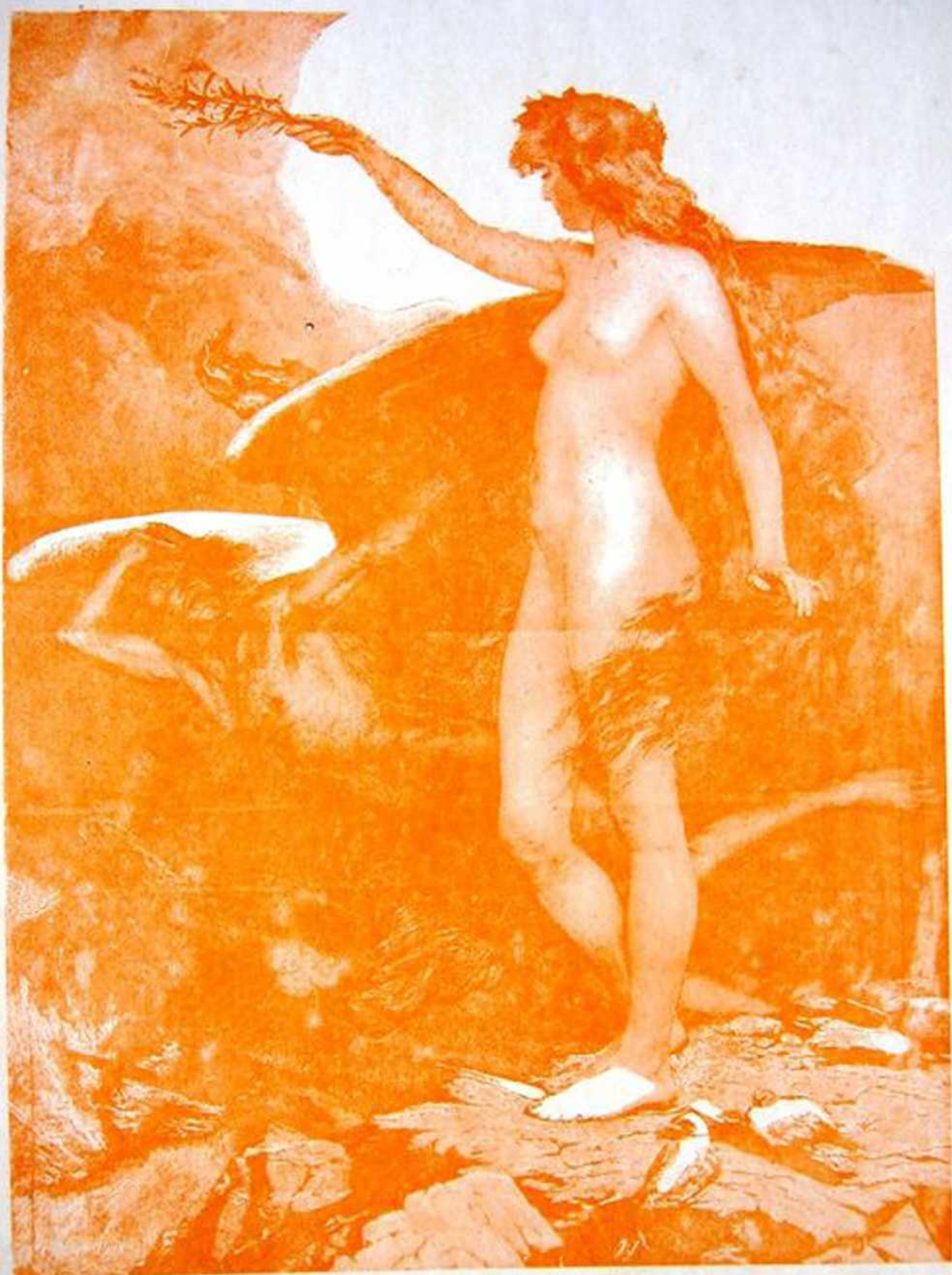
OLAVO BILAC.



A MODA DA REVISTA

Historia muda





A Revista do Norte. 5º ANNO N. 6

Anjo da Guarda

A REDISTA DO NORTE

ANNO V

NUM. 6

Fevereiro de 1966



O MEZ

O INTERNATO DOS LAZARISTAS

Como sabem todos, mantem os reverendos Lazaristas, no velho casarão de S. Antonio, um internato que, no diser dos informados, merece a predileção especial dos nossos paes de familia. A criança que por lá aprende anda de uniforme, ouve missa diariamente, confessa-se e communha com frequencia, assiste ás novenas e actos religiosos que na Igreja contigua se celebram, obedece aos mandamentos da lei de Deus e da Santa Madre Igreja, tem horror á impiedade e aos livres pensadores e encara o sacerdocio catholico como a mais virtuosa e a mais nobre das profissões. A fama do internato cada vez mais se alastra e a frequencia do mesmo cada vez se torna maior, havendo até quem afirme que, a continuarem assim as coisas, dentro em breve o vasto edificio do convento não mais comportará os alumnos que o procuram.

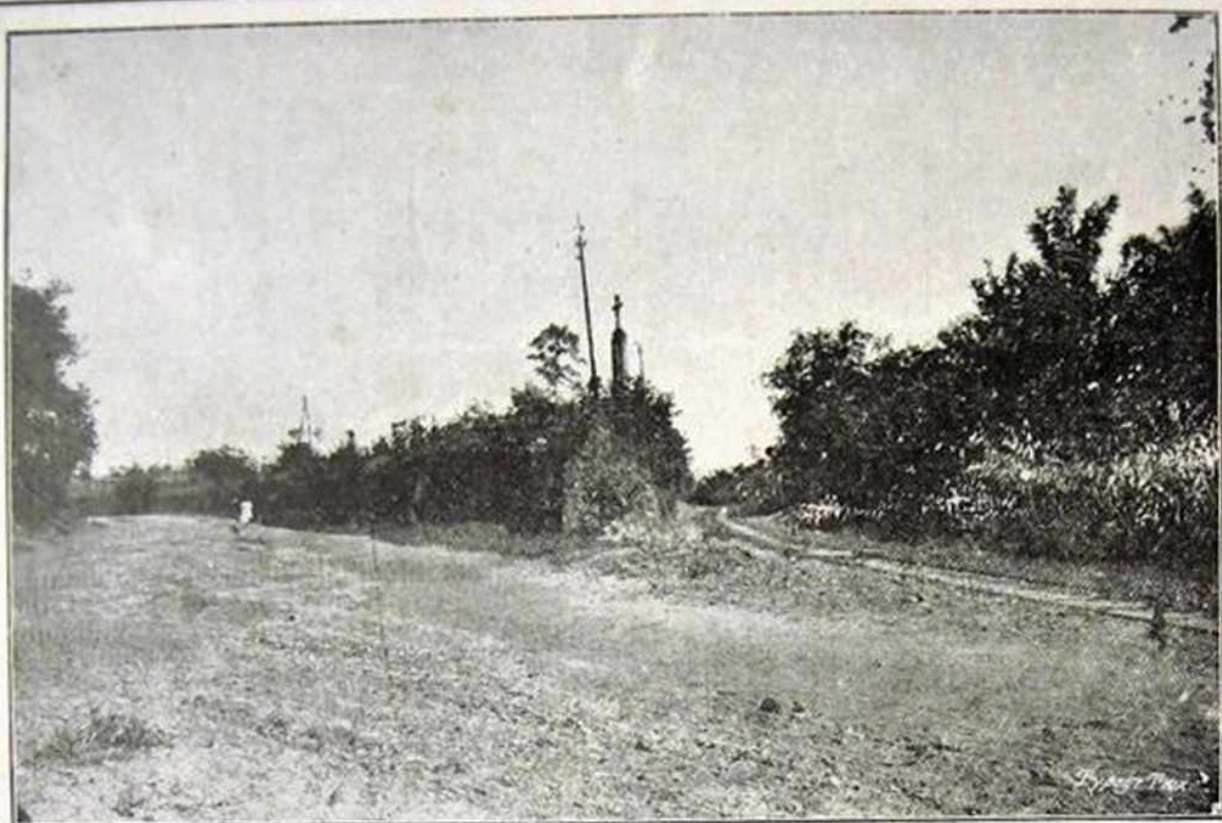
Os exames do fim do anno passado foram, ainda no diser dos informados, um verdadeiro successo. Os discipulos deram provas inconcusas de seu aproveitamento e os mestres revelaram a sua alta capacidade educativa, tudo assistido por um auditorio numeroso e essencialmente catholico, com exclusão virtuosa dos hereses e dos impios. E, para corôar condignamente a festa e levar ao auge a santa alegria de todos, um dos alumnos tomou batina e entrou para o curso theologico e espera-se que este anno o mesmo suceda a mais alguns, com manifesto e indiscutivel proveito da vinha do Senhor.

Entraram em seguida as ferias; ensinantes e ensinados foram para o repouso, a cobrar novas forças afim de proseguirem no honrado e nobi-

litante trabalho donde ha de sair, ainda no diser dos informados, a regeneração moral do Maranhão e, o que mais é, o preenchimento das innumeradas vagas existentes no cabido d'esta capital.

Agora, começos de anno, o reverendo Reitor do internato que ainda mantem a designação de *Seminario de Santo Antonio*, annunciou pelas folhas a reabertura do mesmo em 1.º de Março vindouro, publicando ao mesmo tempo o programma do ensino que lá se ministra, organizado, segundo diz, *sob um plano methodico e destinado a estender o mais possivel o beneficio da instrução*. Essas duas declarações, seja dito de passagem, parecem-me perfeitamente inuteis, pois é geralmente sabido que tudo o que as congregações religiosas fazem é com methodo e com ordem e o que o seu maior interesse é exactamente esse: *espalhar o mais possivel os beneficios da instrução*. Ha, é certo, alguns espiritos atrasados e ignorantes, inimigos da verdade e do bem estar do genero humano, que não pensam assim e que afirmam, com uma audacia que anda mesmo a pedir uma fogueirinha do Santo Officio, que o que ellas querem é justamente o contrario do que apregoam, isto é: *restringir o mais possivel os beneficios da instrução*. Pertencem ao numero d'esses ignorantes e desses malvados, Jules Ferry, Paul Bert, Waldeck-Rousseau, Yves Guyau, Combes, Felix Le Dantec, Berthelot e outros, para não falar senão na França, onde as pobres congregações andam presentemente gemendo sob o peso da mais cruel e da mais revoltante das oppressões. Mas, esses que assim pensam são hereticos e excommungados, que não estão absolutamente na altura de apreciar o valor do ensino congreganista. Deixemol-os pois em paz, que todos terão a sua recompensa, como já o tiveram os tres primeiros que a estas horas ardem de certo por entre as labaredas eternas, e voltemos ao nosso assunto.

O programma do reverendo Reitor, em que pese aos informados, não anda absolutamente na altura dos elogios tecidos ao internato em que é executado. Não se justifica o criterio que



ARREDORES DO MARANHÃO—OUTEIRO DA CRUZ

presidio à escolha das materias e a respectiva distribuição pelos annos do curso.

As sciencias fisicas e naturaes que em toda a parte civilisada formam hoje a base do ensino, foram relegadas para o ultimo anno, figuram apenas como um appendice perfeitamente dispensavel ás outras materias já estudadas. E' apenas no 5.º anno que se estuda Phisica, Chymica e Historia Natural, quando semelhantes disciplinas, methodicamente seriadas, deveriam vir acompanhando todo o curso, desde o primeiro anno.

Não se comprehende que as noções indispensaveis para habituar á criança a conhecer o seu proprio corpo e o meio fisico que a cerca, só lhe sejam ministradas depois de permanecerem seis annos no internato. O programma do reverendo Reitor não estabelece idade para a matricula; suponhamos, pois, tomando o limite minimo, que entra para o internato um alumno com oito annos: só aos quatorse é que virá a saber de que é composta a agua que elle bebe e o ar que elle respira!

Por outro lado o latim, que hoje só tem uma utilidade puramente erudita, o latim, cujo estudo nos cursos secundarios foi redusido pelos pedagogistas modernos a simples noções indispensaveis, relativas á origem das linguas neo-latinas, é ensinada no Internato desde o curso elementar! Podem as crianças que lá aprendem ignorar a differença entre o ar que lhes penetra nos pulmões e o que delles sae, mas com certesa sa-

berão o *hora, horae* de cor e salteado, de diante para trás e de trás para diante.

A gymnastica que é e deve ser a preocupação constante de todos aquelles que tomam sobre os hombros a tarefa de preparar as gerações do futuro; a gymnastica que é a garantia do vigor fisico, sem o qual não poderá haver nem vigor mental, nem vigor moral; a gymnastica, cuja utilidade nas escolas não mais se discute, porque é um axioma que todos aceitam, sejam quaes forem os credos religiosos ou as seitas filosoficas a que pertençam; a gymnastica é ensinada no Seminario de S. Antonio *apenas uma vez por semana!* Mas porque não estabeleceu logo o reverendo Reitor que toda aquella petisada só faria exercicios fisicos uma vez por anno, durante as ferias, em casa dos respectivos papás?

Tudo isto, porém, e muita coisa mais que no citado programma se vê, ainda não é nada, comparado com a monstruosidade final. Sabem os senhores que me lêem o que é que os reverendos Lazaristas ensinam aos alumnos do seu Internato, no 5.º anno do respectivo curso? *Rhetorica*, santo Deus! a velha, bolorenta e caduca rethorica de Quintiliano, o melhor caldo de cultura até hoje conhecido para o microbio do sofisma cujas toxinas andam ha longos seculos lentamente destruindo as celulas vitaes do organismo latino!

A hypertrophia da palavra, a paixão do verbo campanudo e balófo, dos artificios de frase,

sonoros e ócos, já é hereditária em toda aquella criança, rebento de uma raça gasta que durante todo o decurso da sua vida historica tem feito da arte de dissimular o fundo sob a forma, de dar á mentira as apparencias da verdade, a preocupação capital das suas elaborações intellectuaes.

Agora avaliem como essa diathese se acentuará sob a ação de um regimen educativo que, longe de a combater e corrigir, busca pelo contrario cultiva-la com interesse e com amor, ofertando-lhe todos os ensejos de franca e larga exteriorisação.

Não, reverendissimo Reitor! tudo posso perdoar ao vosso programma: o desprezo das sciencias fisicas e naturaes, o menoscabo da gymnastica e dos exercicios fisicos, o culto exclusivo do latim, com prejuizo até mesmo do portuguez, porque este é ensinado em tres annos e aquelle em cinco; mas a maldita rhetorica, isto é que não, nem que me rachem em mil pedaços. Pois se essa malvada é que tem sido a causa de todas as nossas desgraças, a *asa negra* que nos tem perseguido em todas as nossas tentativas de melhoramento e de regeneração, mantendo-nos sempre sob a ação hypnotisadora das apparencias mentirosas, das superficialidades illusorias, dos enganosos ouros da irrealidade! E ainda quer V. Rvd.^{ma} agravar-nos esse mal, ensinar sistematicamente aos nossos filhos aquillo que elles já trazem na massa do sangue e que a educação deveria corrigir e nunca favorecer! Mas veja V. Revd.^{ma} que semelhante procedimento chega até a ser falta de caridade e a caridade foi a virtude soberana de tanto esmoler de Margarida de Valois, o fundador da Missão a que pertenceis.

Abandone V. Revd.^{ma} o caminho encetado, que ainda está em tempo de o fazer, suprima a Rhetorica de programma de seu Seminario e substitua a malvada por qualquer outra disciplina que seja de particular agrado de V. Rvd.^{ma} por exemplo: por uma cadeira especial de *Provas de livre Arbitrio*, em que se demonstre ás crianças que um Hotentote poderá no dia em que quizer, ser tão virtuoso como S. Vicente de Paula, ser tão sabio como S. Thomaz de Aquino. E se V. Revd.^{ma} tomar este meu humilde conselho, ousou lembrar a V. Revd.^{ma} para livro do texto d'essa cadeira a interessantissima obra de Visconde de Saboia, intitulada *A vida Psychica do Homem*, que amontoa no seu capitulo V, um verdadeiro rosario de prosas do estado *livre arbitrio* entre as quaes figura a da REVELAÇÃO PELA CONSCIENCIA. Posso garantir a V. Rev.^{ma} que diante d'esta ultima prova aduzida pelo ex-professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, todos os modernos partidarios do determinismo biologico ficarão mesmo, como lá se diz, de *crista murcha*...

Assim procedendo, isto é abolindo a Rhetorica, terá V. Rev.^{ma} o ensejo de merecer um voto de louvor nesta secção d'A REVISTA DO NORTE, se bem que o autor, nem mesmo com essa

modificação do programma, seja capaz por preço algum de pôr os seus filhos a aprender no Seminario tão proficientemente dirigido por V. Rvd.^{ma}.

HENRIQUE NEIVA.

Manhã na barra

Remonta o sol as cristas altaneiras
Dos morros! Entre flócos pardacentos
De nuvens, osculados pelos ventos,
Vêem-se flores gentis de trepadeiras.

Alem, por sobre o mar, alviçareiras
Barquinhas abrem sulcos alvacentos;
E das vagas nos dorsos poeirentos
Refulge o sol em rútilas esteiras!

As andorinhas cruzam-se nos ares:
Descem beijando a clamyde dos mares,
Sobem perdendo as formas e o tamanho;

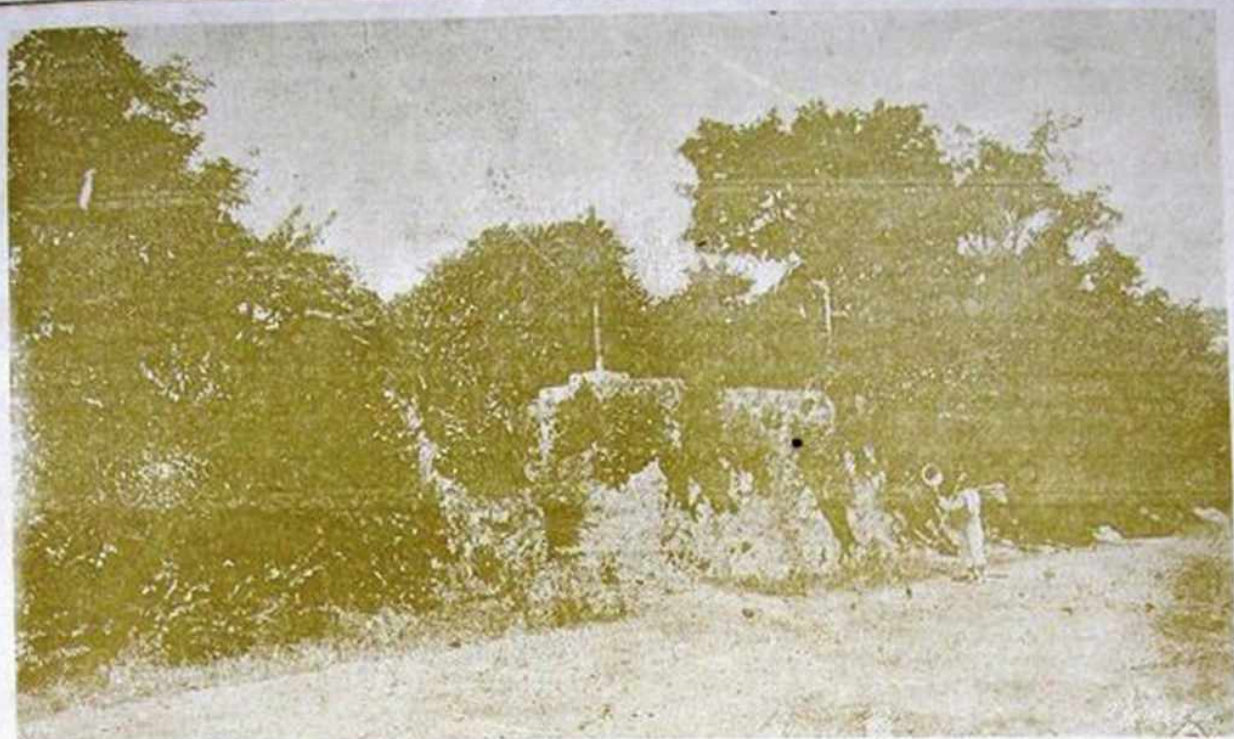
E nas areias humidas da praia
Cerulea vaga vem beijando a saia
Da menina gentil que sae do banho.

ALCIBIADES NEVES.

Vida e actividade



A actividade social é o resultado immediato da observação directa da vida. *Vida e actividade* são, num certo sentido, synonymos; e só quem se inspira no fluxo e refluxo das sociedades se pode entusiasmar pela vida. Quem permanece ao lado dos acontecimentos, por não saber observa-los, quem é capaz de se impressionar por elles, nunca se interessará pela corrente de successos, d'onde resulta o progresso, nem procurará participar delle. A actividade social presuppõe uma sensação precisa—quaesquer que sejam as tendencias do individuo—uma sensação precisa das necessidades sociaes; d'ahi deriva a intuição das soluções possiveis e adequadas. A leitura, só, fóra da observação, conduz apenas á contemplação, que torna o homem inactivo e esteril como um monge virtuoso. Não significa isto que, aqui, os homens publicos não trabalhem. Sim, trabalham; mas o seu labor faz-se como uma tarefa, quando devera ser uma campanha, entusiastica e ardente, como o trabalho se apresenta aos que avançam convencidos do exito—porque marcham em contacto directo com os acontecimentos. Em nós outros os esforços estão condemnados, de antemão, a ser inefficazes; a actividade social é paroxistica; passada a crise, vem o desanimo, e, em seguida, o desinteresse pelas cousas publicas, ou o clamor indetermido contra os que occupam o poder. E é natural: se



ARREDORES DO MARANHÃO—OUTEIRO DA CRUZ

todos confiam numa formula, e acreditam que uma conquista politica ou social está obtida quando essa formula foi inscripta, a todos invadirá ou o desanimo ou a colera, quando sentirem que, apesar da reforma escripta, as cousas continuam como d'antes. Disto resulta que, dentre os progressistas sinceros da America do Sul (e da Peninsula), 3/4 estão sempre desilludidos, a blasfemar contra os principios que apregoavam na vespera, prontos a accusar toda a gente. Pensam que os males sociaes se reformam pelo simples effeito das palavras escriptas; decretam reformas, e deixam de lado os costumes; transigem com todas as reviviscencias e tradições, e querem que as injustiças e atrozos cessem—pelo effeito mifilico das leis impressas e esquecidas! . . . Pretendem que a vida sempre renovada, sempre imprevista, se venha fixar, sob formulas tiradas de condições peculiares a épocas archaicas. Falta-lhes essa observação das cousas, onde aprenderiam que a evolução é continua, e que vícios longamente accumulados só por um esforço longo podem ser corrigidos. Falta-lhes comprehender que a tenacidade dos habitos defeituosos é preciso oppôr uma educação igualmente tenaz e aturada. Vontade, energia e tenacidade são qualidades que se desenvolvem pela observação directa dos factos; é ahí que se aprende o quanto são vivaces e permanentes as forças da natureza: para vencê-las é mister oppôr-lhes energias geralmente vivas e permanentes. Só quem sabe ver e medir os pequenos resultados, obtidos dia a dia, por um esforço continuo, é capaz de conceber esperan-

ças fortes; assim se reanima a confiança e fortifica a tenacidade. Esses, que deste modo educam o seu espirito, não desfallecem nas alternativas da acção, nem são colhidos, nunca, de surpresa.

MANUEL BOMFIM.

A Biologia Chimica

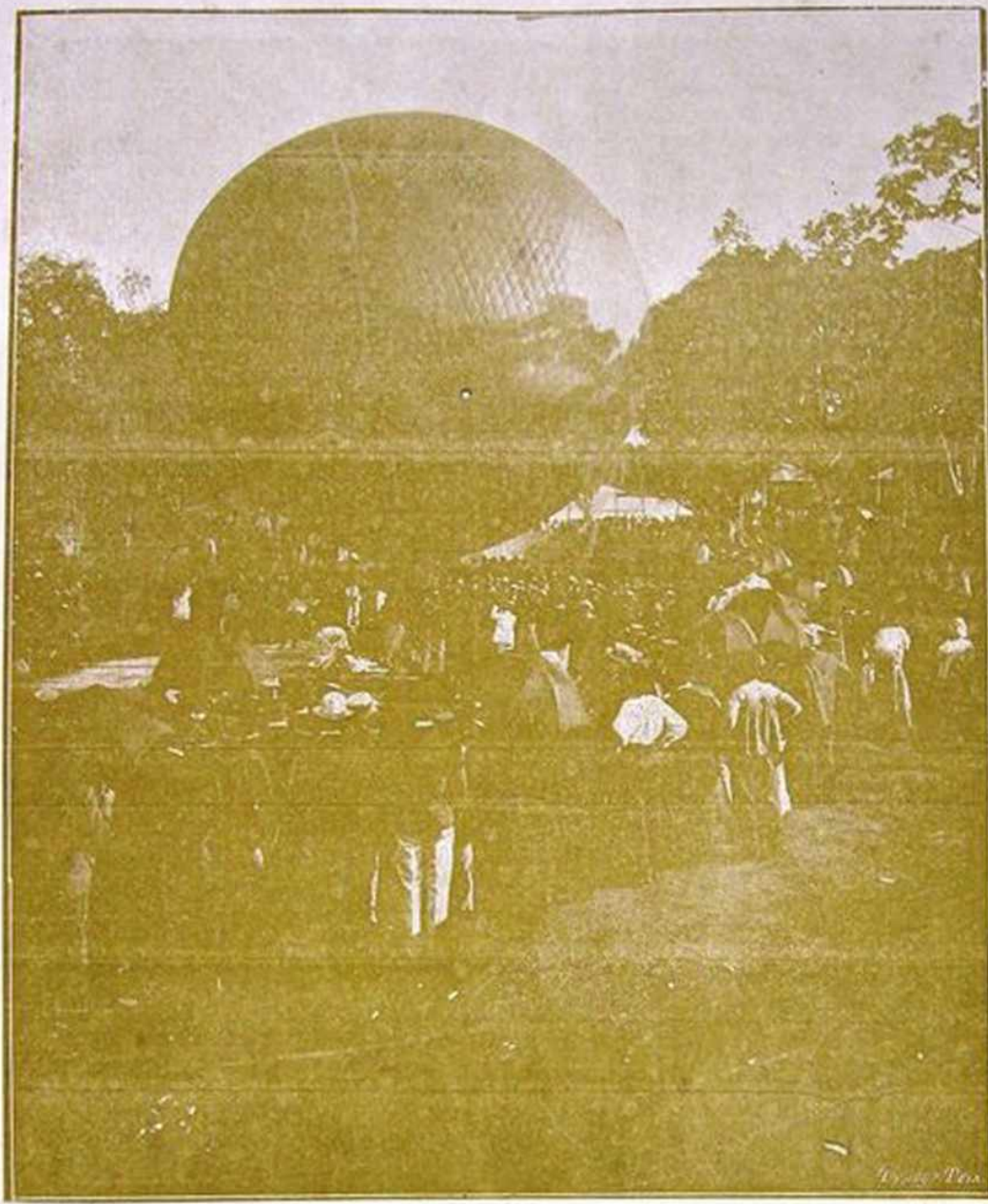


A biologia não é uma sciencia simples, ao contrario, é a mais complexa de todas as sciencias. Os phenomenos vitais são a synthese de uma *multidão* de phenomenos fisicos e de phenomenos chimicos; antes de buscar comprehender a *vida*, é necessa-

rio conhecer as leis geraes que regem a materia inorganica, o que exige estudos longos e trabalhosos que a maior parte dos homens não fizeram e não querem fazer. E, todavia, todo o mundo fala de biologia, todo o mundo quer ter o direito de discutir os sistemas propostos para a explicação da vida, da morte, da formação das especies, etc. . . .

D'ahi o grande successo das theorias que *empalmam* as difficuldades. Quantos philosophos vivem bendisendo Darwin e Weissmann por lhes haverem ensinado uma biologia que elles logo comprehenderam sem esforços?

O fim que se propõem os espiritos curiosos



BELEM-PARÁ—ASCENÇÃO D'Ô NACIONAL—AERONAUTA FERRAMENTA—ASSOC. D. RECREATIVA E BENEFICENTE (Photographo Oliveira)

é explicar os phenomenos que teem por séde os corpos; mas é preciso notar que ha *propriedades* e *propriedades*. Se, para me fazer comprehender que um ovo dá nascimento a um pinto dizeis-me que o ovo tem uma propriedade germinativa, será isso uma verdade, mas que em nada me adiantará; se, para dissimular a ausencia de explicação da frase precedente, me contardes que o ovo contem um grande numero de particulas, cada uma das quaes tem a *propriedade* de determinar a formação de cada uma das partes constitutivas do pinto, formulareis assim uma hipótese gratuita; supondo mesmo que eu aceite a vossa hipótese, ficarei ainda na mesma, por-

nio fisico-chimico. Por outro lado, se recusarmos conceder *a priori*, ás substancias vivas, propriedades de uma *essencia especial*, se consentirmos em reconhecer-lhes somente propriedades elementares da *mesma ordem* das dos corpos brutos, a interpretação dos phenomenos vitais apenas por meio d'estas propriedades torna-se de uma grande dificuldade; a complicação dos phenomenos chega mesmo a parecer tão fóra de proporção com a simplicidade das propriedades fisico-chimicas dos corpos, que seremos naturalmente levados a cavar entre esta complicação e esta simplicidade um abismo invencível, o abismo da hipótese vitalista.

que esta *propriedade* das vossas particulas determinativas não é mais simples do que a propriedade germinativa total do ovo da galinha. Todavia, as *gemulas* de Darwin e as *determinantes* de Weissmann por muito tempo irresistivelmente seduziram o publico. Porque? Precisamente porque, uma vez admitidas essas complicadissimas propriedades, a interpretação dos phenomenos tornava-se infinitamente simples, ao alcance de toda a gente, sem exigir estudos scientificos aprofundados.

Mas, com franquesa, se ha espiritos que se sentem satisfeitos com esse genero de explicação aparente, mais vale então aceitar sem rebuço a interpretação vitalista e dizer que todos os phenomenos biologicos são dirigidos por uma força vital especial, cujo estudo escapa ao domi-

Torna-se, com efeito, necessaria uma certa dose de coragem para tentar explicar, sem o auxilio de hipoteses alguma especial, o fato do ovo da galinha dar nascimento a um pinto; semelhante empresa exige um trabalho consideravel, uma serie de deducções tão cerradas como aquellas das partes mais arduas da geometria; muitas pessoas não podem ou não querem impôr-se este trabalho e preferem apegar-se às teorias que suprimem todo o esforço; essas são vitalistas por convicção, mas também por preguiça.

Se vos dessem a escolher entre duas astronomias, uma fundada unicamente sobre o principio de Newton, outro attribuindo a cada astro a propriedade especial de executar precisamente a revolução que executa, não hesitariais um só instante em considerar a primeira como a unica verdadeiramente scientifica; todavia, qualquer pessoa poderá, sem esforço, aprender a segunda, ao passo que para aprender a primeira seria necessario começar por familiarisar-se com as formulas mais delicadas das matematicas.

Acham todos natural que sejam necessarios estudos especiaes para a compreensão das sciencias astronomicas, mas quando se trata de biologia não se reconhece a mesma necessidade; assim é que de duas biologias analogas às duas astronomias hipoteticas de ainda ha pouco, escolhe-se immediatamente a segunda, a que nada tem de scientifico e que, no fundo, nada explica, e a razão de semelhante escolha reside no fato de estar essa biologia ao alcance de todo o mundo e querer todo o mundo saber Biologia.

Na época actual as teorias analogas a de Weissmann parecem definitivamente abandonadas. Durante largo tempo tiveram essas teorias um credito enorme, e não é de esperar que as teorias chemicas da vida e da hereditariedade tenham um sucesso tão rapido, por causa das dificuldades que suscitam. Póde-se, no entanto, esperar que o seu successo seja mais duradouro, porque a biochimica, se é uma sciencia ardua, é também uma sciencia verdadeira, baseada sobre propriedades real e experimentalmente conhecidas e não sobre virtudes analogas às que reconhece no opio o medico do *Malade imaginaire*, de Molière.

FÉLIX DE DANTEC.

Novos ensaios



Mais um trabalho acaba de dar á luz o infatigavel intellectual, Sr. Dr. Arthur Orlando.

Referimo-nos aos seus «Novos ensaios», obra modesta, mas de incontestavel valor philosophico.

Quem os ler sente a impressão de um espirito altamente preocupado com as mais importantes conquistas da intelligencia.

Sem ater-nos a uma apreciação detalhada, o

que seria longo, apreciemos, contudo, os seus dois primeiros capítulos, que são bem curiosos.

Abre o livro a these «Nova concepção da materia», assumpto transcendental que muito deve despertar a attenção dos que se dão às pesquisas scientificas tendentes ao conhecimento da substancia cosmica que entra na composição de todos os seres, organicos e inorganicos.

Ahi aborda o autor a theoria da materia radiante, de cujo estudo se pode concluir que alguma coisa existe menor que o atomo, servindo de fronteira entre a materia e a força, e em que estas parecem fundir-se. Acompanha assim as experiencias de William Crookes, que vêm assignar um marco na historia da chimica e abrir às sciencias mais largos horisontes, deitando por terra muitos dogmas scientificos, taes como o da inercia e indestructibilidade da materia, pedestal em que estavam assentes a physica e a chimica.

E' uma illusão de menos entre as idéas que, perante o espirito humano, haviam adquirido força de axioma. Grandes aquisições da experiencia baqueam á luz das novas investigações, que nos levam a paragens mais longinquoas, até ao ponto de intersecção entre o material e o que se não pode propriamente dizer do dominio da materia.

O estado pre-atômico da materia, a descoberta dos raios cathodicos, a dos raios X e a demonstração de que a radio-actividade é um attributo geral da materia, vêm estabelecer novas verdades scientificas e dar uma nova feição às concepções philosophicas.

«A evolução da materia se opera sob um duplo ponto de vista, ella vae do imponderavel ao ponderavel pela associação de seus elementos e do ponderavel ao imponderavel pela desassociação.» E a desmaterialisação dos corpos, até agora descurada, constitue a energia intra-atômica, que é o laço de união entre o mundo do ponderavel e o do imponderavel.

Os effluvios produzidos por este processo regressivo de desmaterialisação constituem o maravilhoso phenomeno da radio-actividade, cuja universalidade confirma o scientista Gustavo le Bon.

Os corpos, como em menor quantidade os atomos que os compoem, são, pois, grandes reservatorios de energia ou, como diz o autor, a materia é energia concentrada em forma estatica que pode produzir immensa força com a desassociação de seus elementos.

«Transformar a energia em materia e a materia em energia sem que nada de exterior lhes seja fornecido, é o grande cyclo da evolução.» E é da transição entre o ponderavel e imponderavel que surge uma substancia a que se dá o nome de *electron*, nem solida, nem liquida, nem gazosa, que atravessa quaesquer obstaculos, assemelhando-se mais ao ether que á materia propriamente dita. E' indefinivel como o ether, realidade misteriosa que se estende pelo espaço infinito, entrelaçando os mundos, passando atra-



BELEM - PARÁ — AGENÇÃO D'«O NACIONAL» — AERONAUTA FERRAMENTA — ASSOC. D. RECREATIVA E BENEFICENTE (Photographo Oliveira)

vés dos corpos e unificando o conjuncto da criação.

Grandiosa concepção, bella hypotese scientifica que parece um sonho, mas cujo valor se não pode contestar. É como negar o ether si alguma coisa sentimos superior aos nossos sentidos e incompreensível, em sua natureza intima, ao nosso raciocínio! Porque não compreendemos um phenomeno ou a sua causa efficiente, nem por isso podemos contestar a sua existencia.

O ether existe, podendo ser considerado, como hoje mais acentuadamente pretendem physicos e chimicos, a essencia do mundo, o *substratum* de todos os seres.

E das ultimas investigações da sciencia resumiram, incontestaveis, dados preciosos para melhor aquilatar o que somos, de onde vimos, para onde vamos, — velha these naturalista de ha muito batida pelos espiritos de escol.

Passa depois o autor ao problema da velhice, do conhecido escriptor russo Metchnikof, a que sem contradicção com a dissertação primeira, dá o nome de—Um problema a resolver—e que visa o prolongamento da vida do ser, como o homem, polycellular.

A vida que, no dizer de Hækel, é uma unidade apparente, pois que, na realidade, é um conjuncto de celulas, que são outrastantas vidas, não encontrará, por certo, um meio de perpetuar-se objectiva ou subjectivamente. O corpo é a cidade cellular, não tem as garantias das organizações sociaes que se conservam indefinidamente, mantendo sempre certos laços que prendem os seus elementos compo-

nentes. Os individuos que o compõem-as celulas—exercendo as funcções que lhe são peculiares, como o homem no exercicio de suas funcções sociaes, acabam por chocar-se umas sobre as outras, rompendo assim o seu conjuncto harmonico para, como Samsão, morrer debaixo do mesmo edificio em que estavam encerradas e a que ellas mesmas serviam de columnas.

A impossibilidade, porem, de manter a boa harmonia entre ellas, não é motivo para desesperar da possibilidade de prolongar-lhes o laço de união, tornando assim a vida mais longa e a velhice mais supportavel.

Como, porém, conseguir isto?

O recurso seria o revigoramento das celulas

superiores ou as mais diferenciadas, que são destruídas pelas menos complexas, as phagocytas, leucocytas e macrophagas. Estas, quaes raças inferiores que vencem as superiores, o que alias é contra a doutrina do predomínio dos fortes sobre os fracos, vencidas as cellulas superiores, ficam dominando em seu lugar, mas, não podendo desempenhar as elevadas funcções do inimigo abatido, produzem a morte do organismo, que não podem sustentar, morrendo ellas proprias no mesmo campo de acção.

O biologista Loeb já descobriu o meio de prolongar a vida das cellulas, em geral, por uma fecundação chimica. Com o cyanuro de potassio, afirma o autor, conseguiu augmentar-lhes o poder de resistencia em ovos não fecundados de certos animaes; o que, sem duvida, deve ser um grande passo na solução do problema da senescencia, para augmentar-nos o mais precioso dom, a vida,—esta unidade apparente que tanto nos apraz conservar.

S. Luiz, Janeiro de 1906

ARAUJO COSTA.

JOSÉ DE ALENCAR



A selva e o indio desaparecerão um dia: a selva—o coração virginal da nossa natureza; o indio—a alma simples da nossa nacionalidade.

O egoismo invasor da civilização urbana do Occidente ha de ir brutalmente derrubando a nossa flôra.

O natural, cioso da sua raça e de sua liberdade, continuará a ser barbaramente eliminado pelo abandono egoistico do creoulo civilizado e cada vez mais degenerado pelos novos cruzamentos.

Em um futuro remoto, do que foi a nossa Patria em flor, só se encontrarão tradições obscuras. Pela sciencia, se descobrirão a custo poucos traços indeleveis.

Nas artes enas letras, entre milhares de esboços grosseiros e ephemeris, apenas raros monumentos de valor.

O espirito philosophico, porém, atravez das nossas gerações extinctas, de investigação em investigação, ha de chegar fatalmente a formular a lei sociologica de que, entre nós, a corrente do Genio veio do Norte.

Do Brazil actual encontravam-se então os tres pontos culminantes na Bahia, em Sergipe e no Maranhão; e nessa rota retrospectiva, depois de parar-se um momento diante do vulto de Tobias Barreto, chegar-se-á por fim aos dous im-

mortaes precursores da independencia da nossa litteratura—Gonçalves Dias e Alencar.

E, de facto, Gonçalves Dias cantou o coração da nossa selva: José de Alencar romantizou a selva do nosso coração.

Não se pôde falar em um sem recordar o outro, commemorar este sem aquelle.

E no dia em que os cearenses, em solemne romaria, comboiando os outros brasileiros, elevaram diante do monumento tosco, que perpetua o nosso grande romancista, as suas preces civicas,—o espirito nostalgico do maranhense voltou insensivelmente para a terra amada, onde alveja tambem a estatua do genial cantor dos seus dourados palmeiras.

Mais feliz, porém, do que Alencar, cuja memoria gloriosa pouco passou até hoje além da patria, Gonçalves Dias vio-se ainda em vida glorificado entre povos estranhos; e mais feliz ainda, do alto da rama agreste talhada no marmore alvissimo e singelo, parece contemplar ainda na sua immortalidade a onda espumante que tanto amou e que com um cume voraz de amante fetichista o arrancou para sempre ao seio maternal.

José de Alencar, como o seu irmão gemeo no amor e no talento, deve tambem ter uma estatua no Ceará, para que em uma prece unisona e vibrante vivam eternamente a beijar-lhe os pés os verdes mares bravios d'aquella terra sagrada, onde canta a jandaia nas fronteiras da carnaúba.

No mais ninguem pôde separar o cantor dos Guaranyes do cantor excelso dos Tymbiras. E o Norte, que os vio nascer, o Norte que, proclamando a liberdade do Genio, fez descer o genio da Liberdade pelo resto da patria, o Norte, que ainda é a selva e ainda tem o indio, o Norte não os esquecerá jamais, porque foram elles que lhe compuzeram os hymnos com que ha de celebrar a ultima epopéa da historia americana.

DUNSHEE DE ABRANCHES.

O Livro de Basilio Telles



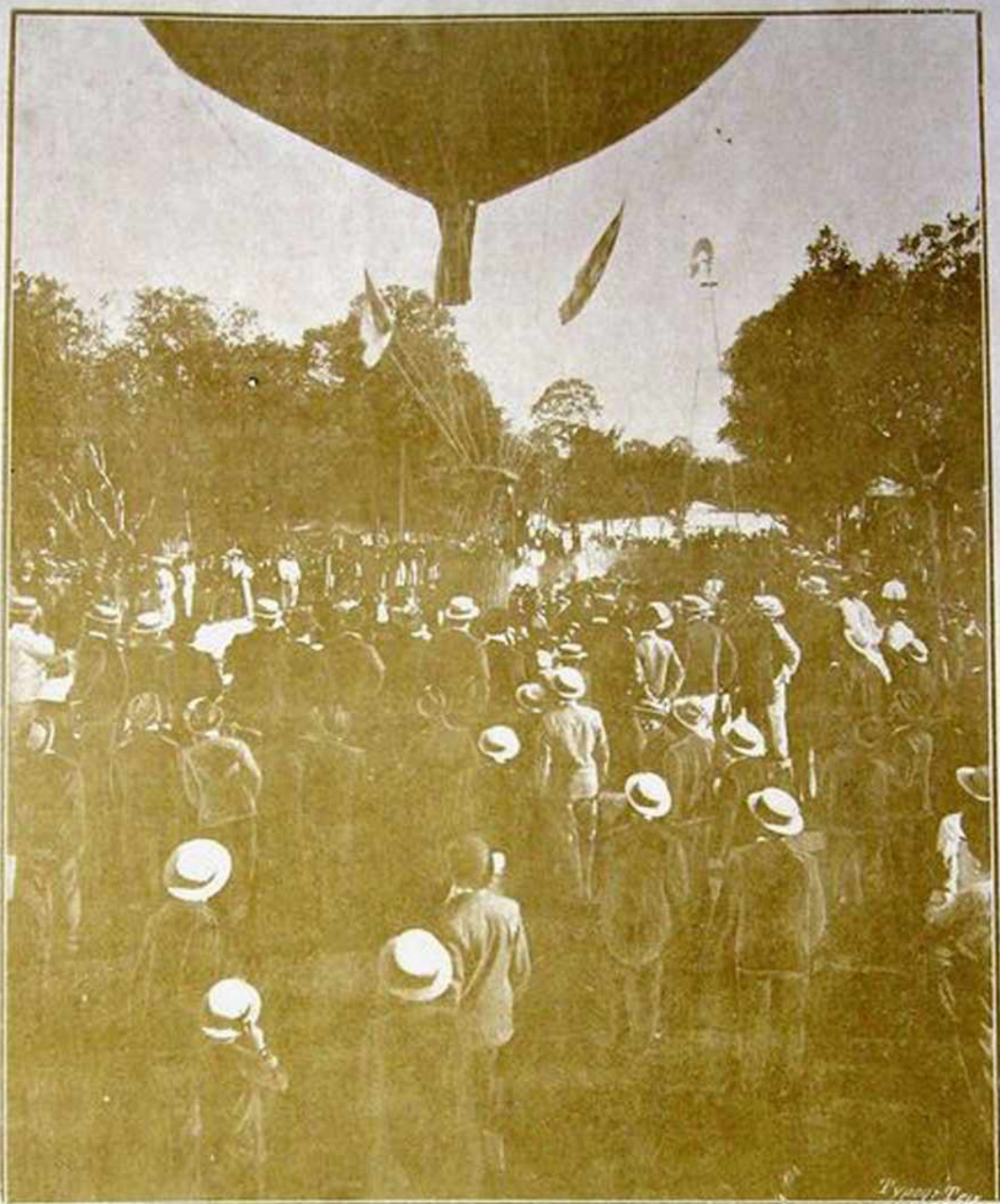
Foi indubitavelmente o acontecimento do mez. Nem podia deixar de o ser. Mesmo que o seu authentic valor se não impuzesse á attenção do publico, bastaria a acção coercitiva que sobre elle se exerceu, para lhe dar as caracteristicas da mais palpitante actualidade. Com effeito, a obra de Basilio Telles foi o primeiro livro apprehendido nas livrarias, depois do estabelecimento do regimen constitucional em Portugal. Apesar de habituados ás quotidianas violencias do Poder, a medida governativa

surprehendeu. Caso estranho, porque em tal assumpto vamos perdendo o habito da surpresa. Mas como veio, é o facto, — e por isso mesmo deu ao livro uma extracção enorme, mais ou menos clandestina essa inesperada consciencia da violencia exercida, que alguns jornaes lhe chamaram o melhor dos reclamos. Contudo como tal facto denunciou uma situação para a liberdade do pensamento, que o mesmo é dizer para a civilização e para o futuro do nosso povo!

O característico fiel dos regimens que tomam como divisa o que um par do reino portuguez denominou flagrantemente o absolutismo bastardo é precisamente o odio á expansão das idéas e á critica dos factos e dos costumes. Denuncia-se assim o proposito firme de manter na escuridão mental todo um povo. E' um trabalho de morcegos. Nocturno e nevoento deve ser o antro onde se premeditam estes inexplicaveis attentados contra a consciencia humana.

O livro de Basilio Telles é um livro de analyse politica, mas é sobretudo um livro de historia. Concebeu-o um alto espirito de imparcialidade, muito embora, apoz o exame feito d'um delicto publico não deixe de surgir a commovida condemnação do pensador. O homem que o escreveu é um dos escriptores probos de Portugal, e simultaneamente um dos homens de maior caracter de que a nossa patria se possa orgulhar. Figura austera de spartano, não lhe falha perante a rigidez dos principios e a emo-

ção do apostolado, a indulgencia, propicia a attenuantes, do homem de coração. Só é severo quando falla dos fortes que não duvidaram sacrificar aos interesses mesquinhos d'um dia a gloria da sua patria e a paz da sua consciencia. Não, não estamos como poderia suppôr-se, ao abrir as paginas do livro de Basilio Telles, em frente d'um pamphleto impiedoso e sarcastico em que as indignações de Juvenal se não eximam ao veneno das frechas do Aretino. Não é ao bloco de Pasquino que se poderiam gravar as formulas lapidares do pensamento puro que uma nobre alma extrahiu do amor á liberdade, do preito ao seu paiz e da adoração á humanidade



BELEM—PARA—ASCENÇÃO D'U NACIONAL—ARRONAUTA FERRAMENTA—ASSOC. D. RECREATIVA E BENEFICENTE (Photographo Oliveira)



AS SOLEMNES EXEQUIAS CELEBRADAS NO MARANHÃO PELAS VICTIMAS DA CATASTROFE DO AQUIDABAM
A ORNAMENTAÇÃO INTERNA DA CATHEDRAL

progressiva. Basilio, escrevendo o *Do Ultimatum ao 31 de Janeiro*, rubricou o seu titulo com a designação d'um estudo. O homem que estuda não é um homem que se confunde na *mêlée* tumultuosa da batalha das paixões: é alguém que desinteressadamente procura a augusta, a clara, a divina Verdade.

Pois este livro foi perseguido! Fizeram-se busca nas livrarias depositarias, apprehendeu-se um jornal que transcrevera um dos seus trechos. E, — pormenor que demonstra a cobardia latente em todas as arbitrariedades, — Basilio

Telles não foi sujeito ao juizo dos tribunaes. O seu livro era um perigoso frasco de veneno. Pois bem! O envenenador não foi processado!

Que quer isto dizer? Simplesmente que, mais de que o homem, se odeiava a sua palavra. Simplesmente que ha uma cousa que mais enraivece os regimens despoticos do que propriamente o braço dos agitadores: é o pensamento dos philosophos. Cortadas as mãos que escrevem e as linguas que bradam, o Existente não se importa que haja corações e cerebros indignados. Morta a repressão do pensamento,

os mutilados podem viver. Repito: o livro de Basilio Telles não é uma obra violenta. Ainda que o fosse, a lei tem sanções para os que, pela injúria ou pela calúnia ou pelo grito subversivo, pretendem allucinar as multidões. Mas não tem. Se de vez em quando um amargo desprezo n'elle transparece, esse desprezo é traduzido nas formas nobres que se não compadecem com a linguagem dos pasquins. Bem sei que é, por isso mesmo, formidável. Mas que quem não quer merecer o desprezo das grandes consciências o não motive com os seus crimes e as suas baixezas.

Dito isto, cumpre accentuar os predicados da bella obra de Basilio Telles. Tomando como ponto de partida para o seu estudo o exame da consciencia portugueza depois da revolta da geração coimbrã de Theophilo e Anthero, e analysando o problema nacional sob os aspectos dos interesses coloniaes no ultimo quartel do seculo transacto, Basilio Telles filia n'esses acontecimentos as características do movimento que se seguiu ao ultimatum.

Eram fataes, tanto a insurreição dos espiritos como a derrota da sua manifestação armada, que em 31 de Janeiro accordou a cidade do Porto aos gritos de *Viva a Republica!* Mas a crise persiste: não se perderam totalmente as iniciativas generosas que contra ella reagiram como tambem se não desarmaram as premeditações egoistas que se obstinam em ligar a um throno carunchoso os destinos vitais d'uma nação. É uma pergunta dolorosa assoma aos labios: «Em que findará isto?»

Com ella principia o livro de Basilio, com ella anciosamente termina.

Ha, n'essa obra, que apesar do incidente que a poz em foco se não converteu n'uma obra de escandalo, porque paira n'uma atmospheria bastante elevada para o consentir, paginas magistraes de observação e previsão. Destacarei entre ellas as que se dedicam á refutação da velha senda de que não seria possível uma republica em Portugal, em consequencia dos obstaculos internacionaes. Ponto por ponto, nação por nação, Basilio Telles desfaz a argumentação que serve de base a esse estafado *truc*. Não! A humilhante presumpção só representa uma imbecilidade ou uma astucia. Portugal pode ainda, felizmente, dado que um raio de energia o transfigure, dispôr livremente dos seus destinos.

Em toda a agitação que os factos relativos ao seu livro desencadearam, — ha uma nota sympathica: é a serenidade de Basilio Telles. Nem uma só vez veio a imprensa, como lh'o poderia suggerir o momento, para implicitamente o aproveitar no sentido de vincar e impor o sua personalidade á attenção das turbas. No isolamento casto e nobre a que se devotou, sereno fez o seu livro, sereno recebeu os golpes que o feriram. Da sua attitud magnanima e austera, extrah-se a maior lição de dignidade que possa ser dada aos escriptores. Vê-se n'ella o que significa, e a que pontos exalta, o cumprimento do dever. Não é modestia nem orgulho o

que essa attitud interpreta: é isenção consciencie e pura. Comunicando o seu pensamento ao publico não lhe ligou a vaidade do seu nome. Disse o que pensava, o que sentia. O seu pensamento, o seu sentimento já lhe não pertencem. Diffundidos na grande intelligencia, na grande consciencia anonyma, — são como os grãos de semente que o braço do cultivador arremessa, no «gesto augusto» de que fallam as *Contemplações*, aos sulcos avidos da terra. Se fructificarem, que seja para bem do mundo! O sementeiro já não pensa n'elles, nem na gloria da sua germinação. Pensa, sim, nos que, no dia seguinte, ha de arremessar a outro ponto da mesma terra, com a mesma serenidade e a mesma placida confiança no Futuro.

MAYER GARCÃO.

Impressões de viagem

(Continuação)



DIA 25. Oitavo dia de viagem!

Correram-me agradavelmente as primeiras horas do dia, não me causando nenhum mal o banho frio que tomei pela manhã. Alguns achavam que este banho seria uma temeridade, podendo prejudicar-me a saúde. Dei-lhes, porém ouvidos de mercador. Não sou muito amigo da medicina, ponho quasi sempre á margem os seus preceitos, e devido a isto tenho vivido

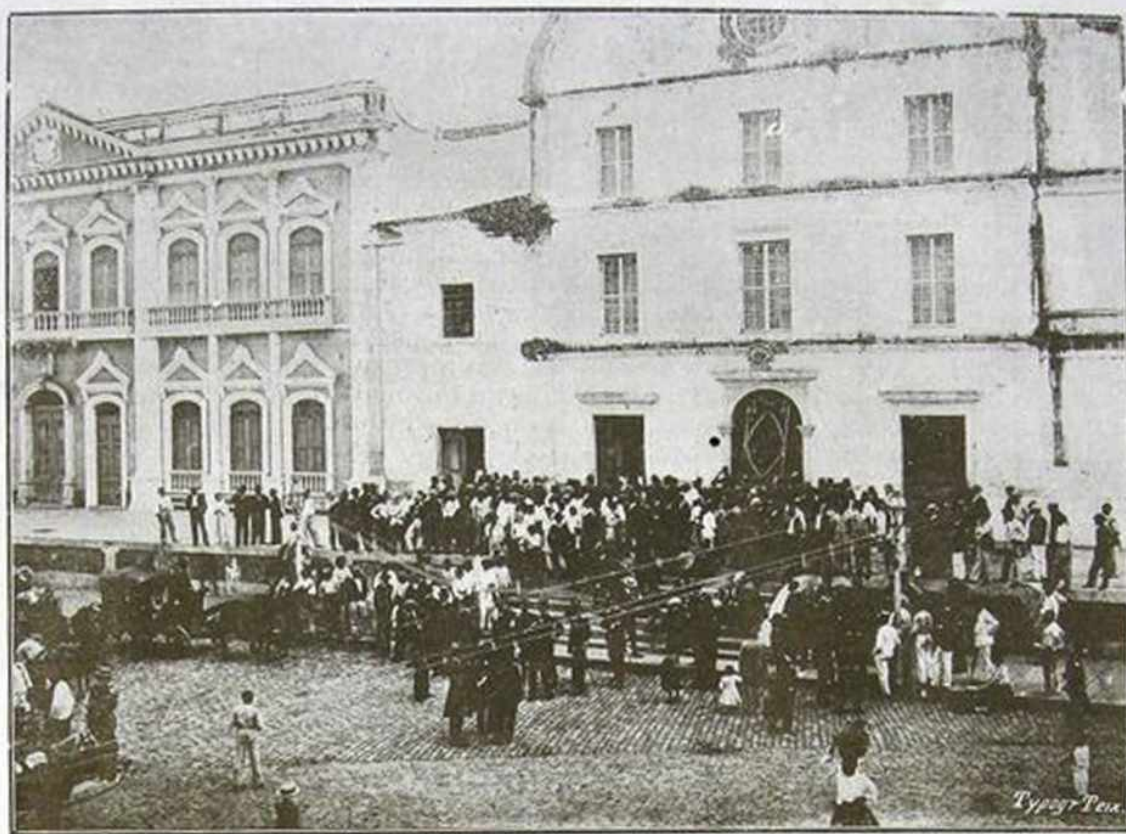
muito bem, sem gastar dinheiro com medico e botica.

Sendo o ultimo dia de viagem no Carlos Coelho, chamei a contas o empregado de bordo que talvez deva chamar-se caxeiro do Carlos Gonçalves. Soube então que o Paulo Amaral negou-se peremptoriamente a pagar o vinho que em seu nome pedi para fazer-lhe a manifestação de apreço. Tive de pagá-lo; mas declaro desde já que fica sem effeito qualquer referencias lisongeiras que por ventura lhe tenha feito. E vou escrever ao Antonio Lobo para que as retire das minhas primeiras notas que lhe enviei.

Adquiri importantes conhecimentos sobre a individualidade do fallecido Monsenhor João Tolentino Guedelha Mourão, notavel sacerdote e politico que falleceu ha pouco na Bahia, deixando uma vaga na representação maranhense.

Como ja disse, vinha no vapor a familia do Aristides, tambem homem publico e muito estimado entre nós.

D. Eufrosina, sua sogra, era a irmã mais ve-



ASPECTO EXTERIOR DA CATHEDRAL (phot. C. Cunha)

lha do fallecido sacerdote e, por isso, bem no caso de saber onde elle nasceu.

Um primo do padre, cearense, e creio que residente na Fortaleza, combatendo a opinião da imprensa carioca, que o dava natural do Maranhão, afirmou ter elle nascido no sitio Buracos, no municipio do Ipú.

Ficou esta sendo a opinião corrente. O Ceará ficou com a gloria de servir-lhe de berço.

Engano manifesto.

Disse-me a sogra do Aristides que entre os irmãos, apenas ella nascera no sitio ou fazenda Buraco, no Ipú, e que Monsenhor Mourão nascera na fazenda Gruta, municipio de Príncipe Imperial, da então provincia do Piauí, onde lhe nasceram dois outros irmãos. Os tres mais moços nasceram em Passagem Franca, neste Estado.

Explicou-me mais a veneranda senhora a razão porque seu irmão dizia ter aqui nascido. Precizando elle fazer prova de idade, que não tinha, aconselhou-lhe um advogado que a fizesse por meio de justificação de que se encarregou; declarando as testemunhas que elle nascera em Passagem Franca.

Com effeito, elle me pareceu um tanto contrafeito uma vez que lhe perguntei qual o seu Estado natal. Não se sentia bem negando-o, mas se sentia peor contestando um documento que, por necessidade de homem publico, teve de exhibir.

De resto, não era desairoso dizer-se elle maranhense, que o era de coração, pois veio

muito creança para este Estado e a elle tudo devia.

Mas, isto não é motivo para que deixemos de restaurar a verdade,—missão que não compete somente ao historiador, mas a todos que escrevem.

O meio dia correu-me desagradavelmente devido ao asphixiante calor que fazia.

Associei-me aos atiradores para esporear e dei bons e certos tiros.

Só ao escurecer desprezamos as armas, com pesar de não mais poder maneja-las. Eramos uns verdadeiros japonezes, e tinhamos como russos os jacarés e camaleões, que, se não cahiam na arena do combate, é porque fugiam á nossa presença.

Substituímos então a caçada pelas historias do Othon Franco de Sá, intelligente e espiroso companheiro que, como o Saló da machina photographica e o bom e ingenuo Othon Braga, vae ao interior do Estado inspecionar collectorias.

Depois das 8 horas da noite começou o vapor a dar apitos, annunciando sua chegada ao nosso muito desejado porto de Caxias. Todos nos sentimos de alma nova.

Passadas as 9 horas, chegamos finalmente. Antes do vapor aportar, notamos esquisito movimento. Foguetes estrugiam no ar e duas afinadas bandas de musica tocavam excellentes peças.

Indagando, soube que alguns bons caxien-

ses moviam aquelle a-
legrão, em signal de
apreço á minha humil-
de pessoa.

Mas, perguntava de
mim para mim mes-
mo, o que fiz a esta boa
gente para merecer tão
festiva recepção? Imagi-
nei que, embora á
medida de minhas pe-
quenas forças e, como
o permite a minha po-
sição, já tenha dispen-
sado alguns esforços
pelo bem commum; e
só isto repercutindo
n'aquelles corações ge-
nerosos, podia justifi-
car tamanho aparato.

Festejava-se de facto
a minha chegada á rai-
nha deste sertão.

Abraçados os ami-
gos, segui com elles
para uma das casas do
Coronel Leoncio Ma-
chado, pois, devo dizer
que entre o coração
bondoso do velho Le-
oncio e a alma sparta-
na do Leoncio Filho, me sinto feliz e satisfeito. Com elles, a quem me
prendem velhas relações de familia, me hospedei.

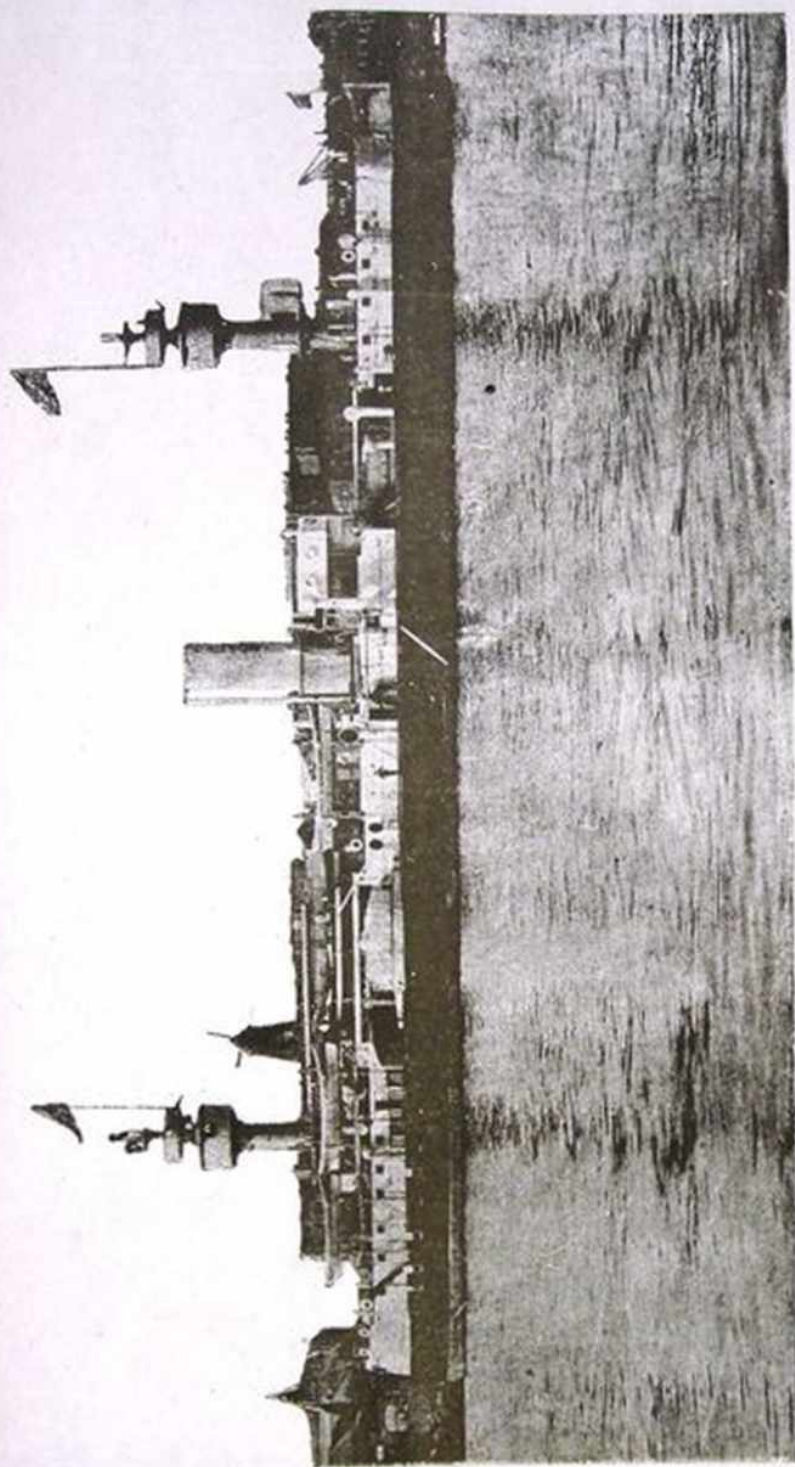
(Continua)

Bordo do vapor «Carlos Coelho», município de Caxias, em 25 de Ju-
lho de 1905.

ARAÚJO COSTA.

A catastrophe do «AQUIDABAN»

A REVISTA DO NORTE, associando-se á dor nacional causada pela
catastrophe do *Aquidaban*, rende homenagem aos valentes marinheiros,



MARINHA DE GUERRA BRAZILEIRA—O «AQUIDABAN»

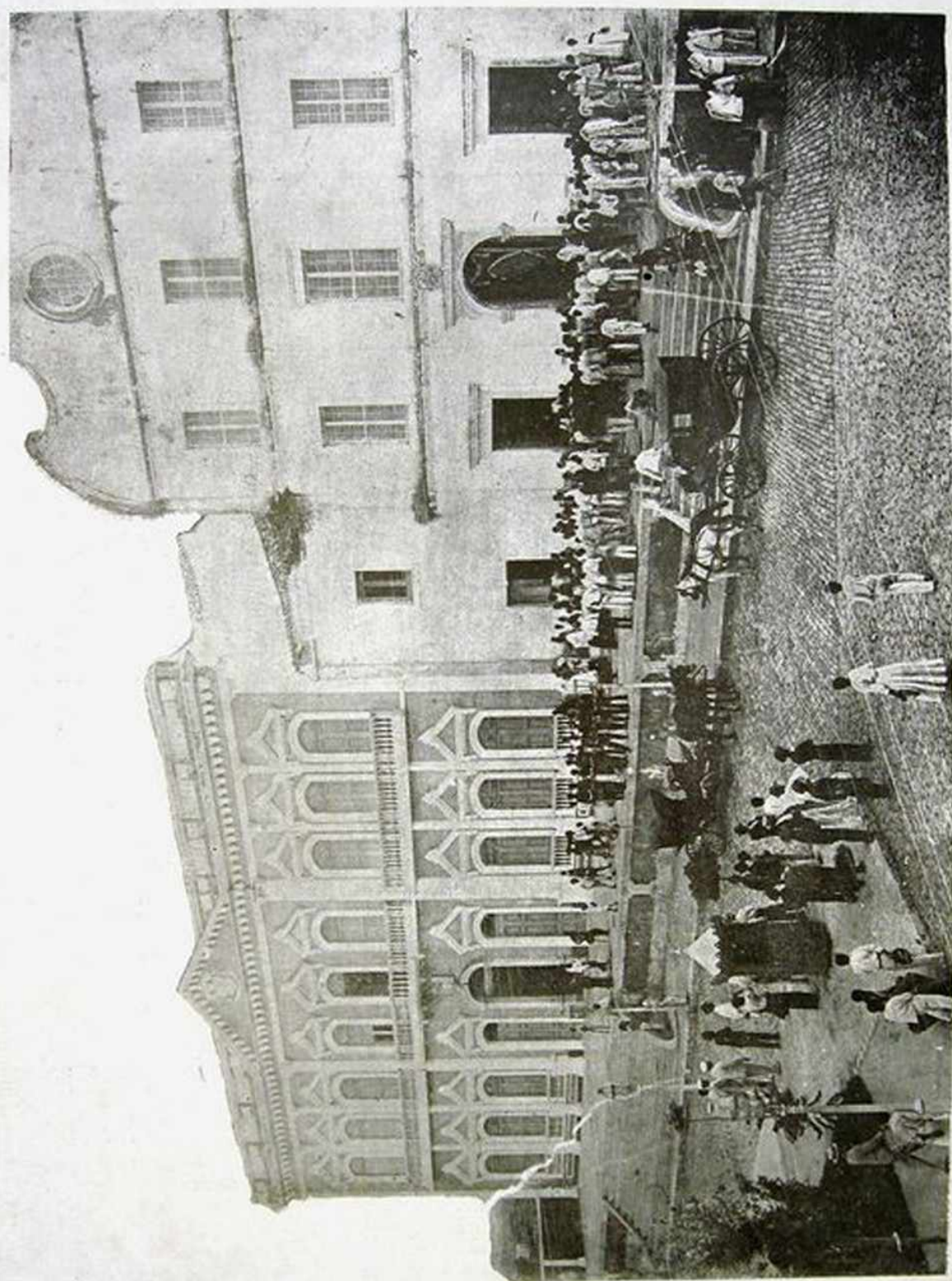
victimas desse tremendo desastre, inserindo na sua parte artistica do
presente numero as gravuras referentes ao triste facto.

Uma dellas é a do vaso submergido, e as outras reproduzem alguns
aspectos das exequias solennes que os officiaes de mar, residentes nesta
capital, fizeram celebrar em memoria dos seus companheiros desapare-
cidos.

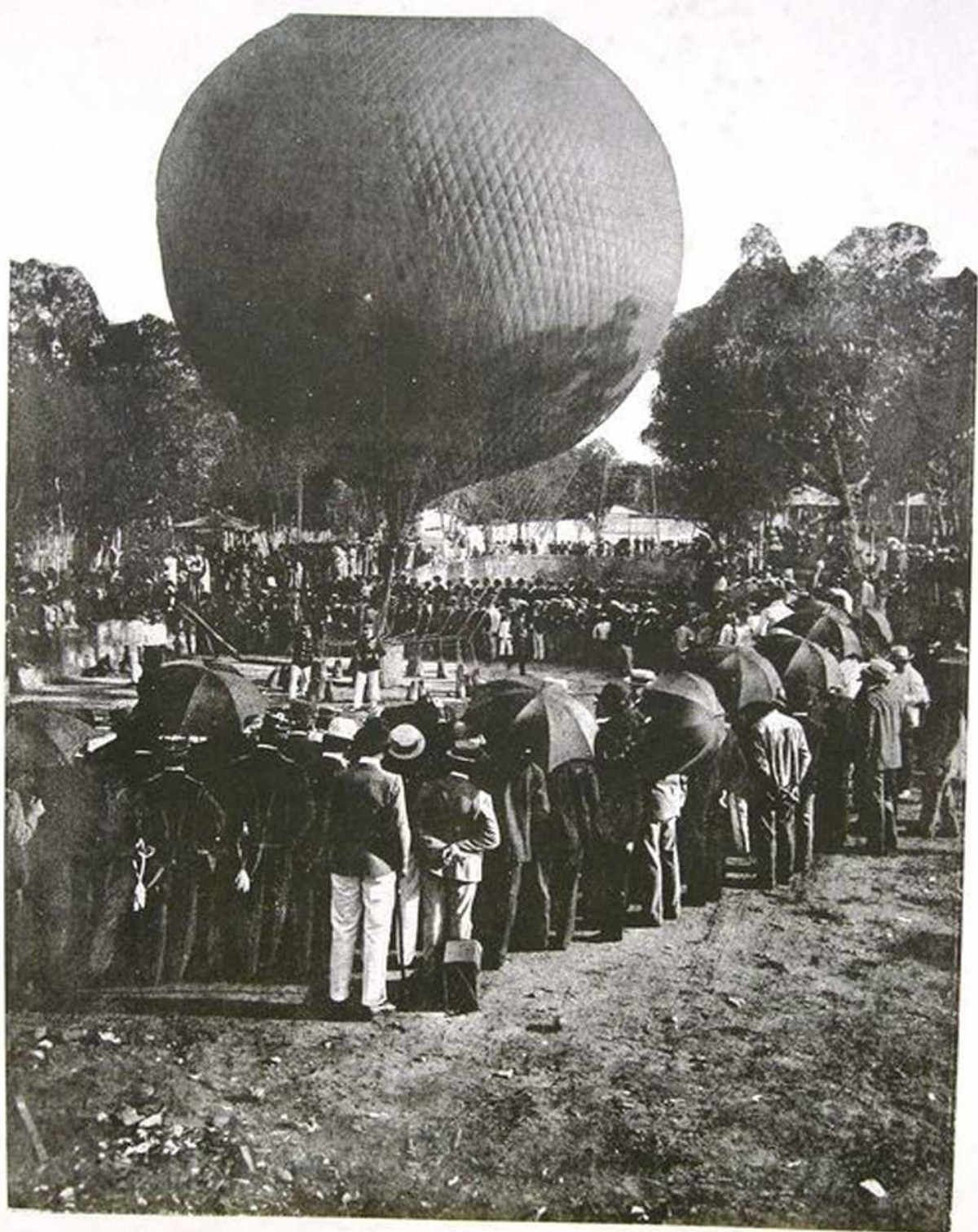
Foi um acto imponente esse, assistido por todo o nosso mundo offi-
cial, pela *élite* da nossa sociedade e por grande massa popular.

Os maranhenses souberam condignamente demonstrar e seu pesar
profundo pela irreparavel perda soffrida pela nação, venerando a me-
moria dos martyres que uma fatalidade sem nome ferio imprevisita, quan-
do desempenhavam o seu dever.

A memoria dos bravos e inditosos marinheiros perdurará para sem-
pre no espirito dos brasileiros, cercada de uma aureola de saudade e
de respeito.



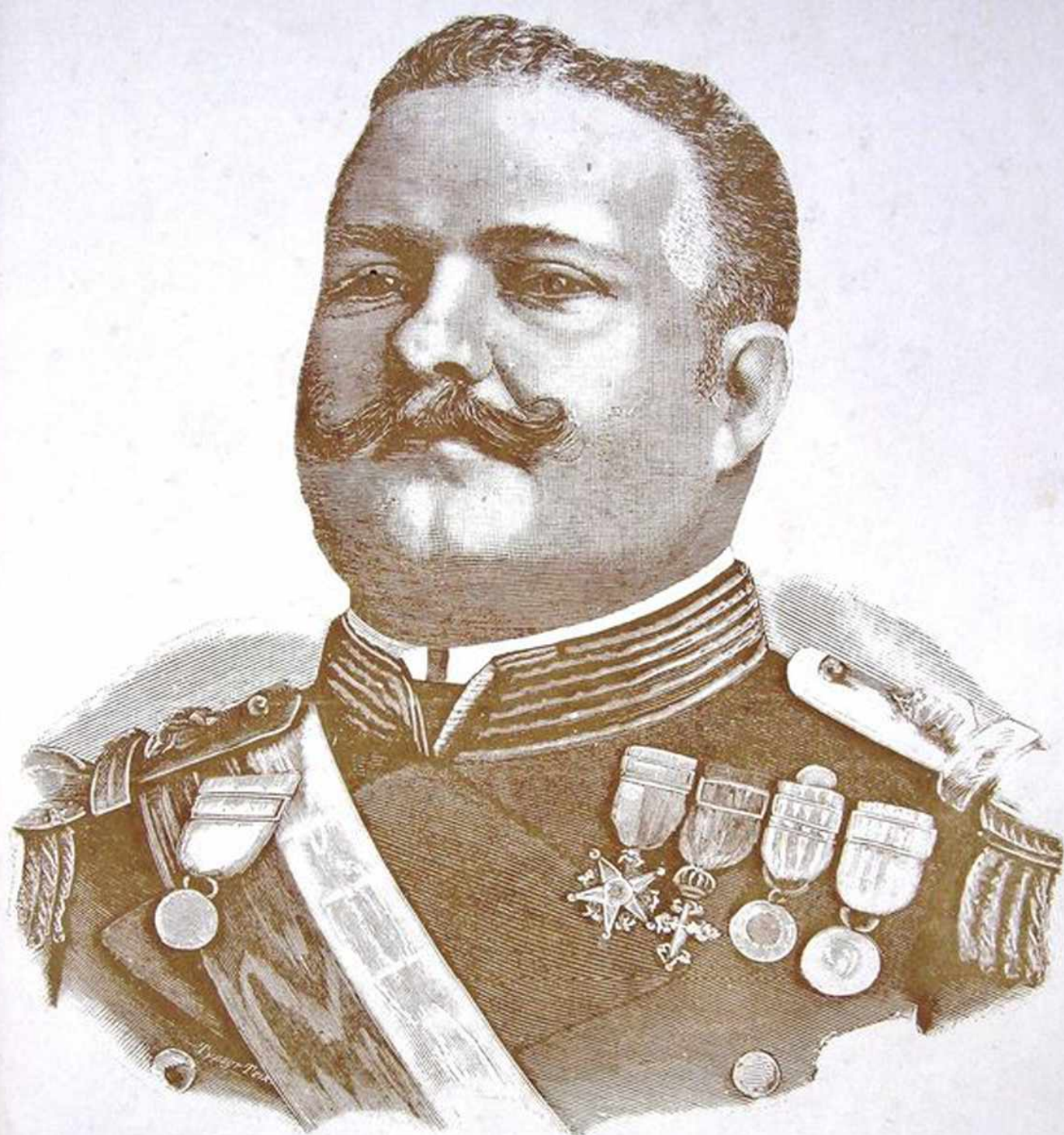
ASPECTO EXTERIOR DA CATHEDRAL (phot. C. Cunha)



BELEM-PARÁ—ASCENÇÃO D'«O NACIONAL»—AERONAUTA FERRAMENTA—ASSOC. D. RECREA-
TIVA E BENEFICENTE (Photographo Oliveira)



A MODA DA REVISTA



D. Carlos, Rei de Portugal

A REVISTA DO NORTE

ANNO V

NUM. 7

Março de 1966



O MEZ

OS TRES VISO-REIS

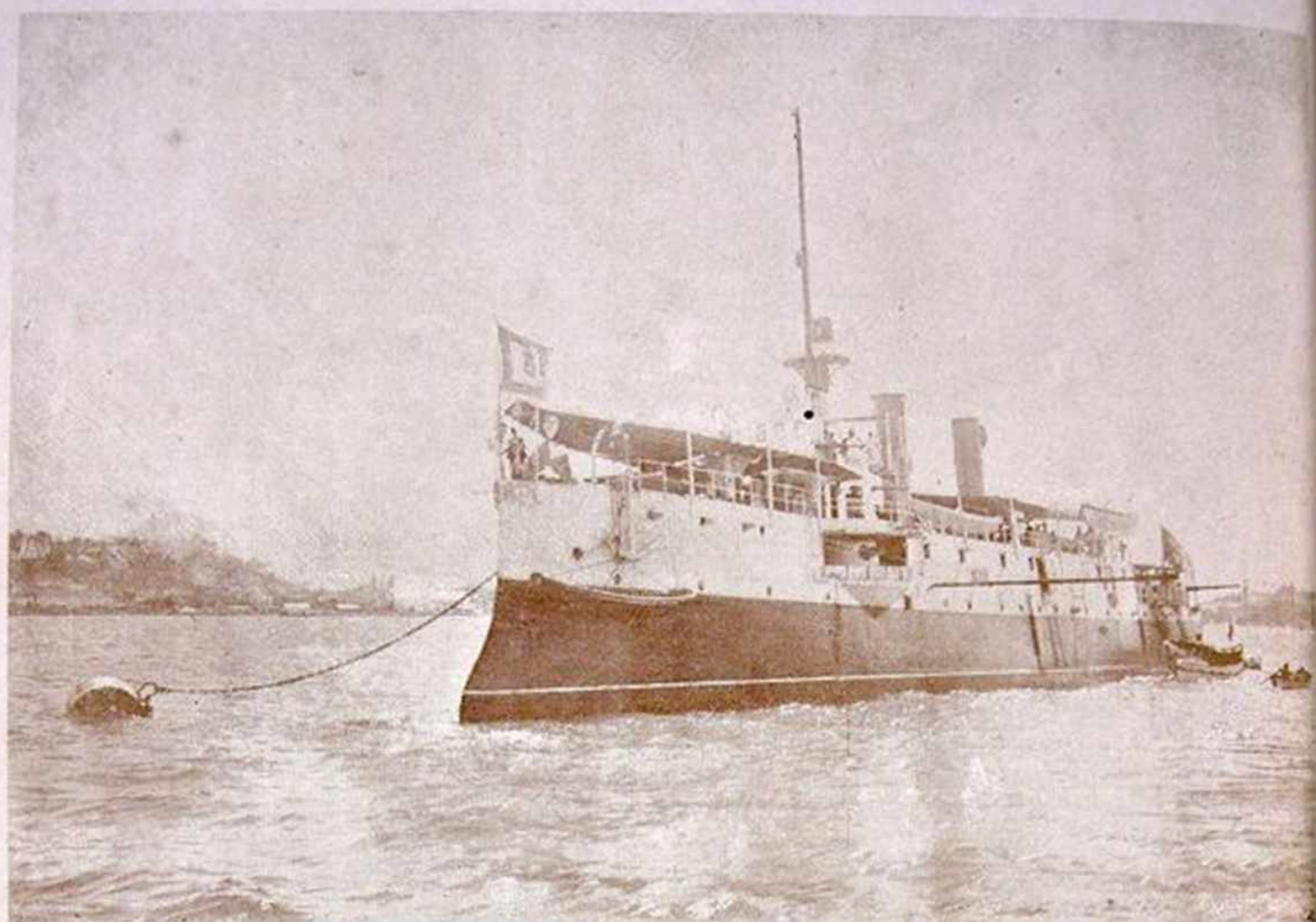
Neste periodo heroico da vida de Portugal, que vae do seculo XVI.º á segunda metade do XVII.º, fulgem tres nomes gloriosos que encarnam as mais bellas virtudes civicas e os mais nobres ideaes humanos.

O primeiro é o d'essa figura masculina de D. Francisco de Almeida, o primeiro vice-rei da India, que reúne á valentia lendaria do soldado a sobria e habil virtude do estadista. No seu espirito lucido, amadurecido pela experiencia e educado pela observação, surgiu logo a idea de que o dever primordial da monarchia lusa, para garantir as suas gloriosas conquistas no Oriente, era solidificar-se no mar, para depois apropriar-se da terra. Cuidemos em dar cabo destas gentes novas, dizia elle numa carta a D. Manoel, referindo-se aos arabes, ethiopes e turcomanos, e depois estenderemos por mais longe o dominio. Asseguremos para nós a posse do nosso mar, pela força das nossas esquadras e só assim será duradouro e real o nosso dominio na India.

Não lhe escapavam as difficuldades da empresa e os imensos e quasi insuperaveis embarços que á realisação dos seus planos se oppunham, mas o ardor do seu patriotismo e a rijeza ferrea da sua coragem davam-lhe forças para caminhar desassombrado. O seu governo não andou revestido dos ouros brilhantes das administrações espectaculosas, não buscou aparelhar-se da estadeação vaidosa de altos planos; foi comedido e energico, modesto e tenaz.

As suas victorias foram sangrentas, mas decisivas.

A frota que o sultão do Egypto, de parceria com o rajah de Calicut, aparelhou para roubar a Portugal o rendoso e lucrativo commercio das Indias, foi totalmente derrotada pelos navios do rei fidelissimo, e do chapiteu da sua nao, o almirante impavido, calando a dor intima que lhe causara a morte do filho, encorajava os seus homens, mostrando lhes o immenso alcance da victoria que lhe vinha cobrir de louros o pavi-



A «PATRIA» FUNDEADA NA BAHIA DO RIO DE JANEIRO

lhão. E como se o destino, em paga da sua bravura, lhe quizesse poupar as humilhações, veio a morte colhe-lo no sua derrota de volta para o reino, libertando-o assim da masmorra e as intrigas perfidas dos invejosos lhe haviam preparado na corte.

O segundo nome é o de Affonso de Albuquerque, o *Marte portuguez*, o verdadeiro fundador do dominio portuguez na India. Se o primeiro foi um grande estadista, este foi um guerreiro audaz, da tempera desses conquistadores lendarios, ousados como o leão nos campos de peleja, mansos como a pomba no recesso da familia. A tomada de Ormuz é o canto mais brilhante da vasta epopeia da sua vida. «Eis ahi, disse elle mostrando sabres e granadas aos embaixadores do rei da Persia que vinham, em nome do seu soberano, exigir-lhe tributo, eis ahi a moedas dos tributos que costuma pagar o meu amo.» Phrase nobre e forte que bem pinta a altiva coragem d'aquelle espirito de heroe.

O terceiro nome, finalmente, é o de D. João de Castro, immortalizado pela candida fidalguia do seu caracter, pela sua pericia de navegador

e de guerreiro e pela invejavel vastidão do seu saber. Asceta e místico, toda a sua vida é um delicioso poema de doçura e de mansidão. A sua munificencia rara enriqueceu todos os que com elle trabalharam, reservando para si a pobreza. Quando a morte o colheu entre os braços de S. Francisco Xavier foi com um sorriso que se despedio da vida onde a sua alma boa só espargira beneficios.

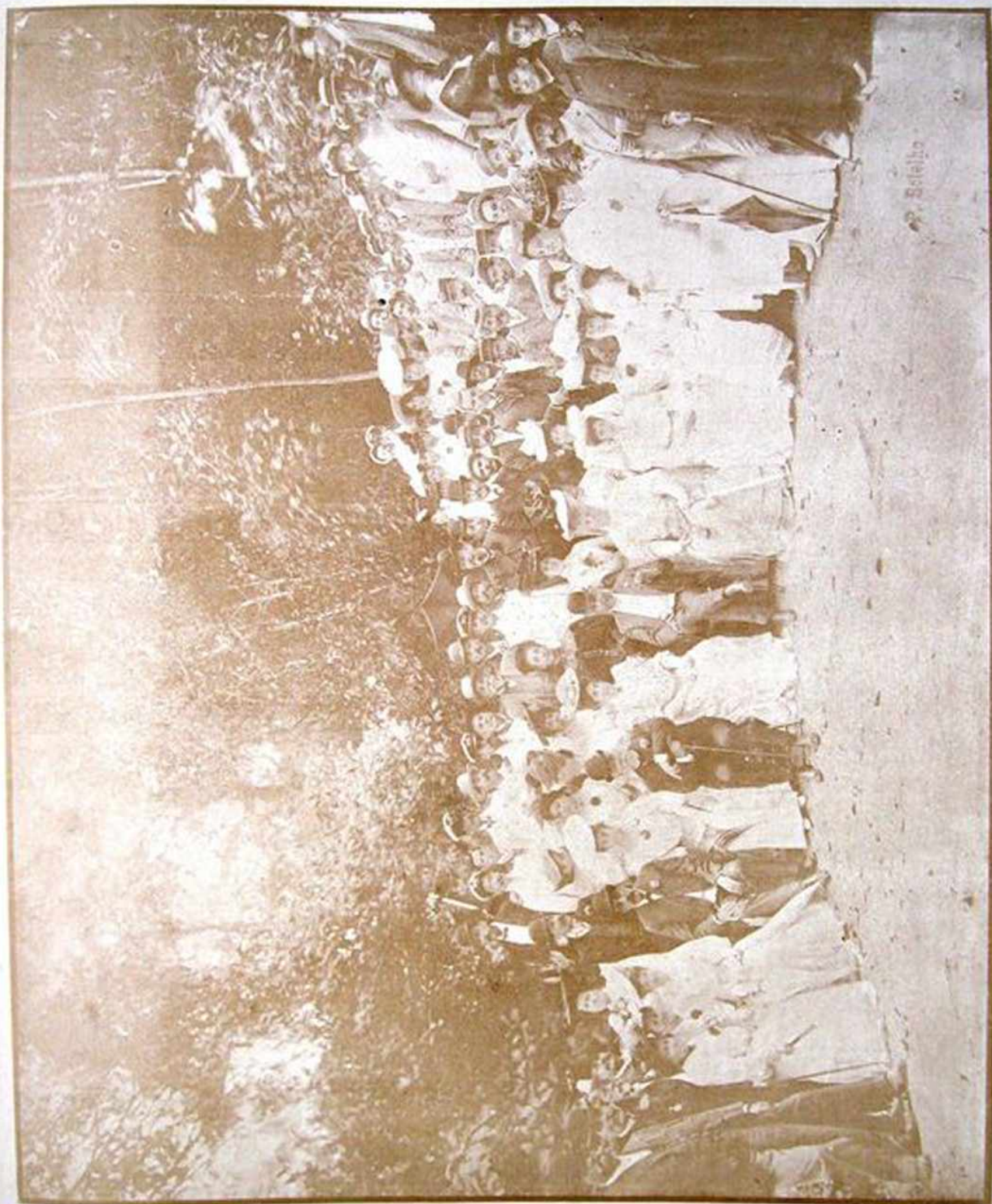
Seja a evocação d'esses tres nomes gloriosos a melhor das saudações que enviamos aos marinheiros do PATRIA, ao pisarem terras maranhenses.

J. SEIXAS.

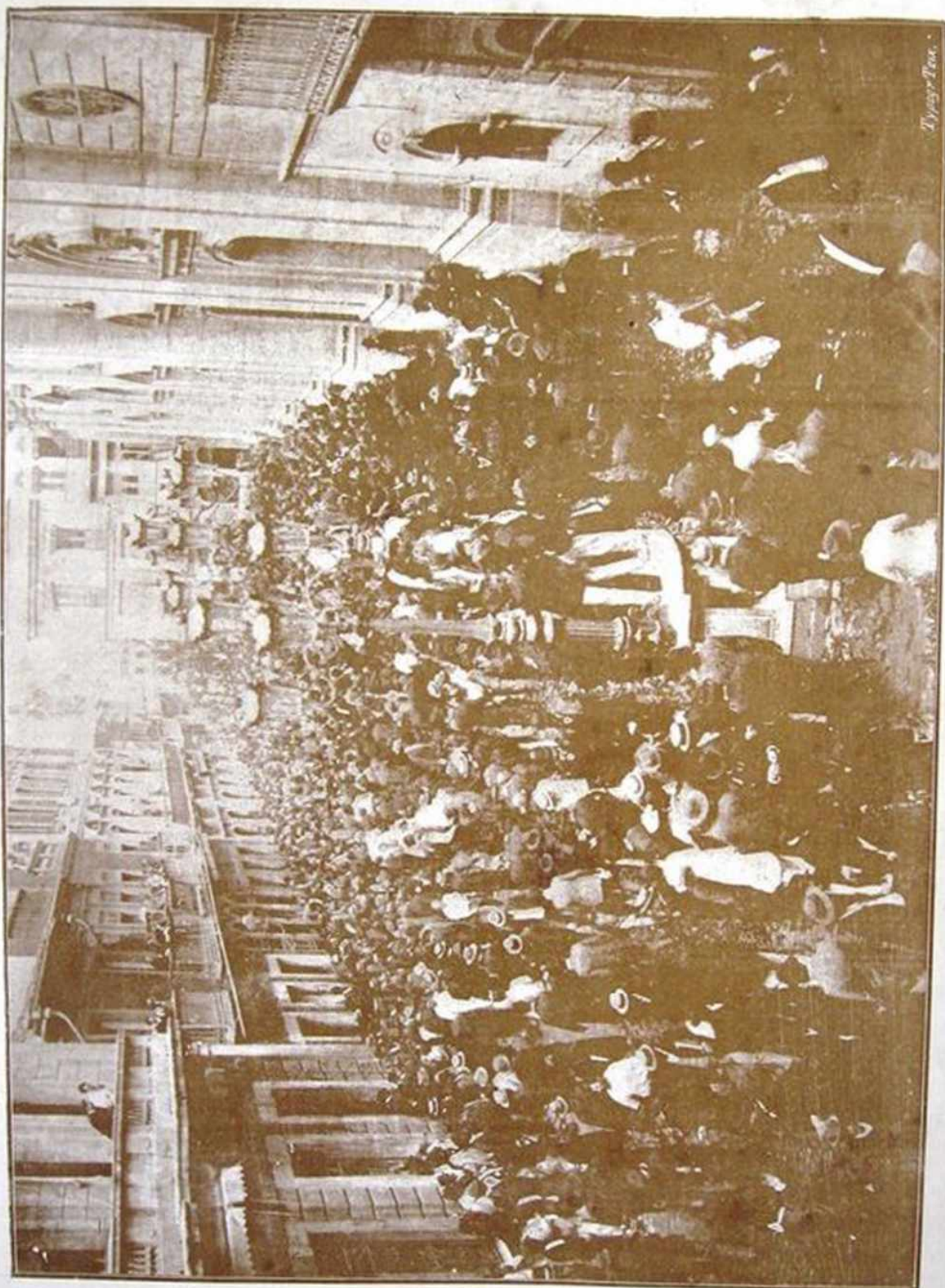


O homem que uma vez comprehendeu o que é o estudo e o methodo ou direcção scientifica, nunca mais pode voltar atras a gartar tempo com devaneios sentimentaes, a transigir com a imaginação, a tomar imagens metaphisicas por ideias.

TH. BRAGA.

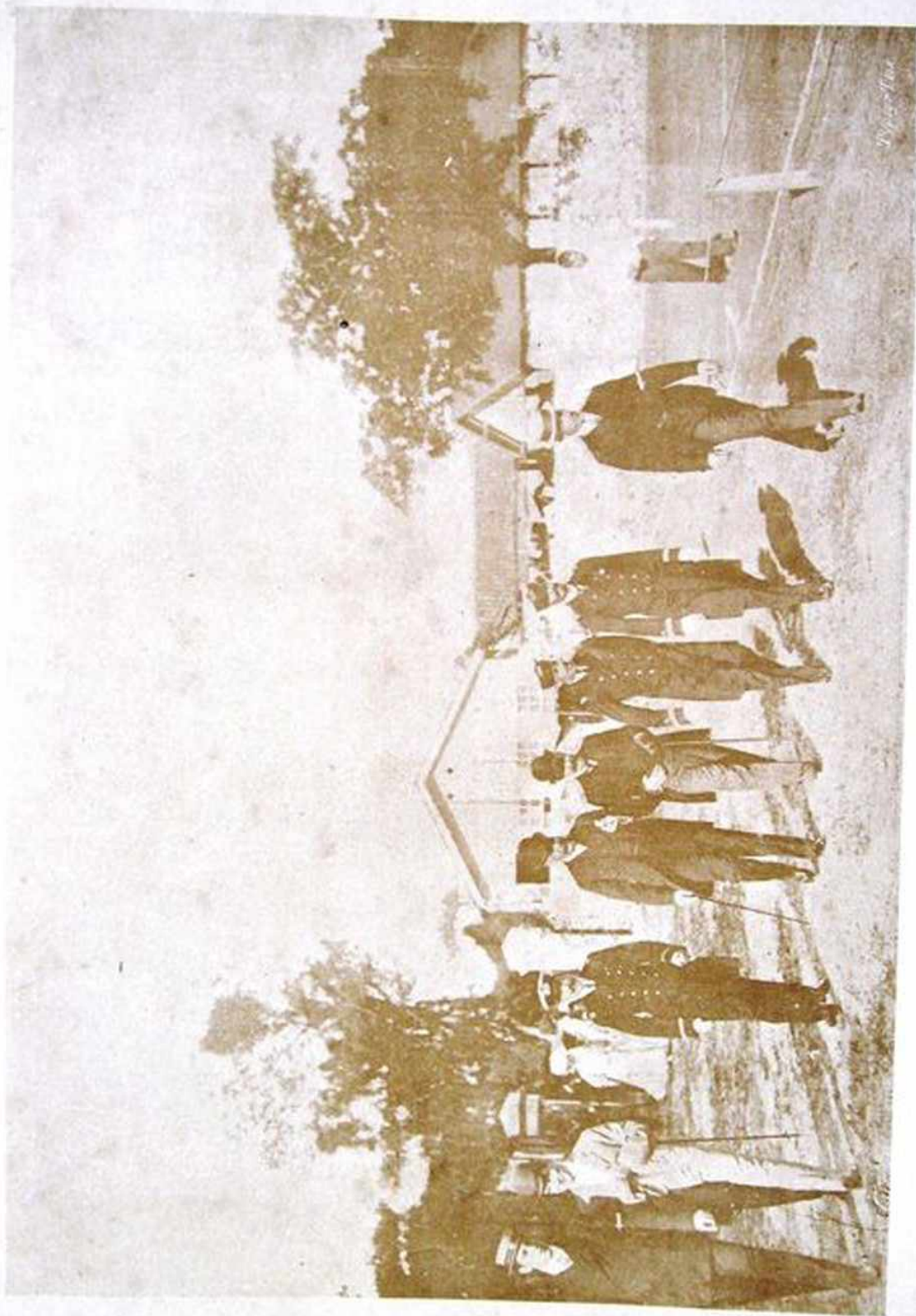


A «PATRIA» NO RIO DE JANEIRO—PIC-NIC NAS PAINEIRAS (CORCOVADO)



A «PATRIA» NO RIO DE JANEIRO—TEDEUM NA IGREJA DA CANDELARIA





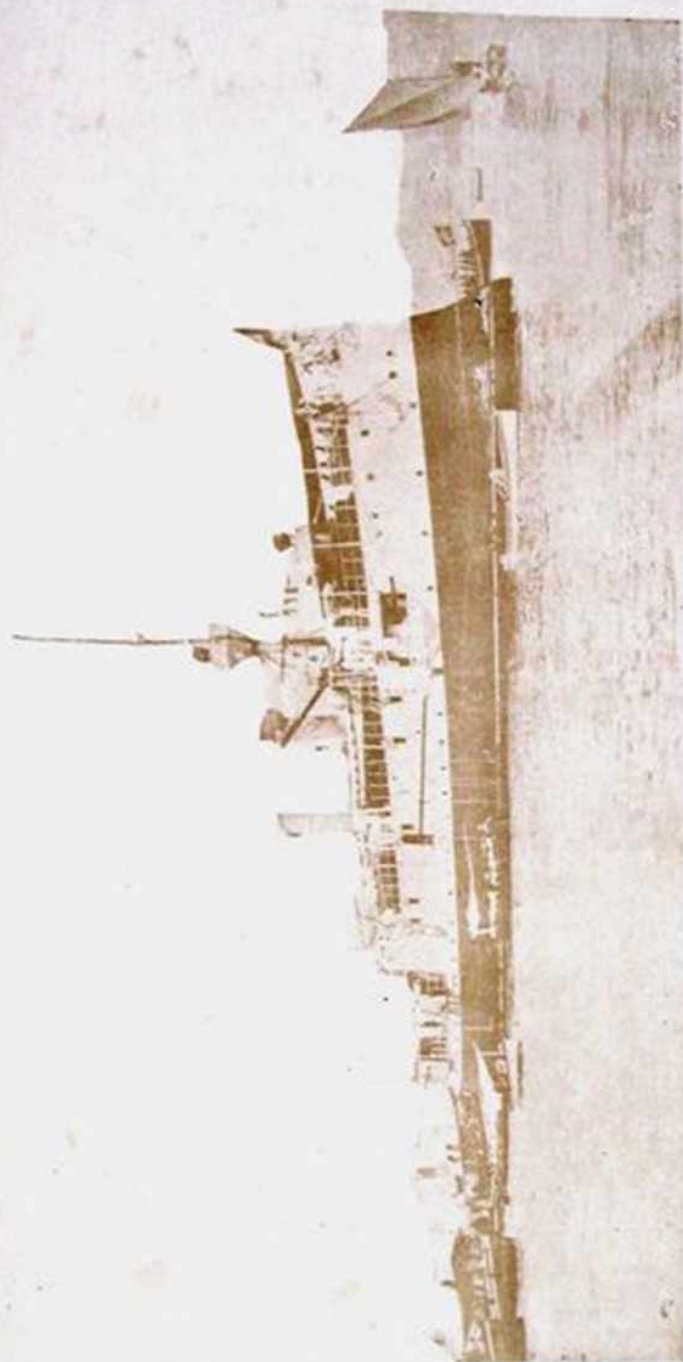
A «PATRIA» NO RIO DE JANEIRO—CORRIDA NO JOCKEY CLUB.



A «PATRIA» NO RIO



DE JANKIRO—CORRIDAS NO FOOT BALL



A CHEGADA DA «PATRIA» AO RIO DE JANEIRO

Patria

Singrando o pantano revolto das vagas azues-torqui ali vem, mar a fora, vexillum de paz e concordia, desdobrado nos esguios mastreos, a elegante canhoneira «Patria» abraçar os filhos da velha lusitania que longe estão da terra amada.

E ella ali vem, ouvindo o tamborilhar suave das ondas arqueadas e plumbeas que vão quebrar-se de encontro á quilha alva, desfazendo-se, sob o velario constellado das nossas noites enluaradas, em alvissimos e labirintados lençoes de espuma.

A «Patria» ali vem doinarosa, descrevendo tortuosas curvas de requintada saudade de irmãos, de paes, de filhos, que lá ficaram a acenar nervosamente, dizendo tremulas e agitadas lembranças aquelles que longe estão da terra querida.

E a visita de coração a coração.—é a Patria que ali vem cheia

de sentimento affectivo, de carinho, de saudades estreitar os filhos dilectos n'um amplexo fraternal de amor.

A alma portugueza tambem espera, na terra de Goncalves Dias, o pedaço da sua patria que é essa nau que ali vem cheia da mais indizível das alegrias, dessa alegria que recorda sentidamente essa tocante e fugidia saudade da patria, saudade muda e indefinível, que nada exprime, mas que tortura, que não grita, mas que soffoca.

Manhans claras de Março, sol vivido de luz, festejai essa flamma que ali vem agitando-se nervosamente sobre os esguios mastreos da «Patria» que fluctua no linho alvissimo de Halcarnasso que é esse estendal inegalavel de brancura architectado pela grenha revolta das ondas, ora sentidas como uma elegia, ora rendosas e festivas como um hymnario de alegria.

Que bellissima peregrinação é essa itinerada pelo sentimento do amor, da saudade a procurar, em terra estranha, corações que tenham o mesmo palpitar, almas que sintam a mesma saudade!

E a «Patria, ali vem, veloz e invencível, rasgando o esteiral

branco e luzidio das nossas aguas, lançando ao espaço, de instante a instante, densos blocos de fumo que partem aligeros das chaminés e vão lentamente espiralando-se pelo azul infinito n'uma dança infernal de serpentinhas.

Esperemol-a de braços abertos!

Ditosos filhos que longe da patria vão sentir palpitar effegante o coração da propria Patria que é essa nau que ahi vem baloiçando-se garbosamente sobre o torvelinho encrespado das nossas ondas!

HERMILIO PEREIRA

(Da Oficina dos Novos)

PORTUGAL



Portugal é, sem duvida, a unica nação do Mundo antigo que na balança do progresso pesa mais sacrificios que proventos.

Povo pequeno e arrojado, deitando as vistas sempre para fóra do proprio continente, evitando quanto possível a guerra contra nações civilisadas, fez «mais do que promettia a força humana», fez tanto que por pouco não pudera se ter com os proprios feitos e viu-se de repente a braços, em difficuldades, com uma enorme tarefa que se propoz realisar perante os seus coévos, tarefa para a qual tudo lhe era contrario e principalmente os dois grandes factores de successo em semelhante empreza: a riqueza publica, que não a tinha para gigantescos empreendimentos; depois, a população, diminuta que era para provar tão immensos dominios e espalhar o sangue dos gloriosos aventureiros pelas civilisações que assim se preparavam. As colonias se desenvolveriam com os proprios recursos do solo despovoado e inculto. Elles, os portuguezes, dedicavam-lhes o arrojo com que sempre triumpharam, era tudo quanto lhes podiam dedicar. Tinham difficuldade em apparellhar as proprias frotas com que atravessavam o Atlantico; outros dominios em regiões diversos e distantes mereciam-lhes attenção; mesmo os visinhos mais poderosos e aguerridos já não occultavam a cubiça que os dominava; ao lado desses estorvos, o maior de todos, a carencia de gente, numerosa e disposta, para domar o gentio e firmar, ao menos ethnicamente, a preponderancia lusitana nas terras descobertas. Pesar de taes empregos, pesar tambem da cupidez insensata de outras nações civilisadas, enquanto estas se guerreavam mutuamente como bons filhos que eram dos barbaros que atassalharam Roma, Portugal, vencendo a propria fraqueza, sem sonhar com *mare clausum*, nem com o reino onde o sol não se escondesse nunca, avançava a passos certos, desbravava regiões selvagens, lançava o germen do progresso em outros mundos, confundia raças, diffundia a civilisação; cumpria, emfim maravi-

lhosamente a pezada obrigação que assumira perante o futuro.

Entretanto, estava escripto que seria a nação que menos aproveitaria desse labor de seculos. Perto de si, outras nações tinham em grande conta, em melhor conta o *para bellum*; tornaram-se fortes, com população densa e industria desenvolvida; cresceram, progrediram dentro do proprio territorio e então só lhes restava . . . concluir a tarefa prodigiosa dos *varões assignalados*. Portugal lutou; porém, apenas poudo contemplar a sua grande obra.

O Brazil—predilecto—ajudou-o na medida de suas forças ja augmentadas pelo prestigio do patriotismo latente que mandava repellir qualquer novo dominio: expulsou os francezes e os hollandezes; odiou o poder dos Filippes, acompanhando na desgraça a metrópole; empregou finalmente todos os esforços para conservar nesta immensa porção americana, os vestigios já hoje inapagaveis da immorredoura raça que melhor representa e guarda, senão em tudo, ao menos na linguagem, as tradições gloriosas dos latinos.

Roma para sobreviver aos barbaros, legounos de seu riquissimo diadema, o Codigocivil e os monumentos.

Portugal ha muito já que se fez para a immortalidade com a Historia de seus feitos—os Lusíadas, e o maior de seus feitos—o Brazil.

O archivo da Historia não precisa de documentos mais preciosos para registrar a grande divida da Civilisação para com a Patria de Camões e de Cabral.

B. VASCONCELLOS.

SONETO

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repoisa lá no ceu eternamente
E viva eu cá sem ti p'ra sempre triste . . .

Se lá no assento ethereo onde subiste
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste . . .

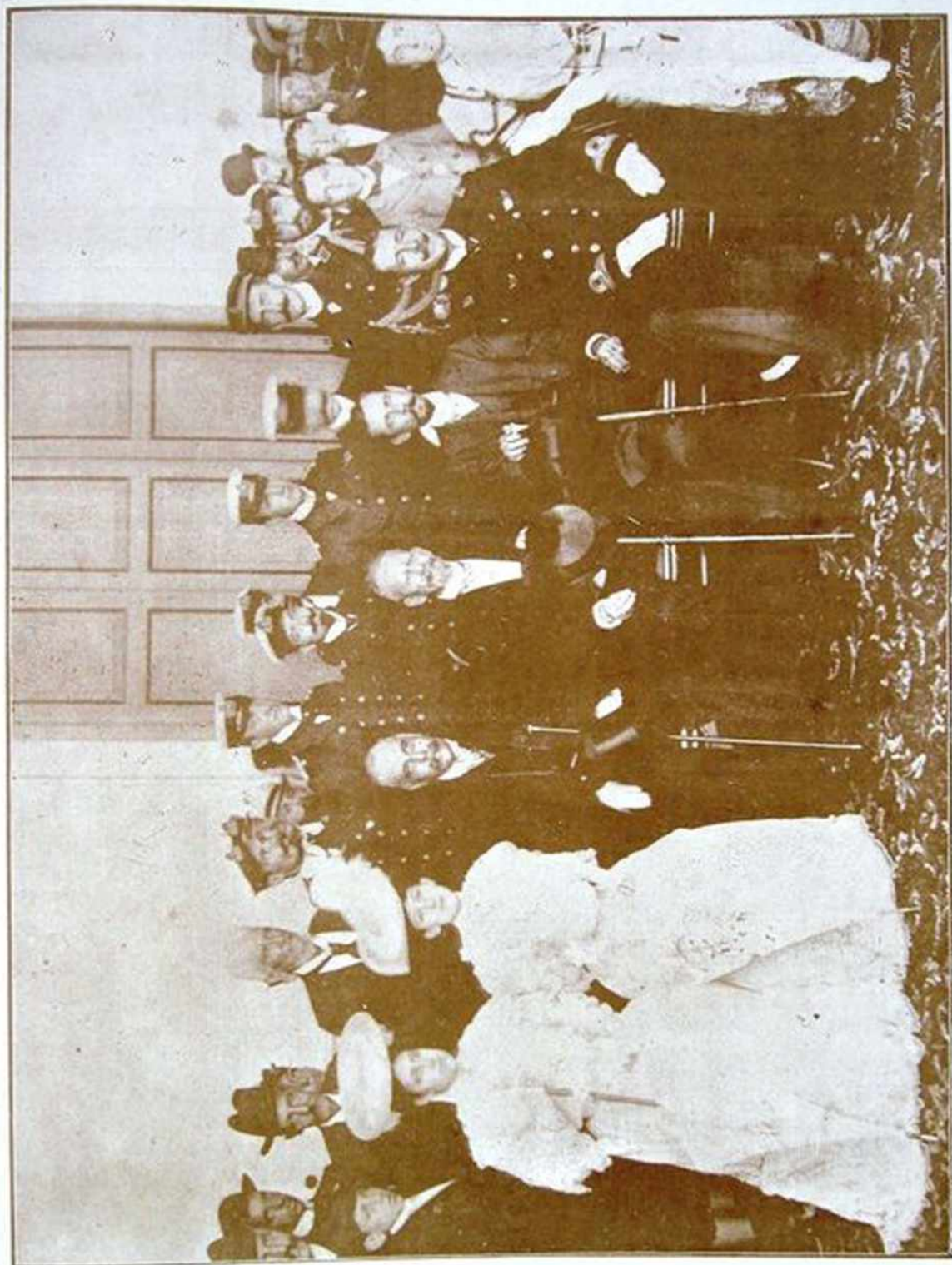
E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que me ficou
Da magua sem remedio de perder-te,

Roga a Deus que teus dias encurtou
Que tão cedo me leve d'esta a ver-te
Quão cedo dos meus olhos te roubou.

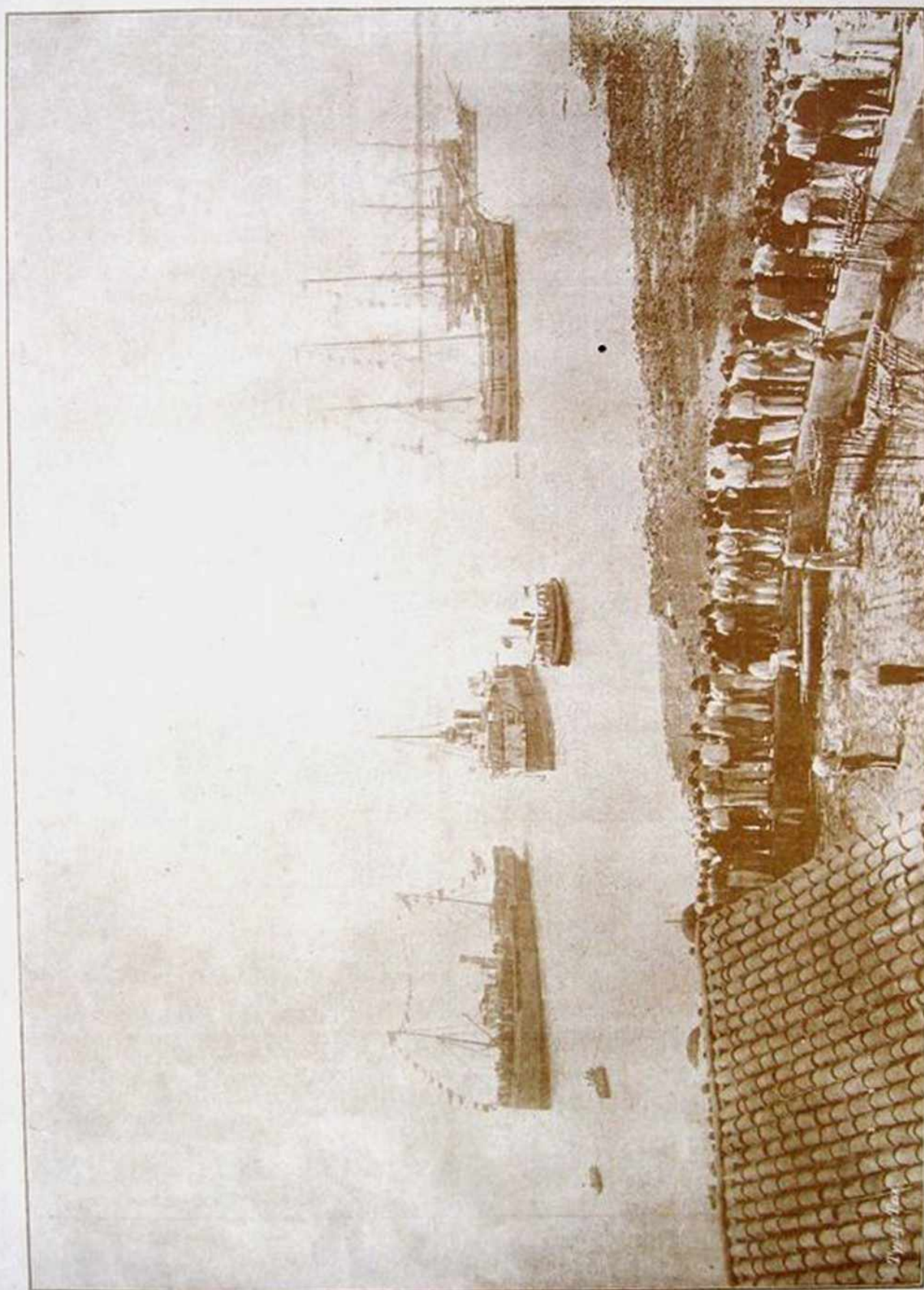
LUIZ DE CAMÕES.

Só a sciencia é que nos pode livrar da credulidade e do sceptismo.

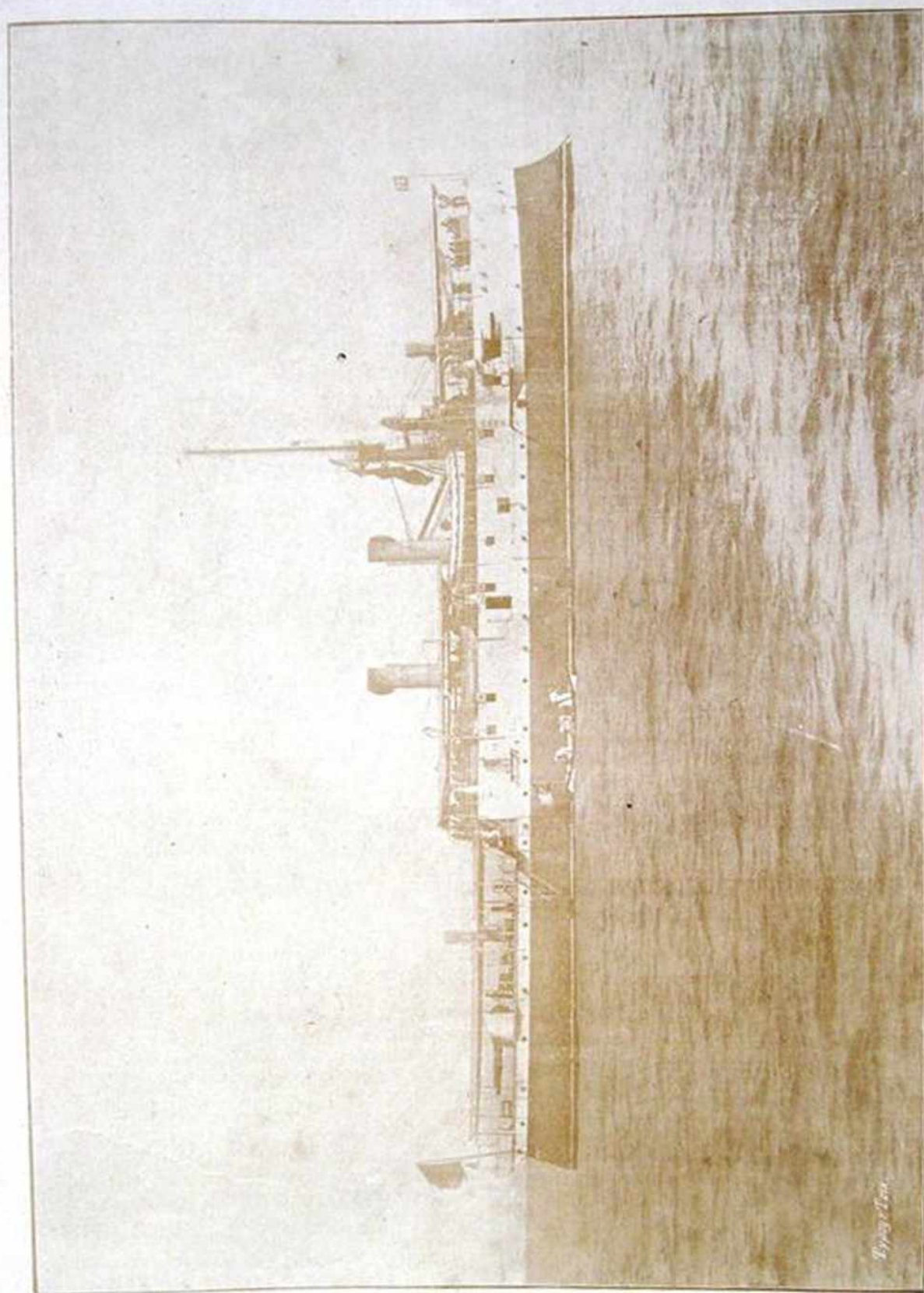
PAUL BERT.



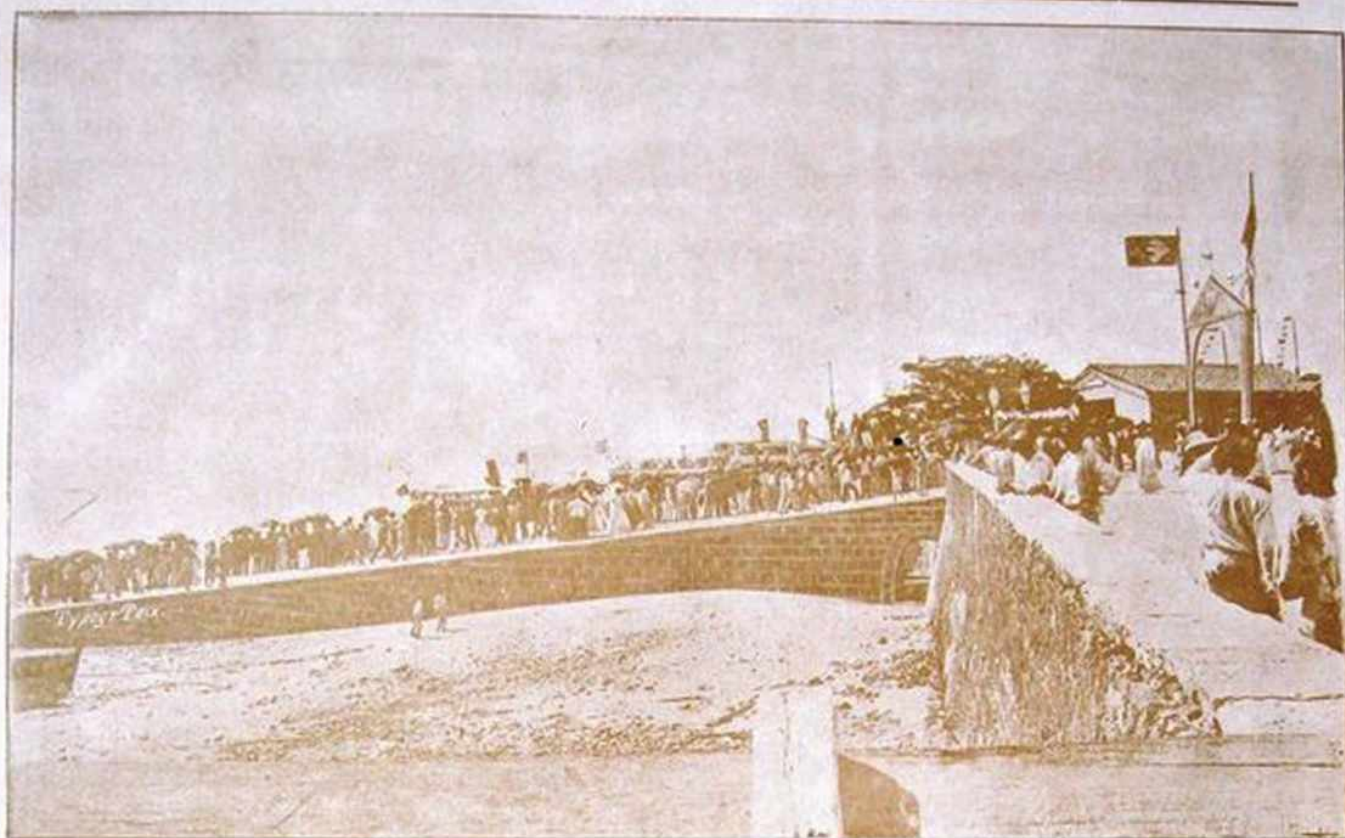
A «PATRIA» NO RIO DE JANEIRO—CORRIDAS NO JOCKEY CLUB



MAFANHÃO—A CHEGADA DA «PATRIA» (Photograph Costa Sobrinho)



MARANHAO — A «PATHIA» FUNDEADA DEFRENTE DA RAMPA DE PALACIO (Photographo Costa Sobrinho)



MAZANHÃO—O PRIMEIRO DESEMPARQUE DOS OFFICIAES DA «PATRIA» (Photo-amador J. Bacellar)

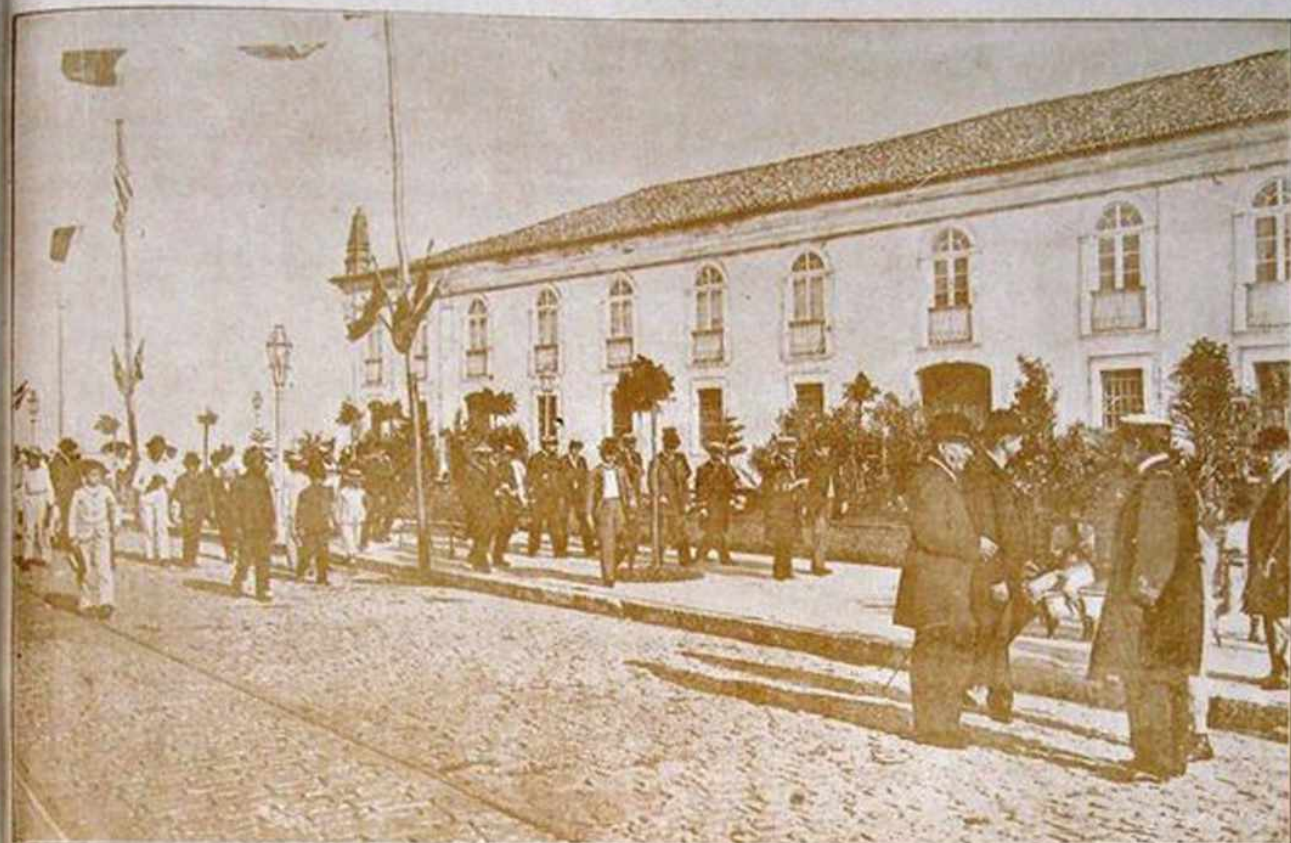
ODE A PORTUGAL

Recitada pelo autor na Bibliotheca Publica, por ocasião da visita dos officiaes da canhoneira «PATRIA»

Portugal glorioso,
Velho titan de barbas luminosas
No sereno repouso
Das formidaveis luctas assombrosas,
Do formidavel batalhador honroso !
O' grande heroe no bem encanecido,
Hoje que para nós moves teus passos,
Vem o povo sandar-te, commovido,
E ao contemplar-te, ó cyclope querido,
Todos abrem-te os braços !
Todos ! E ao ver-te o venerando aspeito
E ao escutar a pulsação valente
Do nobre coração resplandecente
Que brilha no teu peito,
Toda a nossa alma jubilosa sente,
Vê jubiloso o nosso olhar amigo,
Nas alegrias limpidas dest'hora,
Que és inda o mesmo Portugal antigo,
Que és inda o mesmo Portugal de outr'ora,
Com o mesmo grande povo altivo e terno,
Que é cordeiro e leão de garra adunca,
Tendo nos olhos o fulgor eterno
Dos que não morrem nunca.

Regio condor—no caminho alcandorado
Em pleno coração da immensidade,
Tu repousas das luctas do passado,
Cheio de majestade.
Repousas, mas de ouvido attento, á escuta,
Na tua gloria que jamais se abate,
Prompto a voar, sereno, para a lucta,
Para qualquer combate.
E ao resoar o desejado instante
Pegando a espada, ó velho Deus do Mar,
A espada da Luz, altivo, diante,
Diante dos povos te verão marchar.

Este formoso povo que te acclama
E á sombra augusta do Cruseiro cresce,
Este povo que te ama
E que nunca te esquece;
Que ri contigo e que contigo chora,
No sorriso ou na lagrima fatal,
Sente-se cheio duma luz sonora,
Sente-se alegre ao murmurar agora
O teu nome immortal !
Porque além da alleição com que concordes
Para estreitar-nos em cadeias santas,
Nas nossas veias, Portugal, tu corres,
Nos nossos peitos, Portugal, tu cantas !
Eis porque toda a gente brasileira
Empunhando trophéus, flores e ramos,
Vem oscular-te essa immortal bandeira
Que nós todos amamos ;



■ MARANHÃO—O COMMANDANTE E OFFICIAES DA «PATRIA» NA AVENIDA MARANHENSE (Photographo da Revista C. Cunha)

Vem oscular-te o pavilhão lusente,
Onde tu'alma invicta se encerra,
O pavilhão que viu primeiramente
Este sol rubro e ardente
E este formoso céu de nossa terra.
Quando dos ramos verdes o fitaram,
Quando nas nevoas do horizonte o viram,
Todos os nossos passaros cantaram,
Todos os nossos roseirões sorriram!
Reunindo-se, unisonos, em bando,
Em sonoros pelotões, cantando
Cheios os bicos de milhões de rosas,
Os nossos passarinhos multicores
Foram saudar as tuas náus gloriosas
Com dilúvios de flores.

E hoje que, como outrora, em nossos peitos
As mesmas fortes afeições se geram,
Vimos todos em bandos, satisfeitos,
Rendendo-te mil preitos,
Fazer os que os passaros fizeram.
Vimos em bandos, esquecendo maguas,
Cobrir de flores o real navio
Que se balança hercúleo sobre as águas
Do nosso mar bravo.
Aqui está, ó Portugal amado,
O Maranhão inteiro ajoelhado,
Nos santos gosos que esta festa expande,
A oscular, no jubilo em que o vês,
A bandeira dum povo sempre grande,
—O povo português.

CORRÊA D'ARAUJO.

PENSAMENTOS

Se livessemos a coragem de formular claramente o que confusamente sentimos, descobriríamos que, além de certos limites, o sacrifício próprio é um mal para todo mundo—para aqueles em favor do qual se realiza como também para os que o realizam.

H. SPENCER.

Uma recordação só é verdadeira quando representa exactamente, para a nossa consciencia, os fatos que determinaram no nosso cérebro a disposição particular de que provém depois a recordação.

FELIX LE DANTEC.

O governo nada mais é do que o administrador dos princípios moraes sobre os quaes repousa a vida social.

HERBERT SPENCER.

O culto da verdade não exige mártires; basta-lhe um número crescente de fiéis.

A mentira tende a desenvolver-se num meio social à medida que este meio se torna mais complexo.

L. DUPRAT.



MARANHÃO—A PARTIDA DOS OFFICIAES PARA VISITAREM A ESTATUA DE GONÇALVES DIAS (Photographo da Revista — Candido Cunha)

SAUDAÇÃO

AOS MARINHEIROS PORTUGUEZES

Recitada pelo autor na Bibliotheca Publica, por ocasião da visita dos officiaes da canhoneira «PATRIA»

Marinheiros ! Feliz, o povo desta terra
Em vós saúda agora a patria de Cabral,
Pois todo o coração de brasileiro encerra
Amor de portuguez ao velho Portugal !

Lembrando o fulgurar da vossa trajectoria
Em busca do futuro—ó vivida belleza !—
Deslumbra-nos o sol dessas manhãs de gloria
Que fazem sempre grande a terra portugueza.

E é dêsse resplendor que vem ao brasileiro
A vida que hoje vive e o sonho que hoje tem :
—Herdou da Liberdade o instincto condoreiro
E o anelo viril de se elevar tambem !

E herdou esta suprema e extranha maravilha,
Essencia de rosas, essencia de clarões,
Que extranhamente canta e extranhamente brilha:
A lingua sem rival da Musa de Camões . . .

A lingua em que nos veio ao labio a vez primeira
O poema que é de Mãe o nome encantador,
E ouvimos sobre nós, aromada e fagueira,
A primeira expressão de carícia e de amor !

O Genio da Nação que toda a humanidade,
Sublime, deslumbrou, deslumbrará, deslumbra,
E' o genio que, na força eril da mocidade,
Ainda nos eleva e ainda nos alumbra !

Bemvindos sede, pois, á plaga que hoje honraes !
Aqui tudo relembra a gloria sobrehumana,
—A terra, como o mar de escuros penetraes,—
A gloria perennal da gente lusitana.

Desfraldastes aqui antigamente, embora
A furia do caboclo e o mar inexplorado,
O luso gonfalon, que foi como uma aurora
Iluminando o chaos de um mundo abandonado !

A onda, que ora embala a vossa canhoneira,
Já out'ora embalou as grandes caravellas,
E recorda talvez a intrepidez guerreira
Do nauta lusitano em meio das procellas . . .

E ainda cuida ouvir, tão languidas, plainando
A' noite no silencio e no misterio do ar,
As saudosas canções da maruja, cantando
O amor, o doce amor das virgens de Além-Mar !

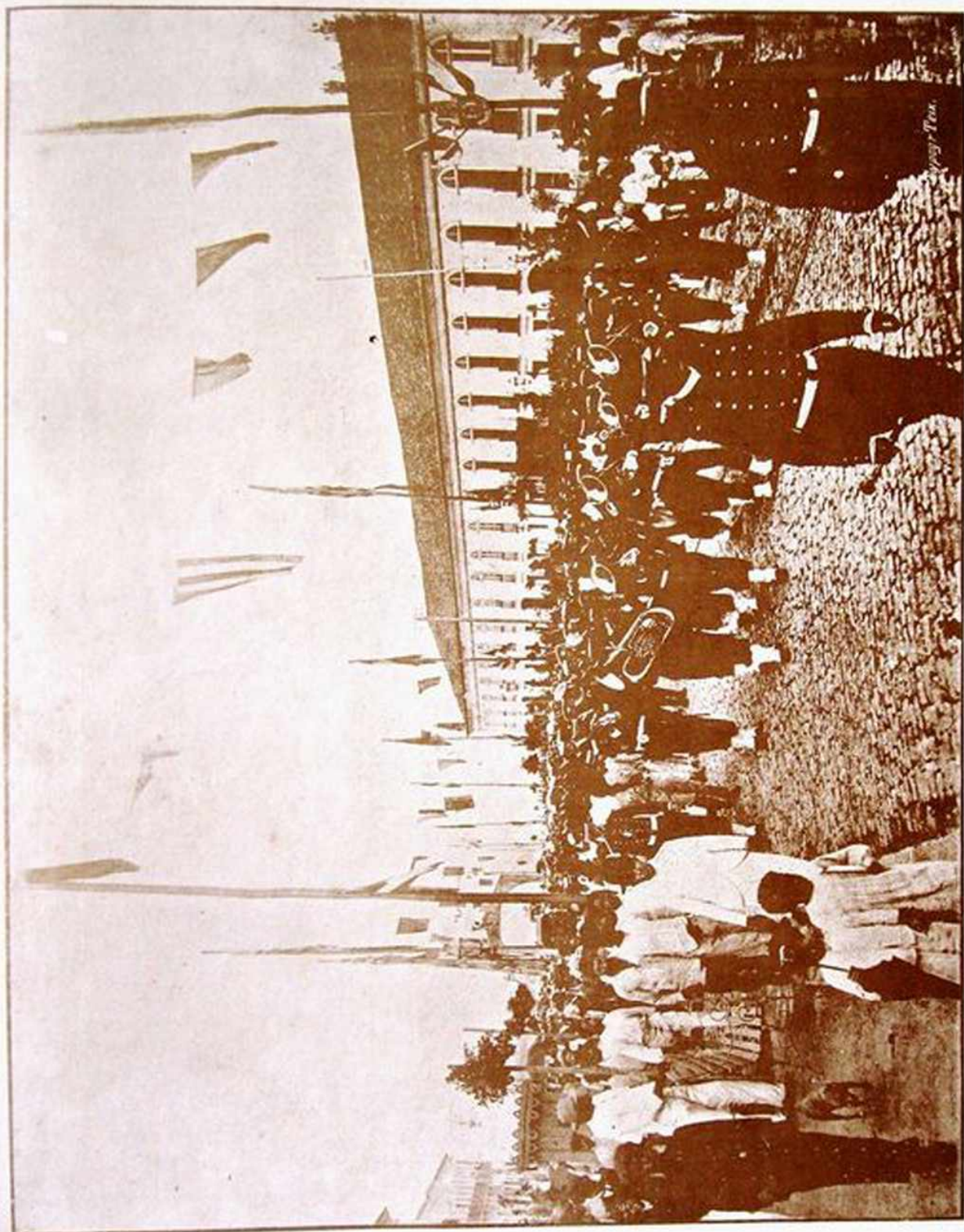
Ah ! ficou-nos em cada irradiação da vida,
Como um claro luar de immacula pureza,
A alma que nunca morre, a alma jámais vencida,
A alma de bardo e heroe da gente portugueza !

E porisso feliz, o povo desta terra,
Pois que somos irmãos dos netos de Cabral,
Dá-vos em cada peito um coração, que encerra
Amor de portuguez ao nobre Portugal !

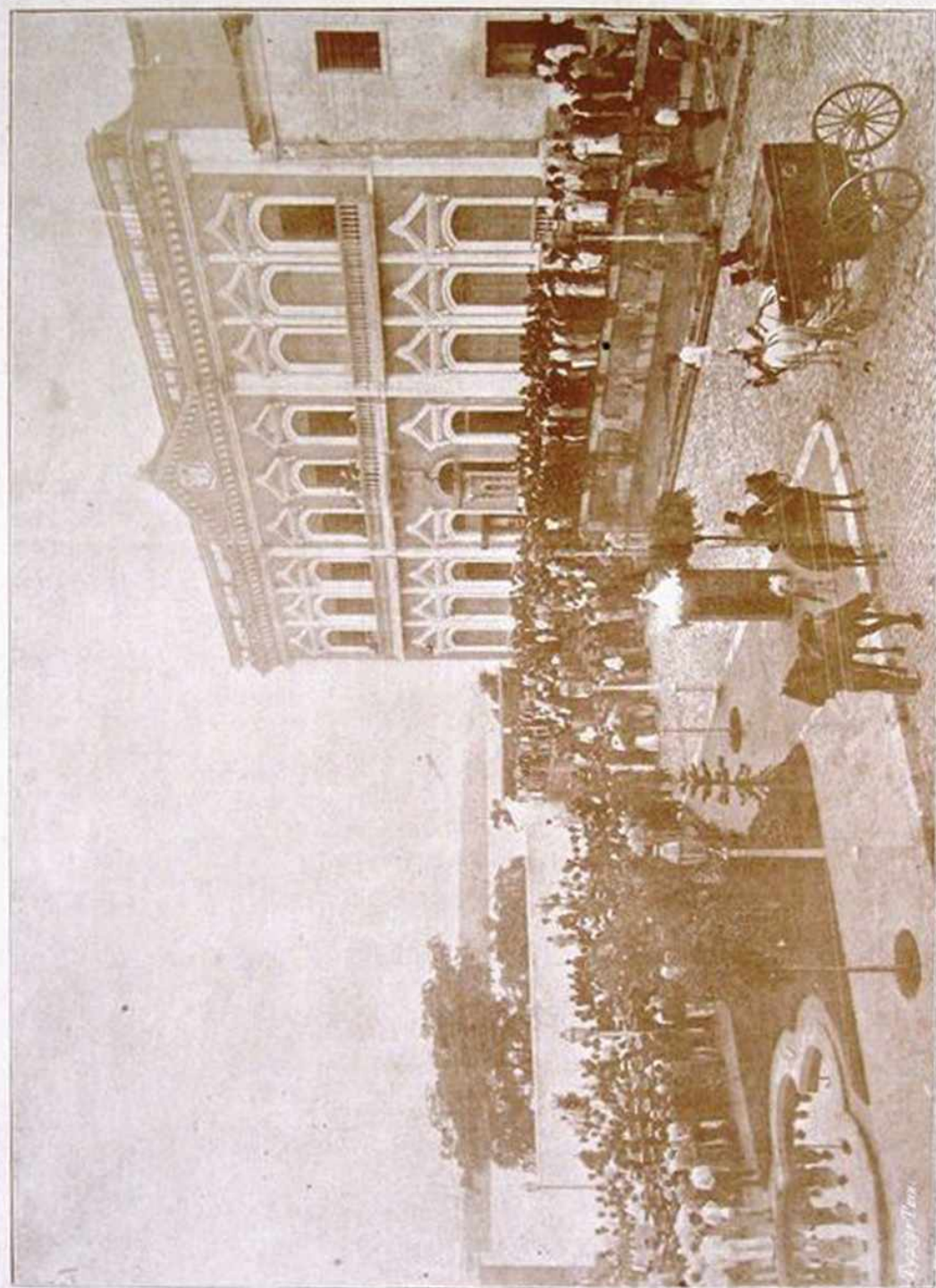
ALFREDO ASSIZ.

Ha sempre uma alma de bondade nas coisas
más e uma alma de verdade nas coisas
falsas.

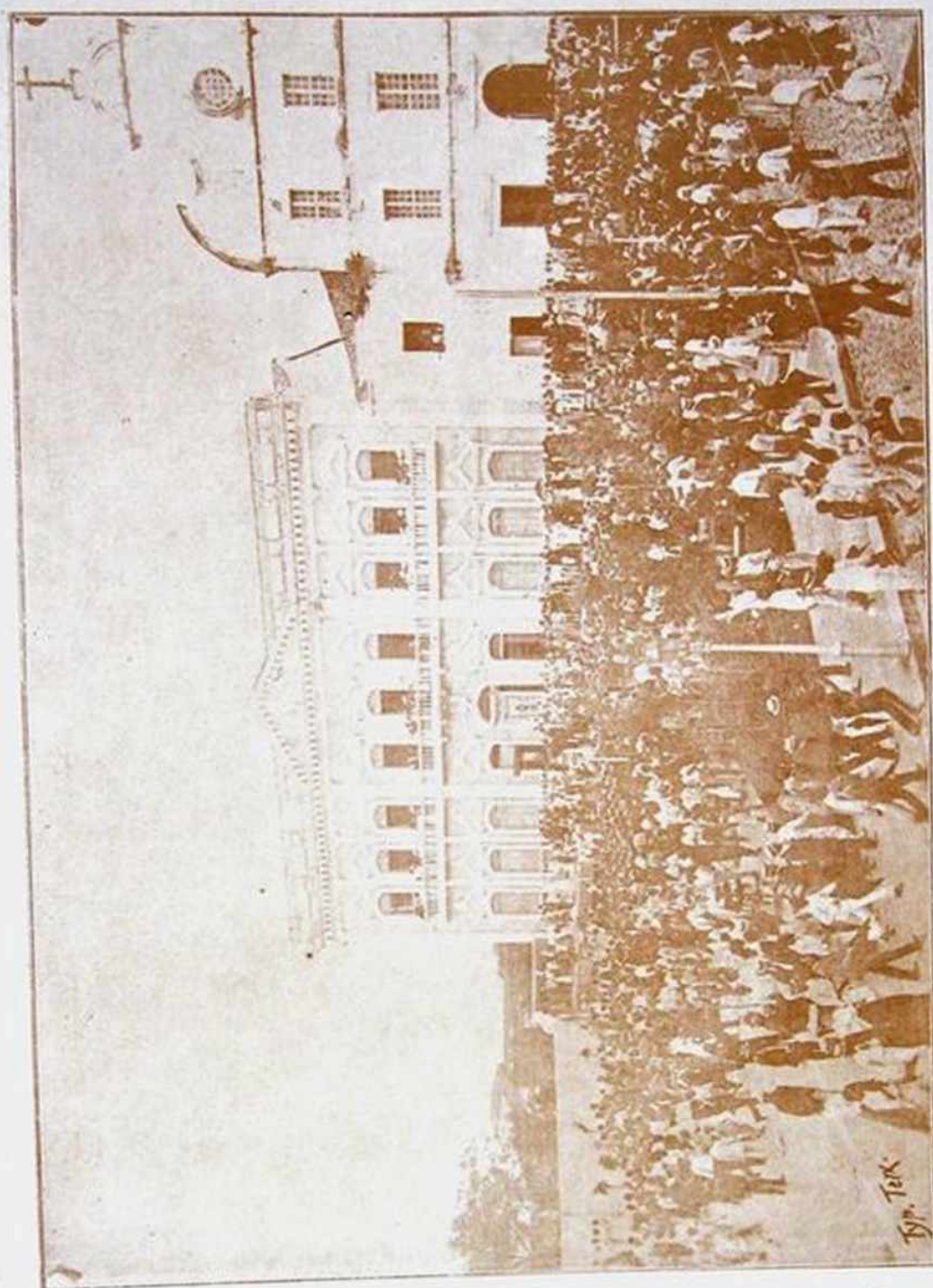
H. SPENCER.



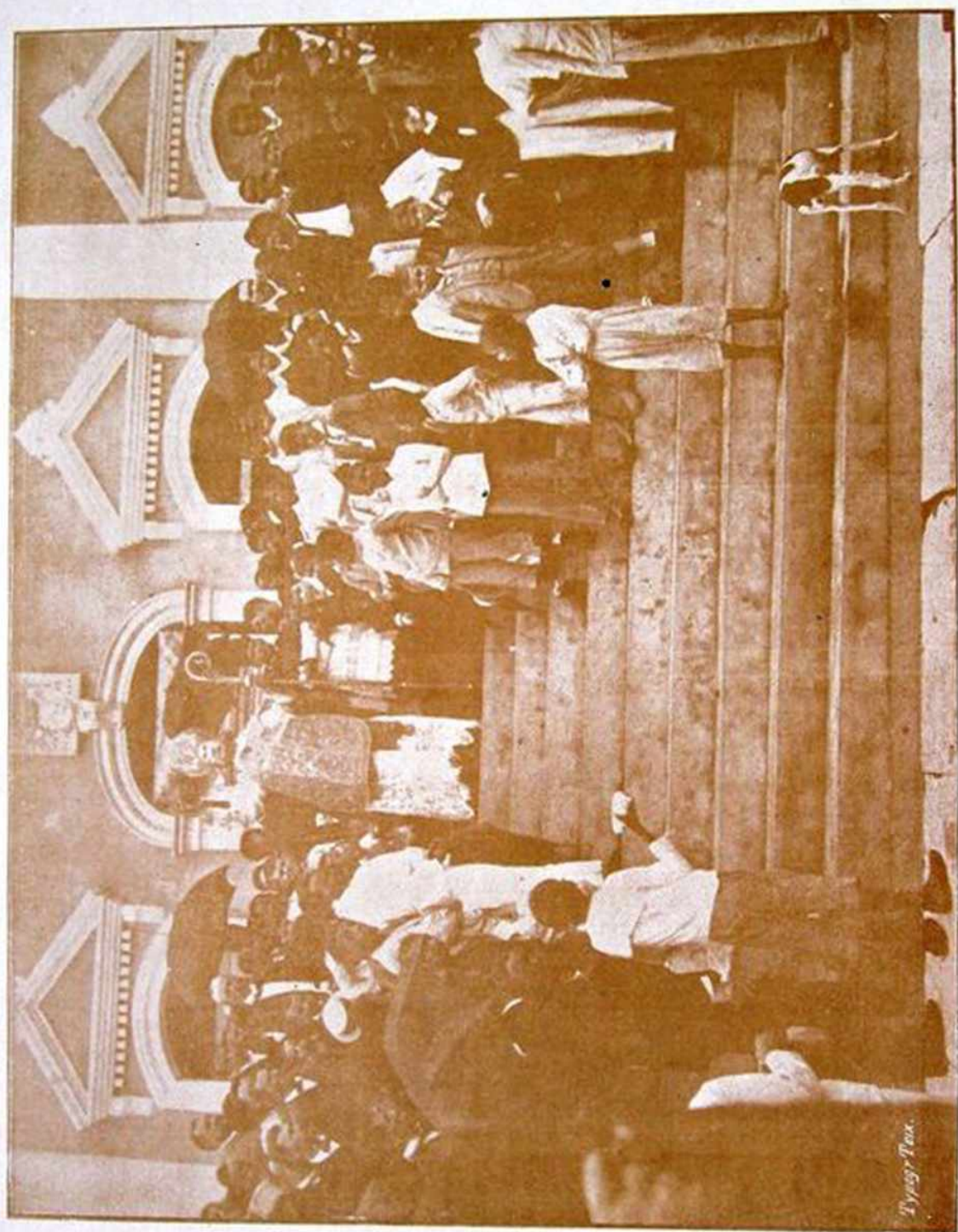
MARANHÃO—O DESEMBARQUE DA GUARNIÇÃO DA «PATRIA» PARA ASSISTIR À MISSA CAMPAL (Photo-amador Carlos Neves)



MAFANHÃO—ANTES DA MISSA CANONICAL (Fotographo da Revista—C. Cunha)

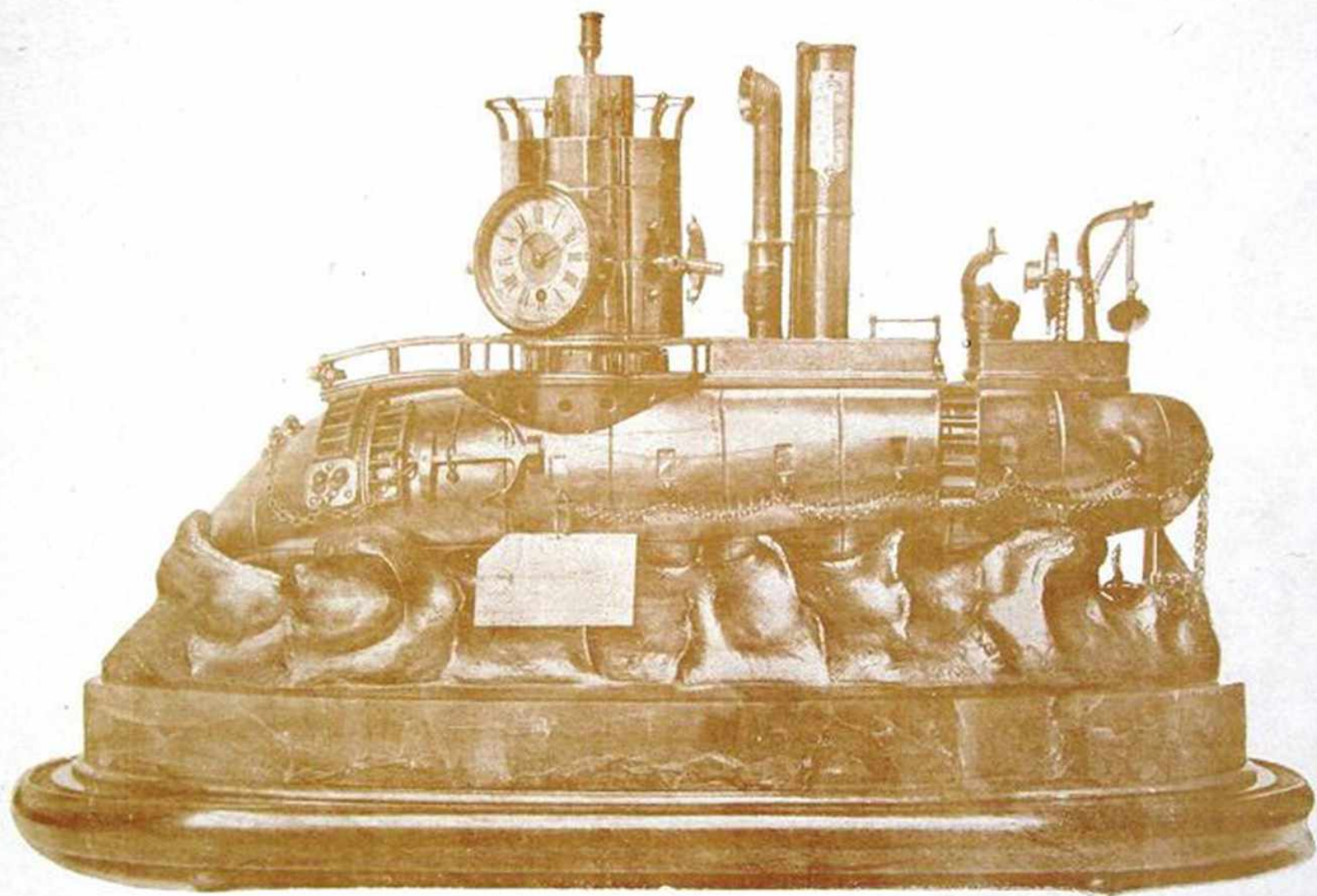


MAHANIÃO.—A MISSA CAMPAL (Photographo da Revista—Candido Cunha)



MAHANIÃO—A MISSA CAMPAL. O SERMÃO DO BISPO DE IZETHAIDA (Photo-amador J. Farias)

Typog. Tex.



BRINDE OFFERECIDO PELA COMISSÃO DOS FESTEJOS, EM MARANHÃO, AO COMMANDANTE DA CANHONEIRA «PATRIA»



A Revista do Norte, 5. ANNO N. 8

Alexandre da Macedônia domando o seu cavallo Bucephalo

A REVISTA DO NORTE

ANNO V

NUM. 8

Abril de 1966

O MEZ

Desabou, no Rio, o prédio que se estava construindo para o Club de Engenharia.

—Boneca! me dirão os leitores, a noticia já é mais velha do que a Sé de Braga.

De acôrdo, mas o que também é certo é que eu, depois da catastrophe, ainda não tive ensejo de confabular com os assignantes d'A REVISTA e transmittir-lhes as minhas impressões á cêrca do acontecimento, que é deveras de espantar.

Não pode mais a gente, depois disso, viver com o coração tranqullo debaixo dos tectos que nos abrigam.

Pois se uma casa, construida por engenheiros, de acôrdo com as plantas de engenheiros e para servir de reunião a engenheiros, desaba assim sem mais aquellas, antes mesmo de estar terminada, que poderemos esperar das outras, feitas p'ra ahi assim, a trôche-môche, por pedreiros sem curso nas polytechnicas e apenas como fontes de rendas a burgueses apatacados?

E fiquei, desde que o telegramma noticiando o fato foi publicado pelas folhas diarias, a matutar sobre o caso, sempre alerta ao menor rumor que ouvia no meu telhado. Por vceas, tarde da noite saltava assustado do leito, bruscamente despertado por um barulho de telhas no meu tecto:

—Não tem duvida, é a coisa que vem abaixo! dizia com os meus botões. Pois se o Club de Engenharia do Rio desabou, quanto mais esta estúpida, pesada e inartistica construcção que habito.

E, acto continuo, ainda estremunhado, começava a tomar as minhas providencias para pôr-me ao ar livre o mais depressa possivel.

Felizmente, porem, antes de me ver forçado a ganhar a rua numa hora ingrata d'aquellas, vinha um miado propicio tranquilisar o meu espirito, dando-me a explicação do ruido que me despertara.

Era um casal de gatos que, inofensivamente para mim e benéficamente para a sua especie, andava a passear os seus amores pelo meu telhado. E reflectindo filosoficamente sobre as vantagens de ser gato numa terra em que ha engenheiros que constroem clubs que desabam, mergulhava de novo nos braços carinhosos de Morpheu.

E assim vivi por largos dias, num sobresalto constante, vendo a todo o momento a minha casa a oscilar sobre os seus alicerces, ameaçando sepultar-me sob os seus escombros.

Finalmente, numa bella tarde de alegria e de sol, vieram os jornaes dar-me a causa da catastrophe do Rio.

O culpado do desastre não foram nem os engenheiros, nem os auxiliares dos engenheiros, nem os pedreiros, nem os serventes dos pedreiros, nem ninguém. A culpa toda foi da argamassa que não secou no tempo devido. Os srs. engenheiros, confiando nas promessas tacitas da argamassa de secar no praso de tantas horas, promessas aliás justificadas pelo longo e respeitavel passado da mesma argamassa que sempre

secou no praso desejado, deixaram correr as coisas a revelia e não tomaram as suas providencias. E vai se não quando a argamassa pregalhes a peça que todos nós sabemos! Mas isto não é de arrancar a paciência a um santo?

Pois então a desvergonhada d'essa argamassa não sabia que a sua obrigação, o seu dever a que absolutamente se não podia furtar sob pena de quebra da sua dignidade, era secar dentro do lapso de tempo que lhe foi, para tal fim, concedido pelos srs. engenheiros? Ignorava porventura a perfida que, procedendo de forma contraria, punha os mesmos srs. engenheiros em apuros de nossa morte e abusava negramente da confiança que elles na sua palavra haviam depositado?

Os srs. engenheiros, durante o seu curso na Polytechnica, estudaram a resistencia dos materiaes, mas nunca pela sua cabeça nem pela dos seus mestres passou a suspeita de que uma argamassa pudesse ter tão negro procedimento qual esse de levar a secar mais tempo do que o estrictamente requerido. Entre as multiplas obrigações da argamassa para com os srs. engenheiros e constructores, figura em primeiro lugar a de secar no praso de tantas horas, conforme a sua consistencia e a temperatura em que estiver mergulhada. Ora, desde que uma e outra lhe assignalem para semelhante mister um praso fatal, ella, dê por onde der, se quiser gosar dos fóros de argamassa de vergonha, tem de secar dentro desse praso. Com a do Club de Engenharia do Rio deu-se o contrario, e eis ahi o motivo porque o Club veio abaixo antes de tempo.

Essa falta, com todos os inconvenientes que acarretou, trouxe-nos tambem, a nós outros profanos, uma lição. De agora em diante, quando tivermos de construir um predio, devemos ainda ouvir os engenheiros, mas, sobretudo, devemos ouvir a argamassa que vai ser utilizada e procurar por todos os meios possiveis arrancar-



Estado do Paraná—União da Victoria—Triângulo de reversão da Estrada de ferro S. Paulo-R. Grande (phot. amador Egydio Pilotto)

lhe a confissão do tempo que pretende levar a secar. E se houver divergencia entre a opinião dos dois, a dos engenheiros e a da argamassa, parece-me que o mais prudente é seguir a da ultima, de preferencia á dos primeiros, em que pese a profunda sciencia dos srs. polytechnicos no tocante a resistencia de materiaes.

Jayme de Avelar.

JOAQUIM LAMÊGO

(A MEMORIA DO 2º TENENTE MAGALHÃES BRAGA)



O Joaquim Lamêgo era um português patriota até a medulla.

Natural de Figueira da Foz, o seu verdadeiro nome era Joaquim da Purificação e Souza.

Adiante se verá a origem da alcunha por que era elle conhecido. Domiciliado no Maranhão, havia vinte e tantos annos, quando foi decretada a grande naturalisação, o patriota Joaquim lá se foi rumo do consulado português declarar que não aceitava as regalias que o decreto do Governo Provisório facultava aos estrangeiros residentes no Brazil.

Era notoria e lisongeiramente apregoado o entranhado carinho e o amor, que tocavam ao feticismo, do Joaquim pela marinhagem dos navios de guerra, de qualquer paiz cuja bandeira arvorassem.

Tal dedicação, tão fervoroso carinho pela marujada, tinha a sua explicação no episodio de que elle nunca se esquecia e que contava, com tristeza e ufania, ao mesmo tempo, occorrido com

elle no Tejo, numa bella manhã, quando embarcava para estes Brazis, no anno de sessenta e tantos.

Ao passar dum saveiro para o *Ribeira d'Oiro*, o brigue que o havia de conduzir ao Maranhão, Purificação e Souza pizou em falso na escada do veleiro e zas! de catrapuz n'agua.

Senhor de regular corpanzil e sem nadar patavina, imaginou-se logo ás portas da morte, e tratava já de encommendar aos céus a sua alma quando, de bordo duma fragata da armada real, fundeada perto do brigue, um marinheiro, num assomo de agilidade, atirou-se ás aguas do formoso rio e, instantes depois, arrastava prêso nos seus herculeas braços para bordo do saveiro o pobre naufrago, que nada mais sofrêra, além do susto e do banho.

Galgando depois a escada do *Ribeira d'Oiro*, o Joaquim, molhado como um pinto, corroborou as fibras sorvendo forte talagada de aguarente, mudou a roupa e as botas e quando, passado o susto, subiu ao tombaço do brigue, já este se fazia de vela, deixando a santa terrinha, onde elle deixára o umbigo.

Então, grossas lagrimas ensoparam-lhe o rosto e o lenço. O Purificação e Souza chorava soluçadamente. Chorava de saudades da patria e dos parentes, chorava de pesar por não poder recompensar o marujo que o restituira á vida, momentos antes em perigo.

..

Chegando ao Maranhão, não foi difficil ao naufrago do saveiro encontrar quem lhe dêsse a mão, tanto valor tinha a recommendação que elle trouxera para uma casa de alta nomeada no commercio.

Não decorreram poucos dias, e elle abria, lá p'ros lados do Páu d'Arara, uma casquinha de côco, que, progredindo, passou a bodéga e transformou-se, dentro de pouco tempo, numa quitanda importantissima a que elle deu o seductor nome de *Esperança*.

A quitanda progredia incessantemente.

Já em 1881 attingira á maior culminancia.

Admirava-se ali, grudados por todas as paredes, entre as mantas de toucinho e carne seca, retratos vistas, cortados de jornaes illustrados, do Marquez de Pombal, de D. Luis I, do explorador Serpa Pinto, de Vasco da Gama e do encouraçado homonimo, D. Henrique, o Palacio de Cristal, no Porto; Bartholomeu Dias e a corveta homonima, e outros homens e coisas portuguezas.

Sob o relógio, em lugar de honra, uma imagem de Santo Antonio de Lisboa era cultuada pelos devotos do taumaturgo portuguez, que frequentavam a *Esperança*.

No que dizia respeito ao Brazil, via-se os retratos de D. Pedro II, Almirantes Barrôso e Tamandaré, dos encouraçados *Javari* e *Rio Grande*, da corveta *Amazonas* e do intrepido marinheiro Marcilio Dias.

..

No porto do Maranhão estacionára muitos annos a canhoneira da armada nacional *Lamêgo*.

Os marinheiros da guarnição dessa nave de guerra eram geralmente conhecidos pelo nome do vaso a que pertenciam, e assim ficaram depois todos os dos demais navios de guerra que, d'essa época para cá, aportam ao Maranhão. Para o vulgo, qualquer que seja a unidade, ha de ser—*brigue de guerra* e os da sua guarnição—*Lamêgos*.

O Joaquim acolhia na *Esperança* com o maior prazer a marinhagem do *Lamêgo*. Era duma prodigalidade a toda prova pelos homens, desde o guardião até ao simples marinheiro. Presenteava-os com vidros de óleo de babosa, cosméticos, canudos de pomada «Macaçar», maços de cigarros «Exposição» e «Pachorrinha» e outros objectos mais.

Mas a lamegada, quando se pilhava em terra, provocava disturbios de toda a sorte pela cidade, e todos os quitandeiros e barraqueiros tinham medo que se pelavam dos revolucionarios homens, que quase sempre iam ter á quitanda do Purificação e Souza, depois de campearem impunes pela cidade, palmilhando relusentes e cortantes navalhas.

Elles bem que sabiam que na *Esperança* estavam debaixo de coberta enxuta. Por isso, feito o disturbio, abrigavam-se lá e, quando os guarda urbanos ou policiaes chegavam, para reclamar a entrega dos turbulentos, o amigo dos marinheiros mandava a mão num cacete, que jazia de promptidão debaixo do balcão ou atrás da porta, e, enfrentando os soldados, ameaçava-os e quase sempre fazia uma preleção sobre a inviolabilidade do lar, que a Constituição imperial garantia.

Do balcão para fóra, dizia, podiam algazarrar á vontade, elle pouco que se importava; mas, de lá para dentro, era sagrado! e elle não admitia secas e mécas!

E terminava sempre a disputa pondo os soldados no olho da rua.

Se acontecia o commandante da guarda comparecer em pessoa pretendendo valer as reclamações, elle procurava dissuadi-lo, inventando que fóra os proprios soldados os provocadores, que os *lamêgos* eram pacatos, que nem navalha traziam consigo naquella occasião, e outras coisas mais.

Se o official ou sargento era calmo, deixava-se embair docilmente pelas artimanhas do portuguez e voltava ao seu posto; ás vezes até, ainda por cima, castigava os soldados. Se, porém, era um homem p'ro e zangava-se, o protector da lamegada enviava á socapa o caixeiro com um bilhete urgente ao consul portuguez, o Capella, seu amigo intimo, dizendo que a *Esperança* estava ameaçada de ser invadida pela policia em péso, que andava á cata dos *lamêgos*, e que elle não tinha outro remedio senão recorrer á protecção do genuino representante de Sua Majestade Fidelissima.

O Capella percebia o caso, mas sempre enviava o seu chanceler a ter com a policia. As coisas ficavam arrumadas, punha-se uma pedra sobre o facto e o amigo Purificação e Souza dava escapula aos sediciosos *lamégo*s por elle acoitados.

A's vezes acompanhava-os até a bordo da canhoneira e, procurando o capitão Mancebo, o commandante do navio, narrava-lhe o caso, adulterando-o sempre. Os marinheiros haviam sido provocados, e, como não fossem cobardes, reagiram. Achára correcto o seu procedimento e, dizia, tinha certeza de que o commandante não castigaria os seus subordinados tendo como motivo um simples conto, uma insonda, que teciam contra os pobres marinheiros imperiaes.

O capitão Mancebo ouvia-o atentamente, acercava-o de gentilezas e testemunhava-lhe o seu reconhecimento pelo interesse que elle tomava pelos marinheiros da guarnição da canhoneira sob o seu commando.

∴

Um bello dia, era já nos ultimos annos do regimen monárquico, a *Lamego* teve ordem de recolher-se ao Rio de Janeiro, em cujo arsenal deveria sofrer radicaes concertos. E nunca mais voltou ao Maranhão, deixando o Joaquim da Purificação e Souza immerso na mais profunda saudade e, como titulo de gratidão, pelo muito que elle fez em prol da sua marujada, a alcunha de Joaquim *Lamego*, que calhou admiravelmente, e fôra obra dum cabo foguista daquella nave da marinha imperial.

O Joaquim ficou por alguns annos sem lograr ver um marinheiro que fosse. Via-os, é certo, de anno em anno, mas pelo carnaval, caracterizados, nas Cheganças e Canninha-verdes. Então as saudades cresciam, arrancando muitas vezes do patriotico proprietario da *Esperança* lagrimas sinceras.

Quando, em 1888, veio ao norte a esquadra brasileira, sob o commando do Wandenkolk, o homem rejubilou.

O marinheiro de qualquer navio dessa esquadra, que lograva penetrar na Currupira, era atraído á *Esperança* e ali recebia todos os affectos que ao Joaquim era possível prodigalisar-lhe.

E o homem contava sempre a todos, com gaudio, a origem da sua veneração pelos marinheiros, imperiaes ou estrangeiros.

Proclamada a Republica, vieram estacionar no Maranhão a *Traripe*, primeiro, a *Cabedello*, depois, e por fim, a *Guarani*. Esta, demorando-se em concertos, no Caes do Raposo, aos Remedios, teve logo toda a sua marinhagem relacionada com o Joaquim *Lamego*, que além de te-la já afreguezada na sua quitanda, dando-lhe mostras do mesmo interesse que alimentava pela da *Lamego*, ia visitar todos os domingos, á tarde, a canhoneira.

Numa noite de sabado, houve uma terrivel bernada lá pr'os confins da Currupira, do Tor-

quato Milhão, a quem até então se pedia licença para erguer o cacete naquelle tumultuoso bairro.

O caso foi que um soldado da guarda da Cadeia, assombrado pela visão da *Manguda*, fantasma que naquelles tempos atemorizava aquellas cercanias, pavorisando transeuntes e moraldores, andava doidejando rua da Alegria afôra a clamar: Aqui d'el-rei! Socorro! Misericordia! Encontrando-se a infeliz praça como um grupo de *lamégo*s da *Guarani*, estes o espancaram barbaramente, deixando-o quase inanime.

No dia seguinte, ao circular a noticia das atrocidades de que fôra alvo o infeliz policial, o Joaquim *Lamego* apresentou-se voluntariamente a bordo da canhoneira e, procurando o immediato, que já havia ordenado se castigasse os marinheiros turbulentos, jurou pela alma da sua santa mãe que elle assistira o conflicto e que o provocador fôra o proprio soldado...

E, não havendo outras provas em contrario, foi suspenso o castigo que estava sendo infligido aos marinheiros.

Mas a *Guarani*, terminados os reparos, foi mandada para o Pará, e dahi seguiu para o contestado, no Amapá.

O Maranhão ficou por muito tempo a ver navios... de guerra.

∴

A colonia portuguesa e os nacionaes, confraternizados, aguardavam com impaciencia a visita que o cruzador *Adamastor*, ancorado em Belém, viria fazer ao porto do Maranhão.

Estava já tudo aprestado para que na capital maranhense tivesse recepção brilhante o vaso daquella marinha, que encarnava tantas tradições, tantos feitos de honras e glorias.

Um sumtuoso baile, num dos mais vastos palacetes de Sam Luis, constituia a parte mais importante do programma escrupulosamente confeccionado pela commissão promotora dos festejos. As lojas, numa azafama desusada, esvasiavam as prateleiras e os caixeiros não tinham mãos a medir, embora medissem, vendendo, as fazendas que, naquella época, eram o *clou* da moda. O João de Deus Ser a compuzera uma polka retumbante, obrigada a flautins e figlès, com uma introdução semelhando os sinaes das manobras a bordo, e deu-lhe o nome de *Adamastor*, a cuja officialidade e guarnição era dedicada.

Entim, reinava um entusiasmo vivo entre a população, anciosa pela chegada do cruzador da armada real portuguesa.

Purificação e Souza ou Joaquim *Lamego*—a mesma entidade—não se continha, de alegre que estava. Vibrava-lhe n'alma o calor do patriotismo, alliado ao indizível contentamento em ter de estreitar apertadamente nos seus rechonchudos braços um genuino representante da classe, que o livrara de perecer estupidamente afogado nas aguas do Tejo.

Elle faria tambem, ao seu modo, uma demonstração áquelle que trazendo o nome do decantado gigante, dentro de poucos dias viria ba-

louçar-se soberbamente nas águas maranhenses, com o pavilhão das quinas a tremular no mastro. Seria um pedaço da sua Pátria estremecida aquella nave, que também trazia no seu bôjo a imagem do seu salvador.

Haviam de ver para quanto elle prestava! dizia jubilosamente aos da sua roda.

A patacuada de que estavam rovestindo o programma dos festejos, considerava, não era uma coisa de patriotas e sim de desmiolados. Seria elle quem iria dar a nota unica, era só o que afirmava, sem dizer, entretanto, em que consistia essa nota. Que aguardassem a sua surpresa para quando o cruzador estivesse no porto do Maranhão, explicava aos curiosos que o interpellavam.

..

Numa tarde o Joaquim Lamégo estava, como de costume, sentado num banco á porta da *Esperança*, quando chega o Feijão entregando-lhe o *Diário*.

Percorrendo avidamente o noticiário, depa-rou-se-lhe a triste nova de que o *Adamastôr* seguiria directamente do Pará para a Europa; não mais viria ao Maranhão, em consequencia de grassar febres entre os marinheiros da sua guarnição.

Aquella noticia entrelinhada da folha do Alberto, a principio, quase que fulmina o nosso homem.

A pallidez que se manifestou na sua fronte, transfigurando-lhe o semblante, foi tão visível que os da roda se acercaram logo amparando-o carinhosa e amedrontadamente, arrebatando-se-lhe das mãos a folha mensageira daquella nova tão perfidamente desconsoladora.

Mas a crise foi passando, á proporção que, no ocaso, o sol se ia escondendo. E o amigo dos marinheiros, tornando a si, prorompeu em improperios.

Não havia febres nem nada! Aquillo fôra uma combinação ás ocultas, á surdina, e elle não sabia onde estava que não dizia logo a verdade nua e crúa: Quem sabe se não andaria em tudo aquillo o dêdo da propria colonia, no Pará!

Era um desafôro! continuava. Então que o Pará valia mais que o Maranhão para receber a honra da visita, enquanto este ficava a chuchar nos dedos, chupando uma barata! Sim um desafôro! uma alta e refinada patifaria! O Maranhão, que em tempos idos dominára o Pará, em tudo, dando-lhe até de comer e de vestir, não teve no seu porto o *Adamastôr*! Ah! é que elle chorava um consul como o Capella e um ministro como o Pombal!

E assim permaneceu o Joaquim até ás tantas da noite a verberar o caso, culpando uns e outros, responsabilizando a este e áquelle, até que, exausto, cessou de falar.

Suspendeu um instante o despejo das verri-nas, concentrando o pensamento. Subitamente, porém, explodiu:

—Sabem que mais? Eu não sou palmatoria do mundo. Se cá não vieram foi porque não qui-

zeram, e eu não vou por isso ralar-me aqui, criando aneurisma para, no fim de contas, os outros ficarem a palitar os dentes! Eu sou patriôta, e não palmatoria do mundo.

E assim arrematava a saraivada de descomposturas.

Todos concordaram com as justas palavras do Joaquim Lamégo, e a roda dissolveu-se, cada qual procurando o caminho dos penates.

Do lado da Estação da Ferro Carril vinham os sons do relógio, que dava, forte e compassadamente, as dez horas.

E a *Esperança* trancando-se, patrão e caixeiros procuraram os fios, onde se esticaram logo.

O Lamégo, como que prostrado por uma fadiga estupenda, adormeceu pesadamente.

No dia seguinte, logo ao amanhecer, quando os amigos procuraram indagar se a saúde do patriôta sofrera alteração, pelo abalo da vespera, o Joaquim não era mais o homem que, doze horas antes, fremente de colera, impando de raiva, desabafava a ira em vocabulos preñhes de azedume, exacerbando-se, respirando odios. Ao contrario, apresentava-se-lhes calmo e vivaz e deixava descerrar os labios num sorriso delicioso, a afirmar a ternura da sua alma...

..

Hoje a *Esperança* mudou de dono e nome.

O advogado dos *lamégos* comprou uma casa e umas apolices, pondo-as no nome da Margarida, uma crioula de Guimarães, com quem viveu durante vinte e cinco annos e o a uxiliára immenso, negociando jucára e buriti, de dia, e peixe frito, á noite, num portão junto a *Esperança*; e, liquidando os seus negocios, tomou passagem no *Brunswick* e foi-se de muda para Portugal, a ser *brasileiro* e, numa eterna immobillidade, viver dos seus rendimentos.

Levava, quando partiu do Maranhão, o firme proposito de fazer, na capital portugueza, a manifestação, que, ao seu modo, pretendia fazer no porto maranhense á guarnição do *Adamastôr*, proposito este até hoje aqui ignorado se foi traduzido em facto...

S. Luis—Março—1906.

ASTÓLEO MARQUES.



Je pense à vous quand le soleil s'élève.
Je pense encore quand il finit son cours...
Et se parfois à la nuit je rêve
C'est au bonheur de vous aimer toujours...



Impressões de viagem

(Continuação)



Ahi fui tratado gentilmente, sendo, ao chegar, alvo de penhorante manifestação. Houve muitos discursos, que agradei.

DIA 26. Foi-me oferecido um excellentíssimo almoço em casa da família do Coronel Leoncio Machado. Ergueram-se muitos brindes, correndo tudo com a maior animação.

A tarde, com o illustrado clinico, Dr. Bento Urbano, fui percorrer a cidade.

Caxias pode se dizer, desde muitos annos, a rainha do sertão maranhense; e orgulhosa do seu throno, ella manterá ainda por muito tempo a realza, que é uma conquista de sua excellente posição geographica e do espirito culto, altivo e nobre de seus habitantes, que têm alguma coisa dos velhos habitos cavalheirescos.

Situada á margem do Itapecurú, a mais importante arteria fluvial do Estado, pouco distante do caudaloso rio Parnaíba, que separa o Piahy do Maranhão, e a elle ligada por uma estrada de ferro, que termina defronte da capital do Estado visinho, é a cidade do Maranhão, onde mais irradiava a vida maranhense entrelaçada com o espirito piauiense.

Demais duas circumstancias cooperaram no seu progresso: é o ponto terminal da navegação a vapor no Itapecurú e um ponto de transito dos piauienses que por mar se destinam a outros pontos da Republica, porquanto ao porto maritimo da Amarração, prefere-se o embarque no porto de S. Luiz.

Devido a isto é ella um importante centro commercial. Os productos do interior, em busca de melhores mercados consumidores, aqui têm de passar, e não somente estes, mas também muitos productos da industria piauiense.

Ella tem também brilhante tradição historica. O morro do Alecrim, que fica a leste da cidade, foi o ponto strategico onde se acastellou o portuguez Fidié, que, atacado no Piahy em 1822, para aqui se dirigio no intuito de se reforçar e poder investir contra as hostes libertadoras, no tempo da nossa independencia.

Estas hostes, vindas do Piahy, com um contingente que lhes mandaram do Ceará, com o entusiasmo ao santo amor ás liberdades patrias, ali deram combate ao fiel subdito de D. João VI, que batido de todos os lados, teve ali-

nal de depor as armas. Foi então menos feliz que em Campo-maior, onde, tripudiando sobre o espirito liberal dos nossos antepassados, deixou o campo juncado de cadaveres.

Aprecei muito o morro do Alecrim, em cuja conquista, n'aquella epoca heroica, figuraram alguns membros de minha familia. D'elle se descortina a cidade em magnifico panorama, salvo uma parte de seus arrabaldes pittorescos.

Aos primeiros alhores da manhã, Caxias apresenta o bello espectáculo de uma officina de trabalho, cujos operarios se movimentam ao grito agudo da voz do progresso sahindo pelos volumosos labios dos canos das machinas, que os convidam ao labor diurno. Em quatro fabricas de tecidos e outras diferentes empresas concretisa essa actividade industrial de que ha pouquissimos exemplos entre as nossas cidades distantes do litoral. Therezina, cidade nova e florescente que lhe suga grande parte das forças, e outras cidades do centro, mesmo capitães, não lhe levam a palma no tocante ás industrias.

Aqui fazem-se tecidos de diferentes qualidades, jornaes que levam ás portas dos habitantes as novidades do mundo culto, faz-se bom sabão, o excellentíssimo assucar do Engenho d'Agua e productos e artefactos outros, que por si sós recomendam bem a intelligencia dos caxienses.

A cidade tem importantes estabelecimentos commerciaes, ruas calçadas, boas pontes e outros serviços que indicam a iniciativa dos habitantes e o zelo dos poderes publicos, a despeito da opinião popular, actualmente, contra a edildade, no que diz respeito á limpeza das ruas e praças.

Dir-se-á que quem vem de um importante fóco da civilização, avido de saborear os esplendores da natureza, não poderá aqui saciar os seus desejos. Perfeito engano!

Em um dos arrabaldes de Caxias, na Ponte, a natureza americana, sorridente dos seus dons ineffaveis, ostenta-se em toda sua belleza virginal.

Semeado esse trecho da cidade de pequenas casas, umas aliás graciosas, mas que lhe não tiram os naturaes attractivos, uma alma de philosopho ahi se sente inebriada ante os bellos descampados, as arvores verdejantes e o doce sussurrar das aguas crystallinas.

O riacho Ponte, cuja lymphia é a melhor que tenho bebido no Estado, qual grande cobra serpenteando, ora deslizando suavemente, ora dando saltos sobre a rocha e formando cascatas, é o ponto pittoresco onde vae refestellar-se a cidade civilizada, cansada dos artificios do progresso, para se abeberar da poesia campesina.

DIA 27. Apesar de continuar defluxado e bastante rouco, fui a Ponte tomar banhos em companhia do Bento e do Leoncio Filho. Este passeio fizemol-o a cavallo, pois, não era pequena a distancia que tinhamos a percorrer; tendo, para isto, o Capitão Domingos Rabello me cedido gentilmente o seu bom e bonito ginete, que de então em diante disse ficar á minha disposição.

Chegando alli, sem demora nos atiramos á agua; e não fosse a occupação dos companheiros, demorar-me-ia muitas horas.

Não conheço banho melhor. Fala-se muito das thermas romanas e outros logares de ablucões, que inflammaram a imaginação de poetas e prenderam a attenção de escriptores, mas duvido muito que qualquer d'elles fosse mais apreciavel que os banhos da Ponte.

N'elles é tão grande a satisfação que se sente, que quasi se perde por completo a lembrança dos afazeres do dia, o que, de resto, é o unico mal que podem fazer ao banhista, que ali não deve receiar comprometter a saude.

O Bento manda para lá os seus doentes, recommendando banhos diários.

Tendo voltado e depois de ter almoçado com o melhor appetite, visitei ou antes paguei as visitas de alguns amigos, que sempre os tenho, apesar de ser esta a primeira vez que venho a Caxias.

Cahiu doente um dos companheiros de viagem, sendo o Bento chamado a medical-o. Fui em sua companhia á casa em que se acha o enfermo, interessando-me pelo seu restabelecimento.

Creio muito no Bento, pois, se não gosto da medicina, nem por isso tenho direito de desgostar e descrever dos bons facultativos. Elle ha de curar o doente, que longe da familia e quasi sem recursos, se sente muito desanimado.

E' bem triste ver-se a gente prostada em um leito sem os carinhos do lar ou de um coração amigo, qualquer que elle seja!

DIA 28. Estamos em pleno dia da votação da actual Constituição do Estado e da adhesão da ex-provincia ao movimento liberal que separou o Brazil da metropole portugueza.

Fui convidado para uma sessão cívica, mas não me sendo possível falar, neguei-me a comparecer.

Fui novamente a Ponte. Desta vez em companhia do Antonio Lopes e do mesmo Bento, que nos proporcionou um magnifico pic-nic.

Almocei como um gastrônomo, com licença do Paulo, atirando-me ao perú com o ardor bellico de um brasileiro patriota, que não teme as caretas do inimigo que nos disputa a posse do Alto-Juruá.

Tomei tres banhos, pois, convenci ao companheiro medico que, não podendo transportar o riacho Ponte para a Capital, onde tenho a minha residencia, ou para o meu Estado, onde pretendo me demorar alguns mezes, seria erro imperdoavel não aproveitá-lo na minha estada entre os caxienses. Elle, que é um apreciador do bom e do bello, deu-me razão, que acredito tanto mais sincera porquanto, si por ventura se



Estado do Paraná—União da Victoria—Estação da Estrada de ferro—Inundação de Maio (phot. amador Egydio Pilotto)

aggravassem os meus incommodos, elle me trataria com desvello, como a todos costuma fazer, e desinteressadamente, como faz a poucos.

Só depois das tres horas voltei da excursão, passando pela casa de residencia do Rodrigo Octavio, Juiz de direito da comarca, que no dia anterior me havia visitado. Não obstante o tratamento cordial, não me demorei, indo logo para o centro da cidade, onde estava hospedado.

Como previra o Bento, peiorei um pouco, a ponto de ficar com a fala quasi imperceptivel. D. Mariana—e assim se chama a digna consorte do coronel Leoncio Machado—sem alardear sciencia e pedir cautella, applicou-me um chá de limão, que deu bom resultado. O chá, ao contrario dos remedios de botica, é saborosissimo. Si todos os medicos fossem como D. Mariana!

Enfermo impertinente, disse, porém, a todos que me quizessem ouvir que não me respondia pela dieta, pois, perdoo a Ponte o mal que me faz pelo bem que me sabe.

Os dois Leoncios não foram, como eu, á festa cívica. Curtimos em casa o nosso patriotismo, apesar de sabermos que o Dr. Berredo iria discursar com toda sua enfiatura patriótica.

Depois de amavel palestra adormeci, e dormi, não como um padre cura, mas como um justo.

Coisa boa é ter o estomago cheio, amigo na praça e uma consciencia tranquilla. Para cumulo de maior felicidade só me faltava dinheiro na caixa.

DIA 29. Tomei o dia de hoje para alguns afazeres intellectuaes, maxime porque os companheiros de banho, ou por preguica, ou por occupações, ou porque mais realistas que o rei quizessem velar pela minha saude, não me procuraram.

Recompuz as minhas notas diarias que estavam em atraso e conservadas só de memoria.

Ainda pela manhã fui com alguns amigos ao edifício em que funciona a sociedade maçônica Harmonia Caxiense. É esta uma corporação que completa o quadro descriptivo d'esta culta cidade sertaneja. Seria realmente para causar espécie que, sendo este um importante centro de população, dotado de tantos melhoramentos materiais e alguns intellectuaes, como o instituto Benedicto Leite, não exhibisse, entretanto, o selo indicador do progresso moral em sua melhor característica.

Caxias não podia se furtar ao dever da criação de uma sociedade d'este genero para boa disciplina dos espiritos e constante evocação das grandes datas moraes dos nossos antepassados para exemplo e estimulo de seus filhos.

A Harmonia Caxiense foi fundada ha pouco tempo, mas, segundo me garantiram, já tem um quadro superior a cincoenta membros e mantém a perspectiva de um futuro lisonjeiro.

Conta iniciar brevemente em seus misterios vultos importantes do logar, e—o que aliás é ocioso dizer de uma associação que visa os mais elevados fins moraes,—é constituída por uma boa parte da elite da sociedade caxiense.

Disse-me, porém, o Dr. Alarico Costa que o templo é situado em logar pouco hygienico, o que realmente é para lamentar. Seu digno veneravel, coronel Leoncio Machado, cogita, porém, fazer n'elles importantes melhoramentos, e é natural que, ao realisar-os, não esqueça os preceitos da hygiene.

DIA 29. Pretendo seguir depois da manhã para Theresina, não tomei banhos e consegui alguma melhora durante o dia, que passei, quasi todo, sem sahir de casa. Só a tarde fui á casa do Bento, tomando uma chicarade excellente café, que me offereceu D. Mariquinhas, digna mãe d'aquelle amigo.

Sahi, com elle, a passeio, não valendo a pena descrever os passos que demos.

Foi um dia para mim de pouca vida.

DIA 30. Ainda passei sem tomar banhos. Que horror! Si passar mais um dia assim, não terei coragem de me apresentar em publico.

A tarde sahi a cavallo com o Enéas Frasão e outros.

Cavalgando um bonito russo, castiguei-o bastante de esporas. Bom japonês, trato bem o inimigo, mas provando sempre poder mais que elle.

Percorri diversos trechos da cidade, que ainda não conhecia, e certifiquei-me ainda mais de que ella é bem populosa.

Vi os logares, onde, segundo m'o affirmaram, se postaram as forças combatentes de um e outro lado ao tempo da guerra da balaiada, que se originou em Caxias.

Aproximei-me também do grande predio da fabrica Manufactora, obra do eminente engenheiro dr. Palmerio Cantanhede, residente em S. Luiz. É um bonito e bem trabalhado edificio, cuja construcção, á primeira vista, revela a mão do artista.

A n'ite fui assistir a uma sessão da socieda-

de Harmonia Caxiense, que se transformou em uma homenagem á minha pessoa. Os Srs. Alcebiades Vilhena, Daniel e Leoncio Filho dirigiram-me palavras tão honrosas que deixo de mencioná-las com minha letra para não parecer vaidade. Em todo caso, conservarei a copia da acta da sessão na parte que me diz respeito.

Despedi-me de todos os amigos, declarando partir no dia seguinte para Theresina, e pon-do a disposição de todos os meus serviços. Nomeou-se então uma commissão para acompanhar-me até a estação da via ferrea.

DIA 31. O coronel Leoncio Machado que é como uma ave da minha terra, que está sempre alerta, acordou-me ás 5 horas da manhã. Aproximava-se a hora da partida do trem, ou locomotiva, como chamam em S. Luiz. Que trem aborrecido!

Tomei café e puz-me a caminho, passando pela casa onde se achava o Aristides, que com os demais companheiros, sem mais incommodos de saúde, se aprestava para seguir viagem a cavallo em direcção ao Mirador.

Ás 6 horas estava eu embarcado.

Decorridos uns trinta kilometros, mais ou menos, desenrolou-se-me á vista o agradável panorama dos campos cultivados do Engenho d'Água. Enormes tractos de terra sob a immediata acção do homem, cortados pelo arado, são ali o que ha de mais importante na agricultura maranhense.

Aquella lavoura intensiva honra aos industriaes que lhe dedicam os seus esforços patrióticos. É em todo o Maranhão a melhor tenda do trabalho consagrado á cultura dos campos, sendo ao mesmo tempo uma escola em que se aprende a ter amor á terra que nos fornece os seus preciosos fructos e se adquire estimulo ao trabalho que nos proporciona o bem estar.

Vendo e admirando aquella officina do progresso mais se firmou no meu espirito a ideia da utilidade da criação de escolas de agronomia e campos de experiencia.

Vivemos no paiz mais rico do mundo quanto ás forças creadoras da natureza. A avaliar pela fertilidade e condições habitaveis, o nosso Brazil é maior mesmo que a Russia, e a China, pois, não temos desertos, nem regiões frigiditas, onde não medre a planta humana e a terra negue os seus fructos.

Entretanto, até palitos nós importamos!

Na estação do Engenho d'Água o cidadão Pedro Neves offereceu-me uma ligeira refeição, na qual tomaram parte o João Bastos e sua digna mãe, meus companheiros de viagem.

Tendo o trem partido ás 8 horas, só ás 10 chegou a Flores, estação terminal da via ferrea que fica ao lado esquerdo do Parnahyba.

Os piauihyenses receberam-me com festas e agasalho.

Uma commissão composta dos jornalistas Drs. Clodoaldo Freitas e Miguel Rosa e diversos outros patricios nossos recebeu-me na gare ao som de uma banda de musica.

Transportamo-nos para o outro lado, atra-

vessando o rio em uma pequena embarcação.

Que triste, que dolorosa impressão me causou o patrio Parnahyba! Está hoje, no máximo, com duas larguras do Itapicuriú, o que significa dizer que está reduzido a muito menos de metade de sua grande largura na época invernal.

Mas, a grande corrente do rio natalerá, em breve, ao contrario dos homens, restabelecidas as suas forças, voltando sempre ás alegrias da quadra primaveril

«Lá virá então a fresca primavera!
Tu voltarás a ser quem eras dantes
E eu não sei se serei quem dantes era.»

A' margem direita estavam também muitos patricios á minha espera. Abracei-os, e, com todos elles, segui para o edificio da sociedade Caridade 2ª, onde fui saudado pelo Dr. Miguel Rosa e meu velho amigo José de Castro.

D'alli fui para a rua Grande, hospedando-me com o Luiz Rego, parente e amigo e companheiro de viagem até Caxias. Elle foi com o Julio Nogueira, seu genro e também parente nosso, residente na capital do Estado, esperar-me na villa das Flores, proporcionando-me bondosamente todas as commodidades em Theresina.

Acceitei-lhes o convite, não obstante já me ter sido reservado um aposento no Hotel do Commercio.

Almocei, recebi muitas visitas e tomei banho á tarde, reservando-me para no dia seguinte, percorrer a cidade.

DIA 1 DE AGOSTO. Sahi com o Dr. Luiz Nogueira, chefe de policia, em visita á cidade.

Achei Theresina com alguma differença do estado em que a deixei. Pouca differença, sim, mas em todo caso digna de attenção.

Percorri o edificio do Forum ha pouco construido, tendo uma impressão tristissima. O ninho da justiça é o que ha de mais immundo, admirando-me muito ainda não ter ella se embriagado com o mau cheiro de tanto morcego morto e tanta materia excrementicia d'aquelle viveiro de andorinhas.

A bem d'este Estado, a quem muito amo, devo consignar aqui e divulgar a contrariedade que tive ao penetrar n'aquelle santuario.

Mudem o templo consagrado á sabedoria, si não podem mudar os seus empregados.

Na mesma praça estão sendo construidos dois grandes edificios: um para a Delegacia Fiscal, que está prestes a ser concluido, e outro ainda em começo, destinado ao Congresso ou Assembléa Legislativa do Estado.

Vi o magestoso templo de S. Benedicto, dominando toda a cidade, em cuja parte posterior tem ella augmentado de ricas construcções.

Os terrenos que no centro deixei desoccupados e que no Maranhão chamamos—cháos vastos—acham-se todos ou quasi todos transformados em boas vivendas.

Por ahi se vê que a capital do meu Estado não permanece estacionaria. Vae cada vez mais se desenvolvendo.

Quanto ao serviço publico nota-se muito accentuada a tendencia do governo em dar-lhe incremento.

O governo do dr. Arlindo Nogueira deixou iniciada a empresa de canalisação das aguas do Parnahyba para abastecimento da população; e este serviço vae progredindo.

Fui a Palacio, onde estive com o governador dr. Alvaro Mendes de quem sou parente e amigo, e o primeiro assumpto da nossa palestra foi o prolongamento da estrada de ferro de Sobral a Theresina com um ramal para a Amarração. Mostrou-me elle um pedaço do «Jornal do Commercio», noticiando a sancção da lei n'este sentido, e que censura com indisivel satisfação.

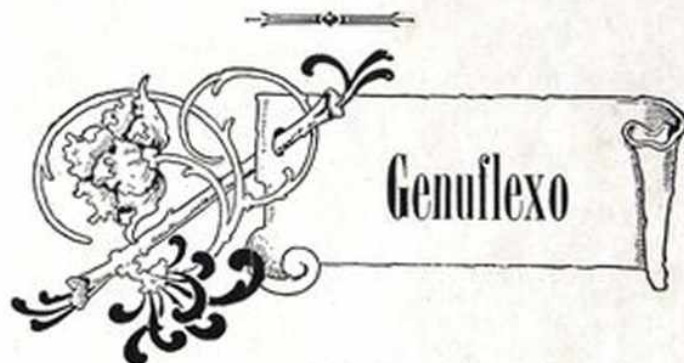
Disse-me ainda o governador que conta illuminar a cidade á luz electrica, e que, para isto, já foram apresentadas algumas propostas.

Almocei com o chefe ou antes secretario de policia, deixando-o logo depois. Anda elle bastante occupado com um roubo que se deu na Delegacia Fiscal, fazendo investigações policiaes!

(Continúa)

Bordo do vapor «Carlos Coelho», municipio de Caxias, em 25 de Julho de 1905.

ARAUJO COSTA.



A Frederico Figueira.

Alma de brilhos estellares, cheia
De transcendente, vivida belleza;
Alma que soffres a amargura alheia
E procuras lenir toda a tristeza...

Alma do Bem, Alma serena! ateia
No imo dest'alma de dolencias preza,
Toda a chamma idéal que te incendeia,
Que te arrebatá á maxima grandeza!

Baixa ao meu ser endolorido e expelle
Para longe de mim—quanto me abate,
Quanto os meus passos para o lódo impelle!

Faze que eu possa, illuminado e forte,
Ganhar, do Bem no limpido combate,
Vida que vença os vendavaes da Morte!

ALFREDO ASSIZ.

O centenario de Bocage



O centenario de Bocage, que ha dias transcorreu, presta-se a varias e suggestivas considerações. Não se pode negar que foi um documento de quanto se deve ainda esperar da educação portugueza, mas também não é licito occultar que não realisou ainda as espe-

ranças que porventura houvessem nutrido no seu intimo aquelles que pensam que Portugal deve ser uma nação intellectual, susceptivel de os collocar a par das que marcham á frente do pensamento humano. Foi alguma cousa,—o que quer dizer que podia ter sido mais e podia ter sido menos.

Já n'um remoto artigo aqui publicado, eu, tratando da projectada homenagem a Garrett, tive ensejo de consignar que somente podem esperar as grandes consagrações publicas os poetas que tenham exprimido o sentimento d'uma raça ou as maximas aspirações da humanidade. Camões fôra a gloria portugueza, tangendo uma lyra grave que reproduzia as vibrações e os echos magestosos e fortes do Mar Tenebroso; João de Deus fôra o amor portuguez, impregnado d'uma melancolia que deu aos cantos do poeta algarvio o mysterio sonhador e vago das lendas em que é rica a sua terra de moiras e fadas. Não ha nada que mais exalte o engenho humano de que a epopeia genial ou o lyrismo singelo. Não remonta a maiores alturas o cerebro que concebe as transformações historicas do mundo do que o coração que adivinha, commovido, a humilde lagrima em que transborda todo o terreno desejo a uma felicidade celeste. No mesmo nivel se encontram, como irmãs se fitam, e se comprehendem, e se abraçam e vibram,—essas duas cordas tão bellas da lyra que o genio enflora e illumina.

Terceira corda tangeu Bocage,—e foi a corda da Liberdade. No dominio das idéas a sua voz soou rouca, desvairada, turbulenta, mas por vezes singularmente animada por um maravilhoso poder de eloquencia. Note-se que eu não estou aqui apresentando Bocage como um d'esses fortes temperamentos de artista, que dedicam á acção d'uma poderosa propaganda todos os recursos harmoniosos da sua garganta feita para os cantos divinos da Poesia. Elle não teve bandeira, elle não teve seita: mas teve,—oh, se o teve!—o instincto formidavel da Liberdade. Por vezes o desconheceria, outras o renegaria: mas elle orientou, dominador e vivaz, a sua existencia inteira. Fez a guerra ao Preconceito, fez a guerra á Oppressão,—e fel-a no terreno mais fa-

voravel á eclosão de todas as anciedades mal contidas: no terreno da natureza, bella, forte e suggestionante, que a nenhum poder se subjuga e só segue, impertubavel na sua apparente desordem, as mysteriosas leis da vida.

Convenções, costumes, prejuizos, abusões, usos, praxes, tudo comprimia brutalmente o espirito da sociedade em crise em que Bocage viveu. Essa rede, esboracou-a elle, ás cabeçadas,—e quando das suas malhas se desprendeu, sentiu-se ferido, contuso, lacerado, mas respirando o ar livre. O povo para quem tudo era crime, tudo era peccado,—punidos com as prisões dos reis ou com as camas puras do inferno ou com o desprezo das classes superiores,—teve assim n'ella um vivo symbolo do seu anseio realisado.

Portanto, a glorificação de Bocage reunia todos os característicos para resultar numa comemoração imponentissima. Não o foi, mas também não foi uma festa de friesa ou indiferença.

Faltou-lhe, mercê da escassa educação publica, a expansão que deveria ter possuido. Não se comprehende, na verdade, que só Setubal se interessasse pelo centenario do grande poeta. Não consta que elle escrevesse n'um dialecto, a que poderemos chamar o dialecto setubalense. Foi n'esta formosa e sonora lingua portugueza que a todos nos foi dada como lyra que raros sabem desferir, que elle exteriorizou, em resplandecentes versos, o seu pensamento de eleição. E' certo que nasceu na linda cidade do Sado, mas a sua vida aventureira passou-se em muitos pontos da patria portugueza, sem exceptuar aquella India em que parece ter o destino fixado um dos passos mais amargos do Calvario dos nossos poetas. Não! Bocage não foi um poeta regional, á maneira d'aquelle delicioso Mistral de queos provençaes se orgulham. Foi um poeta que abrangeu idéas e levantou vôos que o collocam ao par dos que mais vastamente contemplaram e apprehenderam as lições do universo. Não se concebe, pois, que Portugal inteiro o não celebrasse, e que Lisboa, em que parece ainda ouvir-se a sua voz sarcastica ressoando no Bolequim das Parras, não tenha tomado a peito faser-lhe uma d'aquellas apotheoses que só as capitaes têm recursos para effectuar.

Faltou-lhe também a contribuição dos poetas n'este preito que a um grande poeta se rendia. A commissão de Setubal, que tomou a iniciativa do centenario, não se esqueceu de a sollicitar, tentando mesmo a organização d'um *sarau de poetas*, como numero do programma das festas, e que inteiramente fracassou, porquennem um só dos convidados compareceu, limitando-se meia duzia d'elles a enviar poesias que foram lidas por diversas pessoas. Li já a este respeito uma queixa d'um correspondente de Setubal para um jornal de Lisboa. «Convidaram-se centos de poetas!—disia elle.—Não veio nenhum!» Pois exactamente por se ter convidado centos é que foi melhor que nenhum apparecesse. Porque? A resposta dá-a o proprio correspondente: «Que-ria-se fazer uns jogos floraes...» Ora ahí está.



ARREDORES DO MARANHÃO--NO ANIL

Uma comemoração de poetas a Bocage não podia ter esse caracter. Os jogos floraes faze-se para avaliar do merito de principiantes. Nenhum poeta consagrado a elles concorre, porque seria até uma concorrência desleal. E para entoar os louvores de Bocage requeria-se um grave e eloquente tributo. Era preciso que essa homenagem, a realisassem apenas os rarissimos poetas que em Portugal tem deixado vislumbra nos seus cantos a scintilla maravilhosa do Genio. Quem poderia produzir trabalho, digno de Bocage,—um dos cinco ou seis grandes poetas que Portugal pode apresentar ao lado dos excelsos nomes da litteratura europeia? Verdadeiramente só um homem: Guerra Junqueiro, que é o unico que realisa as condições de perfeição que desenhavam definitivamente, na historia da arte, o vulto d'um grande artista. Incensar a memoria de Bocage com balbuciamientos de subalternos, seria diminuir-a aos olhos do publico, e não engrandecel-a.

Mas se Bocage não teve o seu centenario celebrado, como devia ter em todo o paiz, se Lisboa apenas lhe tributou a homenagem official d'uma lapide na fachada da humilde casa em que falleceu, se não houve uma lusida representação de poetas que, se não deviam lá ir-se-lhe dirigir como eguaes, deviam contudo encorporar-se no cortejo que se lhe dedicou, como discipulos,—em compensação teve uma bella homenagem ao seu espirito, nos discursos que Theophilo Braga a seu respeito proferiu, na cidade Sadina, e um quente agasalho ao seu coração no peito de todo o povo da sua terra que n'esse dia commovidamente o saudou. Theophilo unio á sua memoria, n'um caloroso amplexo, o espirito do pensamento moderno, que tantas vezes elle visionou, nos seus raptos de inspiração poetica. O grande pensador poz em foco o alto valor intellectual, social e philosophico da obra de Bocage. Esse sim, que era digno de chegar ao pé do admiravel artista, e apertar-lhe a mão, como um camarada, n'essa altura resplandecente a que Victor Hugo chamou a «região dos Eguaes».

Por sua parte, o povo, com a sua intuição formidavel e logica, não esqueceu o que devia ao homem que despedaçara grilhões identicos aos que ainda hoje lhe comprimem a acção e o espirito. Não esqueceu que elle se dava melhor, vivendo no seu pobre meio, do que nas arcadias decadentes em que poetas fraldiqueiros esbrugavam ossos arremessados das cosinhas dos fidalgos. Não esqueceu que elle ia buscar á viva frente das suas emoções o segredo das suas lyricas e das satyras. E acompanhou-o, tão devotada, tão unanimemente, que até se deu o caso de, no dia seguinte ao cortejo, não haver peixe em Setubal porque todos os pescadores tinham deixado de ir ao mar, para acompanhar a grande manifestação feita em honra do seu poeta.

Por isso eu disse, no principio d'este artigo, que se o centenario de Bocage podia ter sido mais, tambem podia ter sido menos. Foi alguma cousa, repito,—porque é alguma cousa ver este

admiravel *élan* da alma popular, vibrando de forma tão singela mas tão commovente, ao ouvir proferir o nome do immortal vate que em tantos delirios se abraçou, mas que tão formosas cousas disse, correspondendo a sentimentos tão bellos. Entre a Poesia e a alma popular ha uma estreita communhão que se não pode quebrar, sem que a Poesia resulte inexpressiva e esteril. Poeta que apenas queira referir sensações requintadas e exclusivistas nunca passará do diminuto ambito de *cercles*, ou academias. O sentimento tem que se universalisar para ser communicativo, eloquente e fecundo,—porque, na realidade, o que todos procuram nos cantos d'um poeta não é mais do que a emoção que já sentimos e que os nossos labios impotentes não podem pronunciar nem a nossa debil imaginação exprimir em forma que seja tão bella quanto essa emoção foi viva.

MAYER GARÇÃO.



A Astolfo Marques

Espalmo-a, vejo-a bem. Vulgar; as unhas rombas.
Se o destino quizesse, a dextra aristocrata
De um principe seria ou, sacudindo bombas,
Mão de nihilista; mão de rei; mão de pirata.

Ensopada de sangue em torvas hecatombas
Mão bandida apertando uma adaga de prata...
Mão de poeta a escolher, voando assim como pombas,
Rimas no escritorio ideal de perola e escarlata.

A um gesto do destino ella seria tudo,
Tudo! Um sceptro, punhal, mesmo um bordão que fosse!
—Peregrina, fidalga, homicida... Contudo

Se me arrancasse d'alma a menor dôr sequer,
Beijára a propria mão, porque é sagrada e doce
A mão que cicatriza uma chaga qualquer.

Curytiba.

EUCLIDES BANDEIRA

O amor na mulher é como o perfume na flor; evulado aquelle fica esta sem valor.

CALINO JUNIOR.

A evolução da vida



Quando attentamos no «homem pre-historico», inerte, tendo de lutar com uma natureza cheia de hostilidades, disputando as mais das vezes ás feras o alimento de cada dia,—e quando o comparamos com o «homem actual», precavido por mil modos contra as durezas do clima e por mil modos garantido dos rigores da fome; quando attentamos no homem armado de uma tosca lamina de silex, ou (quando muito) possuindo uma faca de pedra polida, alguns furadouros feitos d'ossos e de espinhas, e um pilão (que, servindo-lhe para moer os grãos, fazia ao mesmo tempo o officio de martelo),—e o comparamos com o homem actual, servido por milhares d'instrumentos e de utensilios que lhe são ministrados pela industria moderna, possuidor da bussola, do relógio, e da balança; quando attentamos no homem que, dispondo apenas dos instrumentos de pedra e do simples esforço dos seus musculos, não conhecia a alavanca, nem o sarilho, nem a roda,—e o comparamos com o homem moderno, senhor de uma infinidade de machinas servidas pelo carvão, pelo vapor, e pela electricidade; quando comparamos o homem da *idade de pedra* como o da *idade de ferro*; quando confrontamos o homem primitivo com o descobridor do vidro e das substancias explosivas; quando comparamos o homem que pelo esforço limitado da sua marcha se achava confinado n'uma pequena área, imbaraçado a cada momento na passagem de uma serra, de um barranco, ou de um regato, com o homem que tem ao seu serviço toda a especie de vehiculos e a força dos animaes, o homem que tem o caminho-de-ferro e a navegação-a-vapor, o homem que corta o istmo de Suez e o de Panamá, e pratica os túneis do Monte-Cenis e de Monte de S. Gothardo; quando, ao homem que apenas podia communicar com o seu semelhante por uivos e por gritos, antepomos o homem que fala, que lê, que escreve, expande as suas idéas por meio da imprensa, do telegrapho, e do telephone; quando antepomos ao homem simplesmente reduzido aos seus sentidos aquell'outro que pode centuplicá-los por meio de instrumentos taes como o microscopio e o telescopio; quando collocamos frente a frente o homem nũ, dormindo á sombra das ramarias, nas tocas das arvores e nas cavernas, e o homem que vive em sumptuosos palácios, cercado pelas magnificencias da commodidade e do luxo; quando comparamos a singeleza da vida primitiva com a complexa engrenagem que caracteriza a sociedade moderna no governo, no commercio, na industria, nas artes, nas

letras e nas sciencias; quando com a singeleza do sentimento, das paixões, e da concepção do homem pre-historico, comparamos a variedade de paixões e sentimentos que agitam o homem moderno, bem como o poder d'observação e a grandeza das concepções scientificas de que elle é capaz; quando finalmente põmos de um lado o *troglydyta*, ou ainda mesmo algum exemplar de certos povos hoje existentes (os Papúas, os Hotentes, os Australianos), e do outro lado, em confronto, homens taes como Newton, Darwin, Tyndall, Lamarck, Pasteur, e Hæckel:—sentimos á primeira vista que um abysmo insuperavel separa essas entidades em dois grupos distinctissimos. E todavia a simples reflexão, sãe observação superficial sobre as raças humanas, ou mesmo em volta de nós, dentro do nosso circulo social, mostra que de uns para outros se passa por transições insensíveis e graduas, sem ficar sombra alguma de duvida. O saber adquirido e accumulado de geração em geração, capitalizado e legado desde muitos milhares de seculos, constitue a famosa herança que tanto insubergece a sociedade actual, que tanto a differença dos seus antepassados, cujos vestigios certos encontramos nos utensilios pertencentes á *idade de pedra*.

Muito de proposito chamamos a attenção dos leitores para estes factos,—banaes talvez, mas que representam a serie dos progressos, por que se ligam o homem antigo e o homem moderno (entidades tão differentes á primeira vista que chegam a assumir a apparencia de especies diversas). Quizémos obrigar os leitores a que acreditassem pela sua reflexão no extraordinario progresso feito pela especie humana,—progresso indubitavel porque assenta sobre documentos incontestaveis (ossadas humanas, instrumentos silex e differentes pedras, instrumentos feitos de ossos, e mais tarde vestigios de fogo, assim como sepulturas,—descobrimientos estes que em variadissimos pontos da superficie do globo se tem realizado). E' hoje indubitavel que o *Homem*, depois de uma vida errante, se reuniu em grupos, e que desde esse momento começou o maravilhoso poder da divisão do trabalho: fez-se successivamente caçador e pescador; entrou na vida pastoril, na vida agricola; fez-se guerreiro e industrial; dividiram-se officios e mestércs; crearam-se pouco a pouco as aptidões mais variadas. O homem sahido das cavernas levantou tendas, aldeias, villas, cidades, imperios.

Acceito, como não podia deixar de ser, o progresso de que falamos,—o espirito dos leitores fica preparado para abranger mais largos horizontes, porque vamos tratar de uma serie mais vasta de progressos, vamos tratar da *serie animal* incadeada de um extremo ao outro por uma serie não interrupta de gerações.

Se procuramos classificar e ordenar os seres do reino animal pela ordem das suas maiores similhanças exteriores, prestes ficamos impressionados pela circumstancia de se acharem elles grupados em serie principaes, sobre as quaes se inxertam a differentes alturas series secundarias,

sobre estas outras, e assim por diante. Nota-se sempre que para um lado ficam os animais mais simples, e para o outro os animais mais complexos; que esta complexidade se mostra tanto no numero dos órgãos como na sua perfeição, como ainda na esphera d'acção que cada um dos seres tem sobre o meio que o cerca. Se profundarmos mais o estudo intrando pela estrutura interna d'esses animais,—as relações entre elles mostram-se cada vez mais intimas; a idéa da serie arraiga-se mais no espirito do observador; a idéa de um parentesco resalta claramente; e as series de que falamos parecem converter-se por um modo natural em uma arvore genealogica cujo tronco fôsse commum a todos os ramos animais. Poderia, entretanto, dar-se o facto de ser simultanea, e não successiva no seu apparecimento, esta complicação crescente de que falamos; d'este modo as series ficariam, mas teriamos de abandonar a hypothese genealogica.

O estudo da Paleontologia encarrega-se de resolver esta questão. Sabe-se que a Terra passou por uma *idade de fogo* ou *idade plutonica* durante a qual toda a gua se achava na atmospheria, reduzida a vapor. Pelo resfriamento cessou a *idade de fogo*, e passou-se á *idade das aguas* ou *idade neptunina*; n'esta idade a chuva em torrentes dissolvia e desagregava as rochas, formando uma vasta inundação de aguas carregadas de materiaes terrosos cujo deposito lento e gradual no fundo dos mares foi deixando esses estratos mais ou menos parallellos e sobrepostos que cobrem quasi toda a superficie do globo, depositos que tem continuado até aos nossos dias, ainda que n'uma escala decrescente; esses depositos chamam-se *terrenos estratificados* ou *neptuninos* para se distinguir dos *terrenos plutonicos*. Sabe-se, por outro lado, que a vida organica começou á superficie da Terra depois

que esta entrou no periodo neptunino; nem de outro modo podia ser, porque não se concebe a existencia de seres vivos antes que se formasse a agua liquida, facto este que é demonstrado pela existencia de restos animais em todas essas camadas, somente n'essas. Ora, se nós inventariamos o espolio dos seres organizados nas diferentes camadas geologicas, visto como cada uma d'ellas contém restos d'animais seus contemporaneos, succede que á proporção que nós vamos caminhando no exame d'esse espolio, a contar das camadas mais antigas (os *terrenos archilithicos*) para as camadas mais modernas (os *terrenos anthropolithicos*), succede que as formas a principio as mais simples se vão successivamente complicando á proporção que subimos para as formações geologicas modernas, e que esta complicação se vai fazendo pelo mesmo modo e com a mesma ligação que encontramos nas series vivas sobre que fizemos o nosso primeiro estudo. Não resta, pois, duvida alguma de que houve uma verdadeira successão no tempo em que essas formas appareceram á superficie do globo; a descendencia é manifesta, e tanto mais, quanto mais se estudam e comparam essas formas successivas; a arvore genealogica do reino animal, toda proveniente de uma mesma raiz, é um facto provado.

Os organismos complicam-se em virtude de duas leis principaes; *herança* e *adaptação*. Uma geração lega á outra as suas qualidades; esta adapta-se e adquire novas faculdades que transmite á geração seguinte, e assim por diante. Capital e juros accumulados: capital de herança, e juros de adaptação.

Como se os argumentos exhibidos por Darwin não bastassem para provar a theoria genealogica,—outra ordem de estudos veio lançar sobre a questão a mais brilhante e inesperada luz que poderia imaginar-se. Referimo-nos aos estudos da Embryologia,—dos quaes Hæckel com o seu extraordinario talento fez uma sciencia nova. Antes de intrarmos, porém, n'este assumpto, cumpre-nos dizer duas palavras sobre a estrutura dos corpos organizados.

Quando se estuda anatomicamente um animal, vemos logo que o seu corpo se divide em differentes districtos ou *apparelhos* (taca como: o *apparelho nervoso*, o *apparelho digestivo*, o *apparelho locomotor*, etc.) Estes apparelhos dividem-se ainda em partes mais pequenas (*órgãos*); assim no apparelho locomotor ha ossos, ligamentos que prendem esses ossos, e musculos que os movem. Estes órgãos decompõem-se ainda em *tecidos*; e os tecidos decompõem-se por ultimo em elementos mais pequenos, chamados *cellulas*. As cellulas, são unidades vivas; a vida de um órgão, de um apparelho, de um animal, é a somma das actividades de todas as cellulas que o compõem; a cellula não pode mutilar-se sem que seja ferida de morte; a cellula, mesmo quando vive em commudidade, tem uma vida que lhe é propria; a cellula nutre-se,—isto é absorve principios de um meio ambiente, com que se re-



Estado do Paraná—União da Victoria—Bate estacas a vapor da ponte provisoria sobre o rio Iguaçu (phot. amador Egidio Pilotto)



A MODA DA REVISTA

param as perdas que ella sofre na sua actividade,—e deita fóra os residuos d'essa mesma actividade; a cellula reproduz se,—isto é, divide-se, dando origem a novas cellulas que crescem, e se reproduzem por sua vez; a cellula sente; a cellula move-se; e são estes os caracteres da vida que se observam em todas as cellulas.

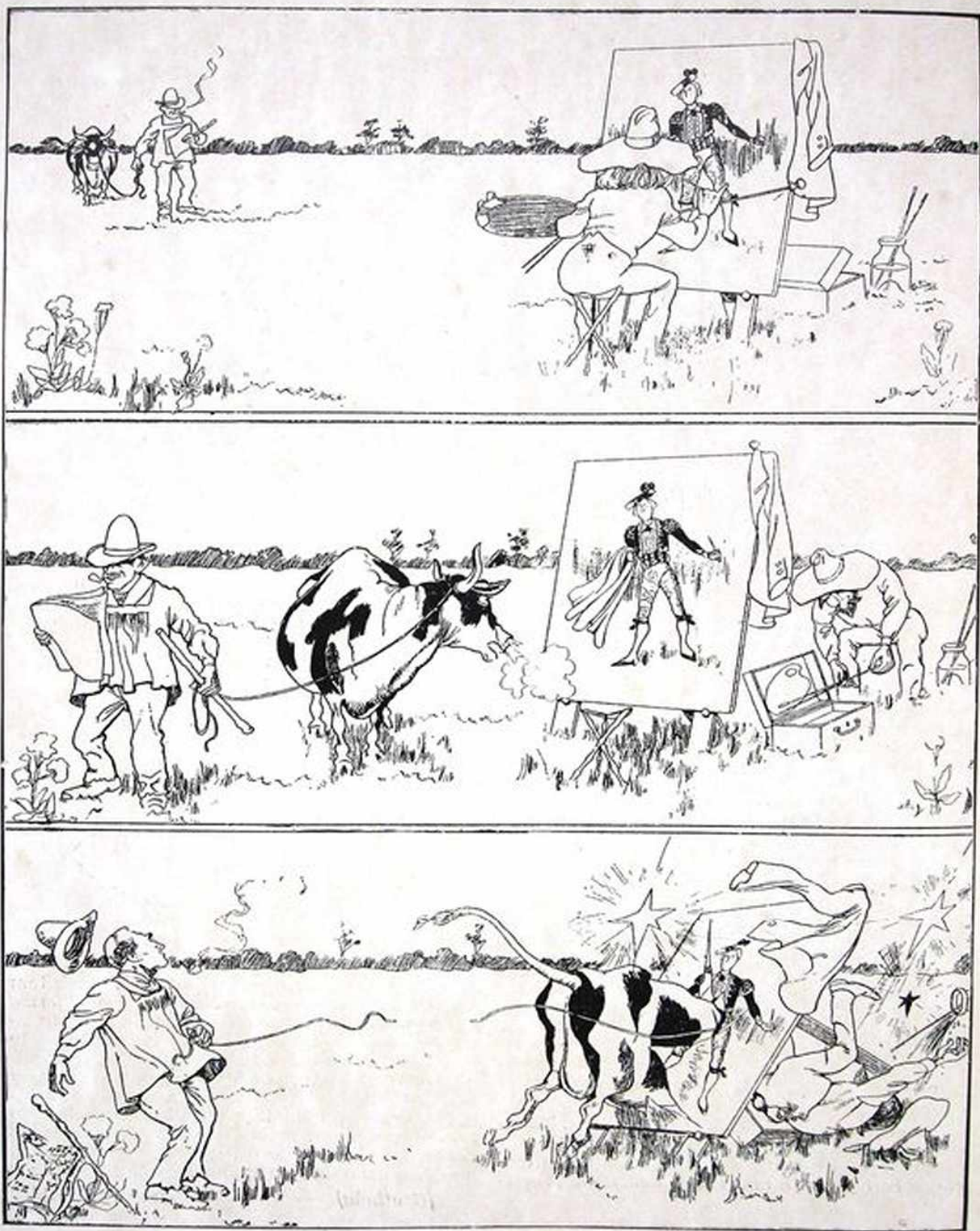
As cellulas são formadas por uma substancia albuminoide, analoga á gelatina e á clara-d'ovo; compõe-se de um *nucleo* interno (uma especie de caroço) e de uma substancia molle, semi-

fluida, que o envolve e cerca (esta substancia tem o nome de *protoplasma*). *Nucleo* e *protoplasma* são as partes fundamentais de uma *cellula*; todavia este organismo complica-se frequentemente de partes secundarias, entre as quaes figura principalmente a formação de uma membrana ou pellicula que envolve o *protoplasma* (taes são as cellulas que se encontram por toda a parte, no reino organizado, mais ou menos modificadas conforme o destino e o papel que representam no organismo de que fazem parte).

(Continúa)

RODRIGO PEREIRA

HISTORIA MUDA



A REVISTA DO NORTE

ANNO V

NUM. 9

Maio de 1966



O MEZ

O Jayme de Avelar e o Henrique Neiva furtaram-se covardemente á responsabilidade da cronica do presente mez.

O primeiro, acobertando-se com a sua classica neurasthenia, declarou-se incapaz de traçar duas linhas que se pudessem ler; o

segundo dizendo-se ainda estremunhado pelas noites que perdeu com a Companhia Tomba, igualmente confessou-se abaixo da tarefa exigida.

Nestas condições, o Alfredo e o Lobo lembraram-se da minha humilde pessoa e incumbiram-me de rabiscar as linhas que se vão ler. Quiz tambem recusar-me, mas os dois rapases de tantas lamurias usaram que, afinal de contas, aqui estou de penna em punho, tendo diante de mim uma ruma de tiras brancas a encher.

O mez foi um mez cheio, não ha que ver: Companhia Lyrica no S. Luiz, Exposição da Festa Popular do Trabalho, na residencia do Professor Fernandes, festejos marianos nas principais egrejas da capital.

A despeito de tudo isso, porem, não me sinto disposto a bordar extensos commentarios ácerca de nenhum desses tres acontecimentos.

De musica nada entendo; a não ser a *Maria Caxuxa*, a *Carolina*, que horas são estas e outras modinhas de igual jaez que desde a minha infancia ouço cantadas pelos trovadores indigenas, tudo mais entra para mim na categoria do incompreensivel. A *Traviata*, a *Bohemia*, a *Cavallaria Rusticana*, etc., etc., de que toda a gente fala e que toda a gente aplaude, deixam-me, quando as ouço, inteiramente em jejum. Por mais que me esforce, não consigo tomar pé naquella *mare magnum* de sons e de claves. Os outros



CARLOS HUMBERTO REIS

Primeiro Bacharel em Sciencias e Letras pelo Lyceu de Maranhão

acham tudo muito bom; eu fico para aqui assim, nem carne, nem peixe. Não entendo.

De trabalho, muito menos. Acho que o ideal seria viver a gente na santa pandega, sem consumições e sem suor. Não posso, portanto, comprehender o intuito dos que tiveram a triste idea de criar entre nós uma Festa do Trabalho, como se o trabalho fosse coisa que se festejasse. Trabalho é coisa a que a gente se sujei-

ta, porque não tem outro remédio e de que estaria a humanidade livre se não fosse a pouca vergonha do Adão com a Eva no Paraíso.

Deixo, portanto, de parte a Exposição e passo adiante.

Resta-me o mez de Maria. Nessas coisas de devoção, sou muito circumspecto, para não melindrar susceptibilidades, de forma que só o que me resta fazer é pôr aqui o meu nome, pedindo aos leitores da «Revista» que aguardem o mez vindouro, em que o Jayme e o Henrique de certo lhes contarão coisas dignas de serem lidas.

Eustachio RAMOS.

A FELICIDADE REPUBLICANA



Impregnados dessas idéas—sobre o papel de Estado, os políticos sul-americanos são conduzidos fatalmente a considerar os regimens políticos como cousas que existem e que devem existir por si mesmas, independentemente dos interesses geraes das populações.

A muitos republicanos sinceros se afigura que a *Republica* tem razões de ser abstractas, fóra da felicidade dos povos. Para elles a *Republica*—por effeito de qualquer virtude intrinseca destas quatro syllabas—basta para se justificar a si mesma. Adopta-se o regimen republicano para possuir-se esta cousa mirifica—*REPUBLICA* !...

Não pensam que tal regimen tenha sido adoptado por ser aquelle capaz de dar ao povo a maior dóse de felicidade, e que é por isso, unicamente e exclusivamente por isso, que elle deve existir. Era um estado social *melhor* que se pedia, quando se pedia a *Republica*. Sim, esta palavra, só ella, transportava os corações, porque em cada letra ardia um ideal: justiça, reparação, solidariedade, belleza nas almas e nas cousas. Se a sonoridade destas syllabas inflamava os enthusiasmos, é porque estavamos certos de que o dia em que pudessemos acclamala na praça publica seria o dia do renovamento, e que ella traria consigo todos os progressos politicos e sociaes—a eliminação de todos os abusos, liberdade e amor entre os homens, um pouco de felicidade para os que esperam justiça e carinho desde as primeiras idades. Era isto o que se acclamava na *Republica*, e não esta em si, que, abstracta, nada significa. E dos estadistas exige-se que a façam concreta. Longe de se contentarem por haver proclamado o regimen republicano, elles devem inquirir das convicções sociaes; indagar se as populações se sentem

mais felizes, examinar e estudar as causas dos males que ainda os atormentam, para combatê-las efficaçmente, para ir, a pouco e pouco, preparando essa felicidade que a *Republica* deve dar aos povos. Ha trezentos annos, já, que Bacon reclamava das leis: tivessem como objectivo exclusivo fazer os cidadãos felizes. Taes idéas, porém, não os occupam. Procedem, esses republicanos, como se a *Republica* fosse uma realidade á parte, cujo papel é o de conferir ás nacionalidades uma nobreza politica especial, e cuja posse, por si só, as deva contentar. Por isso elles pedem, os mais puros, ás gentes: que se *sacrifiquem*, que se resolvam a *soffrer pela Republica*—por esta cousa existente apenas no papel, e cujos principios essenciaes são diariamente transgredidos pelos mesmos que os inscreveram em leis, e que julgam haver cumprido, assim, o seu ultimo dever (1).

E, apezar de tudo isto, exigem que os cidadãos, em nome da *Republica*, não vejam taes cousas, e sofram silenciosos e resignados quanto fôr preciso para que os homens que encarnam o Estado, e o mantem tão oneroso, tyrannico e inutil como se fóra o dominio monarchico—para que esses homens se possam orgulhar do titulo de *Republicanos*. E' como se dissessem: «Pois vocês não teem a *Republica*; que mais querem?... Contentem-se e arranjem-se, que o Estado nada tem que saber—se o povo é feliz ou não». O dever do *Republicano* seria abdicar a qualidade de cidadão, desistir de melhorar de sorte, renunciar aos seus ideaes, ou, pelo menos, adia-los para os longes das utopias inaccessiveis, e transigir com a iniquidade... E' por ahi que se chega a aberrações como esta. Fez-se a *Republica* no Brazil, e adopton-se o regimen da democracia pura, o suffragio universal; o governo seria, apenas, um mandatario—o delegado, representando a vontade da maioria da Nação. Tal é a essencia do regimen—um orgão governamental em nome da maioria. Não sendo, assim, não concorrendo a maioria das vontades para instituir os poderes publicos, está falseado o systema. Ao mesmo tempo, comprehendendo, e comprehendendo muito bem, que, hoje, o individuo analphabeto não é um cidadão completo, e que, numa democracia, todo o cidadão deve conhecer os seus direitos e deveres—comprehendendo isto, a constituição republicana estabelece que: «só serão eleitores os indivi-

(1) No Brazil, por exemplo, decretou-se a separação da Igreja do Estado, plena liberdade de consciencia. Para ser completa e radical, a *Republica* desistiu mesmo—erroneamente—de fiscalisar esse poder espirital, que ali existe, influido grandemente sobre as populações, e empregando, geralmente, essa influencia para contrariar as idéas republicanas; decretou-se a inteira neutralidade do Estado, sendo-lhe defeso até o defender-se. Depois, o proprio estadista que subscrevera o decreto, por espirito de mera cabotinagem, vae, no esplendor das suas funcções, ao som de todas as fanfarras nacionaes, inclinar a sua autoridade, ajoelhar o Estado e as forças republicanas diante dos deuses catholicos, arvorados na festança com que o patriotismo de ultramar comemorou uma das suas boas descobertas...

duos que souberem ler e escrever». No entanto, ocorre que, no paiz, apenas 10 % dos cidadãos sabem ler e escrever, e vem d'aquí que, mesmo quando as eleições fossem puríssimas, ainda assim, o regimen estaria falseado—porque apenas 10 % dos cidadãos iriam ás urnas. Em hypothese nenhuma seria uma *Republica* democratica, pois que o governo representa a vontade de uma minoria insignificante, e o suffragio universal—uma burla, visto a ignorancia absoluta das massas. Dado isto, qual o dever do Estado-Republica? Mandar ensinar a ler e a escrever a esta população de analfabetos. Bem, ha treze annos que existe a Republica, e, em todo esse tempo, nenhuma voz reclamou contra este absurdo, ninguém se occupa do assumpto.

Quem quizer ter a impressão bem sensível d'essa despreocupaçãõ leia os relatorios dos Ministros de *Instrucção Publica*: nem uma palavra sobre a instrucção popular; mesma quanto aos outros ramos de ensino, nem uma nota sobre o progresso da instrucção em si; reformas, programas, etc., tudo vem tratado sob o ponto de vista estritamente administrativo, sob o ponto de vista dos interesses privativos do Estado (1).

Qual o resultado ultimo de tudo isto? Desappareceu a autoridade que se impunha em nome de direitos privativos, sem—direitos de essencia divina; vem uma outra, em nome da vontade collectiva; mas esta vontade não existe—é o que está na consciencia de todos; não existe, porque a oligarchia, interesseira e sceptica, já perdeu todo o poder politico, e distribue entre si os cargos e as funções, não escondendo, nem nos actos, nem nas palavras, o desprezo pelo chamado *voto popular*; não existiria, ainda que as classes dominante o quizessem, porque falta ao povo a consciencia dos seus deveres e direitos, e a intelligencia para usar delles. E o resultado final é uma successão de mentiras, chimeras apodrecidas, á lembrança das quaes os ingenuos, os crentes, de hontem se lamentam e choram desillusões, enquanto os «arrivistas» os olham com o desprezo superior de quem vae alcançando alguma cousa. Lamentam-se aquelles, desfiem queixumes, esquecidos de que foram elles proprios que prepararam as desillusões—mentindo ao programma que hontem pregaram, realizando uma Republica que desconhece ou esqueceu o ideal que era a sua razão de ser, uma Republica adaptada ás instituições e costumes monarchicos que pretendia eliminar, não repellindo senão aquillo que devêra afirmar, uma Republica onde só os reaccionarios se sentem bem... E permitem, com isto, que a accusação se formule: «A Republica mentiu ás suas promessas». Não: foram os homens que mentiram ás suas idéas.

MANOEL BOMFIM

(1) Nesta hora não ha, no mundo official do Brazil, quem possa dizer qual o estado da instrucção popular, nem sequer o numero de escolas.

Impressões de viagem

(CONCLUSÃO)



O Piauhy também accusando roubo nas repartições federaes!

Quem diria que elle até n'isto havia de acompanhar o progresso da Republica!

Soube, porém, que o roubo não excede de uns dez contos de reis, com quanto houvesse muito dinheiro no cofre violado. Por este motivo, já se disse que não devem as autoridades divulgar semelhante noticia para que os outros Estados

não lancem o ridiculo sobre o nosso.

DIA 2. Ainda percorri a cidade no intuito de adquirir novas impressões.

Nunca vi lugar tão quente. O que vale é que as ruas, que são todas bellamente alinhadas, são bastante largas e as casas não são de sobrado, facilitando, por isto, a ventilação, si tal nome se pode dar a branda aragem que sopra de longe em longe, mal attenuando os ardores da canicula. Também pouco os abranda a feia e espaçada arborisação.

Mesmo de chapéo de sol aberto, sente-se um calor de rachar. Que pena, em uma cidade de tanto futuro!

Não tem calçamento e creio que peor seria si o tivesse, porque as pedras augmentariam o já demasiado calor. Só si fosse um calçamento de madeira, que seria enormemente dispendioso e sujeito a constantes reformas.

Dahi resulta que, sendo o local bastante arenoso, constantes nuvens de poeira estão sempre a nos emporcalhar a roupa, fazendo-nos aspirar um ar muitas vezes viciado.

Urge levar avante a empresa de canalisação d'agua, fornecendo o precioso liquido por preço muito modico. E' o unico meio de pôr termo ao transporte d'agua em costas de animaes, cujas caravanas, percorrendo as ruas diariamente, fazem levantar o pó em todas as direcções.

E' desagradavel para quem chega de S. Luiz, hoje optimamente ajardinada, bem calçada e soprada pela viração maritima, expor-se aqui á poeira e ao desapiedado sol equatorial.

Recebi á noite uma commissão da sociedade de Caridade 2.ª que veio convidar-me para uma sessão literaria em homenagem á minha pessoa. Como de meu dever, accedi ao convite, contando apparecer no dia e hora aprasados.

Tive noticias de meu companheiro, o dr. Homem Bom, que está fazendo furor. Que o cha-

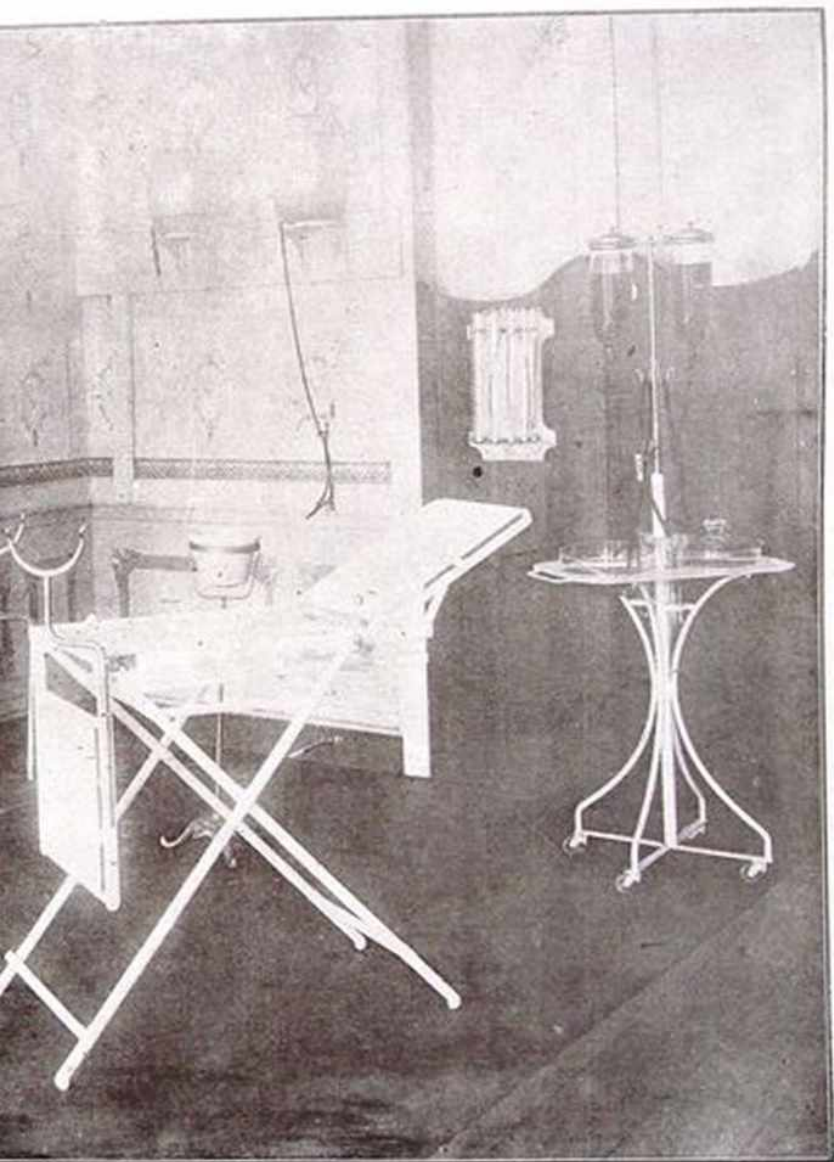


CONSULTORIO DO DR. ALMIR NINA — GABINETE DE CONSULTAS E DE ANALYSES

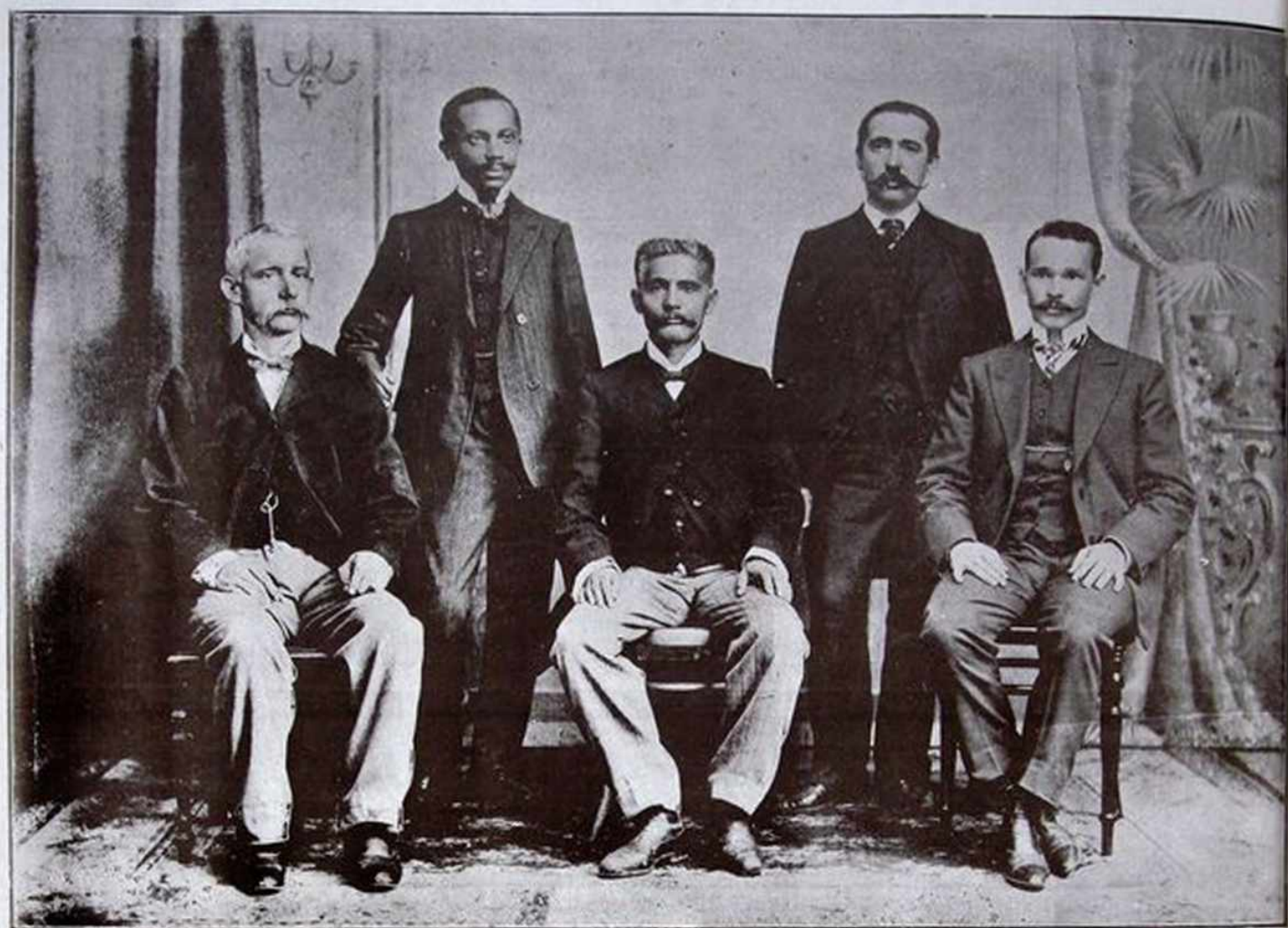


Typogr. Tex.

CONSULTORIO DO DR. ALMIR NINA—



GABINETE DE EXAMES E INSTRUMENTARIUM



FESTA POPULAR DO TRABALHO—OS REORGANISADORES DA SOCIEDADE

mem a vontade ! Eu é que o não quero á minha cabeceira.

De medicos, bastava, para mim, os que têm juizo, os quaes, entretanto, contam nos nossos cemiterios grande numero de monumentos para perpetuar-lhes a memoria.

DIA 3. Pretendia ir amanhã a Caxias, mas, em virtude de uma carta do Bento, hoje recebida, mudei de resolução. Não me é possível, pois, tomar novos banhos na Ponte antes de minha volta de Oeiras.

Nada se tem sabido sobre o roubo da delegacia fiscal. São taes e tantos os boatos que correm, que será melhor deixal-os todos de quarentena. Já se chegou mesmo a dizer que no balanço dado verificou-se, não desfalque, porém um saldo ! O diabo é que o thesoureiro pode reclamá-lo.

O Piauíhy daria uma nota brilhante si tal coisa acontecesse n'esta quadra chamada com muita propriedade — a epoca da roubalheira.

Passei bem o dia. Tomo sempre dois ba-

nhos, não tão bem como os tomava em Caxias, mas banhos de cuia, que é a peor instituição destes ultimos tempos. Isto acontece, porque o intendente Domingos Monteiro, por excesso de zelo, prohibiu os banhos no rio, onde *in illo tempore* faziamos tantos exercicios de natção.

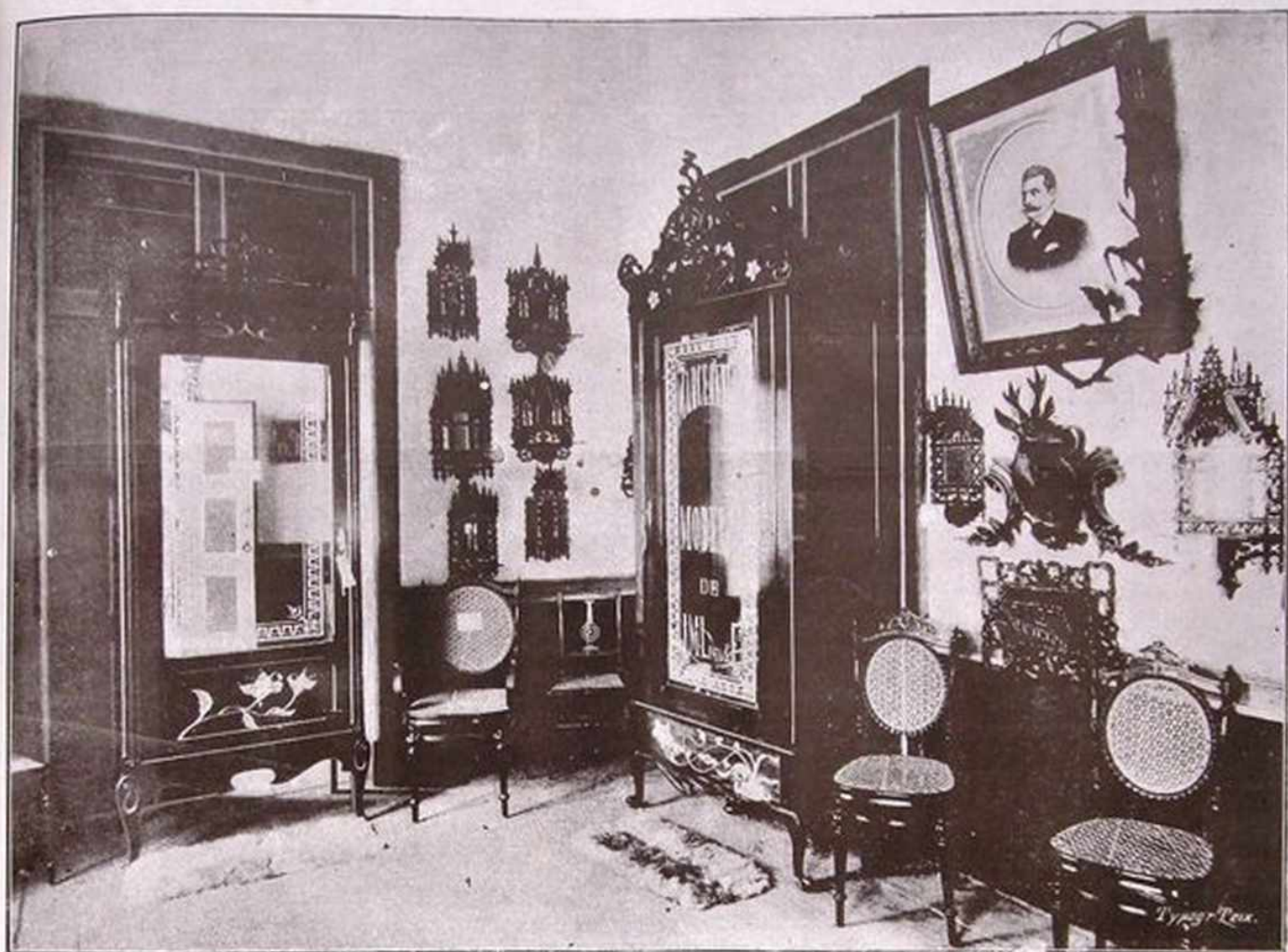
E' conveniente fazer preces publicas, pedindo-se que termine o governo municipal do Domingos. Si ha um Deus nas alturas, é preciso que elle tenha alguma utilidade.

Visitei o dr. João Cabral, patricio distincto, que acaba de chegar de Manãos.

Não podia deixar de cumprir este dever.

O Cabral é um piauihyense que honra o nosso Estado. Character inquebrantavel, não ha vicio que o possa corromper. Foi contemporaneo, em Pernambuco, e creio que até companheiro de casa, de dois outros patricios nossos, o que o Piauíhy tem produzido de peor, sem excluir mesmo o lixo das praias. Entretanto, nunca se deixou impregnar pelo virus corruptor.

Reside actualmente no Amazonas, mantendo



FESTA POPULAR DO TRABALHO—SECÇÃO DE MARCINARIA

sempre invulneráveis as suas qualidades moraes.

É um moço equilibrado. O desenvolvimento da intelligencia nunca lhe causou alteração no senso moral. É um espirito bastante cultivado, muito amigo do torrão natal e, sobretudo, um forte, um trabalhador.

Pauperrimo, passou debruçado sobre os livros a quadra de seus dias mais florida, percorrendo toda a escala de privações, mas, vencendo, por fim, todas as dificuldades.

Foi meu professor de allemão no Recife e parece consagrar-me boa somma de afeição, o que é para mim motivo de desvanecimento.

Recebeu-me com o riso nos labios e apertou-me duas vezes contra o seu grande coração. Gosto immenso do Cabral.

DIA 4. Passei o dia optimamente, a despeito do grande calor que fazia. Para evital-o resolvi dormir de dia, quando elle se torna mais insupportavel, o que faço depois de um banho frio; e

trabalhar á noite, quando elle é menos intenso. O que succede é que, quando acordo, estou alagado de suor.

Em todo caso, parece que me darei bem n'este regimen. O peor é que o Julio Nogueira acorda-me constantemente, offerecendo-me sorvete, (felizmente já se encontra gelo em Theresina), café, almoço, jantar e outras coisas mais, o que fora longa enumerar; e regando as refeições com vinho, mesmo sem se pedir. Parece que este Julio nunca recebeu lições do Amaral.

Assentei-me á tarde defronte da casa commercial de Antonio Campos, de quem o Julio é socio, pois é habito aqui e coisa do bom tom sentar-se a gente na *calçada*, como se chama em Theresina, ou *passeio*, como se diz em S. Luiz, das 6 horas da tarde até ás 8 e 9 horas da noite.

Este uso nasceu naturalmente da necessidade de fugir ao calor interno das habitações,



FESTA POPULAR DO TRABALHO—SECÇÃO DE ARTES E INDUSTRIAS

quando o sol tem a generosidade de nos deixar em paz.

D'ali observei um espectáculo curioso:—duas nuvens negras e movediças dirigindo-se da cidade para a matta.

E, coisa interessante, vemos-as sempre tomar aquella direcção, sabendo do centro da cidade, mas não as vemos terminar: estão sempre a sair do mesmo lugar até ao anoitecer quando as perdemos de vista.

Advinharão o que isto seja? *Hoc opus, hic labor.* Não é o ar que se condensa, não é nuvem de chuva, nada d'isto. São morcegos que se retiram de suas habitações, que em regra são as igrejas e outros logares inhabitados, demandando a Chapada do Curisco, onde vão chupar frutas e sugar o sangue de outros animaes.

Voltam, segundo me disseram, pela madrugada, afim de dormir de dia, o que aqui não lhes posso censurar.

Nunca vi tanto morcego.

Já um dos jornaes desta terra noticiou uma occasião que o governo resolveu dar combate a esses importunos habitantes da cadeia publica. Pois bem, destelharam o edificio, que aliás não é desoccupado pelo homem, e terminada a luta contaram doze mil morcegos mortos no campo de acção, ficando, porém, estafados, vencidos pelo cansaço os defensores da legalidade.

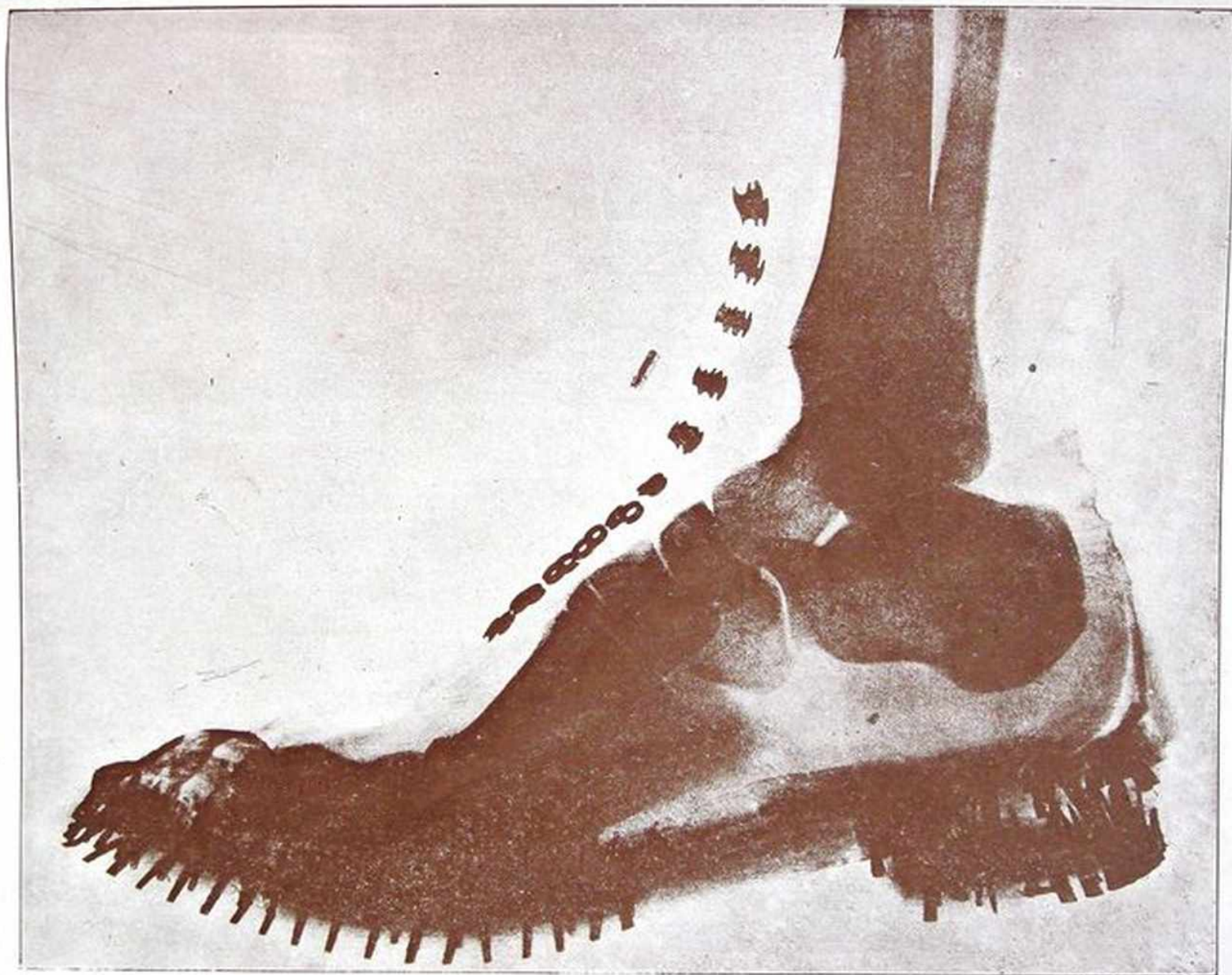
Theresina, 5 de Agosto de 1905.

ARAUJO COSTA.

PENSAMENTO

Os homens que pensam valen mais do que as mulheres que amam.

CALINO.



A Revista do Norte, 5, ANNO N. 9

Raio X radiographia feita pelo dr. ALMIR NINA



FESTA POPULAR DO TRABALHO—SEÇÃO DE ARTES E INDUSTRIAS

Typogr. Tex.

O theatro livre em Portugal



Aproveitou-se em Lisboa o mez de verão, por excellencia, que está a findar por algumas horas, para uma dupla tentativa, sobremaneira interessante em materia de arte. Procurando acclimar ás iniciativas audazes do moderno theatro no estrangeiro, e sobretudo em França, duas empresas se arrojavam ao commettimento de, em dois theatros da capital, e paralellamente, porem em scena obras de character mais ou menos revolucionario, quer na esphera das idéas, quer na dos costumes,—umas originaes, outras traduzidas. Nós somos sempre assim. Ou tudo ou nada. Depois de uma inercia larguissima, que não deu azo á possibilidade da mais tímida tentativa no genero, apparecem aos pares os emprehendimentos,—dir-se-hia que precisamente para que, de forma mutua, se aniquilassem um ao outro.

No theatro do Gynnasio, arrendado para esse fim, e com uma companhia em que entrava certa quantidade de artistas feitos, taes como Maria Pia, Adelina Abranches, Pinheiro e Gil, iniciou os seus espectaculos a cooperativa do Theatro Livre. No theatro do Principe Real, o novel auctor Araujo Pereira, com uma *troupe* de desconhecidos á excepção de Luciano e Palmyra Torres, abriu o palco ao conflicto das idéas e ás justas litterarias dos dramaturgos novos,—que as outros theatros, de indole conservadora, não haviam ainda recorrido, ou d'elles tinham sido repellidos.

Digamol-o desde já: as tentativas dos dois theatros, um dos quaes se denominava *Livre* e o outro *Moderno*, se não foram de grande fortalecimento para a arte, deram, em compensação, importantes subsidios para a orientação da critica. Puzeram principios novos e auctores novos em frente do publico, de cujas impressões se pode somente aferir o estado social, moral e mental d'uma sociedade. Fizeram a experiencia: deram a theoria em pasto ao facto. Posto em equação o duplo problema de saber quaes as idéas representativas das novas aspirações e a maneira por que os nossos artistas as interpretariam, e qual a opinião e a sensação do publico perante a obra de arte assim constituida, deus nos soluções correspondentes a eloquentissimas respostas. Ha idéas avançadas em Portugal? Ha auctores dramaticos que vantajosamente as interpretem? Ha publico que acceite umas como norma de nova moral, e outros como esperanças d'um novo theatro? E' a isto, que ha tempo andava no espirito de todos que com cousas de educação e arte se preocupam,—é a isto que as duas tentativas realizadas dão resposta.

Comecemos pelo principio. Ha idéas avançadas em Portugal, procurando exteriorisar-se em obras de arte? Ha. Mas começa por não haver orientação precisamente para as orientar. Segundo se deprehendeu,—em geral, é claro;—dos trabalhos representados, reina confusão, delirio no dominio de taes idéas. D'ellas requeira, consoante Theophilo Braga ha tempos lucidamente o notava, um *anarchismo de bota a baixo*. Não se procura, por meio d'um estudo profundo, e despidido de paixões sectarias, analysar o que realmente ha de mau e de bom no que actualmente existe, quer a principios nos refiramos quer de costumes e instituições tratemos. Não! O intellectual avançado, desde que encontre na sua frente qualquer que, por antiga, que se lhe affigure conservadora, trata logo de a deitar a baixo, sem querer saber do que ia dentro do edificio que demoliu, nem se preoccupar de substituir o que arrazou. Vejamos, por exemplo, a familia. Ha vicios que a corroem, preconceitos que a maculam? Sem duvida. Mas, a familia é um instituição natural, que dignifica a especie, e que em si resume, não uma tyrannia odiosa, como alguns dos seus aspectos a denunciam, mas essencialmente o pequenino mundo, amoroso e expansivo, que é a imagem primeira d'uma humanidade futura, que, por eternamente se amar merecerá bem o nome de familia humana. Mas a grande palavra do amor livre está dita, e, como é preciso espalhá-la aos quatro ventos, não se trata de resolver em que condições o amor verdadeiramente livre, e por isso verdadeiramente puro, se poderá applicar á familia, e dar-lhe mais vida, luz e felicidade. Não: proclama-se antagonico da familia o que nella se deve integrar, e a familia é arrasada, para que o amor livre campeie,—sem que á mente acuda a idéa de que, na realidade, se está mais excitando inconfessaveis paixões do que sinceramente consolando os espiritos.

Um escriptor espirituoso disia que toda a sua vida se passara a esforçar-se por se conservar no difficil equilibrio de ser revolucionario sem ser maluco. Outro tanto é preciso tentar para não cair da integral liberdade na absoluta relaxação. Só uma moral forte, realmente sentida e severamente pensada, pode salvaguardar dos exaggeros fataes das insubmissões e revoltas do pensamento.

Foi este escolho que raro evitaram os auctores dos theatros livres. Na sua maioria saltaram a pés juntos sobre o bom senso; atropellaram a tolerancia, que é a unica garantia da liberdade; viram tudo em negro, mesmo o que ainda é azul e luminoso. Um dos auctores do Gynnasio fez a condemnação geral e inapellavel da sociedade por causa d'um presunto roubado, e de haver um tribunal que velava pela propriedade dos presuntos. Outro, este do Principe Real, o sr. Mario Gollen, levou-nos nos *Degenerados*, a uma cadeia onde os presos se absolviam uns aos outros, apesar de haverem roubado e assassina-



FESTA POPULAR DO TRABALHO—SECÇÃO DE BELLAS-ARTES

do,—a pretexto de que a sociedade também exerce o roubo e pratica o assassinio, o que não é razão, visto que um crime pode atenuar, mas não justifica outro crime. O Gymnasio só deu permanência relativamente larga no seu cartaz a uma peça franceza, fresquinha e acanhada, *O Pae Natural*, que em nada differe da dissolvente litteratura *boulevardière*, tão condemnada pelos intransigentes, quando se exhibe no palco de D. Amelia. E no Principe Real dois auctores novos, os srs. Eloy do Amaral e Carrasco Guerra, pretenderam, no *Mau Caminho*, dar lições de virtude a proposito d'um rapasola ter uma amante, já largamente mundanisada, e querer casar depois com uma rapariga honesta, que, por coincidência, é irmã da outra. Estes parece mesmo que estavam mais dentro da *Moral em acção* do que nos dominios da mais feroz demolição doutrinaria.

A par d'isto, que realisação artistica? De-

ploravel! Preocupados com as idéas, os novos auctores dramaticos raro attenderam á forma litteraria e mesmo aos processos technicos da scena. Comtanto que proclamassem os seus violentos pensamentos, pouco lhes importava que o espectador, fechando os olhos, imaginasse, apenas ouvir um artigo de fundo, uma chronica ou uma conferencia. Ora isto será tudo, menos theatro. Disia, com justiça, Larroumet: «Defendam as idéas que quizerem, mas deem-nos uma obra de theatro!» E é mesmo o que explicitamente declara um dos auctores novos, representados no Principe Real, o sr. Affonso Gayo, nas seguintes linhas d'um prefacio ao seu drama: «Tentei alliar o theatro de idéas ao de situações.» E' a verdade. Melhor diria mesmo: fazer theatro. Porque idéas expressas n'um palco sem situações dramaticas não é theatro.

Já que fallei em Affonso Gayo, cumpre-me dizer que a sua peça — *O Quinto Mandamento*, foi a melhor de toda a serie de obras até agora

representadas nos dois theatros. E' a que tem mais arte, e comprehende-se porquê. Alem de ser um espirito muito intelligente, Affonso Gayo é,—permittam-me o termo,—um *litterato de carreira*. Tem annos d'um permanente labor artistico. Conheceu as dolorosas iniciações da forma: fez o trabalho mau, o trabalho mediocre, o trabalho rasoavel. Está agora, de posse dos seus recursos de escriptor, fazendo o seu trabalho, já brilhante, de affirmação segura de muito. Sabe o que é pegar n'uma penna para, com harmonia e flagrantia, exprimir sentimentos, descrever meios, traçar caracteres, movimentar typos. Os outros, sabem lá o que isso é! Para elles a forma artistica nada vale. Basta-lhes, ao que supõem, ter *idéas*,—quer dizer, affirmar theorias extravagantes, e muitas vezes odiosas.

Alem de Affonso Gayo, cujo trabalho, note-se, não aponto como impecavel, porque a sua these, sendo justa, é representada por um personagem fruste, o medico Angelo, salientou-se tambem um espirito moço de poeta, o sr. Ramada Curto, cuja peça, o *Stygma*, abriu a serie de espectaculos do Principe Real. O *Stygma* é um trabalho accentuadamente romantico. Isso dá-lhe um caracter *demodé*, mas insuffla-lhe tambem muita paixão, muito enthusiasmo, que resalta, não de longas tiradas rhetoricas, que costumam acompanhar o genero, mas das situações e caracter dos personagens que envolve. O *Stygma* que se combate reside no preconceito que faz recahir sobre os filhos os crimes dos paes. Um excellente rapaz, filho d'um assassino, ama uma menina, e não pode ser seu esposo, porque a familia d'ella nunca se resignaria a que a filha usasse um nome polluido. O rapaz mata-se. A' face dos bons principios, não deveria matar-se, mas sim reagir. Ninguém deve sacrificar-se pela estupidez malevola dos outros. Mas o facto dá-se. Deu-se mesmo, ainda não ha muito, entre nós. Cumpre, pois, curvar a cabeça, visto que o theatro é o espelho da vida, e não se pode arguir um espelho pela imagem que reflecte. Mas accentuemos tambem que a peça do sr. Ramada Curto é uma peça apenas realista, e não de educação. Ha, porém, nella, uma chama de talento. Feliz de mim, se podesse de todos dizer o mesmo!

..

Vejamos agora o publico, para terminação d'esta pequena analyse. O publico não gostou; desinteressou-se mesmo d'estes espectaculos. O Gymnasio perdeu; o Principe Real perdeu. E, porque não dizel-o? os *novos* perderam tambem. As duas tentativas passaram, e o seu insuccesso economico vae amanhã ser uma arma para as gerencias dos outros theatros, que recusarão trabalhos dos nossos jovens auctores, fazendo finca-pé n'esse tremendo argumento. Até aqui, o desejo latente do publico, em conhecer theatro novo e auctores novos, era affirmado com a segurança que dá a certeza de não poder receber um desmentido. D'aquí em diante, quem

continuará a affirmar, pelo menos entre a maioria dos que deram agora as suas provas?

E, todavia, o argumento não deve colher, e escorar-se-ha sempre na malevolencia e na má fé. Por que o que se tentou em Portugal foi apenas, salvar as raras excepções que apresentei, a *caricatura* do Theatro Livre! Assumam cerebros equilibrados e pennas firmes de artistas a missão de traduzir com brilho, interesse e talento aquellas genuinas idéas, que, encontrando-se em conflicto com o nosso actual modo de pensar e de viver, não necessitem de ser desvairadas para serem justas,—e no theatro portuguez poder-se-ha então assistir a um desfile de obras de arte que sejam eloquentes interpretes do nosso vivo sentimento e da nossa latente aspiração. O *anarchismo de bota a baixo* deu o que tinha a dar. Faça-se, pois, alguma cousa com juizo, com justiça e com arte.

MAYER GARCÃO.

A evolução da vida

(Continuação)



Deve advertir-se, porém que a cellula vive muitas vezes isolada, e constitue por si só um animal ou um vegetal. E, ainda mais deve advertir-se, que ha organismos inferiores áquelle que ora acabamos de descrever: —esses organismos, chamados *citodes* ou *cellulas sem nucleo*, são constituídos por uma massa homogenea de substancia abuminosa, na qual se não distingue vestigio algum de estrutura. Estes curiosos seres, indecisos (nem vegetaes, nem animaes), são conhecidos sob o nome de *Moneras*; é forçoso admittir para elles ou pelo menos para alguns d'elles a geração espontanea,—em tanto que as *cellulas nucleadas*, apresentando já divisão de functionalismo, exigem certo numero de gerações que concorreram para a divisão do trabalho.

Admittida a «theoria da descendencia», procurou saber-se, qual era a ordem pela qual se succederam, desde o começo da vida organica até hoje, os typos ou espécies que constituem naturalmente a serie dos avós pertencentes aos diferentes grupos de animaes existentes na epocha presente; e procurou-se referir, quanto possível, esses typos aos typos ainda hoje vivos. Chama-se a isto:—*serie phylogenetica*. Esse estudo tinha já dado nas mãos de Darwin uma base solida á theoria,—quando novos trabalhos de Embryologia recolhidos e aperfeçoados por Hæckel vieram dar um apoio inabalavel á theoria

darwiniana. Hæckel, observando as phases successivas pelas quaes passa um embrião desde a fecundação do ovulo até ao animal perfeito, chamou a essa serie—a serie *ontogenetica*,—serie de fórmas pelas quaes passa cada individuo durante o seu desenvolvimento.

Tudo que é vivo, nasce de um ovo; e esse ovo é em todos os animais e por toda a parte sempre uma cellula, constituída por um protoplasma e por um nucleo; e essas cellulas são tão parecidas em todo o reino animal que no começo do seu desenvolvimento se confundem os ovulos dos Mammiferos e o proprio ovulo humano com os ovulos pertencentes aos grupos inferiores do reino animal; mesmo depois de completamente desinvolvidos, o ovulo humano e o dos outros Mammiferos não podem distinguir-se pelo mais minucioso exame; confundem-se os ovulos do rato, do elephante, da baleia, e os da especie humana. Quer isto dizer:—na sua primeira fórma, o Homem não se differença de qualquer mammifero, e começa por uma phase que representa o mais simples organismo conhecido.

O ovulo humano, como os dos outros Mammiferos, tem pouco mais ou menos 0m,0001 de diametro; a membrana d'esta cellula chama-se *zona pellucida*; *vitellus*, o seu protoplasma; e o nucleo, *mancha germinativa*. A fecundação d'este ovulo faz-se pela conjugação da cellula masculina em fórma de virgula, cuja cauda serve aos seus movimentos quando esta cellula de pequenas dimensões penetra no *vitellus* do ovulo depois de atravessar a *membrana pellucida*. Então o ovulo fixa-se no utero; vai começar o trabalho da geração. O primeiro phenomeno que então se observa é surpreendente! O nucleo (*mancha germinativa*) e juntamente a cellula masculina (*spermatozoide*) dissolvem-se no *vitellus*; o ovulo nucleado retrograda ao estado de «cellula sem nucleo», ao estado de *monera* perfeitamente comparavel aos organismos infimos, ainda hoje existentes (as *Moneras*). Logo depois o nucleo reaparece e o embrião toma a fórma de *amiba* (perfeitamente comparavel aos animais conhecidos pelo nome de *Amibas*). Em seguida o *vitellus* e o nucleo começam a estrangular-se até ficarem divididos em duas cellulas nucleadas perfeitamente semelhantes; estas cellulas crescem e dividem-se successivamente em 4, 8, 16, 32, etc. cellulas, perfeitamente semelhantes entre si; a *membrana pellucida* vai-se alargando sem tomar parte n'esta divisão; atravez d'ella e para as cellulas vitelinas passa o liquido nutritivo proveniente das mucosidades uterinas. N'esta phase o embrião representa uma esphera successiva formada de muitas cellulas e semelhante a uma amora (d'onde o nome de *morula*)—phase comparavel aos animais conhecidos pelo nome de *Synamibas*. Em seguida, no centro d'esta esphera fórma-se uma collecção liquida que repelle para a periphéria todas as cellulas, convertendo a esphera solida n'uma esphera oca ou bolsa formada por uma unica ordem de cellulas (é a *vesicula blastodermica*),—e temos assim a *pla-*

nula (phase representada pelos animais do grupo das *Gastréadas* (*Medusas*, *Coraes*, e *Esponjas*). N'estes animais a bolsa de dois folhetos (*gastrula*) forma-se pelo imbocetamento ou invaginação de uma metade da *vesicula blastodermica* (*planula*) dentro da outra metade; á proporção que se vai fazendo a invaginação, vai-se fechando a abertura da cavidade d'esta bolsa secundaria. Imagine-se um barrete, a que se tenha tirado o forro,—e teremos uma cavidade fechada, formada por uma parede simples (esta cavidade representará a imagem da *vesicula blastodermica* primaria); reponhamos agora o forro no seu lugar, franzindo ao mesmo tempo a abertura do barrete, e teremos uma cavidade de parede dupla com uma pequena abertura para o exterior que é perfeitamente comparavel ainda (como vamos ver) á *vesicula blastodermica* humana e dos vertebrados superiores, formada por desdobramento. Até aqui o embrião não apresenta nas suas phases ontogeneticas divisão alguma de trabalho, como succede tambem nos animais da serie philogenetica que representam essas phases. N'uma e n'outra serie, cada uma das cellulas reúne em si todas as propriedades caracteristicas da vida; se na serie philogenetica a nutrição se faz directamente á custa dos materiaes existentes no liquido ambiente, na serie ontogenetica a nutrição faz-se á custa das mucosidades uterinas em que o ovulo se acha mergulhado. Quando se chega, porem, á phase da *vesicula blastodermica* de parede dupla (que representa de passagem o tipo da *gastrula*), achase operada uma grande divisão do trabalho; effectivamente a *gastrula* com os seus dois folhetos primarios (dos quaes o interior se chama *entoderme* e o exterior *exoderme*), representa pelo lado de fora um apparelho de protecção, e um appellido de relação com o mundo exterior (d'onde o nome de «folheto nutritivo» que se deu ao *entoderme*, e o de «folheto sensorial e protector» que se deu ao *exoderme*).

Coisa notavel:—em todos os animais acima dos *Protozoarios*, em todos os animais que tem tubo digestivo e que por isso se chamam *Metozoarios*, apparece sempre a phase de *vesicula blastodermica* dupla, e sempre e por toda a parte (qualquer que seja a complicação do futuro animal) um folheto interno dá origem aos órgãos da nutrição, enquanto que o folheto exterior dá origem a todos os órgãos de relação; cada um d'estes folhetos tem o seu papel traçado, tem um futuro invariavel e definido; mesmo quando os dois folhetos não são todos empregados na construção do animal (como succede nos grupos superiores em que parte d'esses folhetos concorre para a formação de órgãos secundarios do embrião), sempre os órgãos anexos á nutrição derivam do *entoderme*, enquanto que os anexos de protecção se originam á custa do *exoderme*.

Logo que o tubo digestivo está formado, outra divisão de trabalho se opera:—apparecem os órgãos de reprodução na sua maxima simplicidade; nas *Esponjas* (representantes da *gastru-*



A Moda d'A Revista

la) destacam-se cellulas que teem por funcção reproduzir o animal; e (facto curioso!) essas cellulas são tão parecidas com as Amibas livres que foram julgadas como parasitas até ao dia em que Hæckel demonstrou o seu verdadeiro papel (essas cellulas, das quaes uma é masculina e outra é femenina, parecem ser representantes a primeira do folheto externo e a segunda do folheto interno).

A visicula blastodermica dupla do embrião humano continua a complicar-se: em uma parte limitada na sua superficie, desenha-se a *area*

germinativa ou a porção d'onde se origina o embrião humano, porque o resto vai formar os annexos d'este embrião de que acima falamos; na area germinativa, pois, os dois folhetos primarios desdobram-se em quatro folhetos secundarios. Dos dois folhetos internos (derivados do entoderme) o mais interno formará o epithelio do tubo digestivo e de todas as glandulas e órgãos seus annexos, — emtanto que o outro (o folheto fibro-vascular) fomará o revestimenio muscular do tubo digestivo e suas dependencias, bem como os órgãos principaes do systema vascular;

dos dois folhetos externos (derivados do exoderme) o mais externo formará o revestimento epidermico e os órgãos sensoriaes,—entanto que outro (o folheto fibro-cutaneo) formará os órgãos de locomoção, a derme, os musculos, e os ossos. Enquanto no embrião os quatro folhetos são formados por uma camada unica de cellulas, esta phase é comparavel á todos Vermes inferiores, que representam esse typo durante toda a sua vida. É bem de notar que em alguns Polpos e Mudusas, constituídos ainda por dois folhetos, já as cellulas do exoderme apresentam o começo de diferenciação,—visto como se observa claramente que no exoderme a mesma cellula é sensorial pelo lado de fóra, e motriz ou muscular pelo lado de dentro.

Ao passo que o folheto epithelial, acompanhado pelo folheto fibro-vascular, se vai enrolando em tubo digestivo, ao qual fica annexo o resto do folheto interno do blastoderma constituindo um órgão accessorio de nutrição (a *vesicula umbilical*) separado do tudo destivo por uma estrangulação que constituirá mais tarde o *umbigo intestinal*,—observam-se nos folhetos externos modificações importantes: no durso do embrião, no folheto epidermico, apparece um rego longitudinal, que se afunda mais e mais pelo levantamento dos bordos, os quaes, convergindo um para o outro, acabam finalmente pela formação de um canal, que emigra pouco a pouco para dentro do folheto fibro-cutaneo; o canal medullar está formado; entre este canal (que fica superior) e o tubo digestivo (que fica por baixo desenhando-se bem depressa no meio do folheto fibro-cutaneo um eixo formado de cellulas especiaes que vai em seguida ser envolvido de cellulas cartilagineas, as quaes mais tarde hão de transforma-se em tecido osseo; esse eixo é a corda dorsal (*chorda dorsalis*), em volta da qual ha de forma-se a columna vertebral.

O folheto fibro-cutaneo acompanhado pelo epidermico alarga-se em expansões lateraes formando a derme e as massas musculares, e curvando-se ao mesmo tempo regularmente para formar um largo cylindro que ha de envolver o tubo digestivo, dar origem á ampla cavidade viceral, e constituir d'este modo as paredes do *colum* ulteriormente dividido pelo diaphragma em cavidade peitoral e cavidade abdominal.

Ao mesmo tempo formam-se á custa do folheto fibro-intestinal o coração e os grossos vasos sanguineos, envolvendo n'um circuito completo o tubo digestivo. Na parte inferior e abdominal d'esse circuito acha-se o coração e o sangue corre da parte caudal para a parte cephalica; na parte superior, entre o tubo digestivo e a corda, acham-se os grossos vasos arteriaes, e a corrente do sangue tem direcção inversa. O coração e os vasos affectam no começo uma grande simplicidade:—o coração é simples, fusiforme, e tem uma cavidade unica; por esta e muitas outras particularidades a circulação do embrião humano é perfeitamente comparavel á dos Vermes superiores; por essa razão, esta phase

representa os Vermes Cœlomatas e entre elles o typo *escolecida*.

E' n'esta altura do desinvolvimento que na parte média do folheto fibro-cutaneo se separam dois filetes ao longo da corda dorsal, filetes que breve se dividem transversalmente, originando-se por este modo uma serie de massas cuboides que se formam da extremidade cephalica para a extremidade caudal; estas massas ou *metameres* (que são uma herança da divisão transversal dos Vermes) vão constituir (involvendo a corda) a parte (a principio cartilaginosa e depois ossea) das vertebraes, e as massas musculares correspondentes, dando ao mesmo tempo duas expansões posteriores que hão de envolver n'um tubo protector a medulla espinal, a qual tem emigrado já para junto da co da. Afinal o folheto fibro-cutaneo, que para o lado abdominal deu já um largo cylindro envolvente ao tubo digestivo, dá tambem para a parte dorsal um tubo envolvente ao cylindro medullar.

O embrião attinge n'este ponto o typo vertebrado na sua maxima simplicidade e pureza. A columna vertebral, que até aqui era apenas representada pela corda, acha-se agora completamente constituida. Imagine-se uma serie de peças que da cabeça para a cauda se ajustam successivamente, tendo cada uma d'ellas a fórma de um 8; imagine-se mais, que o anel abdominal d'este 8 se converte n'um disco, e teremos que a serie de discos juxtapostos constituirão o eixo solido, verdadeiramente esqueletico, da columna vertebral,—entanto que a serie dos anneis constitue o cylindro protector da medulla. Ora, esta columna interna e articulada, formada por um cylindro solido, que dá apoio a todas as partes do corpo, e que se acha ligada a um cylindro óco protector do systema nervoso central, é o que constitue a caracteristica dos Vertebrados; n'esta phase o embrião sem craneo e sem cerebro é perfeitamente comparavel ao mais humilde dos Vertebrados conhecidos—o *amphioxus lanceolatus*—vertebrado sem craneo e sem cerebro, pertencente por isso ao grupo dos *Acranceolatus*.

Vem agora a appello dizer duas palavras sobre o modo como se preencheu a larga lacuna que até ha pouco existia ainda para demonstrar o parentesco dos Vertebrados com os animaes inferiores. Duas descobertas quasi simultaneas patentearam os traços d'este caminho.

(Continúa)

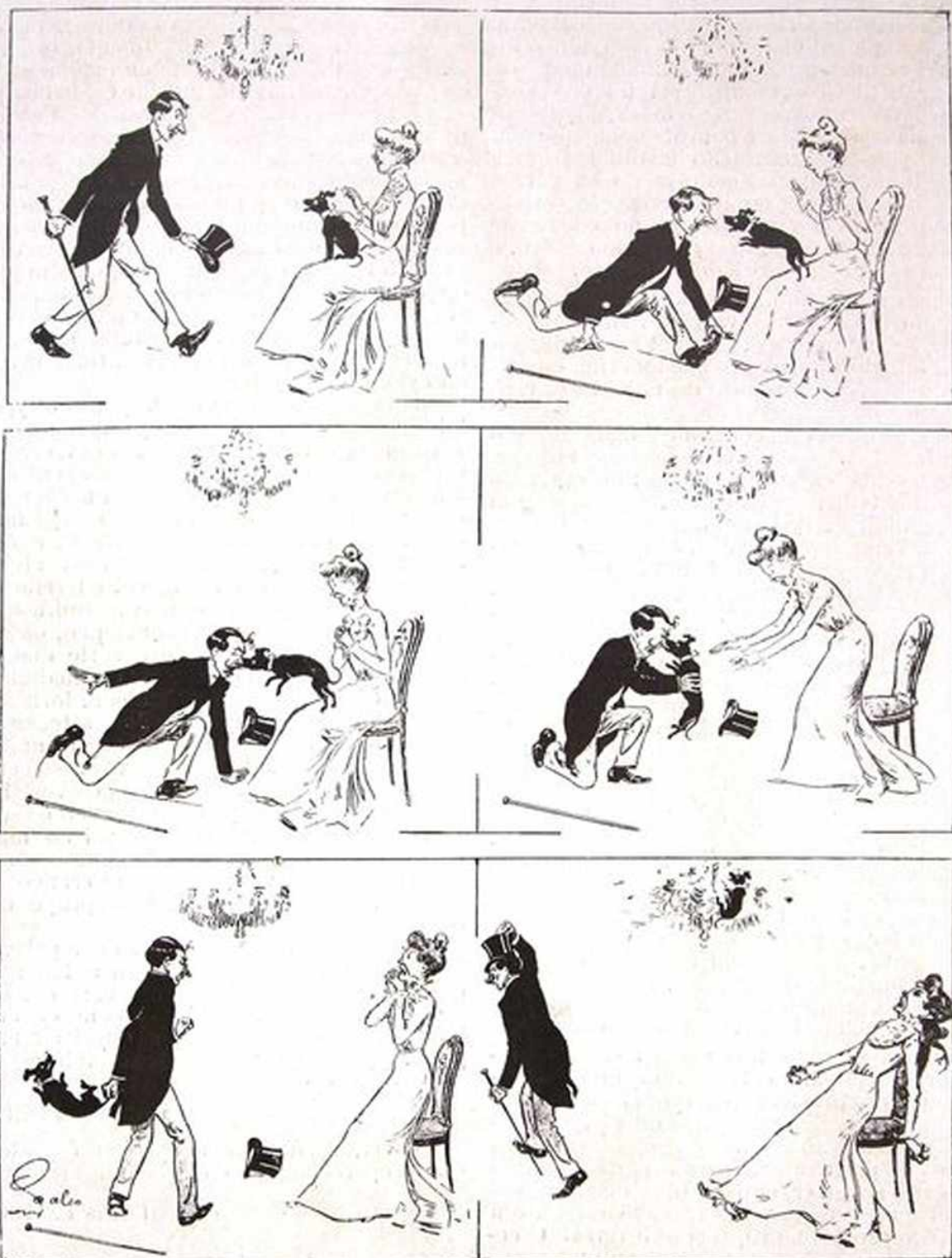
RODRIGO PEREIRA

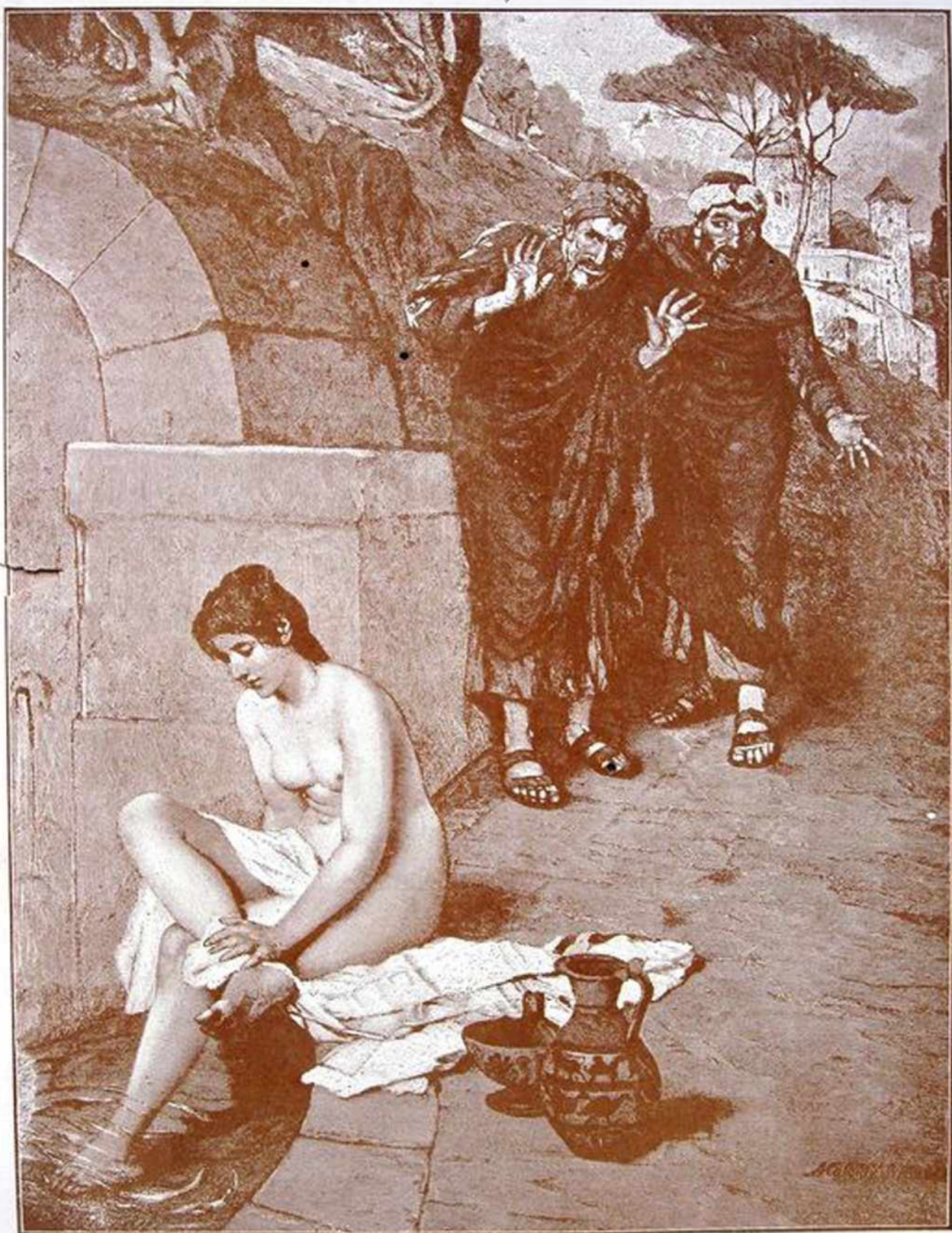
O acaso só pode aproveitar ás intelligencias preparadas para d'elle se utilisarem.

LOUIS PASTEUR



HISTORIA MUDA





A Revista do Norte, 5, ANNO N. 13

Suzana no banho

A REVISTA DO NORTE



DR. AFFONSO PENNA



O MEZ

Ahí pelos fins do anno passado ou começos d'este, uns illustres desocupados lembraram-se de manter, pelas ineditoriaes do *Diario* e da *Pacotilha*, uma engraçadissima polemica sobre assuntos religiosos. Entraram na dança o catholicismo, o espiritismo e o protestantismo, puxando cada um a maior quantidade possivel de brasas para a sua sardinha e deixando sobre cinzas a sardinha dos outros. Affirmaram-se coisas monstruosas, negaram-se verdades evidentissimas, fizeram-se revelações estupefacientes, descobriram-se factos de cuja existencia nunca ninguem suspeitou e, quando terminou o *charivari*, ficou tudo no mesmo pé em que d'antes: as religiões continuaram com o mesmo numero de fieis, sem que tivessem a registar uma só conversão nova.

Apesar, porém, dessa comprovada improficuidade das discussões jornalisticas para favorecer o proselytismo religioso, penso que os apóstolos não emendaram a mão, porque nestes ultimos dias, quasi seis meses depois de terminada a primeira sarrafusca, uma outra começou, provocada por uma intoleravel xaropada estampada nos *A pedidos da Pacotilha*, por um sr. Lucio de tal, sob o titulo de *Cartas de um atheu*. Mal terminou a *Pacotilha* a publicação dos disparates de sr. Lucio e para logo iniciou a de outros, desta vez firmados por um tal sr. Ampère, e rotulados com a epigrafe de *Resposta de um catholico a um atheu*.

Os dois contendores, está claro, militam em campos diametralmente oppostos, apregoam-se sectarios de doutrinas que naturalmente se repellem, mas, quer queiram quer não, ha um ponto em que ambos se irmanam e confundem, de fórma a não poder mesmo a gente distinguí-los um do outro: é na falta de bom senso e no desprazo com que se abalançam a tratar de assuntos de que não entendem.

O mais engraçado, de tudo, porém, ainda não é isso; que o atheu avance que a sciencia demonstra a não existencia de Deus e que o catholico afirme proposição contraria; que o primeiro faça um *molho de pasteleiro* de tudo o que até hoje se tem escripto sobre o valor das religiões como factor da moralidade dos povos e que o segundo estabeleça um paralelo entre a força coerciva do inferno e da cadeia na repressão do roubo; que o primeiro sustente que a aparição do sol não pode ser devida a uma *causa final* porque aquelle astro tem uma *função determinada no espaço*, e que o segundo, numa pennada, reduza a cinzas as conquistas positivas da astronomia moderna, pelo facto de se haver

ultimamente encontrado um erro no calculo da distancia do sol á terra; tudo isso, afinal de contas, e mais outros despautérios iguaes que nos dois escriptos se ostentam, já era de esperar de quem vem, nas solicitadas de um jornal diario e sem o preciso preparo, discutir questões como essas que se prendem ás verdades fundamentais da sciencia e da religião.

O que, para mim, toca ao auge do comico e do grotesco, é a seriedade e o ar de compunção com que o catholico cita, em apoio das suas doutrinas, e cercado-o de uma adjectivação encomiastica e hyperbolica, o nome de... vejam lá se advinham... Com certeza lhe acodem á mente o Goussel, o Bergier, o Gaume, o Glaire, ou mesmo o Bourget e o Brunetiere que nestes ultimos annos deram p'ra theologos. Pois redondamente se enganam: o nome citado pelo sr. Ampère é nada mais nada menos de que o do sr. Ruy Barbosa, o do sr. Ruy todo inteirinho, em corpo e alma!

E que foi que disse o sabio sr. Ruy que tanto *dêsse no gôto* do virtuoso sr. Ampère? Apenas esta enormidade: QUE APESAR DE NÃO HAVER RELIGIÃO DE ESTADO, O GOVERNO DEVERIA MANDAR ENSINAR O CATHECISMO AOS SOLDADOS!

Ora vejam os que me lêem para que haveria de dar o sr. Ruy Barbosa, com toda a sua incommensuravel e aparatosa sabença livresca: para querer a todo o transe que os soldados brasileiros aprendam a doutrina christã!

Mas, o sr. Ruy quando escreveu o seu celebre Relatório sobre a Instrução Publica, fez um barulhão de nossa morte, apenas porque encontrou, nas escolas da Bahia, adoptado um cathecismo que ensinava aos meninos as excellencias do escapulario do Carmo! E são de vêr as exclamações, as invectivas e as metaforas com que o homensinho denuncia ao governo e ao paiz semelhante monstruosidade!

Depois de transcrever um trecho em que o piedoso cathecista explica ás crianças a origem do culto do escapulario, dizendo-lhes que Maria affirmara, numa appareição ao papa João XXII, «que livraria das chamas do Purgatorio os associados do Escapulario, no sabbado immediato á sua morte», e que «todo aquelle que morrer revestido do santo escapulario não arderá nas chamas do inferno», exclama o sr. Ruy:

«Tal é, pois, o ensino que nas nossas escolas circula sob o nome de moral religiosa: uma casta de moral (os grifos são do sr. Ruy) que, depois de afrontar a primeira condição de toda a moralidade real, a sinceridade, embahindo a imaginação infantil com a impostura de fabulas ridiculas e abominaveis, em que a idéa do omnipotente se presta ao ludibrio das invenções mais indignas, acaba por fazer da felicidade vindoura, promettida aos bons pela eterna justiça do céu, um privilegio explorado por uma associação de devotos imbecis ou hypocritas e inherente ao uso de um trapo.»

Ora, estou a jurar que o sr. Ampère pertence á confraria do Carmo e usa o respectivo es-

capulario; não passa, portanto, na opinião do sr. Ruy Barbosa, de um devoto *imbecil* ou *hypocrita*. E' só escolher entre os dois adjectivos e dizer-nos depois qual o que mereceu as suas sympathias.

E no meio de tudo isto que figura de caneco que anda a faser o sr. Ruy Barbosa! De que lhe serve ter lido tantos livros, percorrido tantos autores, armazenado no cerebro todo esse assombroso material erudito com que vive a embasbacar o paiz? De que lhe serve conhecer tão bem a sua lingua, trata-la com tanto amor e tan-

regimen monarchico: «E' um erro, clama o sr. Ruy, ensinar a essas creanças os dogmas da religião que o seu governo mantem e prestigia!»

Trata-se dos soldados de uma Republica sem religião official: «E' um dever imperioso, apregoa o mesmo sr. Ruy, mandar ensinar a esses soldados o catholicismo catholico!»

Já viram os senhores maior dislate do que esse? Fosse isso escripto por qualquer um de nós outros, humildes mortaes que para aqui vamos na penumbra modesta dos humildes, fazendo das nossas pennas o melhor uso que pode-



DR. AARÃO REIS.

to requinte, ser tão profundo nos conceitos e tão elegante no diser? De que lhe serve tudo isso, se quando se trata de ter uma opinião própria, inspirada no estudo criterioso e norteado dos problemas fundamentais da nossa vida nacional, o homem doideja como uma ventoinha ao sabor da viração que a agita? Como poderá a gente fiar-se num homem destes, escudar na suas nossas opiniões?

Trata-se de crianças que frequentam as escolas publicas de um paiz que mantem como religião de estado a Catholica Apostolica Romana, porque o Relatorio a que alludo foi escripto no

mos, de acordo com as nossas consciencias e com as nossas opiniões, sem o aparato impressionante da citação de autores estrangeiros vivos e mortos, cahia-nos o mundo em cima a taxar-nos de ignorantes e de desorientados. Mas, quem avançou semelhante disparate foi o sr. Ruy Barbosa, o homem que entre nós mais sabe do que se passa lá por fóra, que a proposito de qualquer coisa que queiramos fazer logo nos conta como é que as coisas similares se fazem na Belgica, na Inglaterra, na Hollanda, na China e no Japão, e é quanto basta: curvam-se logo todos reverentes, acatando de espinha do-

brada as opiniões de mestre. Mas eu é que não vou por esse caminho, nem que me rachem ao meio. O sr. Ruy Barbosa em materia de erudição e de estylo é um assombro, não ha nega-lo; mas em se tratando de coherencia de opiniões é assim uma especie de pau para toda a obra, não comparando mal; afirma hoje o que nega amanhã, pronto a afirmar mais tarde o que negou e a tornar a negar o que afirmou.

Por esse motivo, enquanto o sr. Ampère não me apresentar outra opinião mais séria em favor do ensino de cathecismo aos soldados, continuo a pensar que as coisas vão muito bem no caminho que vão seguindo. A Republica não tem erligião do Estado, logo não deve nem pode mandar ensinar aos seus soldados esta ou aquella doutrina religiosa. Para não pegar em armas, já bastam dentro dos quartéis os medicos e os farmaceuticos. Não se precisa lá por enquanto de capellães.

HENRIQUE NEIVA.

A communhão do Romualdo

(Cena da roça)



Era em 1888, na fazenda Santa Rosa, do coronel Gonzaga, á margem do Mearim.

Situada, como quase todas as outras da provincia, num quadrilátero, cercada de acapú, havendo em três pannos de cerca cancellas dando facil acêso a outras tantas tortuosas e estreitas estradas, a Santa Rosa era importante e obedecia a sagaz e produtiva direção.

A casa de vivenda, *casa grande* ou *casa dos brancos*, como a chamavam os escravos, vistosamente erguida do lado do poente, ficava ao término de dois renques de coqueiros paralelos que, simetricamente estendidos, iam tocar ao cercado que lhe ficava fronteiro.

Ladeavam a *casa grande* o engenho de açúcar e a bolandeira.

Atrás do coqueiral erguia-se a rancharia, pequenas casas de porta e janella, tescas, cobertas de telhas, sem reboco, mais ou menos bem alinhadas.

Pelo meio do sitio cresciam arvores frutíferas—mangueiras, cajueiros, bacuriseiros, jaqueiras, oiliseiros—com espessos troncos, junto dos quaes se viam pesados carros com as cangas.

Tambem aos lados da casa de vivenda situavam-se outras casas, como as de carpintaria, da ferraria, o armazem de açúcar e a morada do do feitor da fazenda.

Os escravos, além da sua habitação, no andar terreo, possuíam uma outra, a que chamavam girau, onde depositavam os surrões, os bahús, as canastras e o côfo, companheiro in-

separavel de todas jornadas, na caça, na pesca, na colheita, na salga, na matulagem.

Na habitação dos brancos, um edificio asso-bradado, tinha-se entrada por uma escadaria fórra do corpo da vivenda, que levava do patamar á larga e comprida varanda que circunda a casa por três lados.

São originaes as varandas no norte do Brasil, pois não formam nem terraço, nem o termo propriamente dito, e sim um complemento da casa. E tão grandes são ellas que, as mais das vezes, servem de salas de visita, de jantar ou de trabalho; salão de dança e—quantas vezes!—alcova, além de que constituem o logar predileto do lavrador.

O fazendeiro, ao regressar da inspeção á roça ou ao canavial, estafado, moido, com as pernas doridas, não se furta á confortante tarefa de estirar-se numa rede atada á varanda, dar uns quatro embalos, cachimbo ao queixo e adormecer um somno de abade.

Isso quando o regresso é já tarde. Ao contrário, vae ao vasto e florido jardim, que viceja carinhosamente tratado quase que só pelas delicadas mãos da esposa ou das filhas, e lá se senta por alguns instantes.

Esses jardins são tambem a parte precedente de bem cuidadas hortas.

As paredes e os caibros das varandas estão peçados de gaiolas com perequitos, papagaios, corupções, sabiás e outros passaros que, ao alvorecer, alegam a casa inteira, numa cantata infrene.

Geralmente no fim da varanda ha as portas dum grande oratorio, fazendo as vezes de capella.

Na Santa Rosa, porém, o coronel Gonzaga tinha uma capella especial, a uns metros de distancia, soberbamente zelada por sua esposa, sob a invocação da padroeira da fazenda.

..

Todos os annos, invariavelmente, pela Páscoa da Resurreição, na Santa Rosa aguardava-se a visita do vigário Mirasol, um aparentado dos Gonzagas, que lá ia administrar os sacramentos da penitencia e da eucaristia.

Naquelle vasto e progressivo estabelecimento agronomico ninguem faltava á pratica desses mandamentos da Santa Madre Igreja. As pessoas que constituíam a avultada familia do coronel e a sua escravatura prosternavam-se narrando as suas culpas e os seus erros ao sacerdote desobrigante.

Havia, porém, na Santa Rosa uma pessoa que circumstancias imprevistas e ocorridas todos os annos por aquella época arredavam do confessorario. Era o preto Romualdo, um dos mais queridos dos escravizados dos Gonzagas e que nunca se confessára, uma vez que fosse na sua vida, que ia já por uns quarenta janceiros. Viajens a pontos longinquoos, ora como guia de viajores, ora como tanjedor de gado vacum que era, formavam sério obstaculo para que a *mira* do vigário assestasse o *sol* do remisso peccador.

Naquelle anno dos tres oito, exatamente no em que por uma lei aurea foi assinalada a fraternidade dos nacionais, quando o padre Mirasol, montado no seu burrinho castanho, chegou ao portal da Santa Rosa, foi o Romualdo quem o ajudou a desmontar e desarreando o animal, conduziu este á estrebaria.

Do jardim veio galopeando o Quebra-ferro fazendo soar o seu latido, a principio feroz, depois alacre, logo que reconheceu o visitante. E, farejando o vigário, o cão, com a cauda a agitar, olfata as fivelas de prata dos envernizados çapatos do confessor, que o amimava com doçura.

O sacerdote não reparára naquella cara nova que lhe ajudára a desmontar, e só veio a saber que era do involuntario remisso quando a petizada do coronel, pululando em torno da sua batina, a receber a sua benção, lhe annunciára jubilosa que o Romualdo daquella vez se confessaria, para o que já se havia exercitado no *Eupecador* e no *Acto de contrição*.

A parceirada do preto trazia-o num cortado de nossa morte, fazendo-o passar por uma tremenda saraivada de motejos. Queriam ver como elle, tapado e molleirão, se haveria de atar diante do confessor. E depois, a penitencia, o jejum, as rezas...

Mas o Romualdo pouco ou nenhum caso fez da assuada que crescia em redor da sua pessoa; além de que as práticas que as senhoras mães lhe haviam ensinado, o tranquillizavam, por alguma fórma.

Dentre essas práticas, porém, havia uma única que o embaraçava fortemente: era sofrer fome com o jejum, privação obrigatória na fazenda pela Pascóa.

Então, tanto imaginou que um plano se lhe deparou a concertar e o qual foi levado a cabo.

Assim foi que, no dia da sua communhão, logo que o cantarolar sonoro e prolongado dos gallos annunciou a madrugada, o preto, que se havia confessado na tarde anterior, no proprio dia da chegada do Mirasol—sem passar, entretanto, pelas atrapalhções que lhe predestinavam—ergueu-se, balbuciou a sua oração e, munido-se duma faca parnahiba, foi ao terreiro.

A lua clareava bonita como dia.

E foi sob essa luz radiante que o Romualdo, chegando ao poleiro em que repousava somnolento a criação, pegou num dos reis do terreiro, talvez um dos que minutos antes desferiram as mais alegres notas na cantata das quatro horas, e, passando a parnahiba no pescoço daquella majestade sem imunidades, em tres tempos fê-la entrar a ferver numa panella collocada sobre três negras pedras, as itacurubas, com as quaes improvisára o fogão no meio do quintal, por detrás da rancharia.

O gallo cosinhou depressa poderosamente auxiliado por três grãos de milho e um caco de prato, e passou para o fígado do Romualdo, acompanhado, já se vê, duma gorda farofia. Tão gostoso estava o petisco que o homem comeu até pedir, e ainda lambeu os dedos, um por um.

Quando o feitor fez retinir a sineta, para acordar a escravatura penitente, esta achou-se atropeladamente a postos, aguardando o desobrigador para presidir o banquete espiritual.

Eram cinco horas da manhã.

..

Instante depois, na Casa grande, o vigário despertava do somno cheio de conforto, que lhe tinham facultado as atenções e os extremos carinhos dos Gonzagas, e, chegando á grade do janelão, cuja sacada de madeira deitava para os fundos da Santa Rosa, mirou no Oriente o clarão rubro e forte do seu homônimo, que vinha dos outros hemisférios a illuminar e enseivar com a sua luz bemdita aquelles campos vastissimos, todos verdejantes pelo milharal, e pelo feijoad e outros cereaes que constituíam a estupenda riqueza das regiões do Mearim.

O Mirasol, fitando com continuidade aquelle espectáculo grandioso, só foi distraído no momento em que o coronel, envolvido no seu inseparavel rodaque de brim pardo, batendo-lhe de manso no hombro, o saudou, estendendo-lhe a mão amiga, todo sorriso e mesuras.

E agora os dois, debruçados, olhavam fartamente para os bois que pastavam na verde relva, e ouviam o berrar continuo dos bezerros; observavam extasiados as manadas de carneiros alvos e felpudos que pasciam choramingando e os magótes de porcos que fuçavam e grunhiam nos portaes dos chiqueiros, enquanto nas arvores a passarada resoava alacre de galho em galho, trauteando, em maviosas e sublimes notas de saudação ao albor virginal da manhã, sugestivo himno de esperança e de vida.

Quando immersos em tal fascinação se achavam contemplando aquelle bello despertar entre paz e alegria, o pequeno sino da capella de Santa Rosa vibrou conclamando para a missa.

E, d'ahi a momentos, para lá se encaminharam todos.

..

Eram dez horas do dia.

Já quase ninguem se lembrava de que tinha tomado o Senhor, quando um grande murmuro se levanta entre os escravos recém-sacramentados.

O Nanico, uma das aves mais bonitas do terreiro, desaparecera.

Recriminavam-se mutuamente como responsáveis pela falta quando, qual anjo da paz, surge das matas o Romualdo, trazendo num côfo a cabeça e as pennas da vitima e exclamando:

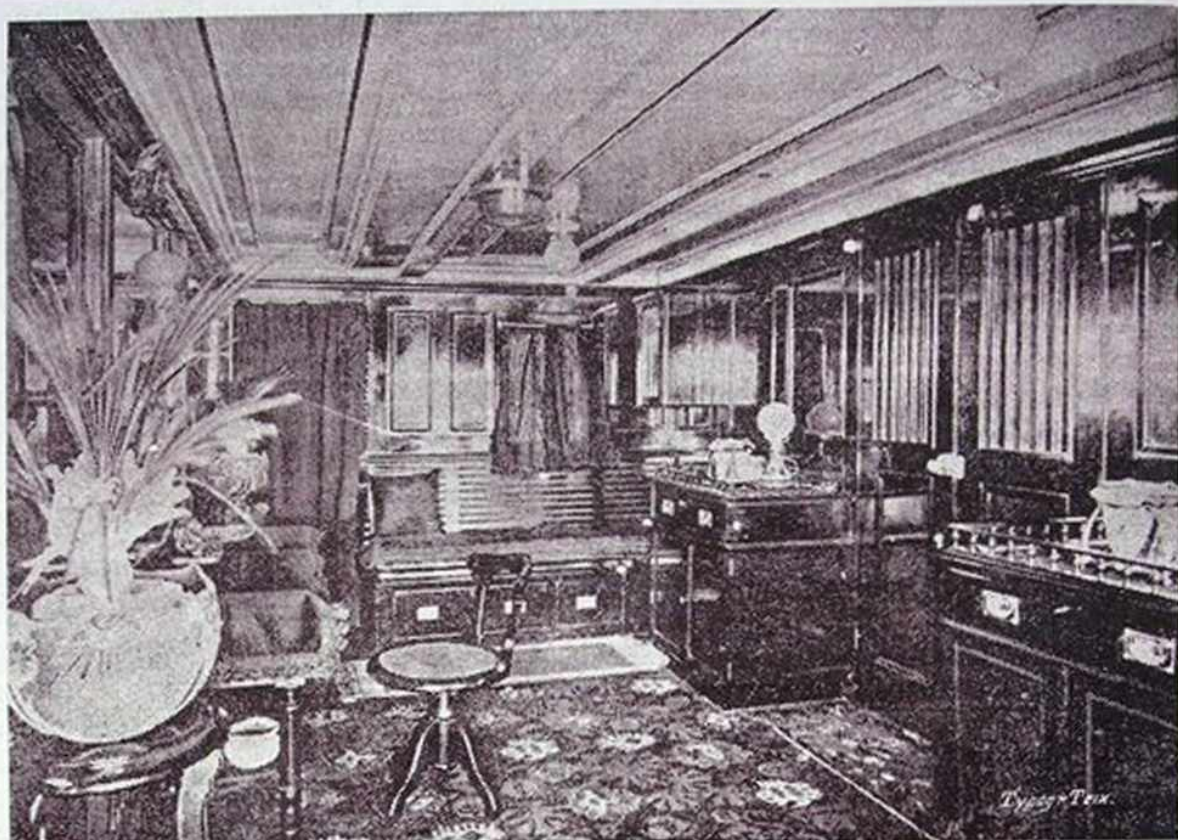
—Aqui está Nanico, que eu matei, não por maldade (Deus Nosso Senhor me livre!) mas p'ra comer...

—Quando?! indagaram espantados.

—De madrugada, respondeu impassivel o preto.

—Sacrilégio! bradaram. Comer antes de tomar o Senhor!

Mas o Romualdo explicou-se, procurando



O VAPOR «MARANHÃO»—GABINETE DE LEITURA DE S. EXC.

mostrar que tinha a razão ao seu lado. Ouvira falar que um gallo anunciara o nascimento de Christo, e fôra por isso que achando que o seu estomago, que nunca recebera o corpo do Senhor, estranharia a visita, se ella não fôsse precedida da dum gallo annunciante tomara tal resolução.

Todavia, o verdadeiro motivo que levára o Romualdo a almoçar o Nanico fôra, como já vimos, o temôr do jejum. E como elle não achasse outra justificativa e se quizesse livrar dos apodos que continuavam crescentes, concluiu fazendo-se lórpa:

—Então que vocês queriam? Eu havia de botar o gallo p'ra dentro por cima do Nosso Senhor?! Deus Nosso Senhor é que devia ir por cima do gallo!

Uma gargalhada estridente reboou pelo pátio da rancharia afôra, ás ultimas palavras do preto. Só levando o caso em pilheria, resolvêra a escravidão.

A esse tempo, o coronel e o vigario, mostrando, este, a encanecida cabeça e, aquelle, a sua luzidia corôa, passam solennemente diante do rancho, de volta de reconfortante banho no rio que corria no fundo da fazenda; e o Romualdo, sorrindo de satisfação pelas visitas que naquella hora lhe honravam o estomago, a um sinal do fazendeiro, seguiu o caminho da estrebaria a arreiar o animal em que montava o pa-

dre, para, d'ahi a pouco, reconduzi-lo aos seus penates.

O desobrigador, antes de partir, rompendo com as práticas já tradicionais nos dominios dos Gonzagas, ainda assombrado pelo grandioso progredir que observára na Santa Rosa, com surpresa geral, dispensou o jejum.

E o coronel, festejando a Resurreição do Senhor, concedeu três dias de descanso á escravidão, que se entregou logo ao folguêdo.

A viola estrugiu, os pandeiros chocalharam vivazes com maestria, acampanhndo-os a marimba e a harmonica. Tão immensa era a alegria, tão vibrante o prazer que dizia-se começar a refletir aos olhos daquella gente uma como que luminosa miragem, sondando o Futuro ou—quem sabe?—festejando já os preludios da confraternização social, que, um mês após, irmanava os brasileiros.

E o vigario, seguido do seu pagem, tendo passado o coqueiral, cavalgando o seu burrinho, seguia estrada afôra troteando lentamente, redêas descansadas, sorvendo a enebriantes hausa pureza do confortante ar e observando, contemplativo e absorto, aquelle panorama todo reluzente de oiro que lhe projetavam os raios do sol, que subia incessantemente vitalisando aquella terra da Santa Rosa, abençoada, feliz e prodigiosamente fecunda.

ASTÓLFO MARQUES.

A mão de marmore

A Arthur Azevedo



Um excentrico, o Luciano, esse typo bem acabado de artista mystantropo, meio philosopho, meio poeta, todo sensibilidade e platonismo, vivendo a seu modo uma vida calma de doente incuravel.

Preocupava-me como um problema difficil, como um mysterio impenetravel, aquella simples caixinha de veludo azul claro, sempre no mesmo lugar, em cima da secretaria, mysteriosamente immovel, n'uma quietação teimosa de esphinge, enchendo, ella só, todo o pequenino gabinete, de não sei que boa e suggestiva alegria.

Todo poeta occulta algo abscenso e nebuloso que se traduz em melancolias profundas e recolhimentos de asceta. O meu amigo não escapava a essa lei fatal que muita vez transforma um artista n'uma especie de animal selvagem... D'ahi, talvez, o seu modo original de ver as cousas, de encarar a vida, e as suas frequentes extravagancias de bohemio incorregivel. Em materia de amor, por exemplo, ninguém mais pueril, ninguém mais exigente. Não admittia, sob pretexto algum, que a amante lhe falasse com enthusiasmo noutro homem, fosse elle muito embora o Sr. Armand Duval, o Sr. Conde de Camors ou o Sr. primo Basilio, que, por fim de contas, são meros personagens de romances.

Arrufava-se vinte vezes ao dia sem o mais pequeno motivo, por um excesso de amor egoista; raro entrava em casa que não fosse de cara fechada, batendo as portas, furioso, maldizendo as mulheres sem excepção, num desespero quasi feroz.

—Umas perfidas! Desde Eva até Magdalenha, todas a mesmíssima coisa, os mesmos artificios, as mesmas labias, o mesmo processo de commover pelas lagrimas!... Não, elle decididamente não se prenderia mais!

E no dia seguinte (fraquezas de poeta...) lá ia rua abaixo, cigarro ao canto da bocca, trau-teando baixinho, direito como um fuso, á casa da Rosita, como si nada tivesse acontecido.

Ella recebia-o como de costume — atirando-se-lhe aos braços n'uma furia de amor selvagem...

—Adoravel, esse Luciano! dizia ella.

Rosita era uma esplendida *muchacha*, uma formosissima rapariga de vinte e trez annos, nascida em Buenos Aires, espirituosa, terna e insinuante como um fructo prohibido. Via-se-lhe a alma através dos olhos muito meigos, de longas pestanas e onde havia um quer que era demoniaco e irresistivel. Fugira aos vinte annos com Luciano e nunca mais o deixara por coisa alguma deste mundo, assim como tambem nunca mais puzera os pés no palco, trocando todas as suas glorias de bailarina admiravel pelo grande amor, pelos caprichos incoerciveis de um artista apaixonado.

Muito sensível e franzina, labios escarlates de tísica, foi definhando, definhando cada vez mais, até que um bello dia (por signal arrulhavam pombos no telhado...)—pobre Rosita!—mandaram-n'a, sem dó nem compaixão, para debaixo da terra, dentro de um caixão forrado a setim cor do céu, toda de branco (extravagancia de Luciano), em trajes de Nossa Senhora de Lourdes, com uma faixa azul na cinta, muito alva, duas rosetas de carmim nas faces... Cortava o coração ver aquella creatura, uma santa que nunca fizera mal a ninguém, que dava esmola aos pobres e gostava de flores e creanças, tão boa, tão tenra, e cuja vida fôra um rosario de dedicações impagaveis, ir-se para o cemiterio, deitada num esquife, inteiriçada e feia como um qualquer bloco de marmore...

Eu, por mim, confesso, achei aquillo uma iniquidade. Luciano, esse recebeu o golpe de frente, sem uma queixa, sem uma lagryma, os olhos enxutos de dor! Mumificava-se diante do cadaver da amante. Ah!... ia-me esquecendo a caixinha de veludo azul claro. Foi justamente sete dias depois do enterro de Rosita, num domingo, que a vi pela terceira vez sobre a secretaria do meu amigo. Não me contive: —Que é isso, ó menino? —Nada... Um presente de annos... —Segredo?... —Sim, segredo... Calei-me para não ser indiscreto, mas Deus sabe a curiosidade que me torturava o espirito. Elle, porem, o bom Luciano, comprehendeu a minha afflicção e, condescendendo, entregou-me a chave do *inviolavel segredo*.

O manes de Phidias, ó espirito immortal de Praxiteles, ó alma illuminada de Benevenuto Cellini, si visseis o que eu vi dentro da mysteriosa caixinha azul de Luciano, certo o vosso divino orgulho de artista se abateria, mestres, ante a mais perfeita e a mais bella de todas as creações humanas, essa assombrosa mão de marmore, e esse primor de esculptura, genialmente feito pelo escopro de um bohemio das ruas, essa mão fina e aristocratica, tão distincta e tão delicada que dava vontade á gente de beijal-a, mordel-a e adoral-a de joelhos como a um amuleto sagrado!

—Que primor! murmurei crendo assistir a uma resurreição.

—E' a mão de Rosita, fez Luciano com um sorriso desconsolado.

—E porque não lhe esculpiste antes o coração em marmore? Seria até mais poetico...

—Sim, mais poetico... Fôra preciso, porém, rasgar-lhe o peito, e eu amava-a muito, meu amigo. Primeiro o amante, depois o artista...

E duas grossas lagrymas cristalisaram-se nas faces do maior artista que eu já conheci.

(Dos Pequenos Contos, livro póstumo).

ADOLPHO CAMINHA.

A evolução da vida

(Conclusão)



Emquanto o *amphioxus lanceolatus*, estudado cuidadosamente, demonstrava a existência de um vertebrado sem craneo que por todas as particularidades da sua estrutura tinha de collocar-se abaixo dos Craneotas conhecidos e approximar estes

dos animaes inferiores,—por outro lado o estudo cuidadoso dos Ascídios, confrontado com o do *amphioxus*, demonstrava pela Anatomia comparada, e sobretudo pela Embryologia, que os Vertebrados provinham dos Vermes; os Ascídios, classificados entre os Vermes Coelomatas, revelam na sua embryologia o famoso segredo d'este parentesco. Seguindo parallelamente o desinvolvimento dos Ascídios, e o do *amphioxus*, vê-se que as mesmas phases se repetem de parte a parte na formação do tubo digestivo, do aparelho respiratorio, e do aparelho sanguineo; e (o que é verdadeiramente importante) apparece nos Ascídios a formação de uma corda dorsal e de um tubo medullar exactamente como no *amphioxus*;—mas, enquanto n'este ultimo corda e medulla persistem durante toda a vida adulta, nos Ascídios, para o fim da evolução embryonaria, corda e medulla desaparecem, assumindo o animal na sua forma adulta o typo caracteristico dos Vermes; pelo que diz respeito ao esqueleto e ao systema nervoso, a embryologia dos Ascídios prova, pois, que por circumstancias ignoradas elle é um descendente degradado de um grupo de Vermes superiores que tinham corda e medulla, vermes extinctos d'onde sahiram os primeiros vertebrados; d'este modo se acha completada a arvoregenealogica d'estes animaes. Os Protozoarios deram origem aos Metazoarios; estes originaram para um lado os Zoophytos e para outro os Vermes; d'estes ultimos nasceram typos que originaram os Radiarios, os Molluscos, os Articulados, e, por fim, o grupo dos Cordonianos (vermes com corda) d'onde descenderam os Vertebrados Acraneotas.

Está chegado o momento em que o embrião humano, d'acraneota que era, passa a revestir os caracteres dos Craneotas. O canal medullar, terminado n'um estreito cego, vai agora dilatar-se successivamente em tres e em cinco ampolas cerebraes,—ao mesmo tempo que o canal protector se dilata tambem,—resultando, portanto, um pequeno cerebro e um pequeno craneo. Os orgãos dos sentidos começam a desenharse; o embrião humano, que ainda não apresenta membros, attinge a forma dos Cyclostomas (lampreias). Das partes lateraes da cabeça e do pescoço, logo por deante da extremidade superior do tubo digestivo, apparecem de um e outro lado cinco ou seis prolongamentos em arco, separados por outras tantas fendas (são os arcos branchiaes); n'esta epocha o embrião do Homem não se distingue do embrião dos Peixes; os arcos branchiaes (que nos Peixes hão de formar a caixa branchial sobre que as guelras assentam) transformam-se no Homem por modo que concorrem para a formação de parte do canal auditivo e para a formação do osso hyoide (com excepção do primeiro arco que n'um e n'outro caso concorre para a formação da face). O coração divide-se em duas cavidades, e a aorta dá origem ás arterias branchiaes (como nos Peixes). O cerebro humano complica-se como o dos Peixes. Finalmente as extremidades apparecem, recordando pela sua forma rudimentar as barbatanas peitoraes e ventraes. Da parte cephalica do tubo digestivo, destaca-se inferiormente um appendice digitiforme que para logo se divide na sua extremidade; este orgão que mais tarde ha-de formar o pulmão representa fielmente o aparelho hydrostatico dos Peixes (a *vesicula natatoria*). E, assim como dos Selacios (peixes primitivos) para os Amphibios se passa pelos Dipneustas (verdadeiros peixes que passaram a viver em terra, accomodando a vesicula natatoria ás funcções da respiração aerea,—e tendo assim duas respirações que lhes garantem dois generos de vida diferentes), assim tambem o embrião humano se encaminha na sua evolução para o typo dos Amphibios; a auricula cardiaca divide-se, resultando d'ahi um coração com tres cavidades, emtanto que a circulação das arterias branchiaes começa a derivar para as arterias pulmonares; no embrião humano apparece então o animal de respiração aerea.

Todos conhecem as extraordinarias e eloquentes transformações por que passam os *sapos* e as *rãs*:—a principio, são pequenos animaes pisciformes sem membros, e respirando por meio de guelras (chamam-se então *gyrinos*); pouco a pouco os membros começam a desinvolverse, e a cauda a estrangular-se; a vesicula natatoria dilata-se em cavidade pulmonar, á medida que as guelras vão gradualmente desaparecendo; *sapos* e *rãs* passam a tomar suas formas definitivas; as extremidades são já n'estes animaes *pentactylas* (isto é, com cinco dedos). Não pode exigir-se demonstração mais cabal de que os Amphibios descendem dos Peixes; todavia não é o *sapo* nem a *ran* que nós podemos inter-



O VAPOR «MARANHÃO»—SALÃO DE JANTAR

calar na serie dos nossos avós; é a *salamandra* ou a algum *amphibio* proximo que nós devemos a paternidade,—porque, sendo o embrião humano (e tambem o dos outros *Mammíferos*) caudado n'esta phase e ainda por muito tempo, força nos é recorrer a avoengos de longa cauda.

Um novo e grande progresso se nota agora no embrião humano. Vimos como de parte do folheto interino do blastoderma se formára um órgão accessorio de nutrição (a *vesicula umbilical*). Agora porém que essa reserva se acha exgotada pelo crescimento do embrião, um novo órgão nutritivo apparece: da parte inferior do tubo digestivo nasce um prolongamento que, sahindo do orificio abdominal do *umbigo cutaneo*, ao lado da *vesicula umbilical*, vai coberto de vasos sanguineos cravar-se no parede uterina (é a *vesicula allantoidea*, a qual na sua parte intra-abdominal constitue a *bexiga urinaria*,—enquanto na sua parte extra-abdominal se converte em *placenta fetal* que se encarrega d'ora em diante de ir buscar ao seio da mãe a nutrição para o filho). Ao mesmo tempo o folheto externo do blastoderma tem formado um sacco completo e protector do embrião (o *sacco amniotico*), sacco cheio de liquido em que o germen fluctua.

Vesicula allantoidea e *sacco amniotico*, que os *Amphibios* não possuem, caracterizam os tres grupos superiores (*Reptis* e *Aves* para um lado, *Mammíferos* para o outro).

O *Homem* entra pois na phase amniotica; e,

como não podemos procurar-lhe um antepassado entre os *Reptis*, temos de admitir que os *Proto-amniotas* (um grupo extinto,—que deu para um lado os *Mammíferos*, e para outro os *Reptis* e as *Aves*) constituem certamente derivação posterior dos *Reptis* aperfeçoados (facto este justificado pelo exame do esqueleto, do systema nervoso, e pelo modo da reprodução).

Chegado a este ponto o embrião do *Homem* entra na phase de *mammifero*.

O coração, que se dividira primeiro transversalmente em aricula e ventriculo (como nos *Peixes*), apresenta já (como nos *Dipneustas* e nos *Amphibios*) um começo mais de divisão vertical a começar pela aricula; em seguida (como nos *Reptis* em parte, e de um modo completo nos *Mammíferos*) divide-se o ventriculo e o bulbo aortico, constituindo por esta fórma dois corações independentes como o exige a respiração aerea (um para a circulação geral, outro para a circulação pulmonar). O cerebro, até agora predominando pela sua parte média (como nos *Amphibios* e *Reptis*), começa a desinvolver-se pela sua parte anterior. As *grandulas mammarias* apparecem mas sem *mamilo*, como nos *Mammíferos* inferiores (*Ornithodelphos*); e, como n'estes ultimos, a cavidade genito-urinaria e a cavidade rectal formam um seio commum chamado *cloaca*; em breve esta *cloaca* se divide, e o embrião se aperfeçoa até ao typo dos *Marsupiaes*, superior ao dos *Ornithodelphos* e é n'este

momento que a allantoidéa, convertida em verdadeira placenta, se crava no útero materno, porque (como é sabido) as duas primeiras ordens de Mammíferos (possuidores já de allantoidéa) não são ainda placentários, como as ordens superiores.

O embrião, que no fim do primeiro mez attinge a forma de vertebrado inferior e no fim do segundo a phase de amniota, acha-se agora aproximadamente no terceiro mez e entra rapidamente na phase dos Prosimianos e dos Macacos, para revestir afinal a forma verdadeiramente humana; a extremidade caudal reduz-se gradualmente ás proporções dos coccyx; todos os órgãos se aperfeiçoam successivamente; a face architecta-se bem como o pé e a mão, no typo humano; e o cerebro (como succede na escala dos Mammíferos), crescendo e avolumando-se pela sua extremidade anterior, vai successiva e gradualmente enchendo pela maior parte a cavidade craneana de modo que cobre o cerebro médio e o cerebro posterior (caracter este comum no grupo dos Primates que abrange com o Homem todos os Macacos).

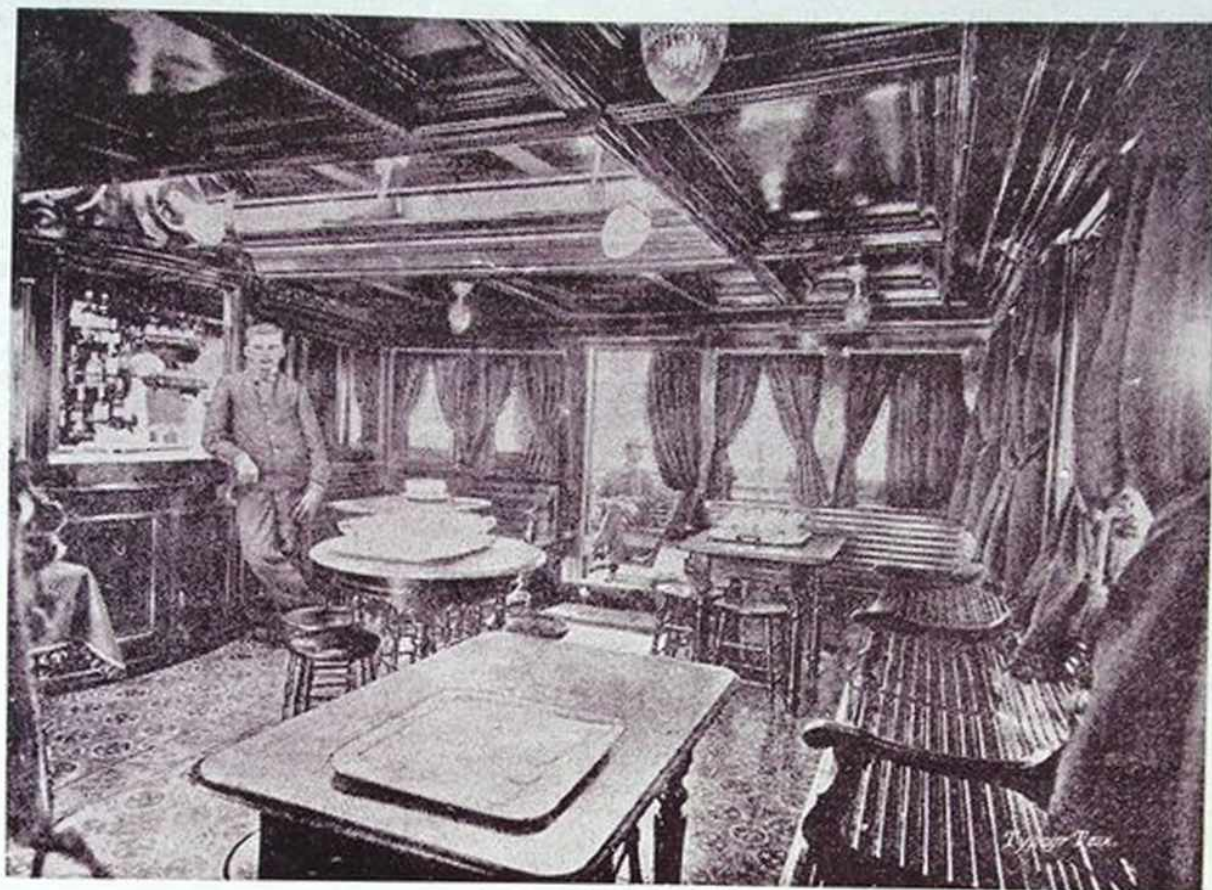
Seria curioso seguir aqui passo a passo a evolução do aparelho genito-urinário; prescindimos, porém, de intrar n'esse assumpto, por achar-se elle já minuciosamente tratado no vol. CXXVIII da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*. («O macho e a fêmea no reino animal»); aqui diremos apenas que o embrião humano, asexuado nas primeiras phases, apresenta depois as partes essenciaes do hermaphroditismo que se aperfeiçoa durante um certo tempo como todos os órgãos accessorios, até que afinal um dos sexos se determina e se desinvolva,—ao passo que o outro se atrophia, deixando todavia vestígios e restos evidentes.

A ordem dos Macacos divide-se naturalmente em duas sub-ordens:—*Catarrhinos* (que habitam no «antigo continente») e *Platyrrhinos* (ou «Macacos americanos»). Os *Platyrrhinos* distinguem-se dos *Catarrhinos* pelo menor desinvolvimento do cerebro, porque tem as fossas nasaes divididas por um largo septo, e pouco desinvolvidas as azas do nariz, d'onde resulta que as narinas se abrem para fóra, e, além d'isso, pela existencia de 36 dentes;—por seu lado, os *Catarrhinos* tem as fossas nasaes divididas por um septo delgado, as azas do nariz tem desinvolvidas, as narinas dirigidas para baixo, o possuem 32 dentes,—caracteres estes que lhes são comuns como o Homem, o qual por estas razões tem de ser classificado na sub-ordem dos *Catarrhinos* (separados desde muito tempo dos *Platyrrhinos*, visto que até os fósseis americanos apresentam sempre nos esqueletos tres pequenos dentes molares em cada meia maxilla, em vez de dois que se encontram constantemente nos fósseis do «velho continente»).

Qualquer quer que seja o grupo de órgãos (dizem Huxley e Hæckel) que se estudem na serie dos *Catarrhinos* até ao Homem, chega-se forçosamente á conclusão de que o genero humano descende dos Macacos; e, se comparamos

os «Macacos Anthropoides» (*gorilla*, *chimpanzé*, *orango*, *gibbon*) com o Homem, achamos entre este ultimo e os Anthropoides semelhanças maiores que as existentes entre os Anthropoides e os *Catarrhinos* inferiores. De feito, os trabalhos de Huxley demonstram por modo indiscutível que a estrutura do pé e da mão do Homem é a mesma que a dos Macacos superiores pelo que respeita ao esqueleto e á musculatura, e que os Anthropoides são tão bimanos como o Homem, ou o Homem tão quadrmano como os Anthropoides; n'uns e n'outros a placenta apresenta na sua inserção e na sua estrutura as mesmas particularidades. De mais (como é sabido) os Anthropoides tem (como o Homem) cauda reduzida e um coccyx sub-cutaneo, e no cerebro a mesma estrutura fundamental que o Homem. Todavia o Homem não descende directamente de nenhum dos Anthropoides existentes; emtanto que o *gorilla* se lhe aproxima mais pela configuração do pé e da mão, o *chimpanzé* possui o craneo, mais humano, o *orango* tem um cerebro mais perfeito, e o *gibbon* uma caixa thoracica mais desinvolvida. Admitte-se pois um antepassado commum, do qual descenderam divergindo os Anthropoides e o Homem. E admitte-se, mais ainda, que entre a forma anthropoide e a forma verdadeiramente humana existiu uma forma intermédia, humana já pela forma, mas ainda sem linguagem, (*homo alalus* ou *pithecanthropus*), nos terrenos terciários; este elo da nossa arvore genealogica é ainda hoje representado pelos microcephalos dos quaes nos possuímos um magnifico exemplar na celebre Bem-vinda (existente no Hospicio de Rilhafolles), exemplar que tão profunda sensação causou ao Congresso Anthropologico de 1880 quando ali foi apresentado pelo professor Oliveira Feijão,—como se a *mulher alala*, por incanto magico, houvesse alli resuscitado dos terrenos pliocenos no intuito de convencer os incredulos!

Temos feitos a largos traços o parallelo entre a «serie phylogenetica» e a «serie ontogenetica» do Homem. Resta agora reforçar, se é possível, este parallelismo com um esboço rapido da «serie paleontologica». O estudo dos fósseis mostra que durante a idade primordial ou «idade archolitica», a qual representa metade dos terrenos estratificados, se desinvolveram todos os Protozoários, os Metazoários inferiores, os Vermes, os Cordoados, as primeiras formas vertebradas (*amphioxus*, *Cyclostomas*), e os Peixes primitivos (*Selacios*), encontrando-se os restos d'estes ultimos nas camadas superiores d'esta idade no terreno siluriano. Na «idade paleolitica» o grupo dos Peixes expandiu-se largamente; e, nos terrenos que então appareciam já a descoberto fazem intrada os primeiros peixes que puderam converter a vesicula natatoria em aparelho de respiração aerea (os *Dipneustas* derivados dos *Selacios*),—como d'estes ultimos derivaram para outro lado os Peixes superiores; seguem-se os Amphibios e os primeiros Anurotas, cujos restos se encontram já no terreno carbonifero e permiano. Na terceira idade ou



O VAPOR «MARANHÃO»—O BAR

«idade mesolítica» dominam Ampíbios e Reptis, ao passo que se encontra já no terreno trassico os primeiros Ornithodelphos, e no terreno jurássico os Marsupiaes (estas duas ordens de Mammíferos sem placentas apresenta já um grande desinvolvimento no terreno cretáceo). Na idade terciária ou «idade cenolítica» surgem os Mammíferos superiores ou placentais, que derivam dos Marsupiaes e parecem dividir-se logo em dois grandes ramos:—Mammíferos de placenta difusa (*Indecidua*) como os Ungulados; e Mammíferos de placenta confluyente em anel ou em disco; são os Prosimianos que parecem ter dado origem a quasi todos os placentais superiores (*Decidua*), mammíferos em que a placenta fetal arrasta consigo uma parte da mucosa uterina (*caduca maternal*). E' de um dos ramos dos Prosimianos de placenta discoide, proximo do genero *lemur*, que sahiram os verdadeiros Macacos.

Finalmente o Homem fez a sua apparição na idade pliocénica, ou talvez antes para se expandir largamente na idade antropolítica nos terrenos do dilúvio e do alluvio.

Resulta pois a mais notavel concordancia no estudo das serie phylogenética, entogenética, e paleontológica, para o fim demonstrar a verdade da theoria genealógica do reino animal: por toda a parte a successão das formas e a sua

transformação gradual. Sobretudo a successão e a sua transformação das formas embryológicas é de uma eloquencia verdadeiramente admiravel; como se tantas outras razões não bastassem, cada um de nós, cada animal, cada planta, tem na serie das formas ontogenéticas a breve recapitulação dos seus principaes avós, breve mas indelevel porque é feita em formas de alto relevo que ninguém pode apagar. Parece que a Natureza, ciosa do que lhe roubassem, a sua obra primorosa, quiz que cada individuo trouxesse consigo o sello indelevel de quantas luctas, de quantas myriades de seculos foram necessarias para chegar das formas infimas das Moneras até aos representantes immensamente complexos e perfectos que corôam as cumiadas do reino organizado.

Lêr (disse Pelletam) é viajar no mundo das idéas. E pode dizer-se tambem que viajar e observar é lêr no mundo dos factos, lêr no livro da Natureza. Ora, quem sabe observar em Embryologia, lê, na vida intra-uterina de cada um de nós, a pagina que conta a historia dos nossos antepassados; vê passar deante dos olhos a galleria dos nossos avoengos; e essa pagina é a mais authentica mais genuina, mais incontestavel do que a certidão do registo ecclesiastico ou do registo civil, em que se ache exhibida a nossa paternidade. De resto, a questão divide-se em

duas palavras: o Homem, porque é um mamífero, tem origem commum com todos os Mamíferos; porque é vertebrado, tem origem commum com todos os Vertebrados, e, desde que se provou que os Vertebrados descendem dos Vermes, o Homem descende, com elles, dos Protozoários inferiores, e lá estão para attestá-lo as phases que vão da Monera á Gastrula, phases que seguem successivamente a fecundação do ovulo humano.

RODRIGO PEREIRA.

Philosophia de um Garoto



Mar equinoxial. A praia de Icarahy, na poesia selvática das fraguas de Itapuca, emperlava o seio alvissimo com um largo collar de espumas scintillantes.

As ondas tinham as modulações das almas amorosas, grandes ancias de ciúme, coleras bruscas, entre queixas plangentes e sensuaes meiguices.

E, rasgando-lhes o rumoroso coração, a legendaria Cabeça do Indio, talhada na salsa penedia e coroada pela flora agreste fitava eternamente o horizonte; e ali, á beira do oceano, recordava a cada instante todo o encanto e a liberdade toda da nossa primitiva selva.

Manhã azul, manhã feliz.

Pelos *comolos* de areia alvinente arrulhavam bandos de crianças. Cortavam o ar, tocados pelo sol nascente, cordões extensos irerés velozes, abandonado os ninhos salitrosos da costa, em busca dos baixios das ilhotas desertas do fundo da Bahia.

Não tardaria a vasante.

Sobre os abrolhos, roídos pelas vagas, pescadores estendiam os caniços, silenciosamente ouvindo o marulho monotonico dos ultimos arancos dos vagalhões partidos.

E apenas, como para dar um tom mais vivo a essa formosissima paisagem, um pequeno barco se balouçava ao largo.

A' prôa, um tripulante unico.

A linha em punho, o anzol imerso a cobicar a presa, attento e canto, nem o movimento se lhe notava ao longe.

Concentrado o olhar sobre o dorso convulso das aguas; talvez buscando em vão sondar-lhes as estranhas, certamente não reparava que, da beirada, era insensivelmente o alvo preferido de todas as vistas.

E quando elle se erguia, e, alçando o braço sobre a fronte em um circulo rapido e certo, lançava em outro rumo a isca, não havia quem não acompanhasse de terra a nova trajetoria que o lastro do anzol ia marcar além, fazendo saltitar a escuma.

Em uma dessas occasiões, porém, falhara a destreza ao pobre pescador. Não alcançara o fluctuador o ponto desejado.

Houve quem lhe visse mesmo da *areola arenosa* da praia um gesto de paciência.

E então, quando procurava melhor firmar-se sobre a borda da canôa, apanhando outra vez a linha para atiral-a ao ponto ambicionado, faltou-lhe o equilibrio; e entre os gritos de susto de uns e os risos de outros, todos o viram tombar, sumindo-se bruscamente nas ondas agitas.

Houve um instante de geral anciedade.

Disputaram todos em descobrir primeiro o logar de onde surgiria de tão grande mergulho o rude embarcadico, de certo um desses lobos do mar, calejado nessas lutas diarias contra os elementos. Mas passaram-se segundos. E, como ninguém o lobrigasse vir á tona, não tardou que um exclamação unanime de horror escapasse de todas as bocas.

A canôa, entretanto, continuava a balouçar-se ao largo.

Abandonada e só, nem ao menos poderia talvez servir de esquite ao velho pescador, que a amara tanto. E, diante daquela cobardia subita, em que o instincto de conservação fizera que não houvesse um só braço que ousasse affronter a furia do pélago, buscando salvar o pobre naufrago, apenas um pequeno garoto, parado no meio da multidão, em um mixto de indignação e terror, volvia os olhos supplices do coração dos homens, e em uma apostrophe que valia um poema, dolorosamente soluçava:

—E assim morre um homem do povo!

DUNSHEE DE ABRANCHES.

MYSTERIO

SOBRE UM POSTAL DE LAYETTE LEMOS.

A piedosa expressão que desse olhar nos desce, Repassado de amor, de saudade ferido, Deixa vezes trahir, para longe perdido, Algum sonho feliz que nunca mais se esquece.

Outras vezes, mostrando a meiguice da prece Na pupilla a boiar, de algum modo dorido, Quer nos dizer talvez o que tem padecido... —Vaga recordação que se não desvanece...

No entanto há um mysterio atravez disso tudo, E eu tento desvendar alguma cousa, embóra Meu olhar só encontre outro olhar sempre mudo...

E em vão procuro, em vão! Se alguma cousa existe, E a saudade sem fim dos bons tempos de outr'ora Que hoje apenas lhe traz a Alma dolente e triste!

Recife—Fevereiro—1905.

ADALBERTO PEREGRINO.

A questão feminista



O nome da sra. D. Anna de Castro Osorio não é já desconhecido dos leitores d'A *Revista do Norte*.

Ainda não ha muito tive ensejo de me occupar dum dos seus livros, o romance *Ambições*, em que, a par de inevitaveis hesitações, fataes a quem queira no nosso paiz exercer a serio uma carreira de *femme de lettres*, se notavam, ainda mais do que notaveis aptidões artisticas, um solido bom

senso, sem o qual a critica de costumes nem se exercita cabalmente, nem facilmente se tolera.

Todavia, não duvido avançar que, melhor do que no romance, a snra. d. Anna Osorio nos dá provas do seu talento e dos seus rasgados intuitos numa obra de propaganda, como esta que constituiu o maior acontecimento do mez de agosto, e que intitulou tão singela como expressivamente *As Mulheres portuguezas*, visto que a ellas era especialmente dedicado o seu trabalho.

Compreende-se o facto. A snra. d. Anna Osorio é uma propagandista. Levam-a para este bello campo de doutrinação moral as premeditações do seu espirito e os sentimentos do seu coração. De ha annos a esta parte, tudo quanto signifique um proposito de instrucção ou um anelo educativo, empregados no sentido de dar protecção e ensino de alma aos humildes e aos que a ignorancia entenebrece, tem sempre merecido a attenção da illustre escriptora, que por taes motivos adquire titulos á benemerencia social. Ao contrario das mulheres escriptoras, que se encastellam na torre de marfim duma arte em que a sentimentalidade faz as vezes do legitimo sentimento e o purismo as vezes do espirito, a snra. d. Anna Osorio não se considera como gosando os privilegios duma carta intellectual que pretende affixar a elevação do seu trabalho muito acima do nivel dos outros trabalhos que nobilitam o esforço humano. Não. Logo que o seu concurso é requerido para auxilio de qualquer iniciativa generosa, logo que o seu coração se considera no dever da espontaneamente trazer a sua palavra a uma obra que a sua consciencia reputa boa,—eis que ella apparece singelamente, nobremente, a dizê-la, com isenção e calor.

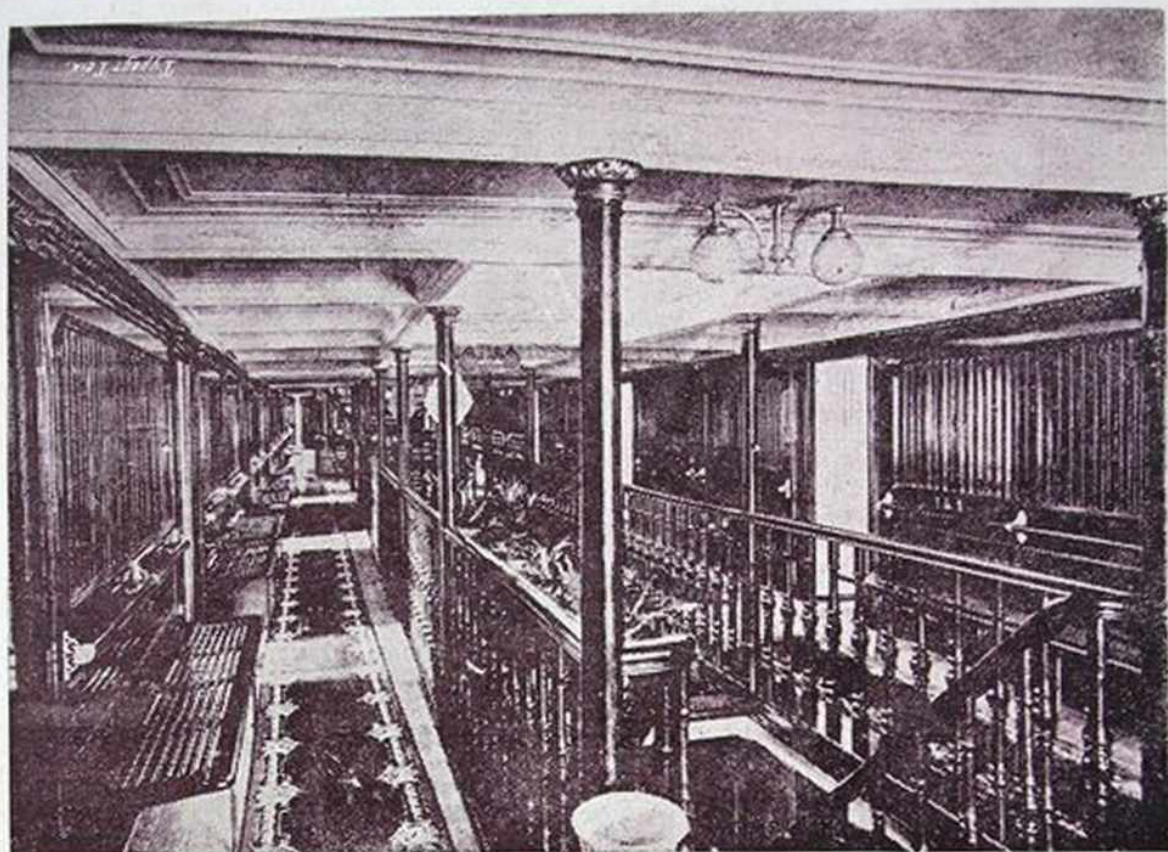
O livro que publicou agora é para mim o melhor, e o maior dos seus trabalhos. Confesso-o, com a franqueza que—deixem-me ter esse orgulho,—me inspira sempre n'estas annotações

ao movimento literario do meu paiz: quando peguei na obra da snra. d. Anna Osorio, fi-lo com verdadeiro receio.

O movimento feminista, a que o livro se me affigou referir-se, tem na sua historia um numero de incidentes disparatados ou ridiculos, que inevitavelmente o compromettem aos olhos de t. da a gente de bom senso. Para as suas reivindicções, a liberdade tem tido muitas vezes a extravagancia, como a reclamação do saber a justificação do pedantismo, e o direito ao amor puro e franco a capa das alterações do capricho e do vicio. Não temia eu que a snra. d. Anna Osorio, senhora de tão altas virtudes como talentos, viesse defender as theorias desgrenhadas de certas escolas que, a pretexto de elevar a mulher, a poem á beira de abysmos tão ameaçadores como aquelles para que impelliam as suas victimas d. João ou Lovelace. Mas receava que a illustre escriptora, embora não advogando um feminismo tão perigoso ou tão grotesco, não lhe lançasse a sua reprovação, temendo que, perante espiritos superficiaes, a pura essencia da sua causa se prejudicasse com o ataque aos seus exaggeros, que, pelas preoccupações do escandalo, tem sido erradamente tomados como as suas bases fundamentaes.

Tal não succedeu, porem, e eu acabo a leitura deste livro com a impressão consoladora de quem se saciou com um fructo são. A obra da snra. d. Anna de Castro Osorio é duma rectidão que merece os maiores elogios. Não vem aggreddir os homens,—n'esse proposito inconsciente de tantos trabalhos feministas em que se procura proclamar o rompimento dos laços legaes que unem a mulher ao homem, para dár áquella o direito de multiplicar, a seu bel prazer, os laços illegaes com esse mesmo sexo pelo qual se affecta um tão anti-natural desprezo. A distincta escriptora proclama mesmo como missão identica da mulher e do homem essa ligação fecundante e natural d'onde dependem os destinos da humanidade. Deseja-a, porem, leal e equitativa; quer, e com justiça, que ella seja uma perfeita associação entre dois seres que comprehendam as responsabilidades da vida e se irmanem nos sentimentos do amor e nas aspirações da alma. Que o unico interesse que liga a mulher ao homem seja o da satisfação do seu coração, e vice-versa. Que nisso a mulher irá sacrificar o seu presente e o seu futuro a um homem que não ame, porque essa ligação lhe garanta a existencia ociosa; nem o homem, pensando já na permanente infidelidade, venda, pelo menos a rectidão da sua consciencia, ao dote atrahente duma esposa sem outros attractivos. Numa palavra: que cesse o regimen de convenção e de mentira, em todas as relações dos dois sexos,—e para tal não vê de outro remedio que não seja o da educação tornando a mulher um ser autonomo e consciente, que possa, de igual para igual, contrahir com homem laços que, não sendo grilhões para nenhum sexo, constituam, todavia, indissolueis liames para todos os corações.

N'este sentido, urge que a mulher saiba, que a



O VAPOR «MARANHÃO»—CAMAROTES

mulher trabalhe e que a mulher pense. Liberte-mo-la da atmosphera de hypocrisia ou de violencia em que, de donzella a esposa, successivamente a vimos envolvida. Fazendo-o, o homem perderá a sua dogmatica autoridade, mais eximir-se-á á traição e á fraude com que sempre os fracos, mercê da astucia, se vingam das oppressões que os esmagam. Que não seja supplice, nem escrava; que nem galanteios capciosos lhe deem a impressão de ser uma flôr numa estufa, nem que essa pseudo-flôr se veja depois brutalizada pela mais agreste das tyrannias. Que seja mulher, pura e simplesmente, tão imperfeita como o homem, mas tão suceptivel como elle se engrandecia pela consciencia moral.

Eis a impressão que me ficou do livro da snra. d. Anna Osorio, que é um punhado de verdades sans, correspondendo a uma bella obra do futuro. Accentuo propositadamente a palavra futuro. Porque é na verdade para o futuro que este livro trabalha. Melhor ainda: o seu desideratum só ao futuro compete. O que não quer dizer que toda a propaganda no sentido que apostolisa não seja proveitosa e util.

O que eu desejo consignar é simplesmente que não passa dum sonho a aspiração de que em nossos dias uma tal transformação de costumes, leis e educação seja integralmente possivel. Ha sobre esta questão feminista uma frase dum escriptor americano, que sempre me tem forte-

mente impressionado. E' esta: «O feminismo é prematuro. Escravos não podem dar a liberdade a escravos». Com effeito, é a verdade. Na triste organização social dos nossos tempos, e mesmo perante a educação moral das actuaes gerações, o homem é ainda um escravo. Onde é que elle dispõe da liberdade, tal como ella deve ser comprehendida? Em parte alguma. Sim, na verdade esse pequeno tyranno lar domestico não passa cá fóra dum escravo tolhido nas malhas de ferro duma rede inexoravel de systemas oppressivos e avassaladora ignorancia.

Só por meio duma escolhida educação, a snra. d. Anna Osorio o sabe, é que a mulher como o homem se pode ir gradualmente emancipando. Se hoje fosse possivel dar-lhe uma liberdade ampla, o resultado seria contraproducente. Mais ainda: representaria um retrocesso para a humanidade. Quando ha tres ou quatro annos, na Belgica, o partido socialista pensou em reclamar para as mulheres o direito do suffragio, fóra a propria esposa de Vanderollde que veio manifestar-se contra a idéa. As mulheres belgas, votando, esmagariam irreductivelmente o pensamento socialista. Fanaticas e embrutecidas, só votariam com os seus curas, ou só olhariam ao seu immediato interesse. Venderiam o voto, ou para ir para o paraíso ou para comprar um lenço.

Esperemos pela alvorada redemptora que



A Moda d'A Revista

ha de um dia raíar sobre uma humanidade inteira reconciliada e feliz. Nessa ocasião estarão resalvados todos os direitos, quer os do homem quer os da mulher, por meio duma harmonia a todos extensiva. Não haverá mesmo direitos especiaes. Um só existirá, que se chamará Igualdade. E' então que as aspirações tão quistas e levantadas como as que a snra. d. Anna Osorio exprime no seu bello livro terão uma abençoada realisação. Até lá trabalha, para essa realisação, forçosamente morosa. Façamo-lo sem illuções, sempre reservadas ao duro golpe das decepções fataes; mas com fé, que é sempre uma

certeza de victoria. O que é preciso é sinceridade e bom senso. Estas duas fortes qualidades possue-as em eminente grau a snra. d. Anna Osorio,—e por isso ella é a maior escriptora feminista de Portugal.

MAYER GARÇAO.



A NOIVA

As tropas marchavam em defesa da Patria.

—Para a guerra!

Era como se dissessem:—Para a morte!

E elle ia marchar tambem!... Si casassem primeiro...—pensava a noiva.—Mas não, de que valeria, se o amor já lhes unira a alma... e o corpo delle talvez fosse ficar para sempre estendido no campo da batalha!...

E, por longas horas a fio ficava cahida numa poltrona, junto á janella, extenuada, grandes manchas rubras no rosto ardendo em febre, os pulsos latejando-lhe com violencia.

De subito movia-se e fallava:

—Ah!... Se elle fugisse?!...

Sim! Sim!... Se elle fugisse para bem longe! Fóra do alcance da Patria!... Casariamos então!

Depois, cahia na realidade e revoltava-se contra esses sonhos, consequencia do seu sistema nervoso grandemente excitado.

—Não!... Não!... jamais o aconselharei a ser covarde! a fugir ao dever!

...Nunca!

Lá fóra, na rua, os batalhões passavam para a morte; e por entre o rufar dos tambores, ouvia-se a voz do povo:

Para a guerra!

—Sim—respondia a noiva—para a guerra!... A patria tem razão... O meu noivo que vá tambem... e que morra por ella... Eu não lhe sobreviveréi por muito tempo, mas a Patria viverá, honrada e respeitada por todos. Que vá para a guerra!...

Nisto passava lá fóra um batalhão.

Entre os seus soldados, um suspendeo na bocca da clavina um lenço branco.

—Elle!... E prende na bocca da Morte, o symbolo branco da Paz...

Vae para a guerra, para muito longe de mim... tão longe, que só a Morte me poderá dar noticias delle!...

ROMARIO MARTINS.

SERENATA

Soluç a flauta.

O violão, n'uma surdina afiada, acompanhava a voz maguada de harmoniosa canção. Aniciosa, palpita, estua, a encantadora Angelina, ao ouvir a voz argentina da serenata na rua.

«Quem canta em noute tão bella?»—exclama a loura Angelina—«essa canção que illumina, partirá de alguma estrella?»...

«Será, quem sabe? um poeta, esse Romeu inspirado, que busca a noute velado nos sonhos de Julieta?»...

Abre a janella.

O luar se espalha em doce vertigem, naquella alcova de virgem, no leito, quasi um altar.

Pelo azul avelludado, onde a lua transparece, se asyla qual uma prece aquelle cantar maguado.

Voavam ledas chimeras, encantadas illusões, como um par de corações por um céu de primaveras.

E o violão sonoro requintava a melodia; e o trovador repetia esse estribilho amoroso:

*Sempre teus labios severos
me chamam de borboleta!
Se eu deixo as rosas do campo,
é só por ti, violeta!*

Fresca e linda como a flor, eis apparece Angelina, ao ouvir a estrophe divina daquelle exímio cantor.

Meigo o luar se desata, beijando Angelina bella e estende sobre a janella uma cortina de prata, como se velar quizesse, com extrema delicadeza, de Angelina essa belleza pura como a casta prece.

Ella, porem, dominada, por um firme pensamento, cedeu ao presentimento de ouvir a voz adorado.

E aquelle cantar tão puro, em su'alma de creança, fez brotar uma esperanza que lhe illumina o futuro.

Ja longe a cançoneta e Angelina inda ouvia o echo que repetia—*E' só por ti violeta!*

Conheceu que o trovador que cantava áquellas horas, era o cantor das «Auroras», o dono do seu amor.

(Macció)

ROSALIA SANDOVAL.

REQUIESCAT

O' coração, athleta eril, forte e robusto.
(Assim eu te julgara, assim eu te quisera.)
Que extraordinaria dôr, mais feroz que uma fera,
Faz-te gemer assim, faz-te pulsar a custo?

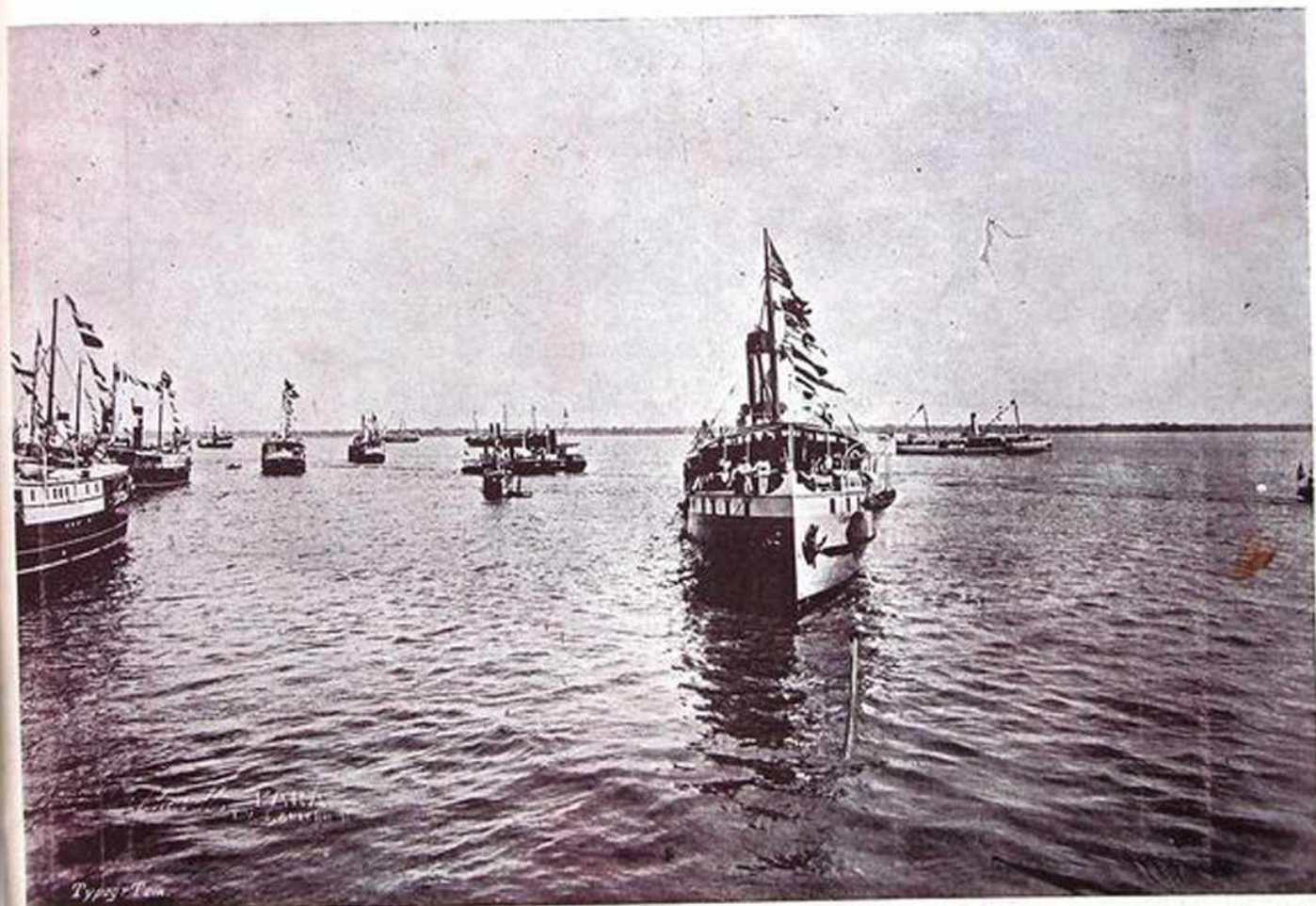
O' lutador audaz, ó lutador augusto,
Que mysteriosa causa o riso que eu te dera
Fez fugir, fez morrer, da vida á primavera,
E te enche de terror e d'um estranho susto?

Perdes todo o vigor, ó coração vencido!
E a tua dôr é muda, assim as grandes dôres
Que lagrymas não têm e que não têm gemido!...

Vaes morrer, eu bem sinto, e da morte mais bruta,
Definas sem cessar... E quando ao nada fôres
Repousa, ó lutador... descança em paz da luta!...

CICERO FRANÇA

A REVISTA DO NORTE



Clichê B. M. Burkhardt—Para.

NO PARA'—A FLOTILHA PREPARANDO-SE PARA IR AO ENCONTRO DO PRESIDENTE



NO PARA*—O «CAMPOS SALLES» CONDUZINDO O PRESIDENTE

Cliché B. M. Burkhardt—Park.

O MEZ

A VIAGEM PRESIDENCIAL

Eu não sei se da visita do sr. Affonso Pena aos Estados do norte da Republica adivirão resultados apreciaveis para o bom ou mau andamento dos negocios publicos.

E' um ponto este em que as opiniões divergem, em que os modos de ver se extremam em duas objectivas opostas.

Pensam uns que a viagem do Presidente eleito constitue um penhor seguro de prosperidade para os Estados que tiveram a honra de hospedar nas suas capitales, durante dois ou tres dias, o candidato triunfante das eleições de 1.º de Março ultimo.

Se ha nesses Estados alguma coisa de irregular ou de injusto, se os seus governos andam afastados das boas normas da administração, se

a politica que nelles domina faz da intolerancia a directriz magna dos seus actos, tudo isso cessará como por encanto, uma vez que na retina presidencial se tenham directamente fotografado tão escandalosos abusos.

Como e por que misterioso poder semelhante reviravolta se operará é o que nos não dizem esses observadores otimistas; creem firmemente na influencia benefica do olhar do Presidente, poderosamente reforçado pelo cristal dos oculos através das quaes se vae com sobranceira fitando nas coisas que se lhe deparam—com a mesma fé com que os supersticiosos acreditam no poder oculto do amuleto singelo que trazem ao pescoço.

—O Presidente passou por cá? Ah! então vae já tudo entrar nos seus eixos, sem sobresaltos e sem commoções.

E nessa risonha esperança adormecem, felizes e regalados.

Outros encaram as coisas por prisma diametralmente oposto.

A visita do sr. Affonso Penna veio estragar tudo.

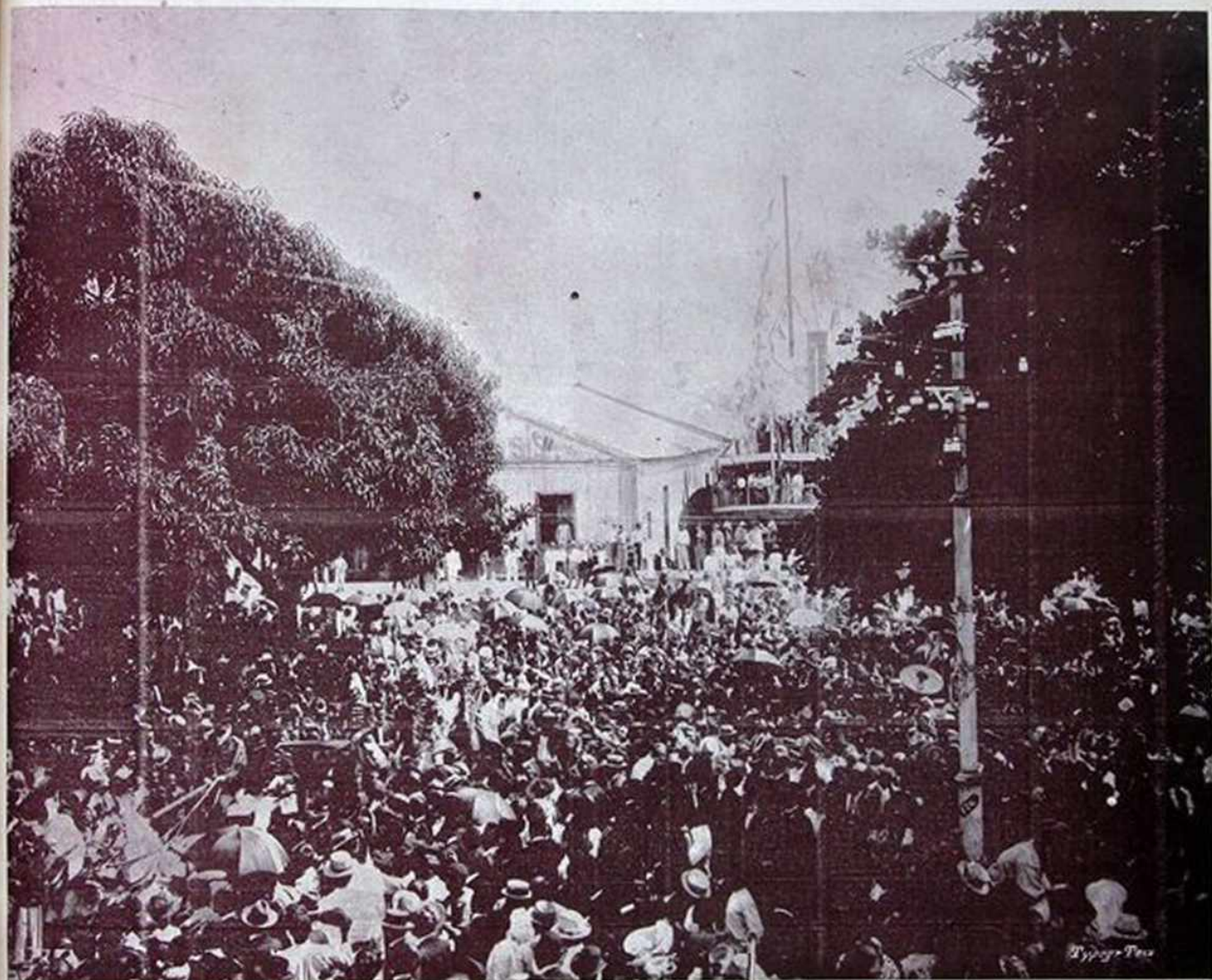
Os Estados que caminhavam bem, perderão o rumo e voltarão de novo ao ponto de partida e os que já transviados andavam deverão de vez dizer adeus á esperança de encontrar o ambicionado fanal que os deveria guiar ao porto da felicidade publica.

lar como estas para o esconjuro das figas.

—Andou por cá o Presidente? Ah! nesse caso estamos fritos, leva tudo o diabo!

E nesse apavorada expectativa se quedam, desanimados e infelizes.

Entre esses dois grupos estremados, campeia um terceiro que nem augura bem, nem mal da viagem do Presidente, antes pelo contrario....



Clôthé R. M. Burkhardt. — Park.

NO PARA'—O CARRO QUE CONDUZ O PRESIDENTE, NO BOULEVARD DA REPUBLICA, É RETIDO PELA ONDA POPULAR, E S. EXC. LEVANTA-SE POR VEZES PARA AGRADECER

Como os primeiros, estes novos observadores julgam-se isentos do dever de nos apontar as razões em que se fundam as suas pessimistas opiniões; crêem na influencia nefasta do olhar presidencial com o mesmo convencido terror com que as mães nos *maus olhados* que lhes *encaiporam* os filhos, sem nem ao menos ape-

As coisas publicas pelos Estados continuarão na mesma em que d'antes.

—O Presidente passou por elles? Pois será como se não tivesse passado...

Os que iam bem, bem proseguirão, os que caminhavam mal, mal continuarão a caminhar.



Cliché B. M. Burkhardt - Paris

NO PARA'—PASSAGEM DO CORTEJO PELA PRAÇA DA REPUBLICA

Nem os governos terão mais força, nem as oposições mais esperanças.

Ficará tudo na mesma.

Ignoram-se, como para os dois antecedentes, os fundamentos do modo de ver d'este terceiro grupo.

Não crêem na influencia boa ou má da viagem do sr. Affonso Penna, porque não acreditam na influencia de coisa alguma, nem neste paiz, nem nos outros.

E nessa absoluta descrença se deixam ficar, de charuto ao canto da boca, filosofando sobre a inutilidade dos esforços dos homens para mudar o rumo ás coisas publicas.

Creio que os meus leitores me pouparão ao sacrificio de escolher entre essas tres opiniões uma para o meu uso proprio.

Com relação a assuntos assim tão discutidos, tenho por habito exercer largamente o direito, que a todos nos cabe, do silencio e da indiferença.

Todos teem opinião mais ou menos assen-

tada sobre os resultados da viagem do sr. Affonso Penna: pois bem, quero dar-me ao luxo raro de, a respeito desses mesmos resultados, não ter opinião de especie alguma, nem assentada, nem no ar...

E livre assim da maior tortura que conheço para os rabiscadores de crônicas, qual vem a ser essa de se ter de pronunciar sobre questões controvertidas, passo logo á *ordem do dia*, isto é: aos festejos com que foi entre nós recebido o Presidente e a sua comitiva.

Neste ponto penso que não haverá duas opiniões; até mesmo os maldizentes inveterados, os *trepadores* de officio que por sistema e por indole vivem a dizer mal de tudo e de todos acordarão em reconhecer que as festas com que o Governo do Estado, como interprete fiel do sentir publico, acolheu o sr. Affonso Penna e o seu sequito estiveram na altura do fim que visavam.

Foram tres dias de movimentação e de lufa-lufa, pondo uma nota alacre de vida no ramerrão habitual em que se escôam os nossos

dias provincianos. Desde a hora em que o «Maranhão» aportou as nossas plagas até ao momento em que o «Barão» zarpou para Caxias levando a seu bordo os visitantes, a cidade assumiu um aspecto inteiramente diverso de que ordinariamente apresenta aos olhos dos que nella vivem e aos dos que por ella passam.

Visitas, recepções officiaes, passeios urba-

Presidente. Remetto, portanto, para essas gravuras e para o artigo que se segue, os que se quiserem informar do modo por que o Maranhão recebeu o sr. Alfonso Penna.

Para mim duas coisas dignas de nota sobrelevam em todo esse buliçoso e variado *maremagnum* festivo: o discurso do Governador do Maranhão saudando o Presidente eleito, no almoço



Cliché E. M. Barkhardt—Para

NO PARA—A MILICIA DO ESTADO AGUARDANDO O DESEMBARQUE

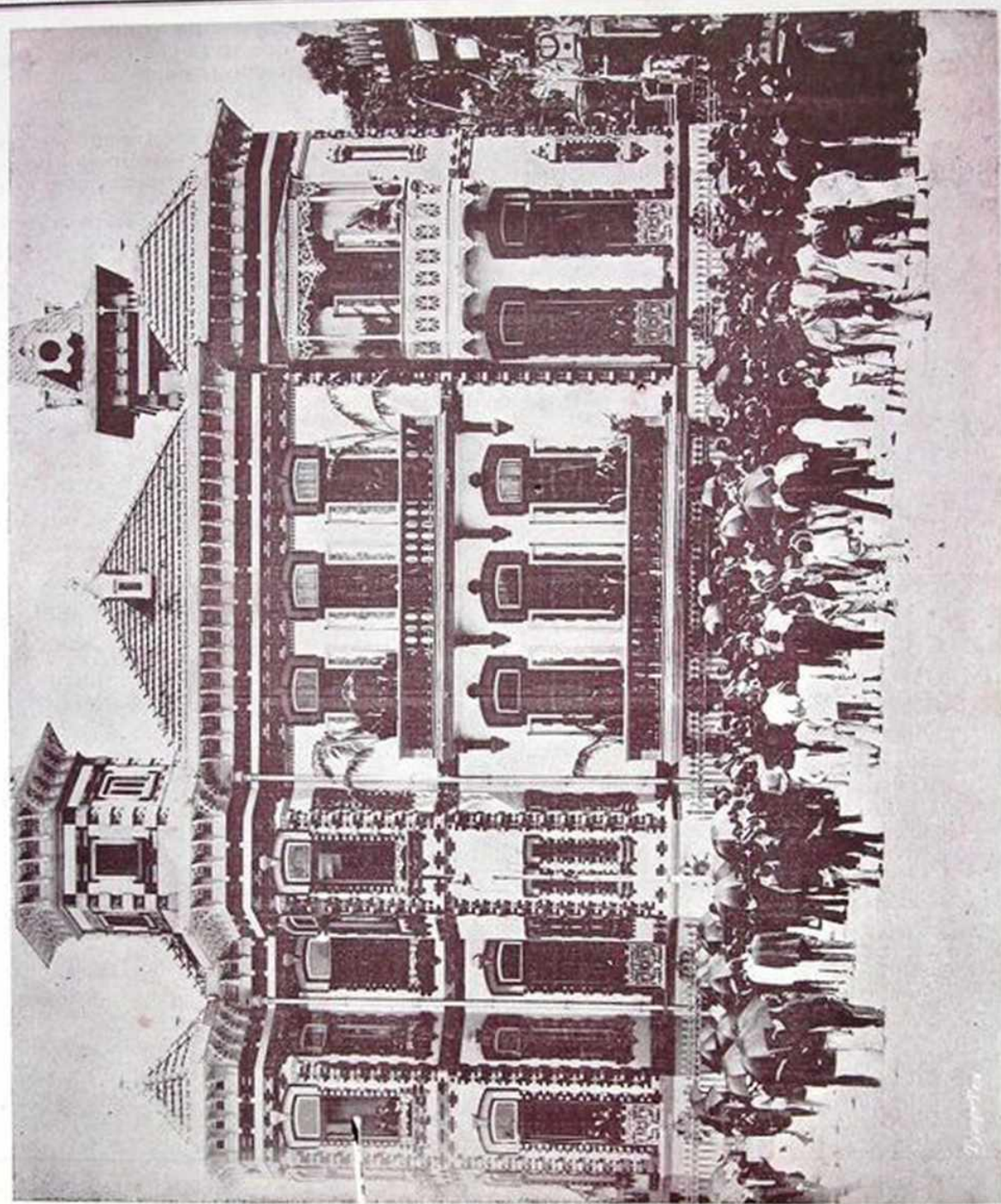
nos, festas populares, banquetes, musicas, discursos, flores, de tudo houve e em abundancia, a satisfazer plenamente o mais exquisito paladar.

O presente numero d'A Revista do Norte oferece aos seus leitores, com as magnificas gravuras que constituem a sua parte artistica, uma descripção rapida de tudo o que fez entre nós o

da chegada, e a homenagem dos jornalistas itinerantes ao Maranhão intellectual junto á esttua de Gonçalves Dias.

O primeiro encheu-me as medidas porque teve ideas e teve forma, duas cousas raras nas orações da maioria dos politicos.

O sr. Benedicto Leite foi de uma felicidade unica na sua saudação: as frases cahiam-lhe dos



Clôvis R. M. Buckland - Paris

NO PARA — MANIFESTAÇÕES POPULARES EM FRENTE AO PALACIO PRESIDENCIAL

labios harmoniosas e claras, num aprumo lidalgo de correção academica.

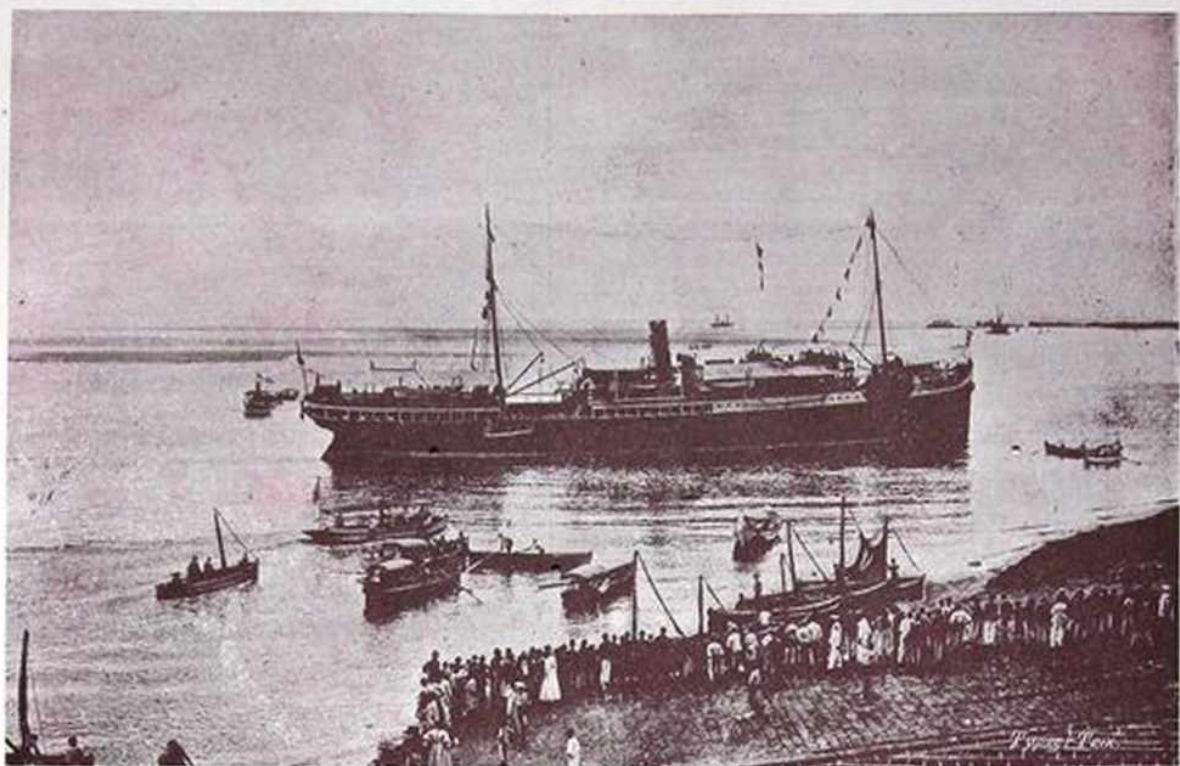
Sentia-se bem que o homem que as pronunciava era um espirito culto, familiarisado com as normas classicas do portuguez de lei.

A manifestação dos jornalistas foi singela e emocionante.

A multidão que cercava a estatua do poeta era composta de gente escolhida; tudo o que

havia de mais fino na terra ali se achava, em torno do marmore que eternisa a memoria do cantor dos *Tymbiras*.

E por aquelle adoravel pôr do sol maranhense, avoz de Raphael Pinheiro, «o rouxinol da imprensa fluminense», como lhe chamou Wanderley, sonora e clara, contava as torturas secretas da alma do poeta, e o seu grande amor trahido e o fim tragico que lhe poz termo á existencia.



Clichê Bilio

EM MARANHÃO—A CHEGADA DO «CONTINENTE», TRAZENDO A SEU BORDO O PRESIDENTE DA REPUBLICA,
GOVERNADOR DO ESTADO E COMITIVA



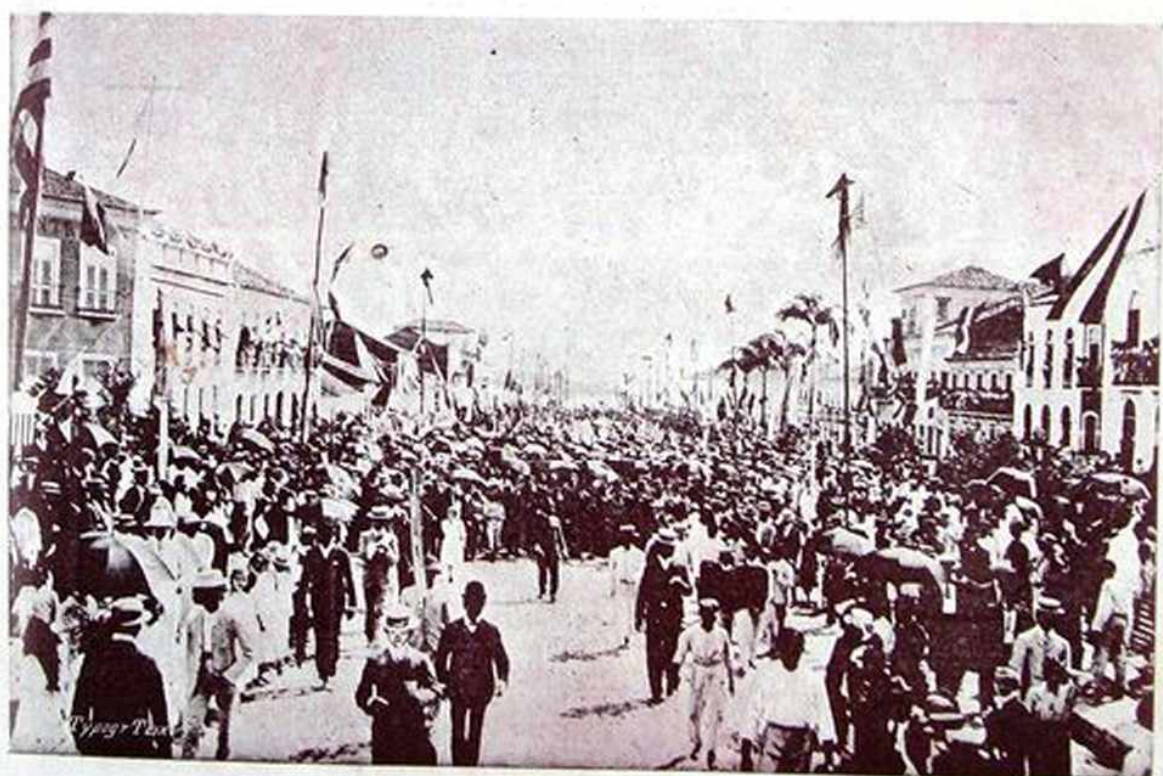
Clichê Teixeira

EM MARANHÃO—A SUBIDA PARA A AVENIDA



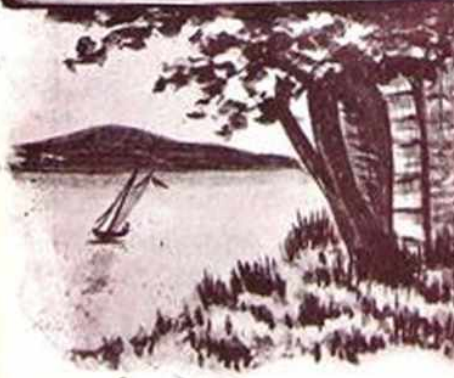
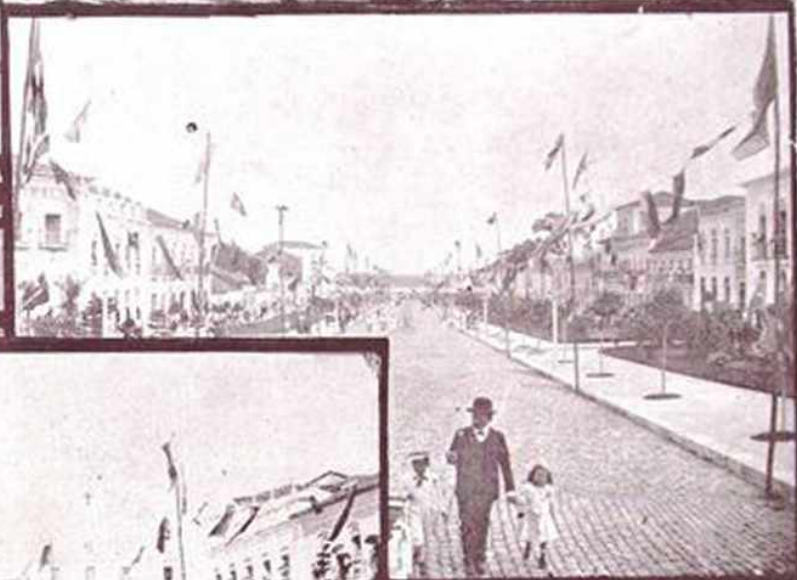
EM MARANHÃO—A ENTRADA NA AVENIDA MARANHENSE

Clichê Teixeira



EM MARANHÃO—EM CAMINHO DE PALACIO

Clichê Teixeira



EM MARANHÃO—O PRESTITO NA AVENIDA MARANHENSE—ASPECTO DA AVENIDA MARANHENSE
O DESFILAR DAS TROPAS—O PRESIDENTE RECOLHENDO-SE A PALACIO

Clifford Pearson

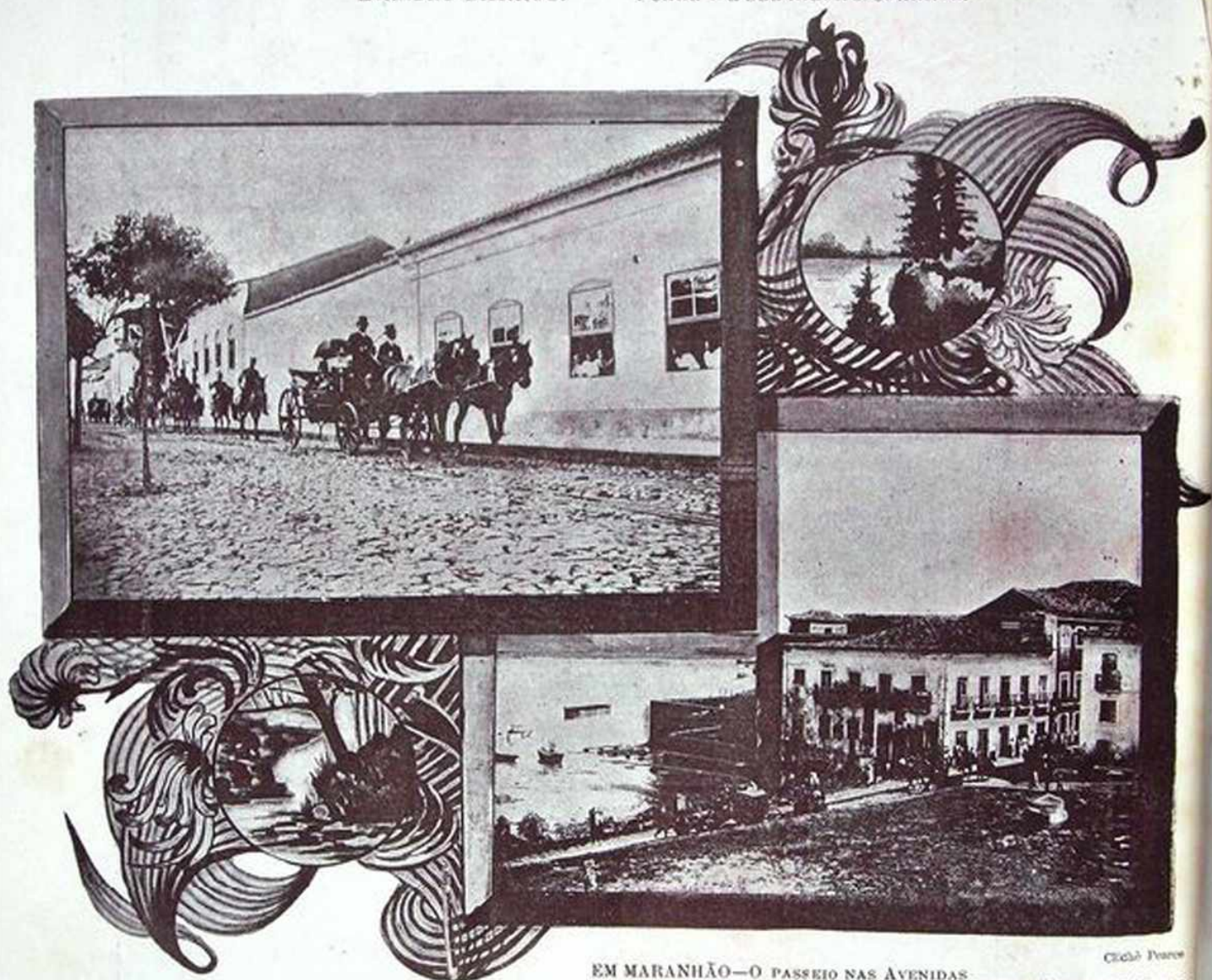
Lemos Britto, que se lhe seguio com a palavra, tinha os olhos humidos quando deitou aos pés da estatua a sua formosa palma, ao lado da dextra, toda de rosas e folhas verdes, que o Raphael trouxera.

E assim, com essa sentida e bella homenagem ao maior dos poetas brasileiros, terminaram as festas presidenciaes.

EVANDRO BARROS.

Encontrando-se os dois vapores, salvou o «Continente», sendo immediatamente correspondido pelo «Maranhão», que entrou comboiado por aquelle.

Fundeando o «Maranhão», além da Ponta d'Areia, por causa da maré baixa não lho permittir vir ancorar logo na respectiva boia, o Sr. Governador e as altas autoridades foram a seu bordo levar os cumprimentos ao Sr. Affonso Penna e á sua illustre comitiva.



EM MARANHÃO—O PASSEIO NAS AVENIDAS

Clelio Pereira

EM CAMINHO DO HOSPITAL MILITAR

O Dr. Affonso Penna no Maranhão

DIA 5. A's 4 horas da manhã, partiu, ao encontro do «Maranhão», o vapor «Continente», levando a bordo o Governador do Estado, as principais auctoridades federaes e estadoaes, os membros da commissão de festejos e outras pessoas gradas.

Transportados todos para o «Continente», este fez-se de rumo para o porto, fundeando ás 2 horas da tarde.

O futuro chefe da nação e a sua comitiva desembarcaram na rampa da Avenida Maranhense aclamados pela multidão.

Prestaram-lhe as continencias do estylo uma guarda de honra de contingentes do 5.º e 35.º batalhões de infantaria federal e o corpo de infan-



EM MARANHÃO—NO QUARTEL DA MILICIA ESTADUAL

Clêbê Teixeira



EM MARANHÃO—NA RUA PORTUGAL

Clêbê Teixeira

taria do Estado com as respectivas bandas de musica, tocando tambem nessa occasião a da companhia de bombeiros.

Formou-se então o cortejo dirigindo-se para o Palacio Episcopal destinado a hospedar o illustre viajante e toda a sua comitiva.

A subida pela escadaria interna do bello palacio foi feita entre alas de crianças, alumnas das escolas estadoaes que entoavam hymnos, sendo o Sr. Affonso Penna, ao chegar ao salão de honra, saudado pelas gentis meninas Silvana e Leo-

nor Telles. Em seguida o Vice-Presidente da Republica recebeu os cumprimentos de outras autoridades, do corpo consular, magistrados, professores e outras pessoas.

Nessa occasião foram distribuidos exemplares dos *Traços biographicos do Dr. Aarão Reis*.

No patamar da escadaria do palacio tocava uma orchestra composta de 20 professores.

A's 5 horas da tarde, teve lugar no mesmo palacio o banquete de 100 talheres, offerecido pelo governo do Estado ao presidente eleito e á sua comitiva, tomando parte as autoridades federaes e estadoaes e a imprensa local, além d'outros convidados.

Ao *champagne* o Governador do Estado saudou o Sr. Affonso Penna, em nome do Maranhão, bebendo á sua saúde como representante da unidade nacional.

O manifestado, agradecendo, saudou o Estado na pessoa do seu Governador.

O Sr. Intendente Municipal brindou a comitiva e os representantes da imprensa.

O Sr. Cunha Machado, deputado federal, ergueu o brinde de honra ao Sr. Rodrigues Alves, presidente da Republica.

Terminou o banquete ás 8 horas da noite.

A Avenida Maranhense apresentava soberba ornamentação, estando feericamente illuminada a giorno.

Em diferentes pontos da mesma e na praça Benedicto Leite tocaram quatro bandas marciaes, sendo enorme a concurrencia de povo, especialmente de senhoras.

Pouco depois das 8 horas, os Srs. Affonso Penna e Benedicto Leite, o Intendente Municipal e todas as pessoas da comitiva percorreram a Avenida Maranhense, á pé, em toda a sua extensão. Depois, a carro, passeiaram pelas principaes ruas e praças da cidade, regressando ao palacio depois das nove horas.

DIA 6. Pela manhã, no *landau* do Estado, o Sr. Affonso Penna e comitiva, os Srs. Governador do Estado e Intendente Municipal visitaram a delegacia fiscal, o quartel do 5.º e 35.º de infantaria federal, a escola de aprendizes marinhaes, o quartel do corpo de infantaria do Estado, a enfermaria militar, a alfandega, a capitania do porto, a guarda-moria, o thesouro do Estado, indo mais tarde ao Superior Tribunal de Justiça, onde o Sr. Affonso Penna foi saudado pelo respectivo presidente, Dezembargador Reis Lisboa.

Depois, visitou o registro civil a repartição de Estatística e também o Telegrapho nacional, do qual conversou o illustre viajante com sua familia, em Bello-Horizonte.

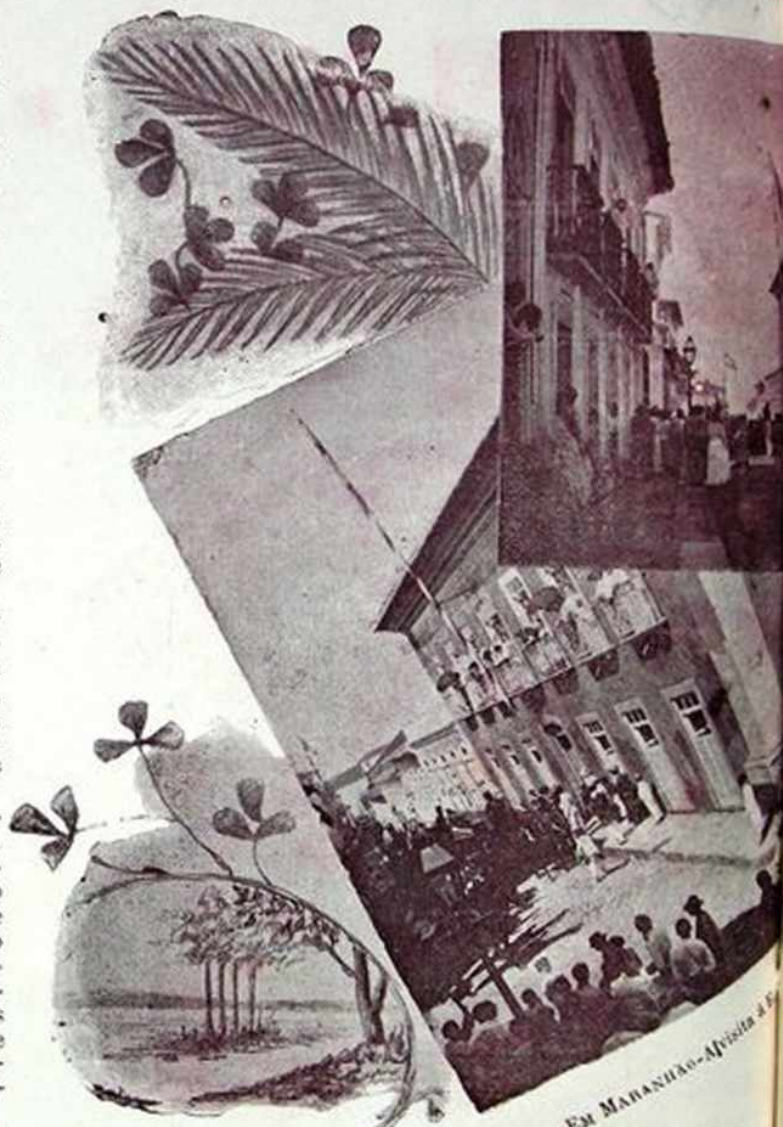
A's 5 horas da tarde, dirigiram-se os visitantes á casa de residencia do Sr. Governador do Estado, aonde o Sr. Presidente eleito cumprimentou a familia do Sr. Benedicto Leite. D'ahi se dirigiram de novo ao Palácio Episcopal, visitando de passagem a bibliotheca publica e o theatro S. Luiz.

A' noite, houve musica e illuminação na Avenida anterior.

DIA 7. A's 7 horas da manhã, o Sr. Affonso Penna, fallecida ha 34 annos.

Em seguida visitou a fabrica Santa Izabel, as obras Melhoramentos do Maranhão; o quartel da companhia de os alumnos cantaram hymnos e fizeram exercicios gymnasticos.

Ao meio dia, a Camara Municipal, reunida em sessão



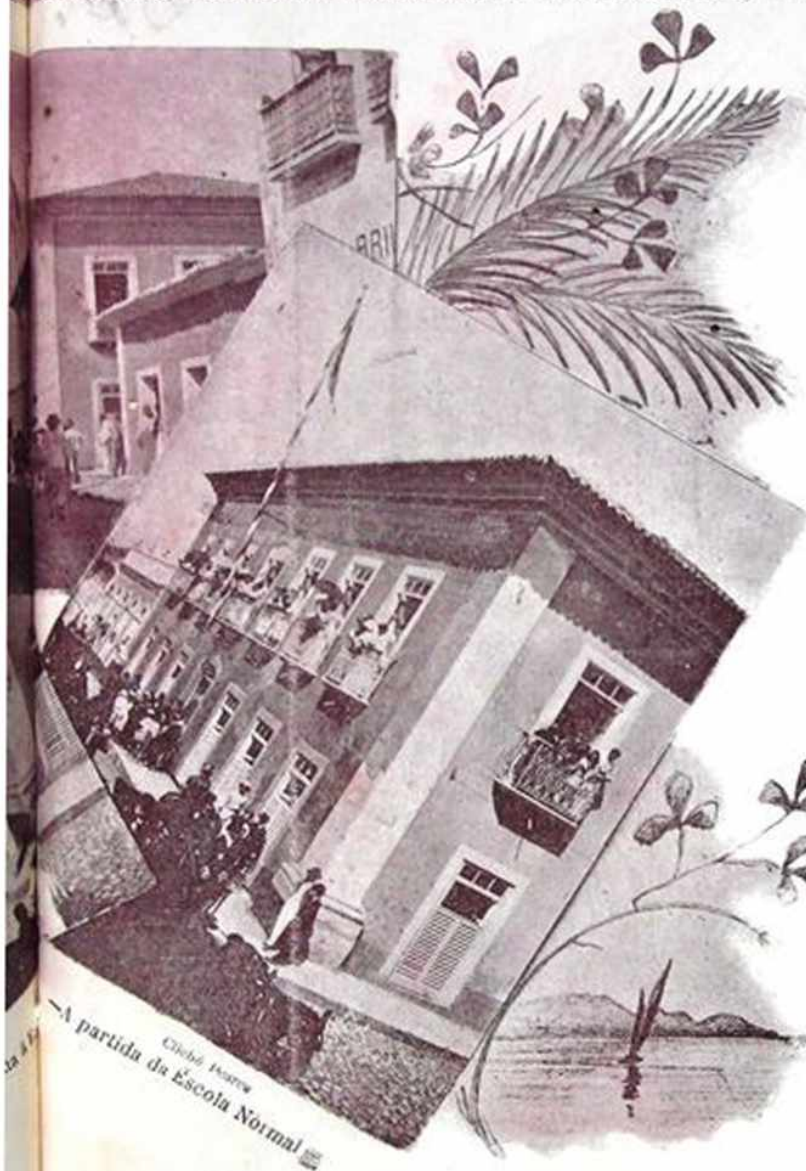
orando em nome da vereação o sr. Domingos Barbosa, Penna, agradecendo, saudou o Estado do Maranhão.

Foi lida uma moção congratulatoria pela auspiciosa resolução que a Camara tomava de denominar RUA Affonso Penna.

A' 11½ hora da tarde, teve começo, na Bibliotheca de jornalistas itinerantes.

Sentaram-se á mesa, armada em forma de I, os senhores Renascença; dr. Alvaro da Silveira, do Minas Geraes; Ruy d'O Paiz, da Revista da Época e da Gazeta de Leopoldina; e

hense, notando-se o mesmo concurso de povo do dia
na igreja do Carmo, uma missa por alma de sua proge-
no parque 15 de Novembro, a cargo da companhia de
eiros, as escolas Normal e Modelo Benedicto Leite. Aqui,
Depois, sempre acompanhado da respectiva comitiva, foi
aordinaria, recebeu a visita do illustre Presidente eleito,



A partida da Escola Normal

adou e ao seu Estado natal, Minas-Geraes. O Sr. Affonso
capital maranhense, sendo approvada unanimemente a
PENNA a antiga rua Formosa.
o almoço que o director do *Diario Official* offereceu aos
pessoas: Ernesto Senna, do *Jornal do Commercio* e d'A
heiro, da *Gazeta de Noticias*; Belisario de Souza Junior,
Carijó, d'A *Tribuna* e d'O *Malho*; Lindolpho Azevedo,

do *Kosmos* e d'O *Paiz*; Abelardo Tavares, d'A
Capital; Dr. Gustavo de Mello, d'O *Fluminense*;
Paulo Vidal, do *Jornal do Brazil*, Alegria Ju-
nior, d'O *Dia*; Francisco Bandeira, do *Noticias*
de Lisboa; Mario Soares, do *Correio da Manhã*;
Miguel Barros, director d'O *Jornal* e represen-
tante d'A *Provincia do Pará*; Lemos Britto, d'A
Bahia; Arthur Gurgulino, da *Revista da Sema-*
na, Paulino Botelho, photographo d'O *Malho*;
Affonso Pinho, sub-intendente municipal;
Maximo Ferreira, director do *Diario Official*;
Domingos Barbosa, correspondente d'A *Tri-*
buna; Adolpho Paraiso, da commissão da
imprensa; major Rego Goiabeira, coman-
dante do corpo de infantaria do Estado;
desembargador Bezerra de Menezes, coro-
nel Collares Moreira, Intendente Municipal;
dr. Adolpho Soares Filho, chefe de policia;
Antonio Lobo, director d'A *Revista do Norte*
e da *Bibliotheca Publica*; Hermilio Pereira,
d'O *Federalista*; Pedro Rocha, do *Diario do*
Maranhão; Astolfo Marques, da *Officina*
dos Novos e d'O *Norte*, da Barra do Corda;
Carlos Gonçalves, deputado estadual; Anto-
nio Pires Ferreira Leite; coronel Nuno Al-
vares de Pinho e capitão Victor Castro, da
commissão dos festejos; capitão Honorino
d'Almeida, da guarnição federal; Eldas Fer-
reira.

la já ao meio o serviço, quando, ás 2 1/2
horas da tarde, entrou o Sr. Governador
do Estado, acompanhado do seu ajudante
de ordens, tenente José Pereira Dias, sen-
do saudado pelo hymno maranhense, exe-
cutado pela banda do corpo de infantaria do
Estado.

Ao champagne, o Sr. Maximo Ferreira,
director do *Diario Official*, saudou os jorna-
listas itinerantes, pedindo-lhe acceitassem
aquella festa como inequivoca prova de es-
tima e muito affecto.

O Sr. Pedro Rocha, do *Diario do Mara-*
nhão, congratulou-se com os membros da
imprensa.

Em seguida, o nosso director literario
Antonio Lobo, glorificando o passado intel-
lectual do Maranhão, fez a apologia do pre-
sente e convidou os jornalistas a assistirem
a inauguração da estatua de João de Lis-
boa, a 12 de abril de 1908, 50.º anniversario
da publicação dos ultimos fasciculos do *Jor-*
nal do Timon e dos *Apontamentos para a his-*
toria da provincia do Maranhão.

Respondeu, agradecendo, o Sr. Raphael
Pinheiro, que, num brilhante discurso, pe-
diu ao Maranhão que promovesse a compra
duma casa para o grande literato maranhense
Coelho Netto.

O Sr. Astolfo Marques, lembrando que na-
quella data completava 51 annos de idade o il-
lustre jornalista Arthur Azevedo, pediu aos seus
collegas que o acompanhassem numa saudação
ao glorioso maranhense.

Erguendo-se o Sr. Governador do Estado,
saudou os jornalistas, levantando a candidatura

por Telles. Em seguida o Vice-Presidente da Republica recebeu os cumprimentos de outras autoridades, do corpo consular, magistrados, professores e outras pessoas.

Nessa occasião foram distribuidos exemplares dos *Tratados biographicos do Dr. Ario Reis*.

No patamar da escadaria do palacio tocava uma orchestra composta de 20 professores.

A's 5 horas da tarde, teve lugar no mesmo palacio o banquete de 100 talheres, oferecido pelo governo do Estado ao presidente eleito e a sua comitiva, tomando parte as autoridades federaes e estaduais e a imprensa local, além d'outros convidados.

Ao champagne o Governador do Estado saudou o Sr. Affonso Penna, em nome do Maranhão, bebendo á sua saúde como representante da unidade nacional.

O manifesto, agradecendo, saudou o Estado a pessoa do seu Governador.

O Sr. Intendente Municipal brindou a comitiva e os representantes da imprensa.

O Sr. Cunha Machado, deputado federal, ergueu o brinde de honra ao Sr. Rodrigues Alves, presidente da Republica.

Terminou o banquete ás 8 horas da noite.

A Avenida Maranhense apresentava soberba ornamentação, estando ferreamente illuminada a noite.

Em diferentes pontos da mesma e na praça Benedicto Leite tocaram quatro bandas marciais, sendo enorme a concurrencia de povo, especialmente de senhoras.

Pouco depois das 8 horas, os Srs. Affonso Penna e Benedicto Leite, o Intendente Municipal e todas as pessoas da comitiva percorreram a Avenida Maranhense, á pé, em toda a sua extensão. Depois, a carro, passearam pelas principais ruas e praças da cidade, regressando ao palacio depois das nove horas.

Dia 6. Pela manhã, no *languar* do Estado, o Sr. Affonso Penna e comitiva, os Srs. Governador do Estado e Intendente Municipal visitaram a delegacia fiscal, o quartel do 5.º e 36.º de infantaria federal, a escola de aprendizes marinhaes, o quartel do corpo de infantaria do Estado, a enfermaria militar, a alfandega, a capitania do porto, a guarda-moria, o thesouro do Estado, indo mais tarde ao Superior Tribunal de Justiça, onde o Sr. Affonso Penna foi saudado pelo respectivo presidente, Desembargador Reis Lisboa.

Depois, visitou o registro civil a repartição de Estatística e também o Telegrapho nacional, do qual conversou o illustre viajante com sua familia, em Bello-Horizonte.

A's 5 horas da tarde, dirigiram-se os visitantes á casa de residencia do Sr. Governador do Estado, aonde o Sr. Presidente eleito cumprimentou a familia do Sr. Benedicto Leite. Dahi se dirigiram de novo ao Palácio Episcopal, visitando de passagem a bibliotheca publica e o theatro S. Luiz.

A' noite, houve musica e illuminação na Avenida anterior.

Dia 7. A's 7 horas da manhã, o Sr. Affonso Penna, falecida ha 31 annos.

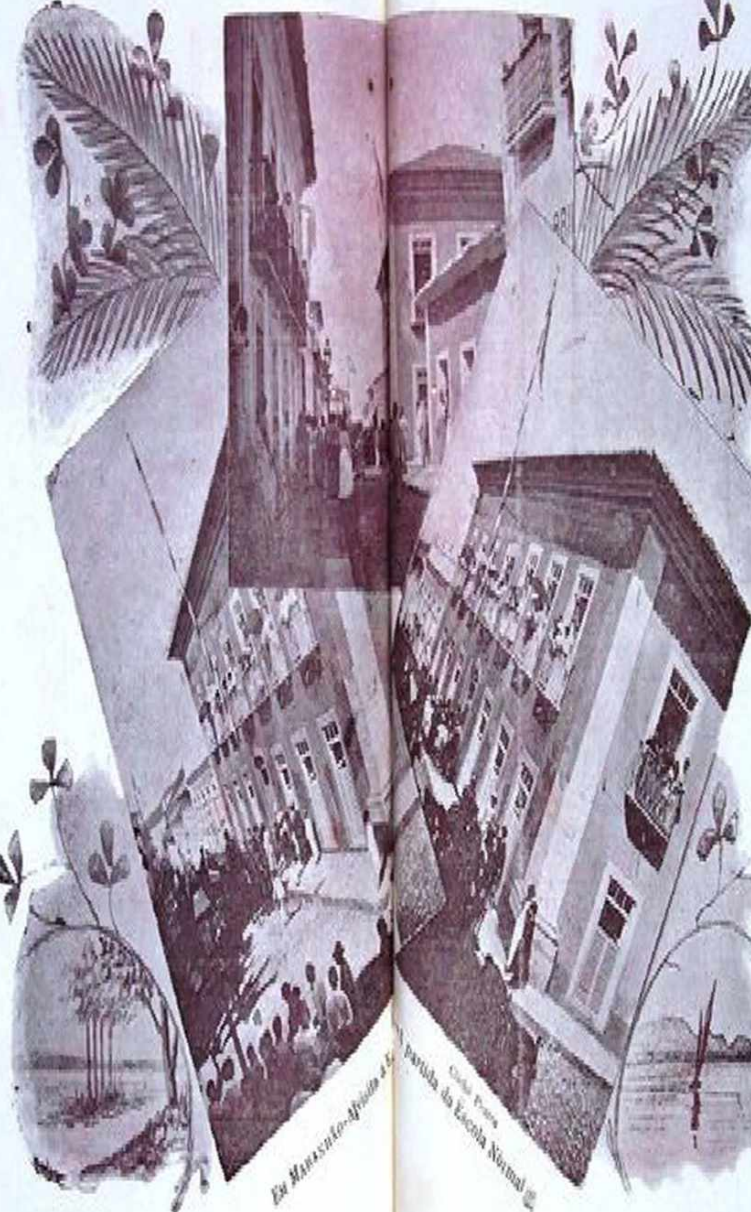
Em seguida visitou a fabrica Santa Izabel, as obras de Melhoramentos do Maranhão; o quartel da companhia de Melhoresamentos do Maranhão; os alumnos cantaram hymnos e fizeram exercicios gymnasticos. Depois, sempre acompanhado da respectiva comitiva, foi ao Congresso do Estado e á repartição do Serviço Santa.

Ao meio dia, a Camara Municipal, reunida em sessão

ordinaria, notando-se o mesmo concurso de povo do dia anterior, na igreja do Carmo, uma missa por alma de sua progenitora.

No parque 15 de Novembro, a cargo da companhia de Melhoresamentos do Maranhão, as escolas Normal e Modelo Benedicto Leite. Aqui, depois, sempre acompanhado da respectiva comitiva, foi ao Congresso do Estado e á repartição do Serviço Santa.

Ao meio dia, a Camara Municipal, reunida em sessão



orando em nome da vereação o sr. Domingos Barbosa, Penna, agradecendo, saudou o Estado do Maranhão.

Foi lida uma moção congratulatoria pela auspiciosa resolução que a Camara tomava de denominar rua Affonso Penna a antiga rua Formosa.

A' 11:2 hora da tarde, teve começo, na Bibliotheca dos jornalistas itinerantes.

Sentaram-se á mesa, armada em forma de l. as seguintes pessoas: Ernesto Senna, do *Jornal do Commercio* e *C.A. Renomçador*; dr. Alvaro da Silveira, do *Minas Geraes*; Ruy d'O Paiz, da *Revista da Época* e da *Gazeta de Leopoldina*.

em seu Estado natal, Minas-Geraes. O Sr. Affonso Penna, agradecendo, saudou o Estado do Maranhão.

Foi lida uma moção congratulatoria pela auspiciosa resolução que a Camara tomava de denominar rua Affonso Penna a antiga rua Formosa.

A' 11:2 hora da tarde, teve começo, na Bibliotheca dos jornalistas itinerantes.

Sentaram-se á mesa, armada em forma de l. as seguintes pessoas: Ernesto Senna, do *Jornal do Commercio* e *C.A. Renomçador*; dr. Alvaro da Silveira, do *Minas Geraes*; Ruy d'O Paiz, da *Revista da Época* e da *Gazeta de Leopoldina*.

do *Komos* e d'O Paiz; Abelardo Tavares, d'A Capital; Dr. Gustavo de Mello, d'O Fluminense; Paulo Vidal, do *Jornal do Brazil*; Alegria Junior, d'O Dia; Francisco Bandeira, do *Noticias de Libon*; Mario Soares, do *Correio da Manhã*; Miguel Barros, director d'O *Jornal* e representante d'A *Provincia do Paris*; Lemos Brito, d'A Bahia; Arthur Gurgulino, da *Revista da Semana*; Paulino Botelho, photographo d'O Malho; Affonso Pinho, sub-intendente municipal; Maximo Ferreira, director do *Diario Official*; Domingos Barbosa, correspondente d'A *Tribuna*; Adolpho Paraiso, da commissão da imprensa; major Rego Goinbeira, commandante do corpo de infantaria do Estado; desembargador Bezerra de Menezes, coronel Collares Moreira, Intendente Municipal; dr. Adolpho Soares Filho, chefe de policia; Antonio Lobo, director d'A *Revista do Norte* e da *Bibliotheca Publica*; Hermilio Pereira, d'O *Federalista*; Pedro Rocha, do *Diario do Maranhão*; Astolfo Marques, da *Officina dos Novos* e d'O *Norte*, da *Barra do Cordo*; Carlos Gonçalves, deputado estadual; Antonio Pires Ferreira Leite; coronel Nuno Alvares de Pinho e capitão Victor Castro, da commissão dos festejos; capitão Honorino d'Almeida, da guarnição federal; Eldas Ferreira.

Ja já ao meio o serviço, quando, ás 2 1/2 horas da tarde, entrou o Sr. Governador do Estado, acompanhado do seu ajudante de ordens, tenente José Pereira Dias, sendo saudado pelo hymno maranhense, executado pela banda do corpo de infantaria do Estado.

Ao champagne, o Sr. Maximo Ferreira, director do *Diario Official*, saudou os jornalistas itinerantes, pedindo-lhe accellassem aquella festa como inequivoca prova de estima e muito affecto.

O Sr. Pedro Rocha, do *Diario do Maranhão*, congratulou-se com os membros da imprensa.

Em seguida, o nosso director literario Antonio Lobo, glorificando o passado intellectual do Maranhão, fez a apologia do presente e convidou os jornalistas a assistirem a inauguração da estatua de João de Lisboa, a 12 de abril de 1908, 50.º anniversario da publicação dos ultimos fasciculos do *Jornal do Tempo* e dos *Apostamentos para a historia da provincia do Maranhão*.

Respondendo, agradecendo, o Sr. Raphael Pinheiro, que, num brilhante discurso, pediu ao Maranhão que promovesse a compra duma casa para o grande literato maranhense Coelho Netto.

O Sr. Astolfo Marques, lembrando que naquella data completava 51 annos de idade o illustre jornalista Arthur Azevedo, pediu aos seus collegas que o acompanhasssem numa saudação ao glorioso maranhense.

Erguendo-se o Sr. Governador do Estado, saudou os jornalistas, levantando a candidatura



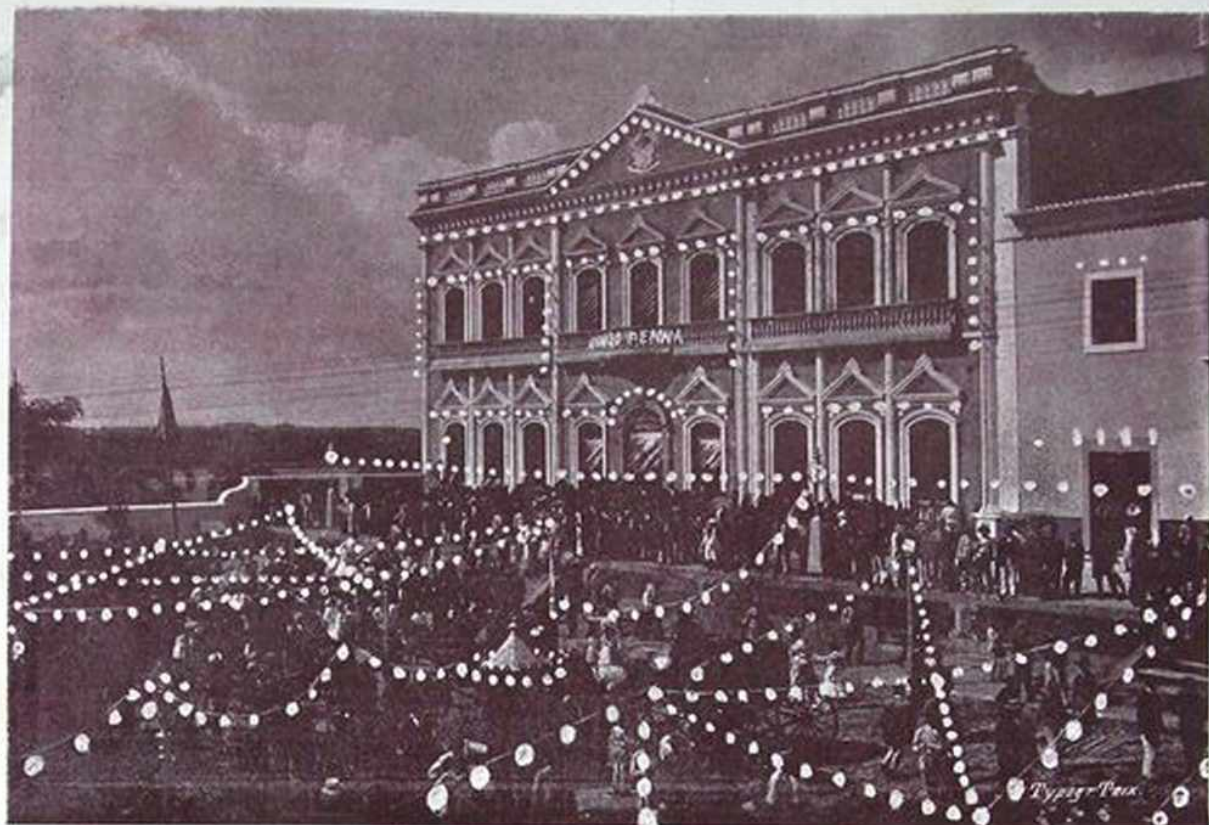
EM MARANHÃO—A SAÍDA DA GUARDA-MORIA

Cliché Teixeira



EM MARANHÃO—O INTERIOR DO PALACIO PRESIDENCIAL

Cliché Magalhães



Clubbé B. 10

EM MARANHÃO—A AVENIDA MARANHENSE E O PALACIO PRESIDENCIAL À NOITE



Clubbé B. 10

EM MARANHÃO—O ASPECTO DO PALACIO PRESIDENCIAL



EM MARANHÃO—GRUPO DE JORNALISTAS À PORTA DE PALACIO

Clichê Teixeira



RAPHAEL PINHEIRO e ANTONIO LOBO

de Coelho de Netto á deputação federal e fazendo o brinde de honra á imprensa brasileira.

Terminou o almoço ás 3 horas da tarde.

O sr. director da Bibliotheca Publica mimoseou os jornalistas itinerantes com exemplares da ultima edição das *Obras* de João Lisboa, sendo-lhes presenteado também, pelo secretario geral da Oficina dos Novos, os ultimos numeros

do Boletim da mesma agremiação e, em nome do respectivo autor, o livro de Corrêa de Araujo—*Evangelho de moço*.

Às cinco horas da tarde os jornalistas foram em romaria á estatua de Gonçalves Dias, cuja praça se achava repleta de povo, sobresaindo grande numero de senhoras.

O Sr. Raphael Pinheiro pronunciando eloquente allocução, em nome dos seus companheiros, depositou no pedestal da estatua uma palma finamente trabalhada.

Em nome do glorioso Estado da Bahia, o sr. Lemos Britto falou acompanhando a manifestação ao grande vulto da intellectualidade maranhense depositando outra palma.

O nosso director agradeceu aquella espontanea manifestação ao maior poeta sul americano.

Às 7 horas da noite realisou-se a bordo do «Maranhão» o banquete offerecido pelo Lloyd Brasileiro ao Sr. Governador do Estado.

Tomaram parte as principaes autoridades e muitas senhoras de *élite* maranhense.

O vapor apresentava bellissima ornamentação, estando profusamente illuminado a luz electrica.

Foram trocados diversos brindes entre os convivas, salientando-se o do governador do Estado ao Novo Lloyd Brasileiro e o do commandante Silva Guimarães, agente da citada empresa nesta capital, ao Sr. Rodrigues Alves, Presidente da Republica.

A REDISTA DO NORTE



DR. NINA RODRIGUES



O MEZ

Foi todo de luto este mez que hoje termina.

Dois filhos illustres perdeu o Maranhão: Nina Rodrigues e Viveiros de Castro.

Sobre esses dois tumulos a terra maranhense se debruçou angustiada, levando-lhes as lagrimas da sua saúde e o preito da sua veneração.

E, como se não bastassem esses dois golpes, um outro a veio ferir, roubando-lhe um filho adoptivo, que, embora nascido em outro Estado, nella passou a sua vida inteira, consagrando-lhe a melhor parte do seu affecto: Damasceno Ferreira.

Os dois primeiros foram dois homens de intelligencia e de saber, este foi, sobretudo, um homem de coração, porque a qualidade primordial de Damasceno Ferreira consistia nessa grandeza d'alma que d'elle fez um apostolo da caridade desinteressada.

Ante essas tres sepulturas o cronista d'A Revista do Norte se curva reverente, na mudez commovida das grandes dores.

Henrique Neiva.

NINA RODRIGUES



Na sua pagina de honra, insere hoje A Revista do Norte o retrato do notavel medico e anthropologista brasileiro Dr. Raymundo Nina Rodrigues.

A's bellissimas homenagens que as classes diplomadas do Maranhão, com o concurso de toda a sociedade

maranhense no que ella tem de mais selecto, prestaram á gloriosa memoria do illustre morto, com a celebração no Theatro S. Luiz de uma sessão funebre, na noite de 17 do corrente, vem a «Revista» juntar esse sincero preito de veneração e de saúde.

O extraordinario valor mental de Nina Rodrigues, eloquentemente attestado por uma serie valiosa de publicações scientificas que sempre mereceram dos competentes os mais francos elogios, impõe-se á admiração de todos os que

se interessam pelos progressos do espirito humano.

Foi um batalhador incansavel, um apostolo convencido e tenaz, explorando com um ardor de trabalho invejavel, todas as provincias do saber que se relacionam com o conhecimento scientifico do homem nas diversas exteriorisações da sua actividade animal.

Não se limitou, como infelizmente acontece com os raros escritores que no Brasil se preocupam com esses momentosos estudos, em passar para a lingua patria, habilmente desmarcado, o que no estrangeiro se publica de notavel sobre o assunto; a maioria dos seus trabalhos traz um cunho irrecusavel de originalidade, consistindo na applicação, a casos brasileiros, dos grandes principios que a respeito dos seus congeneres, estabeleceu a sciencia.

E' porisso que o seu nome fulgirá sempre, num destaque rutilante, entre os dos demais scientistas nacionaes, constituindo uma das mais bellas glórias do Maranhão, sua terra natal, que lhe conserva carinhosamente a memoria como a de um dos filhos que mais a amaram e engrandeceram.

Acompanhando o retrato de Nina Rodrigues, publica «A Revista» um artigo de distincto clinico e professor maranhense Dr. Justo Jansen Ferreira, que já por vezes lhe tem honrado as columnas com a sua valiosa collaboração.

Revolvendo as suas reminiscencias escolares e academicas, e inspirando-se no seu affecto e na sua saúde, o Dr. Justo, que foi amigo intimo e collega de estudos desde o curso de preparatorios, do illustre extinto, traça nesse artigo um perfil intimo do pranteado scientista, baseado em notas que constituem um subsidio valioso para os que quizerem, em estudo mais detalhado, aliar em Nina Rodrigues o homem ao sabio.

Nina Rodrigues

(NOTAS INTIMAS)



Ornando-se o presente numero d'«A Revista do Norte» com o retrato do pranteado medico Dr. Raymundo Nina Rodrigues, não posso deixar de traçar algumas linhas, prestando assim mais uma homenagem a esse meu grande amigo e notavel brasileiro. Não venho descrever as referencias honrosas que, em vida, recebeu de sabios medicos da França, da Allemanha, da Italia e da Argentina; não tento salientar o valor de cada um dos seus trabalhos, cujo apparecimento lhe assignava novo titulo de gloria; não transcrevo, finalmente, as manifestações de pesar que lhe ren-

deram aqui, na Bahia, no Rio de Janeiro e em S. Paulo, quando chegou a cada um desses Estados a fatal noticia da sua morte.

Não!

N'este modesto artigo, venho, na qualidade de amigo, collega e companheiro de estudos de Nina Rodrigues, desde o tempo de preparatorios até o dia em que recebemos do Vice-Director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Cons. Albino de Alvarenga, Barão de S. Salvador de Campos, o titulo de doutor em Medicina, mencionar alguns factos que se passaram n'essa decada da vida estudantil, e que hoje possuem merecimento, porque envolvem o seu nome e podem trazer esclarecimentos aos que se dedicam ao afanoso, porém aproveitavel, estudo da vida dos grandes homens da nossa terra.

E, se não fosse a certeza de que actualmente poucos os conhecem, não me atreveria a trazer este pequeno contingente á historia do grande vulto, cujo valor se acabou de pôr em evidencia, de norte a sul, em discursos e artigos de que se encarregaram os melhores talentos e os mais eruditos intellectuaes do nosso Paiz.

Poderia acaso analysal-o como medico, quando o eminente professor Francisco de Castro, o chamou «grande clinico»? (1)

Clinico! O Dr. Ulysses Paranhos, em brilhante artigo, da «Revista Medica de S. Paulo», o denominou «um dedicado».

Psychologo e legista! E' considerado «uma celebridade» (2)

Observador! Em luminoso artigo do «Brasil Medico», do Rio de Janeiro, é comparado «aos infatigaveis obreiros dos sisudos centros universitarios europeos».

Mestre! O notavel professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Dr. Azevedo Sodré, em eloquente discurso, que mal esconde a a grande magua que lhe causou a morte do digno collega, disse: «dotado de grande talento e de primorosa cultura scientifica, revelou-se um grande reformador».

Talento! «Era uma das cerebroses mais possantes do Brasil contemporaneo». (3)

Na vida affectiva! «Um sentimental, sacrificando-se pela familia e pelos amigos», assim o descreveu, com rara felicidade e eloquencia, o já referido Dr. Ulysses Paranhos.

Depois de tão judiciosos e elevados conceitos, que outro assumpto, no meio de tanta grandeza, poderia escolher eu, a não ser a recordação de factos da vida academica que, repito, poucos sabem?

No dia 1.º de Março de 1882, a bordo do vapor «Bahia», partiamos desta cidade, com destino a de S. Salvador, onde chegamos pela tarde do dia 9 do referido mez.

Fomos morar em um predio, á rua de San-



CONEGO DR. DAMASCENO FERREIRA

ta Thereza, com os seguintes maranhenses, que também, n'esse anno, iniciaram o curso academico: Alarico Alves Costa, Claudio Serra de Moraes Rego, Luiz Serra de Moraes Rego, Henrique Alvares Pereira, Theodoro da Silva Bayma, Manoel Bayma de Moraes e Luiz Rodrigues de Carvalho, sendo este ultimo, do curso pharmaceutico.

Como essa residencia fosse um tanto afastada da Faculdade de Medicina, um ou dois mezes depois da nossa chegada, mudamo-nos para a rua do Maciel de Cima, com os seguintes collegas: Alarico Alves Costa, Henrique Alvares Pereira e Simplicio Mavignier, de Pernambuco.

Tendo, porém, apparecido, no pavimento terreo dessa moradia, alguns casos de variola, resolvemos mudar-nos para um predio da rua do Aréial de Baixo, para onde também nos acompanharam os presados amigos Luiz e Claudio Serra de Moraes Rego.

Ahi permanecemos até 4 de Dezembro, quando, feitos os exames da 1.ª serie, embarcamos no vapor «Espirito Santo», para passarmos as ferias no Maranhão, onde chegamos a 13 do mesmo mez.

Em 1883, segundo anno do curso, organisamos no dia 14 de Março, a nossa casa que, em gíria estudantil se denomina *republica*, releva-se-me a expressão, em um predio da rua ou la-

(1) «Revista Medica de S. Paulo», n.º 14.

(2) Ibidem.

(3) «Jornal do Commercio», de 18 de Julho.



AS EXEQUIAS DE DAMASCENO FERREIRA.—ANTES DE CEREMONIA.

deira de S. Miguel, tendo por companheiros: Antenor Gustavo Coelho de Souza, Luiz e Claudio Serra de Moraes Rego, Antonio Xavier de Carvalho e Astrolábio José dos Passos, do Piauí.

Em 1884, terceiro do curso, moramos á rua do Maciel de Baixo, com os seguintes collegas: Antenor Gustavo Coelho de Souza, Astrolábio José dos Passos e Eduardo Legér Lobão Junior.

Encetamos em 1885, o quarto anno de medicina, n'essa mesma cidade de S. Salvador da Bahia, seguindo o humilde escriptor destas linhas, alguns dias depois da abertura do curso, para o Rio de Janeiro, e Nina Rodrigues, cerca de dois mezes, mais tarde.

Com a sua chegada ao Rio, fomos residir em um predio da rua dos Arcos, tendo os seguintes companheiros: José Parga Nina, João Caetano Lisboa Junior, Adolpho Frederico de Luna Freire, de Pernambuco e outro pernambucano, estudante de Engenharia, cujo nome não me acode á memoria, por ter deixado, logo depois, a nossa companhia, pela de alumnos da Escola Polytechnica, que elle então cursava.

Na rua dos Arcos, muitas vezes, tive occasião de delectar-me ouvindo a prosa intelligente e animada, travada entre Nina Rodrigues, Luna Freire e Rodolpho Galvão, que sempre occupava a cabeceira da mesa.

Em 1886, quinto anno do curso, por motivo

de molestia, Nina Rodrigues preferiu ficar na Bahia, receiando que lhe fosse nocivo o clima do Rio de Janeiro.

Em 1887, sexto e ultimo anno do curso, seguindo elle, de novo, para o Rio, foi encontrarmos morando á Travessa do Desterro, d'onde nos transportamos, algum tempo depois, para a rua do Riachuelo, tendo por companheiros: Theodoro da Silva Bayma, José Parga Nina, José Octavio de Freitas e José Rodrigues Tavares de Mello, sendo o penultimo piauiense e o ultimo pernambucano.

Cabendo ao nosso sexto anno, a sorte de ouvir as ultimas licções do inolvidavel Mestre Torres Homem, vem a proposito a seguinte referencia:

Versando a sua ultima prelecção, que se realisou no amphitheatro do pavilhão de Hygiene, que fica fronteiro á Faculdade de Medicina, sobre assumpto que se prendia ao ultimo livro deixado por Vulpian, notavel physiologista francez, em linguagem eloquente e commovente, o nosso querido professor disse que esse trabalho de Vulpian, tinha sido «o canto de cysne» com que se despedira da vida scientifica.

Contingencia humana!

Essa bellissima licção tornou-se, inesperadamente, tambem «o canto de cysne», com que se despedira da primeira cadeira de Clinica Medica do Rio de Janeiro, o incomparavel Torres



EXEQUIAS DE DAMASCENO FERREIRA.—A SAÍDA DA IGREJA DO CARMO

Homem, que baixava ao tumulo, n'um dos primeiros dias do mez de Novembro !

Estou convencido de que Nina Rodrigues recebeu o grau de Doutor em Medicina, no dia 19 de Janeiro de 1888, em o salão nobre do Externato de Pedro II, e não a 10 de Fevereiro, como tenho lido em varios artigos e discursos.

Ainda vem em apoio da minha memoria, o facto de ter elle escolhido justamente aquella data, que tambem foi a da minha formatura, para trasladar valioso offerecimento, na these que mandou á minha extremosa e saudosa Mãe.

Habitavamos, então, em uma Casa de pensão, á ladeira de Santa Thereza, por se haverem retirado para o norte os outros companheiros da republica da rua do Riachuelo.

Nina Rodrigues teve, na Relação dos alumnos matriculados na Faculdade da Bahia e do Rio de Janeiro, os seguintes numeros: 31, no primeiro anno; 67, no segundo; 24, no terceiro; 109, no quarto e 78, no sexto.

Logo depois de se formar e de visitar a sua familia, que então residia na villa de Anajatuba, iniciou a vida clinica, abrindo consultorio no predio da rua do Sol, que hoje tem o numero 17.

Ahi elle permaneceu até seguir para a Bahia, afim de se inscrever no concurso ao lugar de adjunto da Secção Medica.

Não é demasiado reproduzir aqui, as palavras que elle, muitas vezes, repetia, á proposito dessa aspiração, as quaes acabo de ler tambem no discurso, já citado, do laureado professor da

Cadeira de Pathologia Medica do Rio «não espero ser nomeado; de-sejo sómente fazer jús a quem me aproveitem mais tarde».

Esta linguagem modesta tornava-se mais admirada pelos que conheciam perfeitamente a proficiencia com que elle tinha feito o seu tirocinio academico.

Quando estudante de preparatorios e ainda no Seminario de N. S. das Mercês, recebera no thorax, uma pancada, da qual resultou deitar esputos sanguineos.

D'ahi começou a receiar ficar tuberculoso.

E esse receio sempre o acompanhou aqui, ainda quando estudante de preparatorios, na Bahia, no Rio e ainda aqui, depois de formado.

Deixou de fazer a quinta serie medica, no Rio de Janeiro, suppondo-se predisposto a essa molestia, principalmente, pelo facto de a ter acabado de estudar, perfeitamente na quarta serie, de que fazia parte a cadeira de Pathologia Interna.

Tendo passado, sem soffrimento algum, a quinta serie na Bahia, voltou, de novo, ao Rio, para concluir o curso, deixando nas duas Faculdades de Medicina do Paiz, excellente nome, calorosa sympathia e forte apreço, especialmente dos collegas talentosos e dos Professores que, raras vezes, o deixaram de approvar com distincção.

Em começo de Julho do corrente anno, quasi vinte depois da nossa formatura, fui casual e dolorosamente informado de que Nina Rodrigues, soffrendo mal incuravel, assestado no fígado, partira com destino á Europa em busca de allivio que não lhe foi dado obter em nossa Patria.

Não conseguindo melhorar em Lisboa, vai até Paris, e ahi, quando mestres da medicina franceza discutem sobre o diagnostico e tratamento a que o deveriam submeter, é acommettido de hemoptyses, que põem termo á existencia tão util e promettedora desse grande brasileiro que, até na doença, foi extraordinario !

Logo que recebi a triste noticia, dada pelo distincto collega e amigo Dr. Oscar Galvão, quando conjunctamente cuidavamos de um doente, deixei, em signal de pezar, de comparecer á Escola Normal, tomei luto que se estendeu por quinze dias, e associei-me, *ex-corde*, á todas as demonstrações de dôr e de apreço que se lhe têm feito até hoje, no Maranhão.

Aproveito a occasião para agitar de novo a proficua ideia de perpetuar no bronze, a physiologia sympathica e altiva desse maranhense, que, morrendo aos 44 annos, já estava consagrado um sabio, e que, segundo creio, sem entretanto affirmar positivamente, foi o primeiro maranhense que até hoje conseguiu galgar por concurso, a honrosa posição de lente da Faculdade de Medicina da Bahia.

Sei perfeitamente que dois notaveis conterraneos nossos—Martins Costa, de saudosa memoria e Cypriano de Freitas, um dos luzeiros do professorado medico—conseguiram, tambem por concurso, essa honrosa posição, porém são da Faculdade do Rio.

Declaro-me, ainda uma vez, solidario com a louvavel aspiração de dar o seu admirado e querido nome, á rua do Sol.

N'essa rua, como já disse, iniciou a sua modesta clinica; para essa mesma rua se transportou sua velha Mãe, quando teve a infelicidade de enviuar; ainda lá, ella assistiu, embora de longe, o engrandecimento intellectual de Nina Rodrigues; e, lá tambem, recebendo a fatal noticia da morte d'elle, teve a certeza de que esse querido filho era ainda maior do que o seu grande coração de Mãe o suppunha, por considerá-lo mais com affecto, do que com admiração.

E a prova é que a corôa de gloria, que hoje circunda o nome do pranteado filho, não consegue enxugar as lagrimas da inconsolavel Mãe.

Substitua-se, solicito encarecidamente dos poderes publicos da minha terra, o nome da rua do Sol, por esse outro, que tambem é fonte perenne de luz: Nina Rodrigues.

S. Luiz do Maranhão, 20 de Agosto de 1906.

DR. JUSTO JANSEN.

Dr. Nina Rodrigues

(Da *Selecta maranhense*)

BIO-BIBLIOGRAPHIA



Nasceu Raimundo Nina Rodrigues na Vargem Grande, a 4 de dezembro de 1862, sendo

seus paes o coronel Francisco Solano Rodrigues e d. Luisa Rosa Nina Rodrigues.

Completo o curso preparatorio, principiado no Collegio de S. Paulo, sob a direcção do professor José Ribeiro do Amaral, proseguido no Seminario das Mercês e concluido em aulas particulares, seguiu para a Bahia (1882), onde se matriculou na Faculdade de Medicina; ali fazendo os três primeiros annos do curso e indo fazer o quarto no Rio de Janeiro. Tornando á Bahia, por haver adoecido, ali fez o quinto anno, seguindo, depois de restabelecido, para

o Rio de Janeiro, onde fez o ultimo anno, recebendo o grau de doutor em medicina a 10 de fevereiro de 1888.

Vindo para o Maranhão, aqui clinico até 1889 (fevereiro), quando partiu para a Bahia, afim de inscrever-se como candidato ao concurso para adjunto da 2.^a cadeira de clinica medica. Nomeado adjunto da de pathologia geral (1890), por occasião de reorganizar-se a Faculdade (1891), foi nomeado lente substituto da cadeira de medicina legal e toxicologia, sendo provido a professor cathedratico por aposentadoria do Dr. Virgilio Climaco Damasio (1895).

Criminalista, ethnographo, pathologista, NINA RODRIGUES era um nome brilhante e aureolado no campo da sciencia, sendo com justiça considerado um dos medicos mais notaveis do Brasil moderno. Mantinha as mais estreitas relações com os principaes mestres da sciencia na Europa, e alguns dos seus volumes acham-se vertidos para o francês e o allemão, isto sem contar a sua farta collaboração em revistas estrangeiras.

NINA RODRIGUES visitára vários Estados do sul e, indo a S. Paulo, ali foi recebido fidalgamente, tendo-lhe o Instituto Historico e Geographico paulista conferido por essa occasião o diploma de sócio. Era tambem membro honorário da Academia Nacional de Medicina, do Rio de Janeiro; membro associado estrangeiro da Société Medico-Psychologique, de Paris; socio effectivo e vice-presidente, no Brasil, da Medico-Legal Society, de New-York.

Em abril de 1906 fôra distinguido com a nomeação de representante do Brasil no Congresso Internacional de Assistencia Publica e Privada, que se reuniu em Milão, não logrando desempenhar-se da sua honrosa missão, por haver-se agravado os seus soffrimentos ao chegar a Lisboa. Dessa capital partiu para Paris, ali fallecendo no Nouvel Hotel, a 17 de julho de 1906.

«Nina Rodrigues é um nome prezado pelos brasileiros que ainda conservam a paixão do trabalho e a intelligencia da verdade. Pertence-lhe o que de melhor se tem publicado sobre a anthropologia criminal e a medicina forense, na America do Sul. Em dez annos ha produzido cerca de vinte e cinco monographias, — cousa espantosa numa terra de sabios... inéditos».

BIBLIOGRAPHIA :

—*A morphéa* em Anajatuba (Maranhão), 1 fl. 16 pags. in-8^o, Bahia, 1886.

—*Das amyotrophias de origem peripherica*. These inaugural. Apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 29 de agosto de 1887. 1 vol. 104 pags. in-4^o, Rio de Janeiro, 1887. Reimpressa no *Anno Médico*.

—*Estudo sobre o regimen alimentar do Norte*, 1 vol., 39 pags. in-4^o, Maranhão, 1888.

—*Myopathia atrophica progressiva*. Na *Gazeta Médica da Bahia*, 1888.

—*Contribuição para o estudo da lepra no*



AS EXEQUIAS DE DAMASCENO FERREIRA.--O CATAFALCO
NA IGREJA DO CARMO.

—*Gazeta Médica da Bahia*. Collaboração nos annos de 1888-96, tendo sido por algum tempo redactor-gerente.

—*A organização do serviço sanitário no Brasil*. No *Brasil Médico*, pags. 130 (1891).

—*Fragments de pathologia intertropical*. Beri-beri, affecções cardiacas e renaes. 1 vol. 100 pags. in-8º, Bahia, 1892.

—*Serviço demographico sanitário do Estado da Bahia*. Parecer do Conselho Geral de Saúde Publica, pelos Drs. Nina Rodrigues, Eduardo Araujo e Gordilho Costa, 1 vol., Bahia, 1893.

—*Exercício da Medicina pública*. No *Brasil Médico*, anno VII, pags. 113, 329, 337, 345, 352, e seguintes. Rio de Janeiro, 1893.

—*As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, 1 vol. 154 pags. in-8º, Bahia, 1894.

Nègres criminels au Brésil. Foi publicado no *Archivio di psichiatria, scienze penale ed antropologia criminale*, de LOMBROSO (vol. XVI, fasc. IV-V) Turim, 1894, e transcripto nos *Annales de la Société de Médecine Légale de Belgique*.

—*Revista Medico-Legal*. Publicação da Sociedade de Medicina Legal, sob a direcção dos Drs. Nina Rodrigues, Deoclecio Ramos e outros. Bahia, 1895.

—*A Medicina legal no Brasil*. Apontamentos historicos. Discurso pronun-

ciado a 23 de março de 1895, ao tomar posse do cargo de professor cathedratico de medicina legal e toxicologia da Faculdade da Bahia, 1 vol. in-8º, Bahia, 1895.

—*Illusões da catechese no Brasil*. Na *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, 1896.

—*O animismo fetichista dos negros bahianos*. Idem.

—*Lesões pessoais; sua doutrina medico-legal na legislação criminal brasileira*. Publicado na *Revista Medico-Legal*, anno I, fasc. I, e transcripto nos *Annales de la Société de Médecine Légale de Belgique*, 1896.

—*Un cas curieux d'hymen double avec défloration unilatérale*. Na *Rev. Medico-Legal*, anno I,

ciado a 23 de março de 1895, ao tomar posse do cargo de professor cathedratico de medicina legal e toxicologia da Faculdade da Bahia, 1 vol. in-8º, Bahia, 1895.

—*Illusões da catechese no Brasil*. Na *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, 1896.

—*O animismo fetichista dos negros bahianos*. Idem.

—*Lesões pessoais; sua doutrina medico-legal na legislação criminal brasileira*. Publicado na *Revista Medico-Legal*, anno I, fasc. I, e transcripto nos *Annales de la Société de Médecine Légale de Belgique*, 1896.

—*Un cas curieux d'hymen double avec défloration unilatérale*. Na *Rev. Medico-Legal*, anno I,

fasc. II, e transcripto nos *Annales de la Société de Médecine Légale de Belgique*, 1896.

—*Memoria historica da Faculdade de Medicina da Bahia*—Anno de 1896. (Regeitada pela Congregação). Inédita.

—*O caso médico-legal Custodio Serrão*. Na

que et de Médecine légale, (de BROUADEL) dezembro de 1897.

—*O problema medico-judiciario*. Sua solução no Brasil. Na *Revista Brasileira*, 1898.

—*Des conditions psychologiques du dépeçage criminel*. Nos *Archives d'Anthropologie Criminelle*.



DR. ALVARO MENDES, GOVERNADOR DO PIAUHI

Rev. Medico-Legal, anno II, fasc. II e III.

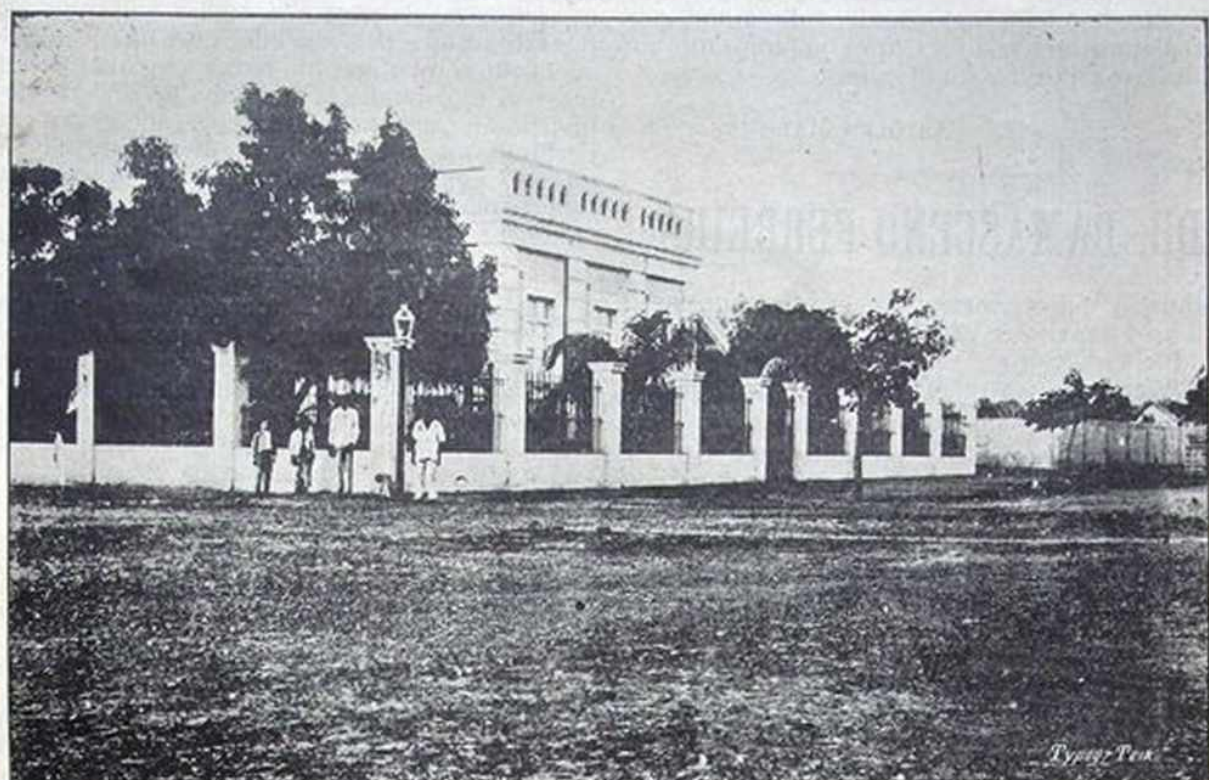
—*A loucura epidemica em Canudos*. Antonio Conselheiro e os jagunços. 1 fl. 18 pags. Rio de Janeiro, 1897. Extrahido da *Revista Brasileira*.

—*Blessure de la moelle épinière par un instrument piquant*. Pub. nos *Annales d'Hygiène publi-*

le, (de LACASSAGNE) Lyon, janeiro, 1898.

—*Liberdade profissional em medicina*. 1 vol. 42 pags. in-8.º, S. Paulo, 1898. No *Jornal do Commercio* e n' *O Direito*, do Rio de Janeiro, e na *Revista Medica de S. Paulo*.

—*Epidémie de folie religieuse au Brésil*. Nos



THEREZINA - CHACARA LAVINOPOLIS—ONDE SE HOSPEDOU O DR. AFFONSO PENNA

Annales Médico-Psychologiques, Paris, (maio-junho), 1898.

—*O regicida Marcellino Bispo*, 1 vol. 27 pags. in-8.º, Bahia, 1899. Extrahido da *Revista Brasileira*, pags. 21-42, tomo VIII, Rio de Janeiro, 1899. É um excerpto do livro—*As collectividades anormaes*.

—*Métissage, dégénérescence et crime*, 1 vol. 40 pags., Lyon, 1899.

—*L'animisme fétichiste des nègres de Bahia*, 1 vol., Bahia, 1900.

—*Des formes de l'hymen et de leur rôle dans la rupture de cette membrane*, 1 vol. 31 pags., Paris, 1900. Publicado nos *Ann. d'Hyg. pub. et Méd. lég.*, 1900.

—*O alienado no Direito civil brasileiro*. Apon-tamentos médico-legaes ao «Projecto do Código Civil», 1 vol. 270 pags. in-8.º, Bahia, 1901.

—*Manual da autopsia médico-legal*, 1 vol. 143 pags. in-8.º, Bahia, 1901.

—*La folie des foules. Nouvelle contribution à l'étude des folies épidémiques au Brésil*. Nos *Annales Médico-Psychologiques*, Paris, 1901.

—*A filiação legítima*. N.º *O Direito*, vol. 88.º, Rio de Janeiro, 1902.

—*Atavismo psychico e paranoia*. Na *Rev. Médica de S. Paulo*, 1904.

—*Um caso de loucura lucida*. No *Brasil-Médico*, Rio de Janeiro, 1904.

—*Kosmos*, revista artística, científica e literaria, de F. Schmidt. Rio de Janeiro, 1904.

—*O sociólogo em Gonçalves Dias*. No *Culto cívico*, Maranhão, 1904.

—*Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia*, tomos I-III, Bahia, 1902-04.

—*A Medicina legal no Brasil*; collectanea de vários trabalhos. Homenagem aos Juristas de S. Paulo, 1 vol. 201 pags. in-4.º, Bahia, 1905.

—*A Troia Negra*, erros e lacunas da História de Palmares. No *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, e no *Diário da Bahia*, 1905.

—*O problema da raça negra na America Portuguesa*. No *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 1905.

—*A assistência medico-legal aos alienados nos Estados brasileiros*. No *Brasil-Médico*, 1906.

—*Revista Médica de S. Paulo*, jornal prático de medicina, cirurgia e hygiene. Directores: Drs. Victor Godinho e Arthur Mendonça. S. Paulo. Colaboração efectiva.

—*O Direito*, revista de jurisprudencia, Rio de Janeiro. Idem.

—*Imprensa Médica*, publicação quinzenal. Director—Dr. B. Vieira de Mello, S. Paulo. Idem.

—*Brasil Médico*, revista semanal de medicina e cirurgia. Director—Dr. A. A. de Azevedo Sodré, Rio de Janeiro. Idem.

—*Archivos de Psychiatria e Criminologia*, Buenos-Aires. Entre os diversos trabalhos de real importancia escriptos nessa revista portenha, nota-se o intitulado—*Os progressos da Medicina legal no Brasil no século XIX*, publicado simultaneamente na *Revista dos Cursos*.

—*Os africanos no Bahia*. (Em curso de publicação, na Livraria Almeida & Irmão), Bahia.

—*Manual de Medicina legal*. Esta obra con-

siderada de folego pelos amigos do autor, aos quaes elle fizera a leitura, teve já publicado um capitulo—*A morte e a autopsia*.

ASTÓLFO MARQUES.

DR. DAMASCENO FERREIRA

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO FUNEBRE, NO THEATRO S. LUIS, EM 27 DE AGOSTO, PELO DR. LUIS SERRA, PROFESSOR DE PHYSICA NO LYCEU MARANHENSE.



Não é somente um preito de homenagem á memoria do meu inolvidavel amigo, o conego dr. Leopoldo Damasceno Ferreira, em desempenho do compromisso que tomei de representar o magisterio secundario do

Estado, do qual elle foi inquestionavelmente um dos maiores luzeiros e que agora está ferido pela lamentavel perda das suas licções de illustração e bondade, ministradas quotidianamente á mocidade maranhense, o que me traz a esta tribuna.

A minha presença aqui tambem obedece irresistivelmente, ao compromisso da minha consciencia de tornar publicamente conhecida a compensação que me dá ás saudades d'elle, o ver que a sua memoria está circundada das mais intensas e meigas demonstrações de contristamento, por parte de todas as classes sociaes, com irradiações, porém, de desmedida intensidade na pobreza, cujas lagrimas elle sabia enxugar, rigorosamente cumprindo a letra dos Evangelhos da Religião de que se fez ministro, e na mocidade, da qual seu intellecto havia adquirido, guardada a pujança que lhe fôra innata, todas as nuances de formosura, que dão a inexperiencia gerada de uma boa fé sem limites e o desprendimento, sem atavios, das grandezas mundanas que são o alimento mental indispensavel dos pensadores modernos, em sua grande maioria.

Quero dizer: Damasceno dedicando-se a uma profissão, em que de continuo estão em toda evidencia as qualidades affectivas do homem, exaggerou, se m'o permittem a affirmação, a maxima que em si encerra a mais pura das philosophias e constitue a base da edificante moral christã «ama teu proximo como a ti mesmo».

Dou o mais insuspeito dos testemunhos da veneração que inspiravam essas suas qualidades, avivando em vossa lembrança a scena emocionante, mais eloquente que toda a palavra humana, d'aquelle desfilar, ha 30 dias, do seu cadaver, caminho do Campo Santo, com sequito, dos primeiros homens da sociedade maranhense, ruas apinhadas de populares, janellas repletas de familias—aos hombros incansaveis dos seus discipulos—esta mocidade que elle amava tanto, generosa sempre, mas tambem de senten-

ças irrevogaveis para nós outros que nos responsabilisamos pela sua educação intellectual.

Todo o meu ser, fundamente abalado desde que o vi moribundo pela manhã do dia anterior, inebriu-se n'aquella marcha funebre, d'esse perfume que só tem a innocencia, o aroma com que em um sopro Deus gravou no barro todas as suas faculdades infinitas.

..

E, num turbilhão, succediam-se em meu espirito, uma por uma, em pasmosa fidelidade para mim mesmo, todas as scenas de sua vida desde a vez que tive a dita de conhecê-lo.

Foi a primeira a do pulpito da igreja das Mercês. Elle voltava cheio de glorias de S. Sulpicio: pregou contra a escravidão.

Minha mãe ouvira a inspirada predica e, de volta á casa, disseminou pelo ambiente o odor das suas palavras, cantando o poema sublime da liberdade, que lhe emprestou vigor para quebrar as algemas ás duas unicas escravas que ella possuia.

Elle começou a conquistar o coração maranhense.

Damasceno fazia, sem o sentir, o baptismo profissional de meu irmão e meu, que foi aquella a nota dominante de alegria com que nos receberam aqui chegando formados.

Passaram-se tempos e só mais tarde, sem duvida porque indeleveis ficaram os signaes d'esse memoravel dia, como indeleveis são os signaes que deixam as aguas lustras do baptismo, pude firmar bem a joia que me ferira os olhos em tempos de nenhuma experiencia; prendel-a bem entre as mãos e detidamente examinar, attonito sempre, as facetas exquisitas, de offuscante lapidação, das mais caprichosas formas crystallinas.

Era uma intelligencia penetrante e illustração pouco vulgar.

De um golpe de vista apanhava questões as mais intrincadas que se lhe propunham em materias completamente alheias ao seu ministerio, o que aliás nenhuma extranheza deve causar a quem souber que elle fizera no Seminario do Rio Comprido, no Rio de Janeiro, um curso regularissimo de sciencias physicas e naturaes, com optimos professores e excellentes gabinetes, conforme elle sempre m'o affirmou.

Além disso, o seu preparo em Philosophia Escholastica pol-o ao corrente das Escolas; e bem que, como sóe acontecer com todos os adeptos de escolas philosophicas, quando intranquillantes, laborasse afincadamente nos preconceitos da que admittia, sentia-se a gente bem, quando adversario, na tolerancia da sua argumentação, na fertilidade dos seus conceitos, que nunca eram improvisados, e sobretudo n'aquella doce e santa simplicidade de que se revestiam todos os actos de sua vida.

Sobretudo, ao contendor inspirava um profundo respeito a convicção arraigada que trespassavam os conceitos que expendia; mas si, gei-



THEREZINA—DELEGACIA FISCAL DO PIAUHI

tosamente, se o levava para o terreno do humorismo, querendo dar fim a polemicas que se anunciavam intermináveis, brincava-lhe nos lábios um sorriso, que lhe era característico, e o corpo acompanhava-o em um gesto de desdém, que punha termo à deliciosa contenda.

Não era um hypocrita.

Moribundo, pedira a um sacerdote, que se retirava, lhe deixasse ás mãos um Crucifixo. Eu ignorava que o tivesse feito e, no intuito de animar-o, procurei afastar-o da ideia da morte, que o estava avassalando; mas, em linguagem clara, em perfeita lucidez de espirito, disse-me elle:

«Deixa, Luiz; fui eu mesmo quem o pedi».

Dentre todas as que me deixaste, esta foi, meu querido amigo, a mais robusta prova de que tudo quanto de ti ouvi tinha o brilho diamantino da verdade, a unica cousa que eu sei absoluta no mundo, essa que não pollue a consciencia, nem mancha os lábios de ninguém, que a mentira é um carcere escuro, onde as mãos tateião as trevas e os olhos não logrão espreitar uma só restea de luz.

..

Na cathedra, no pulpito e na imprensa Damasceno nos deixou vestígios indeleveis de sua passagem luminosa.

A mocidade lhe tinha uma afeição sincera, da qual mais de uma vez todos presenciámos bem significativas exteriorisações.

E, todavia, Damasceno, sobretudo ultima-

mente, bem comprehendendo o alcance das forças combinadas que têm sido postas em jogo para libertar a nossa instrucção secundaria das peias da afilhagem e do patronato, abutres vorazes que se comprazem em corroer de longa data a instrucção official no Brazil, operando em commum accordo com os seus companheiros de magisterio no Lyceu Maranhense, a mais salutar das reacções, bem firmando, d'estarte, a emancipação de que precisão para viver, em harmonia, mas separadamente, os corpos docente e dicente d'esse estabelecimento.

Longe de provocar dissentimentos, essa attitudé, que afinal era o quociente a lhe ser apartado nas responsabilidades communs do professorado—veio mais apertar os laços que unem o mestre ao discipulo. Que me conste, uma vez sómente um alumno, aliás optimo, procurou em mesa de exames collocar-o em posição que lhe não ficou coimoda.

A reprimenda não se fez esperar em toda a extensão da sua severidade, mas sem quebra de dignidade nem para o mestre, nem para o discipulo applicado, que tinha para justificar-o, como tantos outros, esse ardor dos primeiros annos, que, se tem o brilho do relampago, d'elle possui também a immensuravel instantaneidade.

No dia seguinte abraçavam-se na residencia do primeiro—o mestre que no julgamento não subtrahio um atomo ao merecimento do discipulo e este que para uma retractação entendeu procurá-lo.

No mais, Damasceno vivia no coração dos

alunos, respeitado pelos exemplos da fina e esmerada educação que tinha e admirado no seu preparo mental, que nas suas especialidades—as linguas franceza e latina—era inquestionavelmente o *primus inter pares* em todo o Maranhão actual.

Na tribuna sagrada doutrina e era ouvido com especial agrado e geraes applausos.

Librava-se sempre nas potentes azas da sua alma de poeta, pairava, em altaneiro vôo, n'essas alturas em que a imaginação humana, como quebrando a caixa ossea que a retém, vôa e se diffunde, tudo dominando, orgulhosa na sua magestade de quem despreza as miserias terrenas e se compraz apenas com as seducções dos céos.

As suas orações sacras não repisavam assumptos fastidiosos: ao contrario, traziam sempre o vigor de uma these a demonstrar e vinham opulentas de imagens de finissimo lavor com que tambem elle sabia enfeitar a sua palavra arrebatadora.

Sem dotes physicos oratorios, Damasceno prendia o auditorio, deleitando-o e convencendo-o.

Na imprensa o seu athletismo medio forças logo que aqui chegou da Europa. Um dos ultimos presidentes da então provincia precisou, por muito tempo, das suas luzes em longa defeza de seus actos governamentais; mas, em momento em que bem escura lhe devia estar a consciencia, julgou fulminal-o com uma demissão a bem do serviço publico, esquecendo-se de que Deus, Elle mesmo, escolheu as victimas a todos os Neros, deu-lhes a palma do martyrio, que, ensanguentada, brotou o christianismo com as suas victimas e a sua moral purissima.

Os Neros—a esses Elle coroou, e as suas testas, refulgentes de seductoras pedrarias, tinham alguma coisa dos fogos fatuos, e davam aos dedos a sensação pegajosa de uma argamassa de lodo e sangue.

E o engraçado de tudo isto é que o presidente da então provincia, sem que muito se fizesse esperar, trocou todo seu ardor monarchico pelo barrete phrygio que a mocidade do Lyceu Maranhense, galhofeiramente, sem nenhuma consequencia perigosa, improvisára á passagem do Conde d'Eu por esta capital.

O talento de Damasceno, lembra-me bem, mereceu d'essa vez do meu sempre lembrado amigo, Nina Rodrigues, uma classificação a mim intimamente confiada, no sobradinho que enfrenta o edificio em que está reunida esta augusta assembléa. Transmittia-a longo tempo depois ao Damasceno e elle a guardava como um padrão de gloria.

Nina Rodrigues, que privava com o alludido presidente na qualidade simples de seu medico, sem auferir proventos de uma situação politica que não era a de sua familia, pois que nos achavamos, então, em pleno dominio de um curto interregno do partido conservador, chefiado pelo inesquecível dr. José da Silva Maya, lendo os artigos luminosos que o «Diario do Maranhão»

editava, disse-me um dia:—«Este padre é um profundo polemista».

E o era: demonstram-no a toda evidencia a «Pacotilha», que ultimamente enriquecia as suas columnas com produções de sua lavra; «O Federalista», em que collaborou efficazmente quando dirigiu a politica dominante na Villa do Paço do Lumiar, e a «Regeneração», em que, de parceria com o dr. Ewerton Maya, de honrada memoria, soube manter a imprensa no plano elevado que lhe marca o destino dos povos—de cuja liberdade é atalaia a gloriosa filha de Gutenberg.

Mas, no Damasceno, a vontade, que é sem duvida a faculdade mais em evidencia, em todos os tempos, nas conquistas da intelligencia, de que está enriquecido o Martyriologio scientifico, foi a grande força, o motor poderosissimo n'aquelle organismo franzino que as enfermidades haviam desapiedadamente minado. E como é de pasmar que um coração, em que a arteriosclerose havia insidiosamente lavrado, illudindo até á vespera de sua morte aquelle espirito penetrante e arguto, se constituísse laboratorio das mais delicadas essencias de bondade, elle que nos seus movimentos devia sentir-se tolhido de conter o pobre sangue que irrigava, quanto mais constituir-se a amphora de onde em caudaeas jorravam a piedade e a caridade evangelicas?... Ah! mas não era o coração!

Parece-me ouvir ainda d'esta tribuna o verbo inflammado de um dos oradores na sessão funebre em homenagem ao dr. Nina Rodrigues, a passar em revista, com o brilho com que a sua palavra encantadora traduz os pensamentos que lhe borbulham no cerebro creador, (porque, devo affirmar-o, o dr. Manoel Jansen Ferreira, á operosa pratica forense que possui e lhe conquistou um nome invejavel, allia o talento que lhe é privilegiado) passar em revista alguns dos tantos specimens, de que está cheia a «Historia dos Martyres da Ciencia», e á toda evidencia vos demonstrar a attracção irresistível que ella exerce sobre o genio, arrastando-o, absorvendo-o, a principio segregando-o no fundo escuro dos subterraneos na mystificação allucinada da *pedra philosophal*; mais tarde, repugnadas as concepções informes d'essa nevrose atrophante, em Franklin, arrancando a faísca ás nuvens, em Lavoisier expirando no cadafalso e ali recebendo a consagração que a Academia lhe dava á sua theoria da oxygenação, em Plinio, o moço e em Thales, o philosopho, chamando a attenção dos sabios para as propriedades do ambar amarello, mais tarde reconhecidas e cultivadas por Gilbert, medico da rainha Elisabeth.

Era ou não a vontade operando o milagre, de que surgiam a Chimica moderna e a Physica com esse formidoloso Protheu que é a electricidade?

Pois foi o poder da vontade que operou em Damasceno Ferreira esse phenomeno que chega a impressionar por muito tempo quando a meditação sobre elle se exercita longamente.

Era naturalmente bom, herdára de sua mãe, conhecida nos sertões opulentos do Piauí—pela «Rufina, mãe dos pobres», aquella vontade de que fôra escripto precioso o corpo que ha trinta dias desapareceu entre copiosas lagrimas; cultivára-a com o cuidado meticoloso que despertam as mais delicadas flôres de mimoso jardim; enfeitara-se com ellas e lá partiu para a viagem eterna.

Mas escutae, senhores professores do Lyceo Maranhense: afigura-se-me ouvir um côro angelico...

Ah! é a alma de Damasceno Ferreira que lá segue, carregada por cherubins, cujas vozes, casando-se com as dos vossos alumnos, entoam *in eternum*:

Hosannas! Hosannas!

NINA RODRIGUES

VERSOS RECITADOS PELO AUTOR NA SESSÃO FUNEBRE REALISADA NO THEATRO S. LUIS, NA NOITE DE 17 DE AGOSTO)

A' memoria do sabio maranhense,
Que, serena, fulgura,
E que o tempo não vence,
Porque o tempo não leva de vencida
O que subiu á luminosa altura
Da verdadeira gloria nesta vida:
—A gloria do Saber e do Talento,
—A gloria no Trabalho conquistada,
A minha alma se curva, ajoelhada,
Neste grande momento.

E, cheia de uma luz consoladora,
Não soluça palavras de tristeza,
Não se revolta contra a Natureza
De leis inflexíveis e fataes;
Nem maldiz o phenomeno da morte,
—Torvo proémio de uma vida nova,—
Que lhe atirou á gelidez da côva
A materia de essencias immortaes.

E' outro o que merece, ao libertar-se
Das sagradas cadeias da existencia,
As nêmas doloridas, a plangencia
De todo o coração;
Que pede, tal o misero destino
Arrastado nas ténebras do mundo,
A amargura das lagrimas, o fundo
Lamento da mais viva compaixão.

E esse é o pobre ser desventuroso
De alma sem brilho e intelligencia escassa,
Que passou pela terra—como passa
A nuvem que se perde no infinito,
E não deixou o minimo vestigio,
Não derramou nenhuma claridade,
Nada fez pelo bem da humanidade
Que o tornasse bemdito.

Não assim o heroico paladino,
Indefesso, glorioso,
Que realisou o sonho luminoso
De se elevar á maxima grandeza;
De enaltecer-se enaltecendo a Patria,
E—no bronze, que o tempo não consome,
De livros immortaes—gravar o nome,
Refulgente de esplendida belleza.

Esse cumpriu, feliz entre os felizes,
O mais bello fadario!
Foi-lhe da vida o lúcido Calvario
Caminho para vida mais brilhante,
Para a Vida infinita, muito longe
Das almas apagadas,
Que permanecem mudas e geladas
Sem um calor de seiva fecundante.

E porisso, este pretoito de justiça
Que do sabio rendemos á memoria,
Seja uma hosanna á gloria!
Vibre rico de limpida alegria!
Uma hosanna da Terra Maranhense
Ao filho immorredouro,
Que ora se banha, fulgurante, no oiro
Da luz do eterno Dia!

ALFREDO ASSIS.

Homens e coisas do Piauí

I



Inicia hoje este mensario a divulgação pela imagem dos homens e coisas piauienses.

Como é natural, esse trabalho vulgarizador apresenta em primeiro escalão o retrato do preclaro Governador da terra vizinha.

O Dr. Alvaro Assis Osório Mendes é oriundo duma das mais importantes familias de Oeiras, onde nasceu a 31 de maio de 1853.

Recebendo a instrução primaria e parte da secundaria em Therezina, transportou-se para o Recife, em 1871, onde, depois de concluir o curso preparatorio, iniciou o superior, em 1874, bacharelando-se em sciencias juridicas e sociaes, em 1878.

Estreou-se na vida pública, na nossa então provincia, occupando com brilhantismo o lugar de promotor de justiça nas Barreirinhas e, depois, em S. Francisco, (1879-85).

Estabelecendo-se na advocacia, em Amarante, foi, mais tarde, promotor dessa comarca, vindo novamente para o Maranhão, ainda promotor de justiça, em S. José dos Matões.

Em 1887, foi nomeado juiz de direito de S.



A MODA D'A REVISTA

João do Piauí, mas, antes de assumir o exercício desse cargo, foi commissioned chefe de polícia, para ir a Humildes, no interior do Piauí.

Seguindo para a sua comarca, ali permaneceu até 1890, sendo removido sucessivamente para as da Parnahiba e União, em nenhuma delas, porém, assumindo o juizado, pois, novamente commissioned chefe de polícia, até fins de 1901, foi distinguido com a nomeação de desembargador do Tribunal de Justiça do Estado, cargo que renunciou, em 1895.

Os seus serviços foram ainda reclamados na chefia de polícia, durante um anno, deixando-a quando a sua candidatura foi lançada para representar o seu Estado no Senado Federal (1897). Não tendo sido reconhecido, fixou residência no Estado do Rio de Janeiro, aceitando a nomeação de promotor público em Rezende, deixando o exercício desse cargo para assumir o de tesoureiro da Imprensa Nacional, servindo durante dois annos.

De novo eleito senador, tomou assento em 1900 e, em 1904, o povo piauiense o collocava à testa da administração do seu Estado, tendo sido eleito por grande maioria como um dos mais competentes para dirigir a barca governamental.

O partido a que pertence recebe os seus ensinamentos e as suas doutrinas como inspirados por uma mentalidade altamente superior.

Um dos mais conspicuos e salientes directores da situação politica actual, dum carácter e de uma honradez a toda prova, o Sr. Alvaro Mendes impulsiona o mecanismo governamental da terra que lhe foi berço com todas as forças de rara illustração e saber, pesando as responsabilidades que tem sobre os hombros e não desmerecendo aos seus concidadãos o nome do seu progenitor, o grande politico e clinico Dr. Simplicio Mendes.

Acercado de auxiliares trabalhadores e de uma intelligencia privilegiada, o Sr. Alvaro Mendes vae preparando o Estado do Piauí, na medida das suas forças, para um advento que se lhe antevê cheio de grandeza e de desenvolvimento.

Tal é o homem que hoje governa o torrão visinho, o qual muito já lhe deve e muito espera ainda das suas luzes e do seu trabalho e patriotismo incontestados.

..

Fixando os olhares para essa fachada que se nos depara com um estilo arquitetónico primoroso, poder-se-á ajuizar, dispensando descrição minuciosa, do interior desse bello edificio onde está installada a Delegacia Fiscal do The-souro Nacional, no Piauí.

Ergue-se na praça Generalismo Deodoro, não tem similar no norte do paiz e as despesas de sua construção e installação mobiliária, que é de primeira ordem, orçaram por onze dezenas de contos.

Planos e plantas são devidos ao talentoso

engenheiro Antonio Freire, director das Obras Publicas do Estado.

Surge também á admiração, em todo o requinte da sua arquitetura, LAVINOPOLIS, o sumptuoso palacete do Sr. Collect Fonsêca, a mais bella vivenda de Therezina, cujo nome é uma homenagem do seu proprietario á sua illustre consorte.

O arvoredo que circunda a formosa chácara é uma mostra variada da flora piauiense.

Fascina e emmaravilha o interior dessa morada, combinando-se com o exterior, e a afirmar frisantemente o bom gosto que está presidindo nas edificações da visinha capital.

ASTÓLFO MARQUES.

Ilusão

Entre verdores nasce a flor mimosa,
De formoso matiz, de doce aroma;
Beijal-a vem o sol, o orvalho, a brisa,
O colibri por ninho alegre a toma.

Meiga virgem, depois, para adornar-se
Entre rendas e fitas a colloca
Qual um diadema entre as sedosas tranças;
Como a um mimo do Céu, mal n'ella toca.

E a pobresinha tão feliz parece !...
A todos prende com encantos taes,
Que todos julgam ver-lhe na corolla
Um thesouro de essencias immortaes.

Mal, porém, finda o dia, a meiga virgem
No vaso predilecto a deposita:
Eil-a já murcha, pallida, fanada,
Só a choral-a agora nos incita.

Foram-se as galas, a tristeza veio,
E, com ella, o pesar do coração:
Perfume, viço, amor da virgem meiga,
Tudo se foi !... pois tudo era illusão !...

E assim é a vida—um sonho constellado
Por mais ou menos bella fantasia.
Triste d'aquelle que immortal se julga,
E a morte esquece—o horror da terra fria.

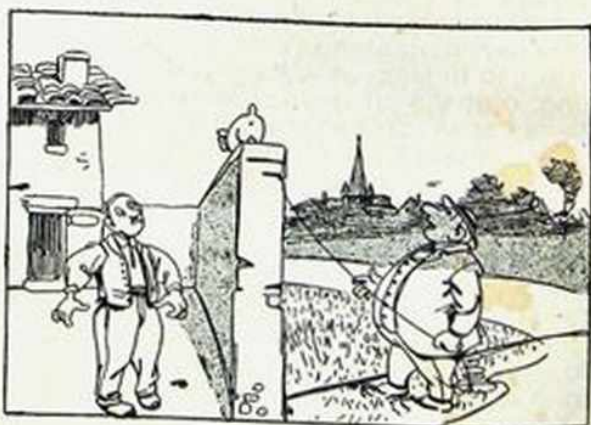
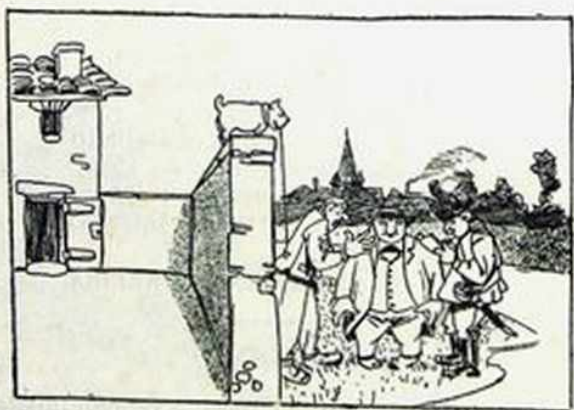
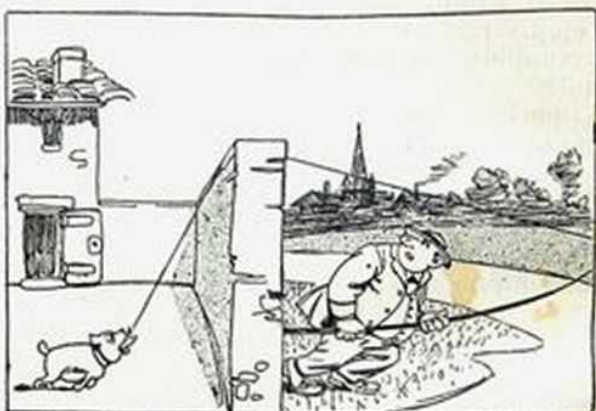
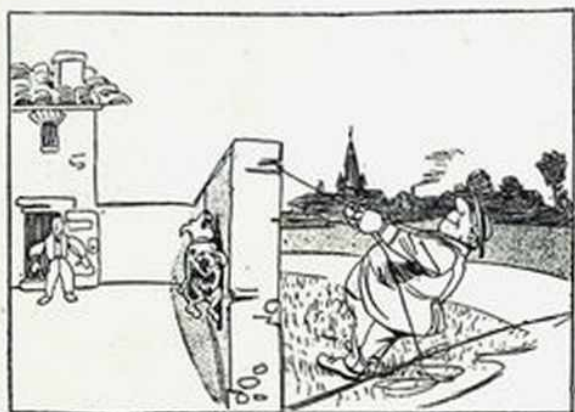
DAMASCENO FERREIRA.

PENSAMENTO

Na sociedade actual, sómente os capitalistas possuem os instrumentos de trabalho. A classe operaria acha-se assim collocada na mais absoluta dependencia daquelles.

H. CETY.

HISTORIA MUDA





A Revista do Norte, 5 ANNO N. 5

Amor e Psiché